78 GRAUS DE SABEDORIA

Rachel Pollack

AVISO

À exceção das figuras constantes no Capítulo 1, e à última figura do Capítulo 6, que são específicas, todas as demais, assim como suas referências (ex.: ver figura X), foram excluídas por comodidade minha.

A grande maioria delas é do tarô Rider-Waite. Apenas algumas, que estão referidas no texto, pertencem a outro deck (Wirth, Crowley, BOTA, Golden Dawn), e estão em péssima impressão, o que inviabilizaria o trabalho.

Como elas são meramente ilustrativas, já que suas referências farão com que consigam visualizar o intento da autora, resolvi deixa-las de fora, assim como foram excluídas a capa, contra-capa, orelhas e páginas de rosto.

Espero que possam curtir o trabalho.

Introdução

ORIGENS DO TARÔ

Aproximadamente no meio do século XV, não muito após terem aparecido na Europa as primeiras referências escritas a qualquer forma de cartas, um artista chamado Bonifácio Bembo pintou um conjunto de cartas sem nome a sem número para a família Visconti de Milão. Essas pinturas compreendiam o baralho clássico para um jogo italiano chamado *Tarocchi*: quatro seqüências de quatorze cartas cada, mais vinte a duas cartas mostrando cenas diferentes e posteriormente chamadas *triomffi* - em inglês *triumphs* ou *trumps* (em português, trunfos).

Atualmente, dessas vinte a duas figuras muitas podem ser interpretadas como um simples catálogo de tipos sociais medievais, tais como (para lhes dar seus nomes posteriores) "o Papa" ou "o Imperador", ou então conceitos morais comuns na Idade Média, como "a Roda da Fortuna". Algumas representam virtudes, como "Temperança" ou "Força". Outras mostram cenas religiosas ou mitológicas, tais como os mortos levantando-se do túmulo ao som da trombeta chamando para o "Juízo Final". Existe até uma carta representando uma heresia popular, a figura do Papa feminino, que podemos descrever como uma piada dirigida à Igreja, com um significado um tanto mais profundo do que a maioria do humor eclesiástico. No entanto, podemos encarar essa pintura herética como profundamente enraizada na cultura popular, a portanto óbvia para qualquer pessoa que tencione representar "tipos" medievais.

Uma figura, no entanto, se destaca das demais por ser bastante estranha. Ela mostra um jovem pendendo de cabeça para baixo, pendurado a uma simples armação de madeira pela perna esquerda. As mãos se mantêm negligentemente às suas costas, de modo a formar um triângulo, com a cabeça no ápice, e sua perna direita está dobrada atrás do joelho esquerdo, formando o desenho de uma cruz, ou então do número quatro. O rosto tem aparência tranqüila, até encantadora. De onde Bembo extraiu essa figura? Ela certamente não representa um criminoso pendente na forca, como alguns artistas mais tarde admitiram.

A tradição cristã descreve São Pedro como sendo crucificado de cabeça para baixo, ostensivamente, de modo a não poder ser dito que estava copiando seu Senhor. Na antiga Edda,

no entanto, o deus Odir é descrito como pendendo na Árvore do Mundo, de cabeça pare baixo, durante nove dias e noites, não como um castigo, mas com o propósito de receber iluminação, o dom da profecia. Mas esta cena mitológica tem origem, por sua vez, na prática real dos xamãs, homens e mulheres curandeiros, em lugares como a Sibéria e a América do Norte. Na iniciação e treinamento, os candidatos ao xamanismo são por vezes obrigados a ficar dependurados de cabeça para baixo, da mesma maneira mostrada na carta de Bembo. Aparentemente, inverter a posição do corpo produz uma espécie de benefício psicológico da mesma forma que a fome ou o frio extremo podem produzir visões radiosas. Os alquimistas - que como as bruxas, eram possivelmente os sobreviventes da tradição xamanista na Europa também se dependuravam de cabeça para baixo, acreditando que elementos do esperma vital para a imortalidade iriam então fluir para baixo, em direção aos centros psíquicos localizados no alto da cabeça. E antes mesmo que o Ocidente começasse a encarar com seriedade a ioga, todos conheciam a imagem do iogue apoiando-se sobre a cabeça.

Desejaria Bembo simplesmente representar um alquimista? Então por que não usou a imagem mais comum, a de um homem barbudo mexendo um caldeirão ou misturando produtos químicos? A pintura intitulada "O Homem Dependurado", que apareceu nos baralhos seguintes e mais tarde tornou-se famosa ao ser mencionada por T.S. Eliot em a *Terra devastada,* não aparenta ser nem um alquimista e nem mesmo um jovem iniciante em alguma tradição secreta. Seria o próprio Bembo um iniciante? A maneira especial de cruzar as pernas. um sinal esotérico das sociedades secretas, sugeriria isso. E se ele Incluiu uma referência a práticas esotéricas, não poderiam outras imagens, superficialmente vistas como um catálogo de tipos da sociedade representar, na verdade, um conjunto inteiro de conhecimentos ocultos? Por que, por exemplo, o baralho original continha vinte e duas cartas, e não, digamos vinte, vinte e uma, ou mesmo vinte e cinco, se a todas elas se atribui mais comumente significado na cultura ocidental? Foi por acaso, ou Bembo desejou (ou talvez outros de quem Bembo simplesmente copiou) sub-repticiamente representar o significado esotérico relacionado com as vinte a duas letras do alfabeto hebraico? E, no entanto, se alguma evidência existe relacionando Bembo ou a família Visconti a qualquer grupo do ocultismo. ninguém jamais provou isso publicamente.

Um breve olhar para as correspondências surpreendentes entre o Tarô e o conjunto do misticismo Judaico a conhecimento Oculto, chamado coletivamente de Cabala, demonstrara a maneira pela qual as cartas de Bembo parecem quase exigir uma interpretação esotérica apesar da falta de evidência concreta. A Cabala se detém com muita profundidade no simbolismo do alfabeto hebraico. As letras estão relacionadas com os caminhos da Árvore da Vida e a cada uma são atribuídos significados simbólicos particulares. O alfabeto hebraico contém, como

mencionado, vinte a duas letras, o mesmo número que os trunfos de *Tarocchi.* A Cabala também se aprofunda nas quatro letras do nome impronunciável de Deus, YHVH. Elas representam os quatro mundos da criação, os quatro elementos básicos da ciência medieval, os quatro estágios da existência, os quatro métodos de interpretar a Bíblia, e assim por diante. Existem quatro personagens da corte em cada uma das quatro seqüências de Bembo.

Finalmente, a Cabala trabalha com o número dez - os Dez Mandamentos, os dez *shephiroth* (estágios da emanação) - em cada uma das quatro Árvores da Vida. E as quatro seqüências contêm cartas numeradas de um a dez. Devemos estranhar, então que os comentadores do Tarô tenham atribuído a origem do baralho a uma versão pictórica da Cabala, nada significando para as massas, mas altamente potente para uma minoria? E no entanto, em nenhuma das milhares de páginas da literatura cabalística aparece uma só palavra sobre o Tarô.

Ocultistas tem sustentado origens secretas pare as cartas, tais como uma grande conferência de cabalistas e outros mestres em Marrocos em 1300, mas ninguém jamais produziu qualquer evidência histórica para tais alegações. E, o que é mais condenável, os próprios comentadores do Tarô não mencionam a Cabala até o século XIX. E, naturalmente, a seqüência de nomes e números, tão vital para suas interpretações, veio após as imagens originais.

Se aceitarmos a idéia de Carl Jung de arquétipos básicos espirituais estruturados na mente humana, poderemos talvez dizer que Bembo inconscientemente extraiu conhecimento de fontes secretas, acrescentando imaginações posteriores para fazer conexões conscientes! E, no entanto, tão exatas e completas correspondências como os vinte e dois trunfos, as quatro cartas da corte, e as dez cartas iniciais nas quatro seqüências, ou a posição e o rosto extático do "Homem Dependurado", pareceriam até mesmo uma força tão potente quanto o Inconsciente Coletivo.

Durante anos o *Tarocchi* foi encarado primordialmente como um jogo de cartas, em escala bem menor, como um artifício para ler a sorte. Só no século XVIII, um ocultista chamado Antoine Court de Gebelin declarou que o Tarô (como os franceses chamavam o jogo) era o remanescente do Livro de Thoth, criado pelo deus egípcio da magia para transmitir todo o conhecimento a seus discípulos. A idéia de Court de Gebelin parece mais fantástica do que real, mas no século XIX um outro francês, Alphonse Louis Constant, conhecido como Eliphas Lévi, relacionou as cartas com a Cabala, a desde então as pessoas têm olhado cada vez mais profundamente para o Tarô, encontrando cada vez mais significados, sabedoria, a até, através de meditação a profundo estudo, iluminação.

Hoje em dia, encaramos o Tarô como uma abertura, um caminho para o crescimento pessoal através do conhecimento de nós mesmos e da vida. Para alguns, a questão da sua origem

continua sendo uma questão vital; para outros, só importa que significados tenham sido acrescentados às cartas no correr dos anos.

Porque Bembo na realidade criou um arquétipo, seja conscientemente ou por um instinto profundo. Além de qualquer sistema ou de explicações detalhadas, as próprias figuras, alteradas e elaboradas no decorrer dos anos por diferentes artistas, nos fascinam e deliciam. Dessa maneira, elas nos atraem para seu misterioso mundo que, definitivamente,jamais pode ser explicado, mas só experimentado.

DIFERENTES VERSÔES DO TARÔ

A maioria dos Tarôs modernos diferenciam-se muito pouco dos conjuntos de cartas do século XV. Eles ainda contêm setenta e oito cartas divididas nas quatro seqüências: Paus, Copas, Espadas e Moedas ou Pentáculos, chamadas coletivamente de "Arcanos Menores", e os vinte e dois trunfos, conhecidos como os "Arcanos Maiores" (a palavra "arcano" significa "conhecimento secreto"). É verdade que algumas das pinturas foram consideravelmente alteradas, mas cada versão conserva geralmente o mesmo conceito básico. Por exemplo, existem diversas versões do Imperador que variam amplamente, mas todas elas representam alguma idéia de um imperador. Em geral, as mudanças tenderam para o mais simbólico e o mais místico.

Este livro usa como sua principal fonte o Tarô de Arthur Edward Waite, cujo popular baralho Rider (que leva o nome de seu editor britânico) apareceu em 1910. Waite foi criticado por ter mudado algumas das cartas de trunfos, tornando-as diferentes de sua versão consagrada. Por exemplo, o desenho comum do Sol mostra duas crianças de mãos dadas em um jardim. Waite alterou isso para uma criança sobre um cavalo, passeando fora de um jardim. Os críticos alegaram que Waite estava alterando o significado da carta de acordo com sua visão pessoal. Isso provavelmente era verdade, já que ele acreditava com mais firmeza em suas próprias idéias do que nas de qualquer outra pessoa. Mas poucos se detiveram a considerar que a primeira versão do Sol, a de Bembo, de modo algum se assemelha à suposta versão "tradicional". Na realidade, ela parece mais perto da de Waite; o desenho mostra uma única e milagrosa criança voando pelos ares, segurando um globo com a imagem de uma cidade dentro dele.

A mudança mais notável que Waite e sua artista, Pamela Colman Smith, fizeram foi introduzir uma paisagem em todas as cartas, inclusive nas cartas numeradas do Arcano Menor. Virtualmente, todos os baralhos anteriores, como também os posteriores, têm simples padrões geométricos para as cartas "pip" (ou de início). Por exemplo, o dez de Espadas mostra dez espadas dispostas em um desenho muito semelhante ao seu descendente, o dez de espadas. O baralho

Rider é diferente. O dez de Espadas de Pamela Smith mostra um homem deitado sob uma nuvem negra, com dez espadas espetadas nas costas a nas pernas.

Nós realmente não sabemos quem desenhou essas cartas. Teria o próprio Waite concebido esses desenhos (como ele indubitavelmente fez com os Arcanos Maiores), ou teria simplesmente transmitido a Smith as características e idéias que queria, permitindo que ela inventasse as paisagens? O próprio livro de Waite sobre o Tarô, *A chave pictórica para o Tarô,* faz na verdade pouco uso das figuras. Em alguns casos, como no seis de Espadas, o desenho sugere bem mais do que o significado expresso por Waite, ao passo que em outros, particularmente no dois de Espadas, o desenho quase contradiz a significação.

Quer tenha sido Waite ou Smith quem projetou os desenhos, eles tiveram uma influência muito forte sobre os desenhistas posteriores do Tarô. Quase todos os baralhos com paisagens em todas as cartas apóiam-se maciçamente nas imagens do baralho Rider.

Waite chamou seu baralho de "Tarô retificado". Ele insistia em que seus desenhos "restituíam" o verdadeiro significado das cartas, e ao longo de todo o seu livro ele despreza a versão de seus predecessores. Por "retificado", muitas pessoas poderão pensar que o fato de Waite ter pertencido a sociedades secretas permitiu-lhe ter acesso ao Tarô secreto "original". Mais provavelmente, ele simplesmente quis dizer que seus desenhos davam às cartas seu mais profundo significado. Quando alterou tão drasticamente a carta dos Namorados, por exemplo, ele o fez porque achava a antiga imagem insignificante, e considerava a sua, nova, como símbolo de uma verdade mais profunda.

Não quero sugerir que as cartas de Waite sejam simplesmente uma construção intelectual, como a de um estudioso que modificasse alguma fala de Hamlet de modo a fazer com que tivesse mais significado para ele. Waite era um místico, um ocultista, e um estudante de práticas mágicas a esotéricas. Ele baseou o seu Tarô em profunda experiência pessoal de iluminação. Acreditava que seu Tarô estava certo a os outros errados porque o seu representava essa experiência.

Escolhi o baralho Rider como minha fonte por duas razões. Em primeiro lugar, porque considero muitas de suas inovações como extremamente valiosas. A versão de Waite-Smith do Louco me parece mais significativa do que qualquer uma das anteriores. Em segundo lugar, a mudança revolucionária nos Arcanos Menores parece livrar-nos das fórmulas que por tanto tempo dominaram a seqüência de cartas. Anteriormente, uma vez que você tivesse lido e decorado os significados dados para uma carta Menor, realmente nada podia acrescentar a ela; a imagem sugeria muito pouco. No baralho Rider, podemos deixar a imagem trabalhar no subconsciente; podemos também aplicar nossa própria experiência a ela. Resumindo, Pamela Smith nos deu algo para interpretar.

Escrevi acima que escolhi o baralho Rider como minha fonte "primordial". Muitos livros sobre o Tarô usam um baralho exclusivo para ilustrações. Essa autolimitação talvez derive de um desejo de representar o "verdadeiro" Tarô. Pelo fato de escolher um baralho e não outro, estamos realmente declarando que um é correto e o outro falso. Tal declaração vale muito para esses escritores, como Aleister Crowley ou Paul Foster Case, que consideram o Tarô um sistema simbólico de conhecimento objetivo. Este livro, no entanto, considera as cartas mais como um arquétipo de experiência. Visto por este ângulo, nenhum baralho é certo ou errado, mas simplesmente uma extensão do arquétipo. O Tarô é tanto a soma de diferentes versões ao correr dos anos, quanto uma entidade separada de qualquer uma delas. Nos casos onde uma versão diferente da de Waite aprofundar a significação de uma carta específica, olharemos para ambas as imagens. Em alguns casos, no Julgamento, por exemplo, ou na Lua, as diferenças são sutis; em outros, como nos Namorados ou no Louco, a diferença é drástica. Olhando para diversas versões da mesma experiência, nós aumentamos nossa consciência dessa experiência.

ADIVINHAÇÃO

Hoje em dia, a maior gama das pessoas encara o Tarô como um meio de ler a sorte, ou "adivinhação". Estranhamente, conhecemos menos historicamente sobre este aspecto das cartas do que sobre qualquer outro. A julgar pelas raras referências históricas à adivinhação, em comparação com o jogo, a prática só se tomou comum algum tempo depois da introdução das próprias cartas. Possivelmente os românicos, ou "ciganos", encontraram em viagens pela Europa o

jogo de Tarocchi e decidiram usar as cartas para predizer o futuro. Ou talvez alguns indivíduos, isoladamente, desenvolveram o conceito (as primeiras referências escritas são interpretações individuais, apesar de poderem ter derivado de algum sistema anterior, não escrito mas de uso corrente) e os românicos apoderaram-se dele. Acreditava-se antigamente que os próprios românicos haviam trazido as cartas do Egito. O fato é que os românicos provavelmente vieram da Índia a chegaram à Espanha bem uns cem anos depois da introdução das cartas de Tarô na Itália a na França.

Na seção sobre as leituras, consideraremos apenas o que a adivinhação faz, e como tal prática abusiva poderia possivelmente funcionar. Aqui podemos simplesmente observar que as pessoas podem, e já o fizeram, prever a sorte com qualquer coisa - as entranhas fumegantes de animais abatidos, desenhos formados por pássaros através do céu, pedras coloridas, moedas jogadas, qualquer coisa. A prática surge do simples desejo de saber, com antecedência, o que vai acontecer, e, de modo mais sutil, da convicção interna de que tudo está relacionado, tudo tem significado e de que nada acontece por acaso.

A própria idéia do acaso é relativamente moderna. Ela desenvolveu-se a partir do dogma de que causa a efeito são a única conexão válida entre os dois acontecimentos. Acontecimentos sem essa relação lógica são aleatórios, isto é, sem significado. Anteriormente, no entanto, as pessoas pensaram em termos de "correspondências". Acontecimentos ou padrões em uma área da existência correspondiam a padrões em outras áreas. O desenho do zodíaco corresponde ao padrão da vida de uma pessoa. O desenho formado pelas folhas de chá no fundo de uma xícara corresponde ao resultado de uma batalha. Tudo é relacionado. Esta idéia sempre teve seus adeptos, e recentemente até alguns cientistas, impressionados pela maneira como acontecimentos ocorrem em séries (como uma "seqüência de má sorte"), começaram a encarar isto seriamente.

Se podemos usar qualquer coisa para predizer a sorte, por que usar o Tarô? A resposta é que qualquer sistema nos dirá alguma coisa; o valor desse conhecimento depende da sabedoria inerente ao sistema. Porque as imagens do Tarô comportam, por si sós, uma profunda significação, os padrões que elas formam durante a leitura podem ensinar-nos muita coisa sobre nós mesmos e a vida em geral. Infelizmente, a maior parte dos adivinhos no decorrer dos anos ignorou esses significados mais profundos, preferindo fórmulas simples ("um homem moreno", "alguém disposto a ajudar o consulente"), facilmente interpretadas a rapidamente assimiladas pelo cliente.

Os significados das fórmulas são muitas vezes contraditórios e também obtusos, sem indicações de como escolher entre eles. Esta situação é especialmente verdadeira com relação aos

Arcanos Menores, que são a maior parte do baralho. Este assunto não foi tratado em quase nenhum trabalho sobre o Tarô. A maior parte dos estudos sérios, aqueles que tratam dos profundos significados do Arcano Maior, ou não mencionam as cartas Menores, ou simplesmente introduzem no final um conjunto de fórmulas, como uma concessão para os leitores que insistem em usar o baralho para predizer o futuro. Até Waite, como foi mencionado, simplesmente dá suas próprias fórmulas com relação aos notáveis desenhos de Pamela Smith.

Este livro tratará extensivamente dos conceitos contidos nas cartas a seu simbolismo, mas também tratará cuidadosamente da aplicação desses conceitos à leitura do Tarô. Muitos escritores, principalmente Waite, denegriram a adivinhação como um uso degenerado das cartas. Mas o uso apropriado das leituras pode aumentar muito nossa consciência do significado das cartas. Uma coisa é estudar o simbolismo de uma carta em particular, outra bem diferente é observar essa carta em combinação com outras. Muitas vezes tenho visto leituras específicas revelarem significados importantes que não teriam vindo à tona de outra maneira.

As leituras também nos ensinam uma lição geral, a muito importante. De um modo que nenhuma explicação pode igualar, elas demonstram que nenhuma carta, nenhum enfoque da vida, é bom ou mau a não ser no contexto do momento.

Finalmente, interpretar as leituras dá a cada pessoa uma oportunidade de renovar seu sentimento instintivo diante das próprias imagens. Todo o simbolismo, todos os arquétipos, todas as explicações dadas neste ou em qualquer outro livro só podem preparar a pessoa para olhar uma imagem a dizer: "Esta carta me diz..."

CAPÍTULO 1

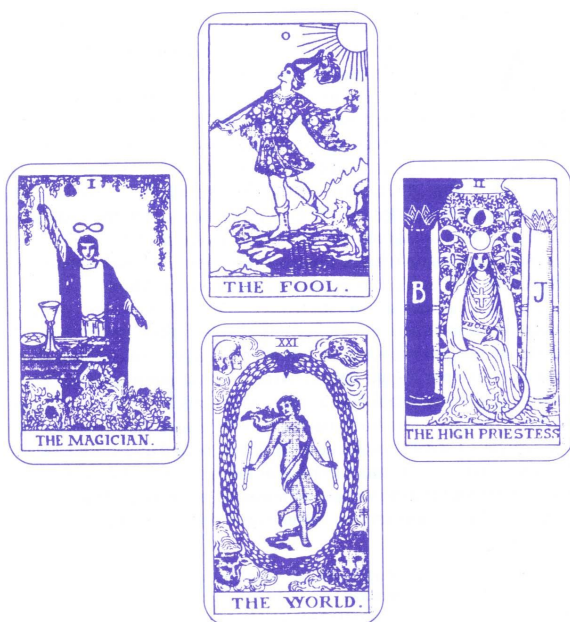
O Padrão das Quatro Cartas

UNIDADE E DUALIDADE

Ao longo de sua longa história, os Arcanos Maiores atraíram um grande número de interpretações. Hoje em dia tendemos a encarar os trunfos como um processo psicológico, processo que nos mostra passando por diferentes estágios da existência até atingirmos um estado de pleno desenvolvimento; podemos descrever este estado, por enquanto, como uma unidade

com o mundo que nos cerca, ou talvez como uma libertação da fraqueza, da confusão e do medo. Os Arcanos completos descrevem este processo em detalhe, mas para conseguir uma compreensão dele como um todo, precisamos apenas olhar para quatro cartas; quatro arquétipos básicos dispostos em um padrão gráfico de evolução a consciência espiritual.

Se você tiver seu próprio jogo das cartas de Tarô Rider[1], retire o Louco, o Mago, a Grande Sacerdotisa e o Mundo, e coloque-os segundo um desenho de losango, como se vê na próxima página. Olhe para as cartas por algum tempo. Note que enquanto tanto o Louco como o Mundo mostram figuras alegres, dançando, o Mago e a Grande Sacerdotisa estão estacionários e imóveis em suas posições. Se você olhar o restante dos Arcanos Maiores, notará que todos os trunfos, exceto o 0 e o 21, são desenhados como se estivessem posando para uma fotografia em vez de, digamos, estarem num filme em movimento. Eles se apresentam como os estados fixos da existência.

Mas existe uma diferença entre os dois dançarinos. O Louco avança para a frente ricamente vestido; a figura do Mundo está nua. O Louco parece estar prestes a saltar sobre o mundo que fica embaixo, de algum lugar alto a distante; o Mundo, paradoxalmente, aparece fora do universo material, com a Dançarina suspensa dentro de uma coroa mágica de vitória.

Note também os números das quatro cartas. O zero não é estritamente um número, mas representa a ausência de um número específico, e em conseqüência podemos dizer que ele

[1] Em outros baralhos, particularmente nos anteriores ao de Waite, o louco aparece muito diferente do que é mostrado aqui. O capítulo sobre o simbolismo do louco (pág. 33) tratará desta tradição alternativa.[1]

contém todos os números em si. Ele simboliza a potencialidade infinita. Todas as coisas continuam possíveis porque nenhuma forma definida foi tomada. 1 e 2 são os primeiros números genuínos, a primeira realidade, novamente, um estado fixo. Eles formam os arquétipos "par" a "ímpar", a portanto representam todos os opostos, macho a fêmea, luz e escuridão, passivo a ativo, etc. Mas o 21 combina esses dois números numa única figura.

Observe suas posições. O Mago ergue uma varinha mágica para o céu. Além das idéias de espírito e unidade, a vara fálica simboliza a virilidade. A Grande Sacerdotisa senta-se entre duas colunas, um símbolo vaginal e também símbolo da dualidade. Essas duas colunas aparecem repetidas vezes nos Arcanos Maiores, em lugares tão óbvios como o templo de Hierofante, e de formas mais sutis, como os dois namorados na carta 6, ou as duas esfinges atreladas à Carruagem. Mas agora observe o Mundo. A dançarina, uma figura feminina (apesar de ser representada em alguns baralhos como um hermafrodita), segura duas varas mágicas, uma em cada mão. O masculino e o feminino são unificados, e mais, suas qualidades separadas estão subordinadas à sensação mais elevada de liberdade e alegria, mostradas na maneira leve com que a dançarina segura esses dois poderosos símbolos.

Claramente, portanto, enquanto a linha horizontal - o Mago e a Grande Sacerdotisa - mostra uma dualidade de opostos, a linha vertical, 0 e 21, mostra uma unidade, o Louco sendo uma espécie de estado perfeito antecedendo a dualidade, e o Mundo permitindo-nos vislumbrar o sentimento de euforia pela liberdade que seria possível se pudéssemos reconciliar os opostos enterrados em nossa psiquê.

O Tarô, como muitos sistemas de pensamento, na verdade como muitas mitologias, simboliza a dualidade como a separação entre o masculino e o feminino. Os cabalistas acreditavam que Adão era originalmente hermafrodita, e que Eva apenas tornou-se separada dele em conseqüência da Queda. Na maior parte das culturas, em maior ou menor grau, homens e mulheres vêem-se a si mesmos como muito distintos, quase como sociedades separadas. Hoje em dia, muitas pessoas pensam que cada indivíduo possui qualidades, tanto masculinas quanto femininas, mas antigamente tal idéia só era encontrada em doutrinas esotéricas de unificação.

Se representamos a dualidade dramaticamente como masculino e feminino, ou preto a branco, também experimentamos divisões mais sutis em nossas vidas comuns, especialmente entre nossas esperanças, o que imaginamos como possível, e a realidade do que conseguimos. Com muita freqüência as ações que empreendemos não resultam na satisfação das esperanças que depositamos nelas. O casamento proporciona menos do que a felicidade total esperada, o emprego ou carreira acarretam mais frustrações do que realizações. Muitos artistas dizem que as pinturas realizadas nas telas nunca são a expressão do que eles imaginaram; eles nunca

conseguem exprimir o que realmente desejariam exprimir. De alguma forma, a realidade da vida fica sempre aquém do seu potencial. Profundamente conscientes disso, muitas pessoas sofrem agonias diante de qualquer decisão, não importando se é pequena ou grande, porque elas não podem aceitar a idéia de que, uma vez tomada uma atitude em uma direção, perderam a chance de item quaisquer outras direções anteriormente abertas para elas. Elas não podem aceitar as limitações de ação no mundo real.

A separação entre a potencialidade e a realidade é vista algumas vezes como a separação entre a mente e o corpo. Nós sentimos que nossos pensamentos e emoções são algo distinto de nossa presença física no mundo. A mente é ilimitada, capaz de ir a qualquer ponto do universo, andar para a frente e para trás no tempo. O corpo é fraco, sujeito à fome, ao cansaço, à doença. Tentando resolver essa separação, as pessoas chegaram a extremos filosóficos. Os behavioristas alegaram que a "mente" não existe; apenas o corpo e os hábitos que ele desenvolve são reais. No outro extremo, muitos místicos sentiram o corpo como uma ilusão criada por nossa compreensão limitada. A tradição cristã define a "alma" como o verdadeiro e imortal "ser", existente antes e depois do corpo que o contém. E muitas religiões e seitas, como os gnósticos e alguns cabalistas, consideram o corpo como uma prisão, criada pelos pecados ou erros de nossos ancestrais desaparecidos.

Na fonte de todas essas dualidades, sentimos que não nos conhecemos a nós mesmos. Sentimos que bem no fundo nossa verdadeira natureza é algo mais forte, mais livre, possuidora de maior sabedoria e poder; ou então objeto de violentas paixões e furiosos desejos animais. De qualquer maneira, "sabemos" que esse verdadeiro eu se esconde ou talvez permaneça enterrado profundamente dentro de nossas personalidades normais, socialmente restritas. Mas como faremos para atingi-lo? Admitindo que o eu essencial seja um objeto de beleza a poder, como fazer para liberá-lo?

As disciplinas a que chamamos ciências ocultas iniciam-se com uma forte consciência dessas separações e limitações. Desse ponto, no entanto, elas evoluem para uma outra idéia, de que existe uma chave, ou um plano, para juntar todas as coisas, para unificar nossas vidas com nossas esperanças, como liberamos nossa força latente e nossa sabedoria. As pessoas freqüentemente confundem os propósitos das disciplinas espirituais. Muitos pensam que o Tarô é para predizer a sorte, que os alquimistas desejam ficar ricos transformando chumbo em ouro, que os cabalistas lançam encantamentos pronunciando palavras secretas, e assim por diante. Na realidade, essas disciplinas se dirigem para uma unificação psicológica. O "metal de baixo valor" que o alquimista deseja transformar em ouro é ele mesmo. Aceitando a doutrina de que caímos de um estado perfeito para um limitado, o ocultista não acredita que devamos esperar

simplesmente em passividade por alguma futura redenção efetuada por um agente externo. Pelo contrário, ele, ou ela, acredita ser nossa responsabilidade efetuar essa redenção encontrando a chave para a unidade.

O Tarô descreve uma versão dessa "chave". Ele não é a chave, da mesma maneira que não é realmente uma doutrina secreta. Ele representa um processo, a uma das coisas que nos ensina é que cometemos um erro quando admitimos que a unificação vem através de uma simples chave ou fórmula. Ao contrário, ela vem através do crescimento e da maior consciência enquanto caminhamos passo a passo pelos vinte e um estágios dos Arcanos Maiores.

O Louco representa a verdadeira inocência, uma espécie de estado perfeito de alegria e liberdade, um sentimento de unificação com o espírito da vida de todos os tempos; em outras palavras, o ser "imortal" que sentimos ter ficado aprisionado nas confusões a concessões do mundo comum. Talvez esse ser radiante jamais tenha existido. De alguma maneira temos a intuição dele como alguma coisa perdida. Virtualmente, todas as culturas desenvolveram o mito de uma Queda de um paraíso primitivo.

"Inocência" é uma palavra freqüentemente mal entendida. Ela não significa "sem culpa" e sim uma liberdade e uma completa abertura para a vida, uma completa falta de medo que deriva de uma fé total na vida e em seu próprio eu instintivo. Inocência não significa "assexuado", como certas pessoas pensam. É a sexualidade expressa sem medo, sem culpa, sem cumplicidade e desonestidade. E a sexualidade expressa espontânea e livremente, como expressão do amor e do êxtase da vida.

O Louco traz o número 0 porque todas as coisas são possíveis para a pessoa que está sempre pronta a seguir em qualquer direção. Ele não pertence a nenhum lugar específico; ele não é fixo como as outras cartas. Sua inocência faz dele uma pessoa sem um passado, e portanto sem um futuro definido. A todo instante ele é um novo ponto de partida. Na numeração arábica, o número 0 é representado na forma de um ovo, para indicar que todas as coisas se originam dele. Originalmente o zero era escrito como um ponto; na tradição hermética e cabalística, o universo emergia de um único ponto de luz. E Deus na Cabala é comumente descrito como "nada" porque descrever Deus como uma coisa seria limitá-lo a algum estado fixo e finito. Os comentadores de Tarô que discutem se o Louco deveria ser colocado antes, depois, ou em algum lugar entre as outras cartas, parecem não entender o ponto principal. O Louco é movimento, mudança, o constante salto através da vida.

Para o Louco não existe diferença entre possibilidade a realidade. Zero significa um vazio total de esperanças e medos, e o Louco nada espera, nada planeja. Ele reage instantaneamente à situação imediata.

Outras pessoas admitirão sua completa espontaneidade. Nada é calculado, nada é escondido. Ele não faz isso deliberadamente, como alguém decidindo conscientemente ser completamente honesto com um amigo ou um amante. O Louco dá a sua honestidade e seu amor naturalmente, para qualquer um, sem sequer pensar nisso.

Falamos do Louco como "ele" e da dançarina do Mundo como "ela" devido à sua aparência nos desenhos, mas ambos podem ser tanto um homem quanto uma mulher sem que realmente haja uma mudança. Da mesma forma que o Louco não sente uma separação do mundo físico, assim ele ou ela não sentem nenhum isolamento do "sexo oposto". O Louco e a Dançarina são hermafroditas psíquicos, expressando sua completa humanidade em todos os tempos, por suas próprias naturezas.

Agora olhe novamente para o padrão das quatro cartas. Repare como o Louco divide o Mago e a Grande Sacerdotisa, que precisam ser trazidos de volta novamente para formar o Mundo. As duas cartas representam a divisão da inocência do Louco na ilusão dos opostos. O Mundo nos mostra uma unidade restaurada, mas uma unidade mais elevada a mais profunda conseguida através do crescimento delineado nas outras 18 cartas. O Louco é inocência, mas o Mundo é sabedoria.

INOCÊNCIA E LIBERDADE

O Louco nos ensina que a vida é simplesmente uma contínua dança de experiência. Mas a maioria de nós não consegue manter nem por breves períodos tal espontaneidade e liberdade. Devido aos medos, condicionamentos e simplesmente aos muitos problemas reais da vida diária, necessariamente permitimos aos nossos egos isolar-nos da experiência. No entanto, em nosso íntimo sentimos indistintamente a possibilidade de liberdade, e, portanto, invocamos este sentimento vago de perda, uma "queda" da inocência. Uma vez perdida esta inocência, no entanto, não podemos simplesmente ascender ao nível do Louco. Em vez disso, precisamos lutar e aprender, através da maturidade, da descoberta de nós mesmos a da consciência espiritual, até atingirmos a maior liberdade do Mundo.

O Mago representa a ação. A Grande Sacerdotisa, a passividade, o Mago, masculinidade, a Grande Sacerdotisa, feminilidade. O Mago, consciência, a Grande Sacerdotisa, inconsciência.

Por "consciência" não queremos dizer o conhecimento profundo do Mundo, mas a forte, embora limitada, consciência do ego como é criado em um universo externo de limitações a fórmulas. Essa descrição não tenciona denegrir ou diminuir a força criativa do Mago. Que maior criatividade pode existir do que dar forma ao caos da experiência? É o Mago quem dá à vida seu

significado e seu objetivo. Curandeiros, artistas e ocultistas, todos concentraram-se no Mago como sua carta protetora. No entanto, seu poder representa um isolamento da liberdade do Louco ou da compreensão do Mundo.

Da mesma maneira, a Grande Sacerdotisa indica, em sua inconsciência, um estado muito profundo de consciência instintiva. E no entanto, seu conhecimento íntimo não pertence àquele centro radiante do nada que permite ao Louco agir com tanta liberdade.

A Grande Sacerdotisa representa o arquétipo da verdade interior, mas como esta verdade é inconsciente, inexprimível, ela só pode mantê-la através de uma total passividade. Essa situação mostra-se na vida de diversas maneiras. Todos nós carregamos dentro de nós um sentimento confuso de quem somos, de um ser genuíno jamais visto por outras pessoas, impossível de explicar. Mas as mulheres e os homens que se atiram em competições, carreiras, responsabilidades, sem se esforçarem ao mesmo tempo para aumentar o seu conhecimento próprio, freqüentemente descobrem, em algum ponto no tempo, que perderam o sentimento de quem são, e do que uma vez desejaram na vida. Diretamente opostos a estas pessoas, os monges budistas ou as freiras retiram-se do mundo porque o mais leve envolvimento os distrai do centro de suas meditações.

Tanto o Mago quanto a Grande Sacerdotisa exibem uma pureza de arquétipos. De certa maneira, eles não perderam o esplendor do Louco, simplesmente dividiram-no em luz e sombras. Na separação tradicional das religiões do Oeste e do Leste, o Mago representa o Oeste, com sua ênfase em ação a salvação históricas, a Grande Sacerdotisa, o Leste, o caminho de separação entre mundo a tempo. No entanto, os que se aprofundaram mais em ambas as tradições combinarão esses elementos.

A Grande Sacerdotisa senta-se entre os pilares de luz a sombra. Embora ela própria simbolize o lado passivo, escuro, sua intuição pode encontrar um equilíbrio entre os dois. Isso é menos paradoxal do que parece. Se sentirmos nossas vidas como plenas de opostos que não podemos resolver, podemos reagir tanto de um modo como de outro. Nós podemos avançar para trás ou para frente, indo de um extremo a outro, ou podemos não fazer absolutamente nada. Sentar no meio, não atraídos por qualquer direção, mas passivamente, permitindo que os opostos continuem à nossa volta. A não ser, é claro, que isso também seja uma opção, e eventualmente perdemos aquele equilíbrio e aquele conhecimento interior simplesmente porque a vida continua ao redor de nós.

Na coleção de imagens cabalísticas, a Grande Sacerdotisa representa o Pilar da Harmonia, uma força que reconcilia os opostos Pilares da Misericórdia e do Julgamento. Ela se senta,

portanto, entre os dois pilares do templo. Mas sem a habilidade de harmonizar-se com a força ativa do Mago, o senso de harmonia da Grande Sacerdotisa torna-se disperso.

Como arquétipos, o Mago e a Grande Sacerdotisa não podem existir em nossas vidas mais do que o Louco pode. Inevitavelmente, misturamos esses elementos (em vez de fundi-los) e conseqüentemente sentimos suas formas menores, como ação confusa, ou então passividade insegura e carregada de culpas. Em outras palavras, a pureza dos dois pólos se perde porque a vida os confunde.

O propósito dos Arcanos Maiores é duplo. Antes de tudo, isolando os elementos de nossas vidas em arquétipos, eles nos permitem vê-los em suas formas puras, como aspectos da verdade psicológica. Em segundo lugar, ajudam-nos a solucionar verdadeiramente esses diferentes elementos, para levar-nos passo a passo através dos diferentes estágios da vida até atingirmos a unidade. Na realidade, talvez a inocência simbolizada pelo Louco jamais tenha existido. De alguma forma, nós a sentimos como algo perdido. Os Arcanos Maiores nos ensinam como recuperá-la.

CAPÍTULO 2

Visão Geral

AS CARTAS COMO UMA SEQÜÊNCIA

A maioria dos intérpretes dos Arcanos Maiores tomam um dos seguintes enfoques: ou consideram as cartas como uma entidade separada ou encaram-nas como uma seqüência. O primeiro enfoque vê cada carta como representando diferentes qualidades ou situações de importância para o desenvolvimento espiritual de uma pessoa. A Imperatriz representa a alma glorificada na natureza, o Imperador, domínio de si próprio, etc. Este sistema considera os números nas cartas como parte de sua linguagem simbólica. O número 1 pertence ao Mago, não porque vem em primeiro lugar, mas porque esse número significa idéias - unidade, força de vontade - apropriadas ao conceito do Mago.

O segundo enfoque encara os trunfos como uma progressão. O Mago é 1 porque suas qualidades formam o ponto de partida do padrão de crescimento ilustrado nas outras cartas. A carta número 13, digamos, deve estar nesse exato ponto, entre o Homem Dependurado e a Temperança, e em nenhum outro. Cada novo trunfo se apóia sobre o anterior a mostra o caminho para o próximo.

Em geral, eu segui o segundo método. Conquanto o simbolismo do número não deva ser negligenciado, é igualmente importante ver onde cada carta se encaixa no padrão geral. Comparações com outros números também podem ajudar-nos a ver tanto as limitações quanto as virtudes de cada carta. Por exemplo, o número 7, o Carro, é muitas vezes referido como "vitória". Mas que espécie de vitória? Será a liberação total do Mundo, ou algo mais restrito, mas ainda de grande valor? Olhando para a posição da carta, pode-se responder a estas perguntas.

Os intérpretes que seguiram este enfoque geralmente procuraram algum lugar para dividir os trunfos, para mais fácil compreensão. A escolha mais comum é a Roda da Fortuna. Como o número 10, ela simboliza o término de um ciclo e o começo de um outro. Também, se você colocar o Louco no começo, isto dividirá as cartas exatamente em dois grupos de onze. Mais importante, a idéia de uma roda que gira simboliza uma mudança de perspectiva, a partir de uma relação com coisas externas, como sucesso e romance, para uma abordagem mais interior, retratada em tais cartas como a Morte e a Estrela.

Além da importância de encarar os Arcanos Maiores como duas metades, cheguei à conclusão de que os trunfos se dividem até mais organicamente em três partes. Colocando o Louco à parte, realmente como uma categoria separada por si só (e colocá-to à parte nos permite ver que ele pode estar em qualquer lugar e em nenhum lugar), isto nos dá 21 cartas - três grupos de sete.

O número sete tem uma longa história em simbolismo: os sete planetas da astrologia clássica, sete como uma soma de três a quatro, que são por si sós números arquétipos, sete pilares da sabedoria, as sete estações mais baixas da Árvore da Vida, as sete aberturas na cabeça humana, os sete *chakras* e, naturalmente, sete dias da semana.

Um aspecto particular do sete relaciona-o diretamente ao Tarô. A letra grega *pi* significa, neste caso, a proporcionalidade que existe em todos os círculos entre a circunferência e o diâmetro. Não importa que o círculo seja pequeno ou grande, os dois (a circunferência e o diâmetro) obedecerão sempre à mesma proporcionalidade, à mesma fração, 22/7. E os Arcanos Maiores, juntamente com o Louco, atingem o número 22, da mesma forma que, sem o Louco, são reduzidos a sete. Também, 22 vezes sete é igual a 154 (154 soma 10, vinculando-o à Roda) a 154 dividido por 2, para os dois Arcanos, dá 77, o Tarô inteiro com o Louco novamente posto de lado.

Como a concepção cabalística de Deus, o ponto é nada, embora todo o círculo irradie dele. E o número do Louco, 0, tem sido representado tanto como um círculo quanto como um ponto.

As melhores razões para a divisão em três grupos permanecem dentro dos próprios Arcanos Maiores. Primeiro, observe o simbolismo da pintura. Olhe para a primeira carta em cada linha. O Mago e a Força são ambos obviamente cartas de Poder, mas o Diabo também o é. O Mago

e a Força estão ligados pelo sinal de infinito sobre suas cabeças, enquanto o Diabo carrega um pentáculo invertido. Se você olhar para a postura do Diabo, com um braço para cima a outro para baixo, verá que a pintura é de cena forma uma paródia do Mago, com a tocha apontando para baixo em vez da vara apontando para cima. Em alguns baralhos, a carta 15 trás o título de "Mago Negro". (Em muitos baralhos a Justiça, e não a Força é o número 8. Se você olhar para a posição da figura na Justiça, você notará uma semelhança ainda mais chegada ao Mago e ao Diabo.) A mesma espécie de correspondências verticais se aplica por todo o caminho através de três linhas.

AS TRÊS ÁREAS DE EXPERIÊNCIA

A divisão em três áreas permite-nos ver os Arcanos Maiores como atuando em três áreas distintas da experiência. Resumidamente, podemos chamá-las: consciência, as preocupações externas da vida em sociedade; o subconsciente, ou a busca interior para descobrir quem somos realmente; e o superconsciente, o desenvolvimento de uma consciência espiritual a uma libertação de energia arquétipo. Os três níveis não são categorias impostas. Eles derivam das próprias cartas.

A primeira linha, concentrada em assuntos como o amor, relações sociais a educação, descreverá as principais preocupações da sociedade. De muitas maneiras, o mundo que vemos retratado em nossas novelas, filmes, escolas, é resumido pelas sete primeiras camas dos Arcanos Maiores. Uma pessoa pode viver e morrer e ser considerada um sucesso por todas as pessoas à sua volta, sem jamais ir além do nível do Carro. Muitas pessoas, na realidade, não atingem absolutamente este nível.

A moderna psicologia profunda ocupa-se com a segunda linha de trunfos, com seus símbolos de uma reclusão semelhante à do eremita na direção de uma conscientização, seguida de uma Morte simbólica e renascimento. O anjo da Temperança, ao final, representa aquela parte de nós mesmos que descobrimos ser essencialmente real depois que deixamos que as ilusões do ego, as defesas e os hábitos rígidos do passado se extingam.

Finalmente, que diremos da última linha? Que pode ir além do encontro de nosso verdadeiro eu? Para simplificar, essas sete cartas ilustram uma confrontação e finalmente uma unidade com as grandes forças da vida em si. As outras cartas, vistas antes como tão importantes, tornam-se meramente a preparação para a grande descida na escuridão, a liberação da luz, e a volta daquela luz ao mundo iluminado pelo sol da consciência.

Para muitos leitores, a última linha parecerá por demais vaga e fantasiosa. Podemos chamar a isto assunto "religioso" ou "místico", mas até essas palavras continuam difíceis de compreender.

A imprecisão em nossas mentes fala mais sobre nós mesmos e sobre nossa época do que sobre o assunto. Qualquer sociedade automaticamente ensina seu povo, apenas pela linguagem que usa, a fazer certas suposições a respeito do mundo. Exemplos na nossa cultura incluiriam o valor e a singularidade dos indivíduos, a realidade e a importância predominante do amor, a necessidade de liberdade e justiça social, e, mais complexo e tão forte quanto isso, a individualidade básica de cada pessoa. "Nascemos sós e morremos sós." Nossa sociedade, construída sobre os séculos materialistas XVIII a XIX, não só meramente rejeita a noção de "superconsciência" ou "forças universais"; nós, na realidade, não sabemos o que elas significam.

Quando lidamos com a última linha dos Arcanos Maiores, então lidamos com uma área que é embaraçosa para muitos de nós. Isto tornará a tarefa de entender essas cartas mais dura - e talvez mais compensadora. Trabalhar com essas imagens antigas pode proporcionar-nos o conhecimento negligenciado em nossa educação.

CAPÍTULO 3

Os Trunfos Iniciais:
Símbolos a Arquétipos

O LOUCO

Já vimos o Louco sob um aspecto, a imagem de um espírito totalmente livre. Mas podemos examiná-lo por um outro lado - o salto para o mundo arquétipo dos trunfos.

Imagine-se a si mesmo penetrando em uma paisagem estranha. Um mundo de magos, de pessoas dependuradas de cabeça para baixo, a de dançarinos ao ar livre. Você pode entrar saltando de uma elevação, através de uma caverna escura, de um labirinto, ou até mesmo penetrando numa toca de coelho à caça de um coelho vitoriano com um relógio de bolso. Seja qual for o caminho que escolher, você será um louco se fizer isso. Por que perscrutar o profundo mundo da mente quando você pode ficar em segurança no ambiente comum do emprego, do lar a da família? Herman Melville, em *Moby Dick,* advertia seus leitores a não darem um passo sequer fora do caminho comum traçado pela sociedade. Você se arrisca a não voltar.

E no entanto, para quem estiver disposto a correr o risco, o salto pode proporcionar alegria, aventura, e, finalmente, para quem tem a coragem de continuar, quando a terra da fantasia se torna mais apavorante do que alegre, o salto pode trazer conhecimento, paz e libertação. De forma interessante, o arquétipo do Louco aparece mais na mitologia do que na religião estruturada. Uma igreja institucionalizada dificilmente pode estimular as pessoas além dos limites das instituições. Em vez disso, as igrejas nos oferecem um abrigo seguro contra os terrores da vida. A mitologia leva direto ao centro desses terrores, e em qualquer cultura a paisagem mitológica inclui a imagem do ilusionista empurrando, espicaçando, cutucando os reis e heróis sempre que se desviam do mundo interior da verdade.

Na lenda do rei Artur, Merlin aparece não apenas como um feiticeiro a sábio, mas também como um ilusionista. Ele aparece constantemente diante de Artur, disfarçado de criança, de mendigo ou de velho camponês. O jovem rei, já seduzido pela imponência de sua elevada posição social, nunca reconhece Merlin, até que seus companheiros lhe mostram que ele foi iludido novamente. Mais importante do que as leis ou a estratégia militar, é a habilidade de enxergar através das ilusões. Os mestres taoístas eram famosos pelas peças que pregavam em seus discípulos.

O arquétipo do Louco até encontrou sua expressão social, como o bobo da corte real. Todos nós conhecemos a imagem do "louco", tirada do *Rei Lear,* a quem era permitido dizer ao rei verdades que ninguém mais ousaria exprimir. Hoje em dia, nossos comediantes e humoristas gozam, de certa forma, desse mesmo privilégio.

Em muitos países, um carnaval anual dá vazão a todas as loucuras reprimidas durante o resto do ano. O sexo é mais livre, várias leis são suspensas, as pessoas andam disfarçadas e o Rei dos Loucos é escolhido para presidir o festival. Hoje em dia, na Europa e na América do Norte, o dia primeiro de abril continua sendo "O dia do Louco de Abril", um dia destinado a truques a trotes.

A Figura 0 do baralho Rider mostra o Louco como foi concebido por Oswald Wirth. Tradição mais antiga que a de Waite, ela representa o arquétipo como um grotesco andarilho. Essa imagem tem sido interpretada diversamente como a alma antes da iluminação, uma criança recém-nascida entrando no mundo da experiência e do princípio da anarquia. Elizabeth Haich forneceu-nos uma interessante interpretação da grotesca imagem do Louco produzida por Wirth. Colocando-o entre o Julgamento e o Mundo, ela descreve o Louco como o que o mundo externo vê quando está diante de alguém que é realmente iluminado. Porque o Louco não segue suas regras nem compartilha de suas fraquezas, ele lhe aparece dessa maneira feia e distorcida. Haich descreve a

face do Louco como uma máscara, colocada não por ele, mas pelo mundo exterior. A última carta, o Mundo, apresenta a mesma criatura esclarecida, mas vista por dentro, quer dizer, por si mesma.

Em alguns baralhos antigos de Tarô, o Louco aparecia como um bobo da corte gigante, destacando-se acima das pessoas ao redor. Seu título era "o Louco de Deus". O termo foi também usado para os idiotas, para os loucos inofensivos a para os epilépticos graves, todos sendo considerados como estando em contato com uma sabedoria maior, justamente por estarem fora de contato com o resto de nós.

O arquétipo persiste da mesma maneira na moderna mitologia popular. Por sua fantástica natureza primitiva, os livros cômicos freqüentemente refletem os temas mitológicos melhor do que os romances. Em Batman, o maior inimigo do herói é chamado de Coringa, uma figura que não tem passado e que nunca é vista sem a maquiagem exótica do coringa de um baralho de cartas. O coringa, naturalmente, descende diretamente do Louco de Tarocchi. A rivalidade entre Batman e o Coringa envia uma clara mensagem ao leitor: não se revolte contra os valores sociais; apóie a lei e a ordem. Nos últimos anos, a revista tem descrito o Coringa mais como um insano do que como um criminoso. Para a sociedade, o caminho do Louco, instinto em vez de regras, é uma perigosa insanidade.

Até agora temos visto o Louco como "o outro", que nos arranca da complacência com suas brincadeiras a seus disfarces. Como o "eu", ele representa aquela longa tradição do irmão ou irmã tolos, desprezados pelos irmãos e irmãs mais velhos, e no entanto capazes de conquistar a princesa ou o príncipe por seu espírito instintivo e bondade.

Curiosamente, a imagem do Louco como "eu" ocorre mais em histórias de fadas do que em mitos. Encaramos os mitos como se representassem forças maiores do que nós mesmos; o conto de fadas, mais simples, permite-nos expressar a nossa própria loucura.

Como "Boots" ou "Gluck" no conto de fadas, sempre acompanhados por vários ajudantes animais, em quase todos os baralhos o Louco caminha com um companheiro. Em Waite, a figura é um cão saltitante, em outros, um gato, ou até um crocodilo. O animal simboliza as forças da natureza e a parte animal do homem, tudo em harmonia com o espírito que age a partir do instinto. Os cães mitológicos são quase sempre aterradores, como, por exemplo, o Cão do Inferno caçando almas perdidas. Mas ele é realmente o mesmo animal; apenas nossa atitude muda. Renegue seu eu secreto e ele se torna feroz. Obedeça-lhe e ele se toma manso.

O louco de Waite segura uma rosa branca. Rosas simbolizam paixão, enquanto o branco, a cor tradicional da pureza, conjugado com a maneira delicada de segurar a flor, indica as paixões elevadas ao mais alto nível. Os gregos viam Eros, o deus do amor, como um trapaceiro, que fazia

com que as pessoas mais convencionais agissem de maneira ridícula. Mas aqueles que já expressam sua loucura não serão desestabilizados pelo amor. Os gregos também falavam de Eros, de outra forma, como a força animadora do universo.

O saco às suas costas carrega suas experiências. Ele não as abandona, ele não é descuidado, mas elas simplesmente não o controlam como nossas lembranças e traumas freqüentemente controlam nossas vidas. O saco traz a cabeça de uma águia, símbolo do espírito ascendente. Seu alto instinto completa a transforma toda experiência. A águia é também o símbolo de Escorpião elevado a um nível mais alto, isto é, a sexualidade elevada ao espírito. Essa idéia da conexão entre sexo e espírito voltará novamente na carta do Diabo.

Como um vagabundo, o Louco carrega um bastão no ombro. Mas o bastão é na verdade um cetro, símbolo do poder. O Mago e o condutor do carro também carregam bastões, mas sem naturalidade, apertando-os com força. O Louco e o Dançarino do Mundo seguram seus bastões de modo tão casual que quase não os notamos. Que poderia ser mais louco do que tomar uma vara mágica e usá-la para carregar sua sacola? Podemos imaginar uma história de fadas em que o irmão mais moço louco encontra uma vara ao lado da estrada e a carrega, não reconhecendo nela o bastão perdido de um feiticeiro, e por isso não é destruído como seus dois irmãos mais velhos, que tentaram empunhá-lo em proveito próprio.

O bastão do Louco é preto; os outros são brancos. Para o Louco inconsciente, a força do espírito permanece sempre em potencial, sempre pronta, porque ele não a está dirigindo conscientemente. Tendemos a interpretar erroneamente a cor preta, vendo-a como um mal, ou a negação da vida. Em vez disso, o preto significa todas as coisas sendo possíveis, a infinita energia da vida antes que a consciência tenha traçado quaisquer limitações. Quando tememos o negro ou a escuridão, tememos a fonte profunda a inconsciente da própria vida.

Como o coringa, o Louco realmente se encaixa em qualquer lugar no baralho, em combinação com e entre qualquer das outras cartas. Ele é a força animadora que dá vida às imagens estáticas. Nos Arcanos Maiores, ele se encaixa em qualquer lugar onde haja uma transição difícil. Isso explica sua posição no princípio, onde existe a transição do mundo de todos os dias dos Arcanos Menores para o mundo dos arquétipos. O Louco também nos ajuda a transpor a divisão entre uma linha e a próxima, isto é, do Carro para a Força, da Temperança para o Demônio. Para atingir o Carro ou a Temperança, é necessário grande esforço a coragem, e sem a disposição do Louco de saltar para um novo território, provavelmente pararíamos no ponto que já atingimos.

O Louco combina também com cartas de passagem difícil, como a Lua e a Morte (observe o caminho sinuoso em cada uma destas duas), onde nos impele para frente apesar dos nossos medos.

Nos Arcanos Menores, o Louco se relaciona em primeiro lugar com os Cetros - ação, pressa, movimento sem reflexão. Mas ele se relaciona da mesma maneira com Copas, com sua ênfase na imaginação e no instinto. O Louco, de fato, combina estas duas seqüências. Mais tarde veremos que esta combinação, fogo e água, representa o caminho da transformação.

Finalmente, levanta-se a questão do lugar do Louco nas leituras divinatórias. Já falei da importância das leituras para uma compreensão mais completa das cartas. Mais ainda, elas nos ajudam a aplicar a sabedoria das cartas às nossas vidas diárias. Nas leituras, o Louco nos fala de coragem e otimismo, encorajando-nos a termos fé em nós mesmos e na vida. Em épocas difíceis, quando sofremos pressão de pessoas à nossa volta para sermos práticos, o Louco relembra-nos que nosso "eu" interior pode indicar-nos melhor o que fazer.

Muitas vezes o Louco pode simbolizar começo, salto corajosamente dado em alguma fase da vida, particularmente quando o salto é dado sob o impulso de um sentimento profundo, e não cuidadosamente planejado.

Isso diz respeito ao Louco em sua posição normal. Precisamos também considerar os significados "invertidos", isto é, quando a maneira como misturamos as cartas faz com que o Louco apareça com os pés para cima. Significados invertidos causam controvérsia entre os comentadores do Tarô. Quem adota fórmulas como significados, geralmente inverte as fórmulas, um método simplista que levou diversos intérpretes a abandonarem completamente a idéia dos significados inversos. Mas podemos encarar as inversões como um aprofundamento do significado da carta como um todo. Em geral, uma carta invertida indica que as qualidades dessa carta foram bloqueadas, distorcidas ou canalizadas em outra direção.

Quanto ao Louco, uma inversão significa antes de mais nada não conseguir seguir seus instintos. Pode significar não arriscar-se a aproveitar uma chance em algum momento crucial, por medo, ou por depender demais de planos e conselhos práticos de outros.

Um outro significado invertido do Louco inicialmente parecerá contradizer este que acabamos de dar. Ousadia, temeridade, loucos projetos, parecem o oposto da precaução excessiva. E no entanto eles se originam da mesma fraqueza, uma incapacidade de agir a partir do seu íntimo. A pessoa temerária sobrepõe uma loucura consciente ou artificial à sua vida, não só porque não confia no seu inconsciente para agir como um guia, mas também porque tem medo de não fazer algo.

Este segundo significado invertido sugere uma outra dimensão para o Louco - o conhecimento de que as grandes chances só devem ser aproveitadas no devido tempo. Afinal de contas, há ocasiões em que a cautela é necessária, e outras em que é melhor não fazer absolutamente nada. O básico que qualquer oráculo nos ensina é que nenhuma ação ou atitude é certa ou errada, exceto em seu próprio contexto.

À medida que penetrarmos no Tarô, veremos que este conceito de tempo oportuno permeia as cartas, e é, de fato, a verdadeira chave para seu uso correto. No baralho Rider a carta que cai exatamente no meio das três linhas, isto é, Justiça, indica uma resposta adequada.

O MAGO

O Mago emerge muito diretamente do Louco, à semelhança do ilusionista-mágico. Como foi mencionado antes, Merlin desempenha ambos os papéis (como professor e feiticeiro), e muitos outros mitos estabelecem a mesma conexão. Os baralhos de Tarô mais antigos ilustravam o trunfo número um com um ilusionista em vez de um Mago, ou mesmo um malabarista atirando bolas coloridas para o ar. Charles Williams pintou-o como um prestidigitador jogando para o ar as estrelas e os planetas.

A maioria das modernas imagens do trunfo seguem o Mago de Waite, erguendo uma vara mágica para trazer à realidade a força espiritual - a energia da vida em sua forma mais criativa. Ele segura a varinha cuidadosamente, consciente do poder psíquico que o Louco carregava tão descuidadamente no ombro. Desta maneira, o Mago, como o início dos verdadeiros Arcanos Maiores, representa consciência, ação a criação. Ele simboliza a idéia de manifestação, isto é, extrair algo real das possibilidades da vida. Portanto, vemos os quatro emblemas dos Arcanos Menores colocados à frente dele sobre uma mesa. Ele não apenas usa o mundo físico para suas operações mágicas (os quatro símbolos são todos objetos usados pelos mágicos em seus rituais), como também cria o mundo, no sentido de dar à vida um significado a uma direção.

O Mago permanece rodeado de flores para lembrar-nos de que o poder emocional e criativo que sentimos em nossas vidas necessita ter sua origem na realidade física para que possamos extrair dele algum valor. A não ser que façamos algum uso de nossas potencialidades, elas na realidade não existem.

"No começo, Deus criou o céu e a terra." A Bíblia começa no momento em que o espírito desce para a realidade física. Quanto a nós, no mundo físico, não podemos falar de coisa alguma antes desse momento. Ao relacionar o Tarô com o alfabeto hebraico, o Louco freqüentemente recebe a primeira letra, *aleph (aleph* não produz nenhum som; é um silencioso portador de vogais, a

portanto simboliza o nada. É a primeira letra dos Dez Mandamentos). Isto designaria a segunda letra hebraica, *beth,* como a primeira letra com um som real, para o Mago. *Beth* é a primeira letra do Gênesis.

Observe a figura do Mago do baralho de Waite. Ele não está lançando encantamentos, ou conjurando demônios. Simplesmente está parado com uma das mãos levantada para o céu e a outra apontando para a terra verde. É um pára-raios. Ao abrir-se para o espírito, ele o atrai para dentro de si, e depois aquela mão abaixada, como um pára-raios enterrado no chão, conduz a energia para dentro da terra. Para dentro da realidade.

Vemos na Bíblia, em outros textos religiosos e em experiências religiosas contemporâneas, muitas descrições da "descida do espírito". As pessoas "falam em línguas" em igrejas pentecostais, gritam, bradam e rolam no chão em assembléias evangélicas. O padre, ao dar a comunhão, vê-se a si próprio como um "recipiente" ou um canal para o Espírito Santo. Mas podemos ver essa experiência também em termos muito mais simples, não religiosos. As pessoas tremem de excitação nos eventos esportivos. "Estou tão excitado que posso explodir!" Em um novo caso de amor ou ao começar uma nova carreira, sentimos uma força tomar conta de nós. Você pode, às vezes, ver pessoas no início de alguma fase importante de suas vidas, esticando e encolhendo as pernas, quase pulando na cadeira, cheias de alguma energia que não conseguem descarregar. E escritores e artistas, quando seu trabalho está indo bem, sentir-se-ão como canais quase passivos para uma força semelhante ao espírito. A palavra "inspiração" originalmente significava "cheio de um sopro divino" e deriva da mesma raiz que "espírito".

Note que em todos estes exemplos, exceto o padre e o artista, todos são tomados de frenesi. O freqüentador de igreja fanático e o adolescente prestes a explodir durante uma partida de futebol partilham o sentimento de que seu corpo está dominado por um poder grande demais para eles. Longe de ser suave, o surto de energia pode ser quase penoso. A pessoa tomada de fervor religioso grita e pula para conseguir libertar uma energia insuportável.

A força da vida que enche o universo não é suave ou amena. Ela precisa ser descarregada, assentada em alguma coisa real, porque nosso eu não se destina a contê-la, mas só a passá-la adiante. Assim, o artista não se junta ao frenesi físico porque está descarregando essa força na pintura. Da mesma maneira, o padre passa a energia para o pão e o vinho.

Nós funcionamos melhor como um canal para a energia. A não ser que sigamos o caminho da Grande Sacerdotisa, retirando-nos do mundo, vivemos nossas vidas mais completamente quando criamos ou somos ativos. "Criar" não significa apenas arte, mas qualquer atividade que produza alguma coisa real e importante fora de nós mesmos.

Muitas pessoas experimentam sentimentos de poder tão raramente que tentam retê-los. Agindo assim, esperam preservar seus momentos mágicos. Mas nós só podemos realmente reter o poder em nossas vidas descarregando-o continuamente. Liberando o poder criativo, abrimo-nos para receber um novo fluxo. No entanto, tentando retê-lo conosco, bloqueamos os canais, e o sentimento de poder, que é na verdade a própria vida, fenece dentro de nós. O espectador do jogo de futebol e até o freqüentador de igreja fanático descobrirão que sua excitação se foi depois que terminou o evento que a despertou. Mas o artesão ou o cientista ou o professor - ou o leitor de Tarô descobrirão que quanto mais o descarregarem na realidade física, mais o poder aumenta.

Quando olham para o Mago, aqueles dentre nós que sentem um vazio ou um tédio em suas vidas serão atraídos pela vara levantada em direção ao céu. Mas a mágica real repousa naquele dedo apontado para a terra. Aquela habilidade para criar lhe confere seu título. Sua imagem se origina não apenas do ilusionista prestidigitador, mas também do arquétipo do herói. Em nossa cultura seria Prometeu, que trouxe o fogo celeste para a débil e fria humanidade.

No Ocidente, tendemos a encarar os magos como manipuladores. Eles aprendem técnicas secretas, ou fazem pactos com Satã, com o objetivo de conquistar poder pessoal. Esta imagem um tanto decadente origina-se em parte dos próprios mágicos, já que eles fazem encantamentos para descobrir tesouros enterrados, mas vem também da Igreja, que vê os magos, que tratam diretamente com o espírito em vez de usar a intermediação do sacerdócio oficial, como competidores. O Tarô e todas as ciências ocultas são em certo sentido revolucionários, porque nos ensinam a salvação direta, nesta vida, através de nossos próprios esforços.

Podemos ter um conceito diferente do Mago através da imagem do xamã, ou curandeiro. Porque nenhuma igreja hierárquica se levantou para banir os xamãs, eles não foram isolados da comunidade. Eles prestam serviços como curandeiros, professores, guias da alma após a morte. Como os magos, os xamãs estudam e aprendem técnicas complicadas. Seu vocabulário mágico é muitas vezes bem mais amplo do que o vocabulário cotidiano do povo que os rodeia. Entretanto, nada de seu conhecimento é usado para manipular o espírito ou para proveito próprio. Em vez disso, o xamã apenas procura tornar-se um canal adequado, tanto para si mesmo, de maneira a não ser dominado, como para a comunidade, de modo a poder servi-la melhor. Ele conhece o grande poder que o penetrará em momentos de êxtase e quer ter certeza de que esse poder não o destruirá, tomando-o sem utilidade para as pessoas à sua volta.

Como o Mago, o xamã desenvolveu sua vontade a ponto de poder dirigir o fogo que tem dentro de si. Ao mesmo tempo, ele se mantém aberto, permitindo que seu ego se anule sob o ataque direto do espírito. O fato de nossos magos se manterem dentro de um círculo mágico, para ter certeza de que os demônios não podem atingi-los, diz alguma coisa sobre nossa cultura.

Podemos aplicar a atitude do xamã ao nosso uso do conjunto do baralho de Tarô. Estudamos as cartas, aprendemos a linguagem simbólica e até fórmulas específicas, com o propósito de orientar os sentimentos que elas despertam em nós. Mas não devemos esquecer que a verdadeira mágica reside nas imagens em si e não nas explicações.

Os significados divinatórios do Mago inferem-se de ambas as mãos, a que recebe o poder e a que o dirige. A carta significa antes de tudo uma consciência de poder em sua vida, de espírito ou simples excitação possuindo você. Ela também pode significar, dependendo de sua posição e de sua reação diante dela, o poder de alguma outra pessoa afetando você. Como o Louco, a carta diz respeito a começos, mas aqui aos primeiros passos reais. Ela pode significar tanto a inspiração para começar algum novo projeto ou fase da vida, quanto a excitação que sustentará você durante o árduo trabalho para atingir seu objetivo. Para muitas pessoas, o Mago pode transformar-se em poderoso símbolo pessoal da força criativa através de suas vidas.

Em segundo lugar, o Mago significa força de vontade; a vontade unificada e dirigida para um objetivo. Isto indica ter uma grande força, porque toda sua energia está canalizada em uma direção específica. Pessoas que parecem sempre conseguir o que desejam na vida são quase sempre pessoas que simplesmente sabem o que desejam e que podem dirigir a sua energia. O Mago nos ensina que tanto a força de vontade como o sucesso derivam do fato de se estar consciente do poder acessível a cada um. A maioria das pessoas raramente agem; em vez disso, reagem, sendo atiradas de uma experiência a outra. Agir é dirigir sua força, através da vontade, para onde você quiser que ela vá.

O mago invertido significa que de alguma forma o fluxo próprio da energia foi interrompido ou bloqueado. Isto pode significar uma fraqueza, uma falta de vontade ou uma confusão de propósitos que leva a nada realizar. O poder existe, mas não podemos tocá-lo. A carta invertida pode significar a apatia letárgica que caracteriza a depressão.

O trunfo invertido também pode significar poder mal empregado, uma pessoa que usa o seu caráter muito forte para exercer uma influência destrutiva sobre os outros. O exemplo mais direto disso seria naturalmente a agressão psíquica da "magia negra".

Finalmente, o Mago invertido indica intranqüilidade mental, alucinações, medo e, particularmente, medo da loucura. Este problema surge quando a energia, ou o fogo do espírito, invade uma pessoa que não sabe como dirigi-la para uma realidade externa. Se não dirigirmos o raio para a terra, ele pode ficar retido no corpo e impor-se à nossa consciência, na forma de ansiedade ou alucinações. Alguém que já tenha passado por um momento de pânico total saberá que a ansiedade mental aguda é uma experiência totalmente física, um sentimento de que o

corpo tomou-se rebelde, como um fogo fora de controle. A palavra "pânico" significa "possuído pelo deus Pã", ele próprio símbolo de forças mágicas.

Pense novamente no pára-raios. Ele não só atrai a faísca, mas a dirige para o solo. Sem essa conexão com a terra, o raio queimaria a casa.

Diversos escritores fizeram comentários sobre o relacionamento entre o xamanismo e o que o Ocidente chama "esquizofrenia". Freqüentemente, os xamãs não são tão predestinados como se pensa. Se, em nossa cultura, uma pessoa jovem tem visões, alucinações amedrontadoras, nós não sabemos o que fazer com tais experiências a não ser tentar fazer com que parem, por meio de drogas ou autocontrole. Mas em outras culturas, tais pessoas recebem treinamento. Não tencionamos dizer que a loucura não existe, ou que não é reconhecida nas culturas arcaicas. Pode-se dizer que o treinamento se destina à prevenção da loucura, canalizando as experiências para uma direção produtiva.

Os iniciados aprendem, através do estudo com um xamã reconhecido, e através de técnicas físicas, tais como jejum, a compreender, estruturar e finalmente orientar estas experiências visionárias para o serviço da comunidade. O Mago invertido não deveria ser banido ou confinado; em vez disso, precisamos encontrar uma maneira de virá-lo corretamente para cima.

A GRANDE SACERDOTISA

Bill Butler**,** em seu livro O Tarô *definitivo,* comentou as fontes histórico-lendárias desse arquétipo feminino. No correr da Idade Média, insistia-se na história de que uma vez uma mulher fora eleita papa. Durante anos, disfarçada como homem, essa suposta "papisa Joana" teria aberto seu caminho através da hierarquia da Igreja, chegando à posição máxima, apenas para morrer de parto durante uma comemoração da Páscoa.

A papisa Joana foi, muito provavelmente, uma lenda; a papisa Visconti foi real. Ao final do século XIII, um grupo italiano chamado os guglielmitas acreditava que sua fundadora, Guglielma da Boêmia, que morreu em 1281, ressuscitaria em 1300 e iniciaria uma nova era, durante a qual as mulheres seriam papas. Adiantando-se a isso, elegeram uma mulher chamada Manfreda Visconti como a primeira papisa. A Igreja acabou de forma vívida com essa heresia, queimando a irmã Manfreda em 1300, no mesmo ano da esperada nova era. Uns cem anos mais tarde. a mesma família Visconti encomendou o primeiro jogo de camas de Tarô, tal como as conhecemos. Entre esses trunfos sem nome nem número aparece a figura de uma mulher, mais tarde intitulada "A Papisa".

A denominação persistiu até o século XIII, quando Court de Gebelin, acreditando que o Tarô tinha se originado na religião de Ísis do amigo Egito, mudou-lhe o nome para Grande Sacerdotisa. Hoje em dia ambos os nomes existem (como também o de "Ísis Velada"), e a imagem da carta de Waite provém diretamente das roupagens simbólicas da sacerdotisa de Ísis, particularmente a coroa, que representa as três fases da lua.

A lenda da papisa Joana e a de Manfreda Visconti não são simplesmente curiosidades históricas. Elas ilustram uma evolução da maior importância na Idade Média, a reintrodução da mulher e dos princípios femininos na religião e na cosmologia. As imagens e os conceitos associados ao papel masculino tinham dominado tanto a Igreja quanto a religião judaica durante séculos. Em conseqüência, as pessoas comuns sentiam a religião dos padres e dos rabinos como algo remoto, inflexível e inacessível, com sua ênfase em pecado, julgamento e castigo. As pessoas queriam atributos como misericórdia e amor. E elas identificavam essas qualidades com as mulheres. Como uma mãe protege seu filho da severidade algo distante do pai, uma divindade feminina iria supostamente interceder pelos patéticos pecadores diante do julgamento inflexível do Pai.

É interessante notar que, de muitas maneiras, a Igreja via Cristo, como o Filho, exatamente nesse papel de introdutor do amor e da compaixão. Mesmo assim, o povo clamava por uma mulher. Até a idéia da Igreja como "Mãe Igreja" não progrediu muito. Finalmente, a Igreja capitulou, elevando a Virgem Maria quase ao nível do próprio Cristo.

Muitos escritores a estudiosos acreditam que a elevação de Maria - tanto quanto as roupagens dos padres com saias longas - teve origem no desejo da Igreja de assimilar uma persistente religião de deusa que vinha desde os tempos anteriores à cristandade. Se isto é verdade, viria indicar não tanto um conservadorismo cultural quanto a capacidade do arquétipo feminino de manter um domínio e triunfar parcialmente contra a supressão.

No judaísmo, a religião oficial dos rabinos conseguiu resistir contra qualquer feminismo insurgente. A necessidade do povo, no entanto, apoiou-se em uma outra área: a longa tradição da Cabala. Os cabalistas tomaram uma palavra do Talmude, *Shekinah,* que significava a glória de Deus manifestada no mundo físico, e transformaram-na para fazer dela a *anima* de Deus, ou seu lado feminino. Os cabalistas também reviram a idéia de Adão, fazendo dele originalmente um hermafrodita. A separação de Eva de Adão, até a separação da *Shekinah* de Deus, transformaram-se em resultados da Queda; a ausência da fêmea na religião oficial tornou-se quase uma questão de pecado, em vez de pureza.

Até agora examinamos as qualidades benignas e materiais das figuras mitológicas femininas. Historicamente, no entanto, as divindades femininas sempre mostraram um lado

obscuro e também oculto. Introduzir a parte feminina é de algum modo introduzir o arquétipo completo. O Tarô divide o arquétipo feminino em dois trunfos, e na realidade atribui as qualidades benignas ao segundo trunfo (trunfo 3), a Imperatriz. A Grande Sacerdotisa representa um aspecto mais profundo, mais sutil da fêmea; o aspecto sombrio, misterioso e oculto. Como tal, ela se relaciona com o lado virgem da Virgem Maria, o lado filial puro da *Shekinah* (que foi descrita simultaneamente como mãe, esposa e filha).

Deveríamos nos dar conta de que essa atribuição de qualidades às mulheres vem principalmente dos homens e das idéias masculinas. Os cabalistas, os ocultistas, e os que projetaram o Tarô, todos lamentaram a separação entre homens e mulheres em categorias e ensinaram que a unificação era a meta final. Isso é demonstrado pelo Dançarino do Mundo do Tarô. Eles estavam adiantados com relação à religião estabelecida, que questionava até se as mulheres tinham de fato uma alma. No entanto, o homem ainda estabelecia categorias. Para os homens, as mulheres sempre pareceram misteriosas, estranhas, e, quando protegidas por seu papel de mães, amorosas e misericordiosas. As mulheres lhes parecem estranhas, mais sutis em seus pensamentos e não racionais. Em nossos tempos, novelas e filmes constantemente retratam homens simples manipulados por mulheres astutas.

O fato de o ciclo menstrual durar aproximadamente tanto quanto o ciclo lunar vincula as mulheres àquele remoto corpo prateado. A própria menstruação, o copioso sangramento proveniente das partes genitais, sem perda de vida, simplesmente tem aterrorizado o homem através dos séculos. Mesmo hoje, judeus supersticiosos acreditam que uma gota do sangue menstrual pode matar uma planta. O apavorante mistério do nascimento vincula mais profundamente as mulheres à idéia da escuridão. O feto cresce e a alma entra na escuridão úmida e morna do útero. A maternidade relacionou a mulher à terra, e lá também a escuridão domina. As sementes repousam na terra durante o escuro e letárgico inverno, para emergirem como alimento sob os raios mornos e encorajadores do sol que, em muitas culturas, é considerado como macho.

Do mesmo modo que os raios de sol penetram na terra, assim o órgão masculino penetra na fêmea para deixar uma semente em seu útero misterioso. Podemos facilmente perceber como os homens chegaram a ver-se como ativos e as mulheres como passivas e misteriosas. As pessoas muitas vezes relacionam passivo com "negativo", ou seja, inferior e fraco. Mas a passividade contém seu próprio poder. Ela dá à mente uma chance de trabalhar. As pessoas que só conhecem a ação nunca têm a oportunidade de refletir sobre o que aquela ação lhes ensinou. Em um sentido mais profundo, a passividade permite que o subconsciente aflore. Apenas através do distanciamento do envolvimento externo possibilitamos que aquela voz interna de clareza e forças

psíquicas nos fale. É precisamente para evitar essa voz interna que muitas pessoas nunca param de agir e movimentar-se. Nossa sociedade, totalmente baseada nas realizações externas, fomenta um terror do subconsciente; no entanto, sem sua sabedoria jamais podemos conhecer-nos completamente ou conhecer o mundo.

A Grande Sacerdotisa representa todas essas qualidades: escuridão, mistério, forças psíquicas, o poder da lua para agitar o subconsciente, passividade, e a sabedoria conquistada através dela. Esta sabedoria não pode ser expressa em termos racionais; tentar fazê-lo, seria imediatamente limitá-la, estreitá-la e falsificá-la. A maioria das pessoas alguma vez sentiu que compreendia algo de uma maneira tão profunda que jamais conseguiria explicar. Os mitos servem como metáforas para os sentimentos psíquicos profundos; no entanto, os próprios mitos, como as explicações dadas pelos teólogos a antropólogos, são apenas símbolos. A Grande Sacerdotisa significa sabedoria íntima em seu nível mais profundo.

Ela se senta entre dois pilares, representando tanto o templo de Ísis quanto o antigo templo hebreu em Jerusalém, a morada de Deus na terra, em outras palavras, o lar da *Shekinah.* Um véu pende entre os dois pilares indicando que somos impedidos de entrar no lugar da sabedoria. A imagem do templo velado ou santuário aparece em muitas religiões. Dizia-se na verdade que a *Shekinah* morava dentro de um arco velado do templo.

Agora, a maioria das pessoas admite que somos de alguma maneira proibidos de passar pelos pilares da Grande Sacerdotisa. Na realidade, simplesmente não sabemos fazê-lo. Entrar atrás do véu seria conhecer conscientemente a sabedoria irracional do inconsciente. Esta é a meta de todos os Arcanos Maiores. Observe cuidadosamente a pintura de Smith. Você pode ver o que existe atrás do véu olhando entre o véu a os pilares. E o que jaz atrás é água. Não um grande templo ou símbolos complexos, simplesmente uma poça d'água, uma série de morros, e o céu. A poça significa o inconsciente e a verdade escondida lá. A água está imóvel, os segredos em suas mais escuras profundezas, escondidos sob uma superfície plana. Para a maioria de nós, na maior parte das vezes, o subconsciente turbulento permanece escondido sob uma camada plácida de consciente. Não podemos penetrar no templo porque não sabemos como penetrar dentro de nós mesmos; em conseqüência, temos que percorrer os trunfos até atingirmos a Estrela e a Lua, onde podemos agitar finalmente as águas e voltar com a sabedoria para a luz consciente do Sol.

O templo introduz a imagem dos dois pilares, e o tema da dualidade e dos opostos. A imagem ocorre repetidas vezes através dos trunfos, em lugares tão óbvios como os pilares da igreja de Hierofante ou as duas torres da Lua (os pilares da Grande Sacerdotisa vistos a partir do outro lado), mas também de maneiras mais sutis, tais como as duas esfinges do Carro, ou o homem e a mulher dos Namorados. Finalmente, o Julgamento, com a criança levantando-se entre

um homem e uma mulher, e o Mundo, segurando duas varas, solucionam a dualidade unindo os mistérios mais íntimos com a consciência externa.

As letras "B" a "J" equivalem a Boaz a Jakin, nomes dados aos dois pilares mais importantes do templo em Jerusalém. Obviamente, o obscuro Boaz significa passividade e mistério, enquanto Jakin simboliza ação e consciência. Note, no entanto, que as letras contêm indicações contrárias, um B branco e um J preto. Como os pontos no símbolo Tao, as letras significam que a dualidade é uma ilusão, e cada extremo traz o outro encerrado dentro de si.

Em seu colo ela segura um rolo de pergaminho marcado "Torá". Esse nome se refere à lei judaica, aos cinco livros de Moisés. Essa maneira particular de escrever permite que as palavras sirvam como anagrama de "Taro", e como o último objeto de todas as meditações cabalísticas (como a crucificação de Cristo para os místicos cristãos), Torá encerra uma grande quantidade de significado esotérico. Os cabalistas acreditavam que o Torá lido nas manhãs de sábado nas sinagogas era apenas uma representação, uma espécie de sombra do verdadeiro Torá, a palavra viva de Deus que existiu antes do universo e que contém em si toda a existência verdadeira. O Torá seguro pela grande Sacerdotisa, enrolado e parcialmente escondido em seu manto, significa portanto um conhecimento mais alto, vedado a nós com nossa compreensão inferior. Podemos descrevê-lo também como as verdades psíquicas que estão ao nosso alcance apenas sob a forma deformada de mitos e sonhos.

Anteriormente falamos do Louco chegando em momentos cruciais de mudança para impelir-nos para frente. A cisão entre a Grande Sacerdotisa e a Imperatriz é um desses momentos. Podemos ser seduzidos com excessiva facilidade pela frieza escura do segundo trunfo, mesmo sem jamais penetrar realmente em seus segredos. A pessoa que se inicia na disciplina espiritual muitas vezes prefere ficar no nível visionário em vez de prosseguir o lento e árduo trabalho necessário para o aperfeiçoamento. Muitas pessoas em situações mais comuns acharão que a vida é por demais avassaladora, por demais vasta e exigente para que tomem parte nela. Podemos usar melhor a passividade da Grande Sacerdotisa como um equilíbrio à atitude voltada para o exterior do Mago, mas muitas pessoas acham o lado passivo extremamente atraente. Ele representa uma resposta para a luta, um retiro tranqüilo em vez do brilho ofuscante da auto-exposição, que ocorre quando nos envolvemos abertamente com outras pessoas.

Mas a mente humana não trabalha assim, ela requer paixão e necessita vincular-se ao mundo. Se não pudermos atravessar o véu, o templo continua para nós um espaço vazio, destituído de significado. A pessoa que tenta viver uma vida completamente passiva torna-se deprimida, cada vez mais enredada em um ciclo de apatia e medo.

Virtualmente todas as religiões da deusa da lua criam mitos sobre o lado feroz da deusa. Ovídio conta a história de Acteão, um caçador, e portanto uma figura que pertencia particularmente ao mundo da ação. Acontece que um dia ele viu um regato e decidiu segui-lo até sua fonte (novamente a água como um símbolo do inconsciente). Desta maneira, ele se separou dos seus cães e de outros caçadores, e quando atingiu a fonte, longe do mundo ativo, viu um grupo de donzelas. Entre elas, nua, estava a deusa virgem, Diana. Agora, se Acteão tivesse voltado imediatamente para o mundo exterior, ele teria tido sua vida enriquecida. Em vez disso, permitiu que a beleza de Diana o fascinasse; ele se demorou demais, e a deusa, descobrindo que um homem tinha visto sua nudez (compare as camadas de roupas da Grande Sacerdotisa tom a nudez da donzela Estrela), transformou Acteão em um cervo. Quando ele fugiu amedrontado, seus próprios cães o despedaçaram.

Aqui chega o Louco (e recorde-se do cão do Louco saltando a seu lado), lembrando-nos de dançar agilmente para longe de ambas estas visões, o Mago e a Grande Sacerdotisa, até estarmos verdadeiramente prontos para assimilá-los.

O significado divinatório da Grande Sacerdotisa envolve primeiro um sentido de mistério na vida, tanto as coisas que não conhecemos quanto as que não podemos conhecer. Ela indica um sentido de escuridão, algumas vezes como uma área de medo em nossas vidas, mas também uma área de beleza. Um período de retiro passivo pode enriquecer nossas vidas ao permitir que coisas interiores acordem.

Como um emblema de conhecimento secreto, o trunfo indica aquele sentimento de perceber intuitivamente a resposta para algum grande problema, caso conseguíssemos exprimir essa resposta conscientemente. Mais especificamente, a carta pode referir-se a visões e a poderes ocultos a psíquicos, tais como a clarividência.

Em seus aspectos mais positivos, a Grande Sacerdotisa significa o potencial em nossa vidas - possibilidades muito fortes que não realizamos, apesar de poder senti-las como possíveis. A ação precisa continuar ou o potencial jamais será realizado.

Apesar da sua sabedoria profunda, a carta pode algumas vezes encerrar um significado negativo. Como a maioria dos trunfos, o valor da Grande Sacerdotisa depende do contexto das outras cartas. Negativamente, o trunfo indica passividade na hora errada ou por um tempo muito longo, levando à fraqueza, ao medo da vida e de outras pessoas. Ele mostra uma pessoa com uma intuição forte que não consegue traduzir seus sentimentos em ações, ou com medo de se abrir para as outras pessoas. Se o aspecto bom ou mau da carta aparece numa determinada leitura, depende das cartas que a rodeiam e, naturalmente, da intuição do leitor (nós fazemos parte da

Grande Sacerdotisa cada vez que lemos as cartas). Freqüentemente, ambos os significados podem ser aplicados. Os seres humanos têm mais de uma faceta.

A Grande Sacerdotisa é um arquétipo, uma imagem simples de um aspecto da existência. Quando a invertemos, introduzimos as qualidades que faltam. A carta invertida significa uma volta à paixão, a um profundo envolvimento com a vida e com outras pessoas, em todos os sentidos, emocionalmente, sexualmente, e competitivamente. No entanto, o pêndulo pode balançar longe demais, e então a carta invertida pode simbolizar a perda daquele conhecimento mais precioso: o sentido do nosso eu interior.

CAPÍTULO 4

A Seqüência Mundana

OS ARCANOS MAIORES E O CRESCIMENTO PESSOAL

A primeira linha dos Arcanos Maiores nos conduz através do processo de maturidade. Ela mostra os estágios do crescimento de uma pessoa a partir de uma criança, para quem a mãe é toda amor e o pai é todo poder, através da educação, até o ponto em que a criança se torna uma personalidade independente. Ao mesmo tempo, essas cartas lidam com um desenvolvimento muito mais amplo, do qual o desenvolvimento individual é um microcosmo Elas ilustram a criação da sociedade humana, fora tanto dos arquétipos da existência como das energias caóticas da natureza.

Enquanto estabelecem os princípios para o baralho completo, o Mago e a Grande Sacerdotisa se aplicam mais especificamente à primeira linha. O movimento entre os opostos é o ritmo básico do mundo material. Nada existe de maneira absoluta na natureza. Nas palavras de Úrsula Le Guin, "a luz é a mão esquerda da escuridão e a escuridão a mão direita da luz". Quando nos transferimos dos dois princípios para a Imperatriz, estamos vendo os opostos misturarem-se na natureza para produzir a real idade do universo físico.

As três cartas do meio da linha formam um conjunto. Elas nos mostram uma tríade de natureza, sociedade, e Igreja. Também significam mãe, pai e educação. No antigo Egito, o deus principal era freqüentemente representado como uma trindade. As pessoas mudavam de um lugar para outro através dos anos, mas geralmente eram uma fêmea e dois machos, sendo a fêmea considerada superior. No Tarô, a natureza, simbolizada pela Imperatriz, é a realidade

subjacente, enquanto seus consortes, simbolizados pelo Imperador e pelo Hierofante, são idealizações humanas.

As últimas duas cartas da linha representam os problemas do indivíduo, amor e sofrimento, renúncia e vontade. Em algum ponto, cada um de nós precisa aprender a diferenciar-se do mundo exterior. Antes disso, a personalidade continua a ser uma vaga e informe criação dos pais e da sociedade. Aqueles que nunca efetuam a ruptura tornam-se privados de uma vida plena. Para a maior parte das pessoas, o meio através do qual elas rompem com seus pais é a emergência (os freudianos e talvez os ocultistas diriam "reemergência") do impulso sexual na puberdade. Não é por acidente que as crianças se revoltam contra seus pais quanto a idéias, hábitos e roupas, ao mesmo tempo que seus corpos se desenvolvem para a maturidade.

O desenvolvimento da individualidade é apenas uma parte do crescimento. Cada pessoa precisa encontrar suas próprias metas e finalidades. Ao mesmo tempo, ela terá mais cedo ou mais tarde que enfrentar a tristeza, a doença e o enfraquecimento geral de uma vida governada pela velhice e pela morte. Só quando alcançamos uma compreensão plena da vida exterior da humanidade, podemos esperar atingir intimamente uma realidade mais profunda.

A IMPERATRIZ

Como vimos no capítulo anterior, a Imperatriz representa o aspecto mais acessível, mais benigno, do arquétipo feminino. Ela é maternidade, amor, delicadeza. Ao mesmo tempo significa sexualidade, emoção e a mulher como amante. Tanto a maternidade quanto o sexo derivam de sentimentos que são não-intelectuais e básicos para a vida. Paixões em vez de idéias. A Grande Sacerdotisa representava o lado mental do arquétipo feminino; sua profunda compreensão intuitiva. A Imperatriz é pura emoção.

Como a Mulher Astuciosa, nós a vemos refletida em nossos filmes e novelas como a fêmea provocante, que frustra e delicia ao mesmo tempo, porque seus processos mentais não seguem um desenvolvimento racional. Muitas mulheres acham esta imagem insultuosa, em parte porque ela representa valores e enfoques tidos como negativos por nossa sociedade patriarcal, e em parte porque as pessoas cometem o erro de admitir que as mulheres e os homens deveriam expressar pessoalmente essas idéias arquétipas. Mas as imagens sociais são deformantes de outra maneira também. Elas são triviais. A Imperatriz, bem como suas sósias mitológicas, como Afrodite ou Ishtar ou Erzulie, representam algo muito elevado. Elas significam o enfoque apaixonado da vida. Elas dão e recebem experiência com emoção incontrolada.

Enquanto não aprendermos a sentir o mundo externo completamente, não poderemos transcendê-lo. Portanto, o primeiro passo para o esclarecimento é a sensualidade. Só através da paixão podemos sentir, do profundo do íntimo e não através de raciocínio intelectual, o espírito que enche toda a existência.

Muitas pessoas vêem a religião como uma alternativa para o mundo natural, que encaram como algo impuro ou sujo. Embora nossa tradição cultural favoreça essa dualidade, ela é realmente uma ilusão, e a pessoa que se aproxima da espiritualidade com a intenção de salvar-se, provavelmente nunca atingirá uma compreensão muito desenvolvida. O corpo e o mundo natural são realidades que precisam ser integradas e não negadas.

Na mitologia do budismo vemos que os deuses manipularam o pai do príncipe Sidarta para que proporcionasse a seu filho, Gautama, todas as satisfações sensuais. O pai acreditava que o prazer impediria seu filho de renunciar ao mundo e tornar-se um buda. O esquema teve efeito contrário, porque somente depois de ter sentido completamente a sensualidade o príncipe pôde deixá-la para trás. Depois de renunciar ao mundo, Gautama juntou-se aos ascéticos, o outro extremo. Mas ele só alcançou a iluminação quando trocou ambos os extremos pelo Caminho Intermediário. Assim, podemos ver o Buda no Dançarino do Mundo, que segura delicadamente em suas mãos o Mago e a Grande Sacerdotisa.

Como uma combinação de 1 e 2, o número 3 significa síntese e harmonia. O mundo natural conjuga o Mago e a Grande Sacerdotisa em uma indivisível unidade de vida e morte, escuridão e luz. A idéia da emoção também reúne o arquétipo de atividade do Mago com o arquétipo de instinto da Grande Sacerdotisa.

Considere da mesma forma o processo da criação. O Mago simboliza a energia da vida, a Grande Sacerdotisa, as possibilidades de desenvolvimento futuro. A realidade da Imperatriz resulta da combinação de ambos. Recentemente, Carl Sagan demonstrou que a vida na terra poderia ter-se iniciado quando uma centelha de raio atingiu o mar primitivo. Assim, de novo, do corisco do Mago atingindo as águas da Grande Sacerdotisa, surge o mundo natural.

O simbolismo da Imperatriz de Waite-Smith reflete a idéia da natureza, com toda sua força e glória. A própria Imperatriz, voluptuosa e sensual, sugere paixão. Seu escudo é um coração com o signo de Vênus, a versão romana da Grande Deusa. Durante o mundo antigo, a deusa reinou como Deméter, Astarte, Nut, até que os invasores patriarcais a rebaixaram a esposa (e finalmente a substituíram completamente por um deus supremo totalmente masculino). Aos pés da Imperatriz cresce um campo de trigo; a deusa regia a agricultura, no Nordeste da Europa era chamada a "Deusa do Milho". Ela usa um colar de nove pérolas, pelos nove planetas, enquanto sua coroa contém doze estrelas, pelos signos do zodíaco. Em resumo, ela usa o universo como

suas jóias. A Grande Mãe não significa as formas da natureza, mas o subjacente princípio da vida. As estrelas têm seis pontas, um símbolo muito mais antigo do que seu uso corrente como um emblema social do judaísmo. A estrela de seis pontas combina dois triângulos; o de cima simboliza fogo, o de baixo, água. Novamente, a Imperatriz combina os trunfos 1 e 2 em uma nova realidade.

Um rio brota das árvores, atrás dela, para desaparecer sob seus pés. Esse rio é a força da vida, fluindo como uma grande corrente sob todas as formas separadas de realidade, a sentida mais plenamente quando nos entregarmos à paixão ilimitada. Dentro de nós podemos sentir, profundamente, o ritmo de um rio, carregando-nos para frente através da experiência até que, com a morte, nossas vidas individuais retomem para o mar da existência.

O rio simboliza também a unidade de mudança e estabilidade. A água nele nunca é a mesma, e no entanto ele sempre permanece um rio particular, com suas próprias qualidades especiais. Os seres humanos mudam dia a dia, as células de nossos corpos morrem e novas células tomam seu lugar, e no entanto sempre permanecemos nós mesmos.

O número 3 produzido pela combinação de 1 e 2 encerra ainda uma outra idéia. Da mesma maneira que os números 1 e 2 representaram especificamente o macho e a fêmea assim o número 3 significa a criança produzida pela sua união. A criança nasce como uma criatura da natureza, livre de ego ou personalidade, sentindo o universo diretamente, sem controles nem rótulos. É só quando nos tornamos mais velhos que aprendemos a colocar barreiras entre nós e a vida. Uma das metas do Tarô é fazer-nos voltar àquele estado natural de sentir diretamente o mundo que rios cerca.

Mas se a Imperatriz significa a criança, ela também representa a mãe. A maternidade é o meio básico pelo qual a vida continua através da natureza. E porque o contato físico entre a mãe e a criança é tão direto, o amor materno, em sua forma mais forte, é puro sentimento, doado sem considerações morais ou intelectuais. (Isto é, naturalmente, um ideal, e na realidade tal amor pode vir mais do pai do que da mãe, ou, lamentavelmente, não existir.) Através da história, as pessoas têm identificado a maternidade com a natureza, de maneira que o termo "Grande Mãe", aplicado à terra em si, aparece pelo mundo todo, e mesmo hoje falamos vagamente de Mãe Natureza.

Na leitura das cartas, a Imperatriz representa um tempo de paixão, um período em que nos aproximamos da vida através de sentimentos e prazeres, e não através do pensamento. A paixão é sexual ou maternal; seja com for, ela é profundamente sentida, e no contexto certo pode dar grande satisfação. No conceito errado, quando se exige análise, a Imperatriz pode significar um enfoque emocional persistente, uma recusa em considerar os fatos. Ela pode indicar um outro problema também: a auto-satisfação do prazer quando a contenção é exigida. Usualmente, no

entanto, ela indica satisfação e até compreensão obtida através das emoções. Os significados invertidos da carta também têm seu contexto negativo e positivo. De um lado ela pode significar um afastamento do sentimento, tanto rejeitando suas emoções como tentando suprimir seus desejos, particularmente os sexuais. Contudo, como a Grande Sacerdotisa, voltada para baixo, acrescenta o elemento de envolvimento, ausente, também a Imperatriz invertida pode significar uma nova consciência intelectual, especialmente a solução de algum complicado problema emocional, através de calma meditação sobre ele.

Com seu lado certo para cima, e invertidos, os trunfos 2 e 3 são espelhos um do outro. Algumas vezes acontece que em uma leitura ambos aparecerão de cabeça para baixo. Isso significa que a pessoa expressa tanto os aspectos emocionais quanto mentais intuitivos, mas de forma negativa. A racionalidade vem como uma reação ao excessivo envolvimento emocional, enquanto um sentimento de isolamento ou frieza leva à paixão. Se os dois aspectos da deusa podem ser percebidos com o lado certo para cima, a pessoa atingirá um equilíbrio mais estável a mais compensador.

O IMPERADOR

Para cada criança seus pais são arquétipos. Não apenas mãe e pai, mas Mãe e Pai. Porque nossas mães nos dão a vida, alimentam-nos e nos abrigam, tendemos a vê-las como figuras de amor a misericórdia (e ficamos muito decepcionados quando elas agem severa ou friamente). Mas o Pai, especialmente em tempos tradicionais, quando o papel dos sexos era mais rígido, permanecia mais remoto e, portanto, uma figura de severidade. Era o pai quem detinha a autoridade, a assim tomava-se o juiz, o pai que punia (e a mãe que intervinha) e o pai que nos ensinava as regras da sociedade e exigia obediência. Para a criança o pai é, de várias maneiras, indistinguível da sociedade como um todo, da mesma forma que a mãe é a própria natureza. Para muitas pessoas, um dos penosos momentos da maturidade ocorre quando elas descobrem a limitada humanidade de seus pais.

No esquema do desenvolvimento mental do companheiro, de Freud, o pai e as regras da sociedade tornam-se diretamente vinculados. A psique da criança solicita satisfação constante, particularmente quanto a seus desejos por alimento e por prazer físico vindo da mãe. (Os freudianos podem afirmar que a criança deseja, na realidade, relações físicas com a mãe, mas a situação persiste, mesmo quando a criança procura apenas o prazer de manter-se junto ao corpo da mãe.) Pelo fato de interferir no relacionamento da criança com a mãe, o pai desperta na criança, ainda não reprimida, a hostilidade; isso significa um desejo de acabar de vez com a

interferência. O impulso de destruir o pai, no entanto, não pode ser consumado e nem mesmo reconhecido, e assim a psique resolve o terrível dilema, identifica-se com a imagem do Pai, criando um "superego" como um novo guia para o ser (substituindo o id os impulsos e desejos que levaram a tal crise). Mas qual é a forma que esse superego toma? Precisamente a forma das regras da sociedade tradicionalmente aprendidas sob a orientação do pai.

Os trunfos 3 e 4 do Tarô representam os pais nos seus papéis de arquétipos. Mas da mesma forma que a Imperatriz significa o mundo natural, assim o Imperador comporta a mais ampla conotação do mundo social "casado" com a natureza. Ele simboliza as leis da sociedade, tanto as boas quanto as más, e o poder que as aplica.

Nos tempos antigos, em que a Deusa reinava, o rei desempenhava uma função especial. A nova vida só pode vir da morte; em conseqüência, a cada inverno os representantes da Deusa sacrificavam o amigo rei, freqüentemente retalhando-o e enterrando os pedaços no chão, para assim fertilizar misticamente a terra. Mais tarde, quando as religiões dominadas pelo macho prevaleceram, o rei chegou a simbolizar o império da lei que pusera uma capa de repressão sobre o que parecia aos patriarcas a escuridão monstruosa e caótica da velha ordem. Vemos esse drama (muito semelhante à substituição freudiana do superego pelo id) em muitos mitos, como o de Marduk, herói nacional da Babilônia, matando Tiamat, a mãe original da criação, porque ela está gerando monstros. Quer consideremos os velhos caminhos como monstruosos, ou os novos como civilizados, o Imperador simboliza a abstração da sociedade substituindo a experiência direta da natureza.

Em Roma, o conceito de lei *versus* caos foi levado ao ponto em que a estabilidade, ou "lei e ordem", para usar o termo moderno, tornaram-se virtudes em si, independentemente da moralidade inerente a essas leis. Nenhum progresso pode ser conseguido em condições de anarquia (prossegue o argumento); as más leis precisam ser mudadas, mas primeiro a lei precisa ser obedecida a todo custo. Qualquer outro enfoque consegue apenas destruir a sociedade. Hoje em dia, vemos este ponto de vista incorporado a uma abstração a que chamamos "sistema". Os romanos viam isso mais concretamente na figura pessoal do Imperador, a quem descreviam como o pai de todo o seu povo.

No seu melhor aspecto, o Imperador indica a estabilidade de uma sociedade justa que permite que seus membros procurem satisfazer suas necessidades pessoais e atinjam o desenvolvimento. O mundo natural é caótico; sem algum tipo de estrutura social, poderíamos passar toda a nossa vida lutando para sobreviver. A sociedade nos permite tanto trabalharmos juntos como beneficiar-nos da experiência daqueles que viveram antes de nós.

A estabilidade também nos propicia o desenvolvimento espiritual. Em muitos países a sociedade sustenta as igrejas (se bem que é discutível que esse arranjo desenvolva a espiritualidade); em alguns países orientais, os monges são livres para prosseguir seus estudos porque os leigos enchem suas tigelas de esmolas. Sem esse costume social, eles teriam que passar suas vidas trabalhando para conseguir o pão.

Em seus aspectos mais negativos, o Imperador representa o poder das leis injustas numa sociedade onde a estabilidade tem precedência sobre a moralidade. Uma vez tendo estabelecido a lei e a ordem como o bem supremo, um governante corrupto transforma-se então num desastre. Mas se todo o sistema é corrupto, produzindo apenas maus governantes, então a estabilidade torna-se inimiga da moralidade. O valor do símbolo do Imperador depende em grande parte do tempo a do lugar. Em uma sociedade injusta, o poder do Imperador retarda, em vez de favorecer, o desenvolvimento pessoal. Inúmeras pessoas foram para a cadeia por atacarem leis injustas.

Mesmo em seu máximo, no entanto, o Imperador continua limitado. Ele lançou uma rede de repressão sobre a espontaneidade da Imperatriz. Se perdemos contato com nossas paixões, a vida torna-se então fria e estéril. No baralho Rider, o Imperador é desenhado como velho e duro, vestido com uma malha de ferro, representando a esterilidade de uma vida rigidamente governada por regras. O rio, que fluía com tanta força através do jardim da Imperatriz, tornou-se aqui um regato fino, que mal pode penetrar num deserto sem vida.

O outro simbolismo da carta reflete seus aspectos duplos. Ele segura um *ankh, o* símbolo egípcio da vida, para indicar que sob a lei ele detém o poder de vida ou morte, e espera usá-lo bem. Quatro carneiros, símbolos de Áries, adornam seu trono, e no alto da coroa ele traz o signo de Áries (infelizmente parecendo uma hélice). Áries simboliza a força, a agressão e a guerra, mas, como o primeiro signo do zodíaco, também simboliza a vida nova da primavera, que pode surgir da estabilidade de uma sociedade justa.

Como a carta do meio da primeira linha dos Arcanos Maiores, o Imperador representa um teste crucial. No processo de crescimento, o que muitas pessoas acham mais difícil de superar são realmente as regras da sociedade.

Precisamos absorver essas regras, da mesma forma que as tradições e crenças de nossa sociedade, e então ir além delas para encontrar um código de conduta pessoal. Isto não significa a atitude "regras foram feitas para serem quebradas". As pessoas que se sentem compelidas a desafiar todas as leis continuam tão presas a elas quanto a pessoa que as segue cegamente.

Devido ao papel do pai ao ensinar-nos um procedimento socialmente aceitável, as pessoas que ficam presas ao nível do Imperador são freqüentemente pessoas que jamais aceitaram a humanidade comum de seu pai. Elas podem reconhecer o fato racionalmente, mas ele as perturba

e persegue. Problemas semelhantes atormentam as pessoas para quem a Imperatriz continua sendo as paixões e a sensualidade de sua mãe, e não as suas próprias.

A idéia do Imperador como a idéia de valores limitados da estrutura social nasce principalmente com Waite e seus seguidores. O desenho da esquerda, no início desta seção, do baralho do *Builders of the Adytum* (BOTA), de Paul Foster Case, como foi desenhado por Jessie Burns Parke, ilustra uma outra tradição. Aqui o Imperador simboliza a soma total do conhecimento espiritual. Ele é desenhado de perfil (isto é muito mais comum do que a imagem de frente do baralho Rider), o que o vincula à imagem cabalística de Deus como o "Ancião dos Dias", um rei sentado de perfil. (A face do ancião nunca era visível, apenas sua coroa com um fulgor por baixo dela.)

Os braços e pernas do Imperador formam um triângulo eqüilátero sobre uma cruz, símbolo alquímico do fogo. Essa figura é mais tarde invertida (tanto em Waite como em Case), formando o Homem Dependurado. Como foi mencionado acima, as pernas cruzadas são um símbolo esotérico, encontrado também na carta do Mundo. O Imperador de BOTA senta-se num cubo, não num trono. Símbolo esotérico também, o cubo simboliza tanto o mundo quanto o próprio Tarô, da mesma forma que o alfabeto hebraico e os caminhos da Árvore da Vida. O simbolismo nasce do fato de que um cubo contém doze bordas, seis faces, três eixos e, naturalmente, um centro, tudo totalizando vinte e dois, o número dos trunfos, das letras hebraicas e dos caminhos. E porque se acredita que a Árvore da Vida representa toda a criação, o cubo simboliza o universo.

Nas leituras, o Imperador indica (segundo a imagem do baralho Rider) o poder da sociedade, suas leis e principalmente sua autoridade para aplicar essas leis. A aparição do trunfo indica um encontro com a lei. Novamente, as qualidades boas ou más dependem do contexto.

De maneira mais pessoal, o Imperador pode significar um tempo de estabilidade e ordem na vida de uma pessoa, com promessas de revelar energia criativa. Ele também pode indicar uma pessoa específica que detém grande poder, tanto objetivo como emocional, sobre o consulente. Freqüentemente é o pai, mas pode ser também um marido ou amante, principalmente para as pessoas que tratam seus amantes como pais substitutos, a quem entregam o comando de suas vidas. Tenho visto leituras tão dominadas pelo Imperador, que todas as possibilidades da vida tomaram-se paralisadas e irrealizadas.

Como a Imperatriz invertida, o Imperador, quando de cabeça para baixo, recebe os elementos complementares à sua natureza quando está com o lado certo para cima. Ele é, nas palavras de Waite, "benevolência e compaixão"; vida nova em um deserto rochoso. Mas o pêndulo pode oscilar longe demais. O Imperador invertido pode significar imaturidade e inabilidade para tomar decisões firmes e levá-las avante.

O HIEROFANTE

Na maioria dos baralhos de Tarô, o trunfo 5 é chamado de "Papa" ou de "Sumo-Sacerdote", termos que o vinculam, tanto pelo nome quanto pelo desenho, ao trunfo 2, o arquétipo da verdade interior. Waite escreveu que rejeitava "Papa" porque o título sugeria um exemplo muito específico da idéia geral do trunfo. O nome "Hierofante" designava o sumo-sacerdote dos mistérios gregos de Elêusis. Waite descreve sua carta como simbolizando o "caminho objetivo" das igrejas e dos dogmas. Mas seu use do elemento mistério sugere uma outra interpretação, que é preferida por quem vê o Tarô como uma doutrina secreta de práticas ocultas e não como uma representação mais geral dos padrões humanos. Esta interpretação é vividamente revelada na pintura do Hierofante
extraída do Livro *de Thoth,* de Aleister Crowley, e desenhada por Frieda Harris. Aqui o trunfo significa iniciação numa doutrina secreta, tal como as diversas ordens e lojas que floresceram na virada do século e que voltaram a surgir na Inglaterra e nos Estados Unidos. Da Ordem da Aurora Dourada, a que tanto Waite como Crowley pertenceram ao mesmo tempo, possivelmente originou-se o termo "Hierofante" para o trunfo 5.

No nível mais elementar, esses dois significados, "caminho objetivo" a "doutrina secreta", parecem contraditórios. Na realidade, eles são muito semelhantes. Quer os dois acólitos estejam sendo admitidos numa igreja ou numa sociedade secreta, eles estão se iniciando numa doutrina, com um conjunto de crenças que precisam aprender a aceitar antes de poderem transpor a entrada. Existe, é claro, uma diferença fundamental entre, digamos, o catecismo e os rituais da "Aurora Dourada". Para ambos, no entanto, o trunfo indica uma educação a uma tradição.
Portanto, se encararmos a primeira linha como descrevendo o desenvolvimento da personalidade, então o Hierofante, vindo depois do mundo natural e da sociedade, indica a tradição intelectual da sociedade de determinada pessoa, a sua educação naquela tradição.

Segundo a interpretação de Waite (e pensando especificamente no papa ocidental), podemos ver no Hierofante um companheiro para o Imperador. A palavra "papa" significa "pai" e, como o Imperador Romano, o Papa é visto como um pai sábio guiando seus filhos. Juntos, eles dividem a responsabilidade pela humanidade, um suprindo as necessidades físicas, o outro orientando o crescimento espiritual. Em um dos primeiros tratados que insistiam na separação entre a Igreja e o Estado, Dante argumentava que as duas funções não devem ser conjugadas devido ao perigo de corrupção. No entanto, ele nunca contestou a idéia de que a Igreja é responsável por nossas almas.

Hoje em dia muitas pessoas não compreendem a idéia básica do sacerdócio. Nossa era democrática rejeita a noção de um intermediário entre um indivíduo e Deus. Note, no entanto, que o Hierofante também pode simbolizar "a ditadura do proletariado" ou de qualquer outra elite liderando as massas para onde elas não podem ir por si mesmas. Originalmente, a função especial dos sacerdotes era evidente; eles falavam com os deuses através dos oráculos, prática muitas vezes aterradora, e a maioria das pessoas alegremente deixava que algum outro fizesse isso por elas. Quando o cristianismo rejeitou tal conexão pitoresca e imediata com Deus, a idéia do sacerdote tomou-se, como a do Imperador, mais abstrata. Ela deriva basicamente da idéia de que a maioria das pessoas realmente não se preocupa muito com Deus. Em média, as pessoas sentem-se mais felizes perseguindo objetivos temporais, como dinheiro, família e política. Existem, no entanto, certas pessoas que, por temperamento, sentem muito diretamente o espírito que percorre toda a nossa vida. Chamadas ao sacerdócio por sua própria consciência íntima, essas pessoas podem comunicar-se com Deus por nós. O que é mais importante, elas podem falar conosco, interpretando para nós a lei de Deus, de modo que possamos viver vidas corretas, e eventualmente, depois da morte, receber nossa recompensa de retorno a Deus. Depois da ressurreição, nós descansaremos sob o olhar de Deus. Na vida, no entanto, precisamos dos sacerdotes para guiar-nos.

Assim segue o raciocínio. Mesmo que concordemos com o princípio, na prática ele tende a esboroar-se. Há quem se torne sacerdote por várias razões - ambição, pressão familiar, etc. - e os que sentem uma vocação genuína para se comunicar com Deus podem demonstrar muito pouco talento para comunicar-se com as pessoas. Além do mais, como as instituições sociais do Imperador, as instituições religiosas do Hierofante podem facilmente tornar-se corrompidas pela autoridade que lhes é conferida, de modo que os sacerdotes vejam seu poder como um fim em si mesmo, colocando a obediência acima do esclarecimento. Obviamente, a posição de defesa de uma doutrina atrairá pessoas doutrinárias.

É possível, no entanto, que rejeitemos a idéia de um sacerdócio guia por uma razão mais sutil. Desde os tempos da Reforma, uma noção que adquiriu cada vez mais força no Ocidente é a da suprema responsabilidade individual. Toda a idéia de uma doutrina externa, de um código de regras e crenças adotado em confiança, repousa na suposição de que a maior parte das pessoas preferem que alguém lhes diga o que fazer a pensar. Isto pode muito bem ser verdade. Para realmente descobrir Deus dentro de si, você precisa passar por alguns confrontos desagradáveis com sua própria psique. Da mesma forma, decidir por você mesmo qual é a coisa digna a ser feita em todas as situações poderia exigir uma constante tortura para escolher. Apesar disso, muitas

pessoas hoje em dia simplesmente não podem aceitar uma sociedade ou uma igreja que detenham a responsabilidade suprema sobre suas vidas.

Talvez a interpretação do Hierofante como representando doutrinas secretas se ajuste melhor à nossa época. Porque então a doutrina não nos diz o que fazer, mas, em vez disso, nos dá orientação para começarmos a trabalhar por nós mesmos. E o Tarô, como vimos com o Mago, situa-se contra todas as igrejas, guiando-nos para uma salvação pessoal nesta vida. Para Crowley, o Hierofante representa a iniciação no modo pelo qual o indivíduo se torna unido ao Universo. A forma e a doutrina da iniciação mudam a cada idade do mundo; tendo durado quase dois mil anos, a presente era de Peixes está chegando ao fim, de modo que o Hierofante está em vias de mudar, como mudarão todos os relacionamentos estritamente humanos. Crowley comenta que apenas o futuro poderá dizer-nos qual será a nova "corrente de iniciação". Mas a qualidade básica da iniciação como uma fusão com o cosmos permanecerá sempre a mesma.

Na versão BOTA do Hierofante (como no baralho Rider) as chaves cruzadas nos pés do Hierofante são de ouro e prata, representando os caminhos internos e externos, o sol e a lua, o Mago e a Grande Sacerdotisa, que a doutrina nos ensina a combinar. No baralho Rider, ambas as chaves são de ouro, indicando que o lado escuro está oculto para quem segue a doutrina externa.

Na imagística de Waite-Smith, não há véu obstruindo a entrada para a igreja, como no templo da Grande Sacerdotisa. Mas os pilares são de um cinzento fosco. Quem entra aqui pode receber proteção conforme sua escolha, mas não penetrará nos segredos da dualidade. O inconsciente permanece fechado. Em muitos baralhos de Tarô, a Grande Sacerdotisa segura não um pergaminho, mas um livrinho fechado. E as chaves do Hierofante não se ajustam a seu fecho intrigante.

No entanto, não devemos pensar que a doutrina externa da religião seja desprovida de propósito para o pesquisador. Como a educação geral, da qual é um exemplo especial, ela dá ao indivíduo uma firme tradição na qual enraizar o seu desenvolvimento pessoal. O moderno fenômeno de uma espécie de misticismo eclético ocidental, haurindo inspiração em todas as religiões, é um acontecimento extremamente incomum. Baseia-se, possivelmente, na consciência coletiva somada ao modo de ver-se a religião como um estado psicológico desvinculado da ciência e da história. Assim, encaramos a religião como uma experiência, e não como uma explicação do universo, e concordamos em que todas as experiências religiosas são válidas, quaisquer que sejam as contradições que evidenciem na superfície. Embora essa idéia abra grandes possibilidades, muitas pessoas constataram sua superficialidade. O fato é que, através dos séculos, os grandes místicos sempre falaram do íntimo no seio de uma religião. Os cabalistas eram profundamente judeus, Thomas à Kempis um completo cristão, e o sufis inclinavam-se em direção a Meca como

todos os outros muçulmanos ortodoxos. Em seu melhor aspecto, o Hierofante (como uma doutrina externa) pode fornecer nos um ponto de partida para criar uma consciência pessoal de Deus.

Um outro aspecto do simbolismo da carta merece especial atenção. A posição das três pessoas (isto é, uma imagem grande sobrepondo-se sobre duas menores, uma de cada lado), introduz um tema que se repete, como os dois pilares da Grande Sacerdotisa, ao longo do conjunto dos Arcanos Maiores, e é solucionado no Julgamento e no Mundo. As duas cartas imediatamente após o trunfo 5 repetem o tema, com o anjo sobre os dois Namorados, e o cocheiro do Carro sobre as esfinges branca a preta.

Podemos ver esse trio como um emblema da idéia de uma tríade, como a trindade cristã, ou a trina pintura da mente: o id/ego/superego de Freud, ou o inconsciente/consciente/superconsciente das três linhas dos Arcanos Maiores. Para compreender o significado da imagem, devemos voltar à Grande Sacerdotisa. Ela se senta entre dois pilares, simbolizando as dualidades da vida. Ela própria significa um lado, o Mago, o outro. O Hierofante admite dois acólitos em sua igreja. Vemos, portanto, que o Hierofante, os Namorados e o Carro representam, todos, tentativas de mediação entre pólos opostos da vida e encontram alguma forma, não de solucioná-los, mas simplesmente de mantê-los em equilíbrio. Uma doutrina religiosa, com seus códigos de moral a suas explicações para as questões mais básicas da vida, faz exatamente isso. Se nos entregamos a uma igreja, todas as contradições da vida serão explicadas, mas não solucionadas.

Nas leituras, a carta significa igrejas, doutrinas, e educação em geral. Psicologicamente, ela pode indicar ortodoxia, conformidade com as idéias da sociedade e códigos de comportamento, como também, mais sutilmente, uma desistência da responsabilidade. O Imperador significa as próprias regras e seus executores oficiais; o Hierofante indica nosso sentido íntimo de obediência. Invertida, a carta significa o oposto de ortodoxia, especialmente mental - a formação de idéias originais. Ela pode também, no entanto, significar credibilidade e essa idéia sugere uma outra virtude da carta quando ela está com o lado certo para cima. Uma sociedade constrói sua tradição intelectual através de uma centena de anos. Aqueles que aceitam essa tradição, recebem dela um padrão pelo qual julgar novas idéias e informações. Aqueles que a rejeitam, precisam encontrar seus próprios caminhos a facilmente podem se perder em idéias superficiais. Existem muitas pessoas que, tendo desistido do dogma que lhes foi imposto quando crianças, caem em algum outro dogma, um culto ou algum grupo político extremista, tão extremista quanto ele e talvez mais vazio. Tendo rejeitado a tradição, elas não rejeitaram realmente o Hierofante; elas não aceitaram a responsabilidade de verdadeiramente encontrar seus próprios caminhos.

OS NAMORADOS

Das várias mudanças que Arthur Waite e Pamela Smith fizeram nos desenhos tradicionais do Tarô, a carta dos Namorados continua sendo a mais gritante. Onde o Tarô de Marselha mostra um homem jovem ferido pela seta de Cupido e forçado a escolher entre duas mulheres, o baralho Rider mostra um homem maduro e uma única mulher com um anjo pairando sobre eles. Além disso, enquanto a maior parte dos baralhos indica apenas uma situação social, a imagem do baralho Rider sugere claramente o jardim do Éden, ou melhor, um novo jardim do Éden, com as árvores trazendo consigo iluminação a não a Queda.

As primeiras versões do trunfo 6 às vezes traziam como título "A Escolha", a nas leituras divinatórias significa uma escolha importante entre dois desejos. Porque uma mulher é clara e a outra escura, um simbolismo tradicional na Europa, onde a escuridão sempre indica o mal a as mulheres em geral indicam tentação, a escolha foi vista como sendo entre algo respeitável, mas talvez tedioso, e alguma coisa muito desejada mas moralmente incorreta. A carta pode referir-se a uma escolha sem importância ou até a uma grande crise na vida da pessoa. Hoje vemos esse antigo simbolismo nos vários filmes a novelas de homens de meia-idade, da classe média, tentados a trocar suas amadas, mas um tanto desinteressantes esposas, por uma mulher mais jovem a mais "ardente".

A escolha pode, na verdade, extender-se por toda a vida de uma pessoa. Até as pessoas que jamais puseram em dúvida os limites de sua respeitabilidade de classe média fizeram uma escolha, da mesma forma que as que foram criminosas a vida inteira. E existem muitas pessoas que aparentemente vivem vidas socialmente aceitáveis e que em seu íntimo sofrem constantes tormentos de desejo, lutando contra a tentação do adultério, ou da violência, ou simplesmente contra a vontade de sair de casa e tornar-se um vagabundo sem pouso certo.

No piano esotérico, a escolha entre a mulher clara e a escura indica a escolha entre o caminho externo (simbolizado no baralho Rider pelo Hierofante), onde sua vida é planejada para você, e o caminho interno do ocultista, que pode conduzir a uma confrontação com seus desejos ocultos. A Igreja rotulava os mágicos como adoradores do demônio, a nas alegorias cristãs a mulher escura geralmente representava Satã.

Todos esses significados vêem a escolha entre a luz e a escuridão nos termos mais amplos possíveis. No contexto da primeira linha de trunfos podemos vê-la de uma maneira muito mais específica, a da primeira escolha real que uma pessoa faz independentemente de seus pais. Enquanto o impulso sexual não desperta, muitas pessoas contentam-se em proceder conforme a

expectativa de seus pais. O impulso sexual, no entanto, indica-nos aonde ele quer ir. Como resultado, começamos a escapar em outras áreas também. É muito raro que os companheiros que nossos pais escolheriam para nós sejam os mesmos que nós escolheríamos. Se a diferença é excessiva, ou os pais muito dominadores, então a pessoa pode enfrentar uma escolha dolorosa.

Paul Douglas comentou que a mulher de cabelos escuros, que parece muito mais velha, é a mãe do rapaz, e a escolha reside entre ficar sob sua proteção ou aventurar-se por si mesmo. Aqueles que acreditam, como Freud, que o primeiro desejo de um menino é dirigido para sua mãe, verão aqui um clássico dilema edipiano. Uma parte da personalidade deseja manter a fantasia secreta de uma união com sua mãe, enquanto a outra deseja encontrar um amor verdadeiro na realidade da própria geração do garoto. Mas nós não precisamos aceitar a doutrina de Freud para perceber as implicações mais amplas desta escolha. Se o rapaz deseja secretamente sua mãe, ou não, a vida levada sob a proteção dos pais é segura a confortável. Mas ele (ou ela, pois as meninas basicamente enfrentam os mesmos problemas, embora algumas vezes de formas diferentes), jamais poderá tomar-se um verdadeiro indivíduo sem efetuar uma ruptura. E nada, como a sexualidade, indica isso de modo mais forte.

Portanto, a versão tradicional do trunfo 6 representa a adolescência. Não apenas a sexualidade emerge nessa época, mas também a independência moral a intelectual. As cartas 3, 4 e 5 representaram-nos como moldados pelas grandes forças da natureza, da sociedade e dos pais. Na carta 6, o indivíduo emerge, uma personalidade verdadeira com suas próprias idéias e objetivos, capaz de fazer importantes escolhas, baseado não em ordens dos pais, mas em suas próprias avaliações de desejos e responsabilidades.

Esses significados pertencem à estrutura tradicional da carta. Ao desenhar sua própria versão dos Namorados, Waite levantou uma questão diferente. Quais as funções que o sexo e o amor, em última análise, desempenham na vida de uma pessoa? E quais são os profundos significados que podemos encontrar no intenso drama de duas pessoas que juntam seus corações a seus corpos? Waite chamava sua pintura de "a carta do amor humano, aqui mostrado como parte do caminho, a verdade e a vida".

O impulso sexual nos tira do isolamento. Ele nos impele a formar relacionamentos vitais com outras pessoas, e finalmente abre o caminho para o amor. Através do amor, nós não apenas formamos uma unidade com outra pessoa, mas percebemos um lampejo dos significados maiores e mais profundos da vida. No amor nós renunciamos a parte daquele controle do ego que nos isola não apenas das outras pessoas mas da própria vida. Por isso, o anjo aparece sobre as cabeças do homem e da mulher, uma visão inatingível para cada um individualmente, mas vislumbrada pelos dois juntos.

A religião, a filosofia e a arte sempre tomaram o simbolismo do macho e da fêmea como representando dualidade. Já vimos essa idéia refletida no Mago a na Grande Sacerdotisa, como também na Imperatriz e no Imperador. O simbolismo aqui é fortalecido pelo fato de que a Árvore da Vida, com suas chamas semelhantes às do Mago, ergue-se atrás do homem, enquanto a Árvore do Conhecimento, com uma serpente (símbolo não do mal, mas da sabedoria inconsciente) enrolada, se ergue atrás da mulher. O anjo une esses dois princípios. Nos ensinamentos tradicionais, supõe-se que os homens e as mulheres contêm, dentro de seus corpos, princípios de vida separados. Por meio do amor físico esses princípios se juntam.

Os ocultistas, no entanto, sempre reconheceram ambos os elementos dentro do ser. Atualmente, é comum ouvirmos dizer que todos possuímos qualidades tanto masculinas quanto femininas; habitualmente, porém, diz-se isso com referência a vagas idéias de comportamento social, como agressão e delicadeza. Quando o macho e a fêmea eram vistos como opostos em suas naturezas mais profundas, o ponto de vista dos ocultistas era muito mais radical. Uma maneira de descrever os objetivos dos Arcanos Maiores é dizer que eles fazem aflorar e reúnem os princípios masculinos a femininos. Dessa maneira, em muitos baralhos, o dançarino na carta do Mundo é um hermafrodita.

De acordo com os cabalistas a os filósofos herméticos, toda a humanidade (e, na realidade, até a divindade) era originalmente hermafrodita, o macho e a fêmea separaram-se apenas como uma conseqüência da Queda. Assim, no nível externo, cada um de nós é apenas a metade de uma pessoa e somente através do amor podemos encontrar um sentido de unidade.

Encontramos esta mesma idéia em Platão, mas com uma variação interessante. Um dos mitos platônicos declara que originalmente os humanos eram criaturas duplas, mas de três espécies: macho-fêmea, macho-macho e fêmea-fêmea. Acreditando que os humanos possuíam poder excessivo, Zeus os separou com um raio, e agora cada um de nós está procurando sua outra metade. Em contraste com os mitos judeus e cristãos, a história de Platão dá idêntica realidade aos homossexuais. Adverte-nos sobre o perigo do simbolismo demasiado simplista de macho e fêmea como definitivamente opostos. O Mago e a Grande Sacerdotisa estão mesclados de maneira muito sutil em cada um de nós. E o anjo pode ser invocado por qualquer par de amantes. O que importa não são os papéis, mas a realidade da união.

Na interpretação comum do Gênesis, cabe a Eva a maior parte da culpa, não apenas porque ela comeu primeiro, mas porque sua sensualidade induziu Adão a cair. Supostamente, o homem era governado pela razão e a mulher pelo desejo. Essa separação levou alguns cristãos a declarar que as mulheres não tinham alma. Todo o mito da Queda, no entanto, com sua ênfase em desobediência e castigo, na realidade destina-se a servir a uma moralidade repressiva. As

paixões físicas eram vistas como perigosas para a sociedade e, portanto, precisavam ser controladas. Como Joseph Campbell mostra em *As máscaras de Deus,* a antiga religião da deusa da Palestina encerra o mesmo drama com uma serpente, uma Árvore da Vida, e uma maçã. Mas, na antiga história, o iniciante recebia da deusa a maçã, o que the permitia entrar no paraíso, e não se constituía em causa de sua expulsão. Os antigos hebreus inverteram o mito, em parte como maneira de estigmatizar a velha religião como má, mas também porque, como os babilônios, eles consideravam os velhos hábitos "monstruosos".

O Tarô, no entanto, é um caminho de libertação. O medo que Jeová demonstra de que as criaturas humanas "se tornem como nós", é precisamente o objetivo do Tarô - fazer aflorar plenamente a centelha divina em nós e uni-la aos nossos eus conscientes, para acabar com a dualidade entre Deus e a criatura humana, a fazê-los um. Dessa forma, embora conservem muito do simbolismo do Gênesis, os Namorados do baralho Rider sutilmente invertem seu significado.

Observe que enquanto o homem olha para a mulher, a mulher olha para o anjo. Se o macho é na verdade a razão, então a racionalidade somente pode estender-se além dos seus limites através da paixão. Por sua natureza, a razão controla e contém, enquanto a paixão tende a extinguir todos os limites. Nossa tradição colocou o corpo e o pensamento racional em conflito um com o outro. O Tarô nos ensina que precisamos uni-los (uma única montanha se eleva entre os dois namorados) e que não é o poder controlador da razão que eleva os sentidos a um nível mais alto, e sim o caminho contrário.

Podemos verificar isso em termos psicológicos diretos. A maioria das pessoas está presa dentro dos seus egos ou das máscaras que apresentam ao mundo. Mas se podem entregar-se à paixão sexual, elas conseguem, ao menos por um momento, superar seu isolamento. Aqueles que não podem libertar seus egos, mesmo por um momento, fazem mau uso do sexo, ou são mal usados por ele. O sexo se torna um meio de adquirir poder sobre alguma outra pessoa, mas jamais satisfaz. Quando uma pessoa nega os desejos do corpo de liberar-se com outra pessoa, o resultado é depressão. O anjo foi repudiado.

Ao mesmo tempo, as paixões sozinhas não podem nos conduzir ao anjo. Elas precisam ser guiadas pela razão, tanto quanto a razão necessita que as paixões a libertem. Aqueles que simplesmente vão para onde seus desejos os impelem são freqüentemente atirados de uma experiência a outra.

Paul Foster Case chama o anjo de Rafael, o que dirige o superconsciente. Isso nos leva de volta à mente trina; aqui aprendemos que os três níveis da mente não são separados e isolados, como os três andares de uma casa, mas que o superconsciente é na verdade um produto do consciente e do inconsciente reunidos. O caminho estende-se através do inconsciente porque é lá

que encontramos a verdadeira energia da vida. De fato, o superconsciente pode ser descrito como a energia extraída do inconsciente e transformada em um estado mais elevado. Parte dessa transformação permanece na consciência, dando forma, direção a significado à energia.

Se no motivo triangular as duas figuras de baixo representam as dualidades da vida, enquanto a figura maior, no alto, simboliza uma força mediadora entre elas, então no trunfo 6 o mediador é o amor sexual. Quando nos rendemos a ele sentimos uma manifestação rápida de algo maior do que nós mesmos. Apenas um lampejo, e apenas por um momento; a verdadeira libertação requer, finalmente, muito mais do que paixão. Mas o amor pode ajudar-nos a ver o caminho, e a conhecer um pouco da felicidade que nos aguarda ao fim dele. Alguns místicos, principalmente Santa Teresa, descreveram a união com Deus em termos de êxtase sexual.

Os significados divinatórios para a imagem de Waite-Smith são diretos. Eles se referem à importância do amor na vida de uma pessoa dedicada a um amante definido; muitas vezes referem-se a casamentos ou a relacionamentos prolongados. A carta sugere que determinado relacionamento foi ou provará ser muito importante para a pessoa, conduzindo-a a uma nova compreensão da vida. Se algum problema específico está sendo considerado na leitura, então os Namorados indicam algum tipo de auxilio, seja virtualmente através da ajuda do amante, ou através de apoio emocional. Mas isso nem sempre é verdade. Os Namorados, na posição do passado, especialmente relacionados com cartas que indicam uma recusa em encarar a situação presente, podem apontar uma frustrante nostalgia por um amor passado.

Todas as primeiras cartas representaram arquétipos. Quando as invertemos, adicionamos os elementos que faltam. Mas aqui o indivíduo avançou e agora o significado inverso mostra fraqueza e bloqueios. Ele é antes de tudo um amor destrutivo, particularmente em um mau casamento. Pode referir-se a problemas românticos ou sexuais que dominam a vida de uma pessoa, tanto a partir de dificuldades com uma pessoa específica, como porque a pessoa simplesmente acha o amor um grande problema. Porque a pintura de Waite-Smith indica um amor maduro, e a imagem tradicional mostra o processo de escolha adolescente, qualquer versão invertida indica imaturidade afetiva; a adolescência prolongada que mantém algumas pessoas envolvidas em fantasias infantis muito tempo depois de seus corpos terem amadurecido completamente.

O CARRO

As primeiras versões desta carta, que mostravam o Carro puxado por dois cavalos em vez de duas esfinges, derivam de uma série de raízes históricas e mitológicas. Originalmente, ela vem

dos desfiles organizados em Roma, e em outros lugares, em homenagem a um herói conquistador, quando sua carruagem o conduzia pelas ruas cheias de cidadãos que o aclamavam. O costume aparentemente responde por alguma profunda necessidade psicológica de participação em grupo. Dois mil anos depois nós ainda o praticamos, nos desfiles feitos para presidentes, generais e astronautas, com limusines abertas substituindo a carruagem.

O Carro sugere mais do que uma grande vitória. Dirigir um veículo de dois cavalos em velocidade requer controle total sobre os animais; a atividade serve como um veículo perfeito para a vontade poderosa. Platão, no *Fedro,* refere-se à mente como uma carruagem puxada por um cavalo preto e um branco, a imagem exata do Tarô.

Um certo mito hindu coma a história de Xiva destruindo uma tríplice cidade dos demônios. Para fazer isso, ele exige que toda a criação seja subordinada à sua vontade. Os deuses fizeram um carro para Xiva, utilizando não somente a si mesmos, mas os céus e a terra como materiais. O sol e a lua formaram as rodas, e os ventos, os cavalos. (O símbolo na frente do Carro do Tarô, como uma porca e um parafuso, ou uma roda e um eixo, é chamado o *lingam* e o *yoni,* representando Xiva, o princípio masculino, e Parvati, o princípio feminino, unidos numa única figura. Através das imagens do mito aprendemos que a vitória espiritual sobre o mal vem quando podemos focalizar a totalidade da natureza, da mesma maneira que a energia inconsciente encarnada no próprio Xiva, através da vontade consciente.

As duas fábulas mostram dois aspectos diferentes da idéia da vontade. A história de Xiva fala de uma verdadeira vitória, na qual o espírito encontrou um foco para descarregar sua força total. Mas o *Fedro* nos dá a imagem de um ego triunfante, que controla, mais do que soluciona, os conflitos básicos da vida. Os comentadores do Tarô que vêem as cartas como um grupo de imagens independentes, cada uma delas contribuindo com alguma lição vital para nossa compreensão espiritual, tendem a dar ao Carro sua significação mais ampla. Eles argumentam que o título cabalístico para o número 7, com todas as suas conotações místicas, é "Vitória".

Em muitos lugares, especialmente na Índia, o cavalo foi associado a morte e funerais. Quando o patriarcado nascente aboliu o sacrifício ritual do rei, um cavalo era morto em seu lugar. O sacrifício do cavalo tornou-se o mais sagrado, associado à imortalidade. Mesmo hoje, os ataúdes de grandes líderes são transportados por cavalos. (Uma conjugação bizarra dos dois aspectos do Carro foi vista na morte de John Kennedy. Ele foi mono em sua limusine durante um desfile, e em seguida um cavalo - rebelado contra o controle de seu treinador - puxou seu caixão no funeral de Estado.) Essas conexões sugerem a idéia da vitória da alma sobre a mortalidade.

Quando olhamos para as cartas em seqüência, vemos que o 7 é apenas a vitória da primeira linha dos Arcanos Maiores. Ele coroa o processo de maturação daquela linha, mas, por

necessidade, não pode dirigir-se às grandes áreas do inconsciente e do superconsciente. Visto dessa maneira, o Carro nos mostra o ego desenvolvido; as lições das primeiras cartas foram absorvidas, o período adolescente de busca e autocriação passou, e agora vemos o adulto maduro, bem-sucedido na vida, admirado pelos outros, confiante a satisfeito consigo mesmo, capaz de controlar sentimentos, e, acima de tudo, de governar a vontade.

Como o Mago, o Cocheiro traz uma vara mágica. Ao contrário do Mago, ele não a levanta sobre sua cabeça em direção ao céu. Seu poder está subordinado à sua vontade. Suas mãos não seguram rédeas. Seu caráter forte, sozinho, controla as forças opostas da vida.

O *lingam* e o *yoni* indicam sua sexualidade madura, que está sob o seu controle. Assim, ele não é a vítima de suas emoções e sua sexualidade contribui para uma vida satisfatória. O quadrado brilhante em seu peito, um símbolo de natureza vibrante, vincula-o ao mundo sensual da Imperatriz, mas a estrela de oito pontas em sua coroa mostra sua energia mental dirigindo suas paixões (os simbolistas consideram a estrela de oito pontas como meio caminho entre o quadrado do mundo material e o círculo do espiritual). Seu carro aparece maior do que a cidade indicada atrás, dando a entender que sua vontade é mais poderosa do que as regras da sociedade. No entanto, o fato de seu carro não estar em movimento indica que ele não é um rebelde. As rodas do carro repousam na água, mostrando que ele extrai energia do inconsciente, embora o carro em si, parado na terra, o isole de um contato mais direto com aquela grande força.

Mencionamos o simbolismo sexual do *lingam* e do *yoni.* Enquanto o mito hindu relaciona os cavalos com a morte, o simbolismo freudiano do sonho os relaciona com a energia sexual da libido. Pelo fato de controlar os cavalos (ou esfinges) o Cocheiro controla seus desejos instintivos.

Diversos sinais mágicos enfeitam seu corpo. Sua túnica traz símbolos de magia cerimonial, seu cinto mostra o signo e os planetas. As duas faces lunares em seus ombros são chamadas Urin e Thummim, as placas que se supõem que o Sumo-Sacerdote de Jerusalém trazia nos ombros, e que, portanto, sugerem o Hierofante. Ao mesmo tempo, as placas lunares referem-se à Grande Sacerdotisa. Note também que o pano na parte traseira do carro lembra o véu da Grande Sacerdotisa; ele situou o mistério do inconsciente atrás dele.

Vemos, portanto, no simbolismo do Carro, todas as cartas anteriores da primeira linha. A vara e os símbolos indicam o Mago, a água, as esfinges e o véu simbolizam a Grande Sacerdotisa, o quadrado e a terra verde simbolizam a Imperatriz, a cidade simboliza o Imperador, as placas do ombro simbolizam o Hierofante, e o *lingam* e o *yoni* simbolizam os Namorados. Todas essas forças contribuem para a personalidade externa.

Mais uma vez, observe o Carro com suas qualidades pétreas. Observe o próprio cocheiro incorporando-se ao seu veículo de pedra. A mente que subordina todas as coisas ao consciente

correrá o risco de tornar-se rígida, separada das próprias forças que aprendeu a controlar. Observe também que a esfinge branca e a preta não estão harmonizadas uma à outra. Olham em diferentes direções. A vontade do cocheiro as conserva juntas, num equilíbrio tenso. Se essa vontade falhar, o Carro e seu condutor serão despedaçados.

Paul Douglas comparou o Carro à idéia da *persona* de Jung. À proporção que crescemos, criamos uma espécie de máscara para lidar com o mundo externo. Se conseguimos enfrentar com sucesso os vários desafios da vida, então os diferentes aspectos simbolizados pelas outras cartas se tornarão integrados nessa ego-máscara. Mas nós podemos muito facilmente confundir esta bem-sucedida *persona* com o verdadeiro "eu", até ao ponto em que, se tentarmos descartar a máscara, temeremos sua perda como uma espécie de morte. Essa é a razão por que a segunda linha dos Arcanos Maiores, que trata precisamente da libertação do eu de suas máscaras externas, traz a Morte como sua penúltima carta.

Até agora consideramos o Carro como um emblema de maturidade pessoal. Mas a idéia da vontade humana se estende além do indivíduo. Com suas imagens da mente subjugando e utilizando as forças da vida, o Carro é um símbolo perfeito da civilização, que cria a ordem a partir do caos da natureza usando o mundo natural como matéria-prima para sua agricultura e suas cidades. Uma das principais conotações cabalísticas para essa carta desenvolve essa idéia. Por sua conexão com a letra hebraica "Iaien", o Carro transmite a qualidade da fala. A fala sempre deu aos humanos a impressão de representar a mente racional a seu domínio sobre a natureza. Até onde sabemos, apenas os humanos possuem o dom da linguagem (embora os chimpanzés tenham-se mostrado capazes de aprender os signos da linguagem humana, a as baleias a os golfinhos talvez possuam uma linguagem própria desenvolvida) e podemos dizer que a fala nos separa dos animais. Adão conseguiu domínio sobre os animais do Éden falando seus nomes. Mais importante, as criaturas humanas usam a linguagem para transmitir a informação que permite à civilização continuar.

No entanto, da mesma forma que o ego é limitado, também a fala o é. Antes de mais nada, a fala restringe nossa experiência da realidade. Elaborando uma descrição do mundo, dando a cada coisa um rótulo, construímos uma barreira entre nós mesmos e a experiência. Quando olhamos para uma árvore, não sentimos o impacto de um organismo vivo; em vez disso, pensamos em "árvore" e seguimos adiante. O rótulo substitui a coisa em si. Também, por depender demais da qualidade racional da linguagem, ignoramos experiências que não podem ser expressas em palavras. Já vimos como a Grande Sacerdotisa significa sabedoria intuitiva além da linguagem. Certas experiências, especialmente a união mística com o espírito, não podem ser descritas. A linguagem pode apenas fazer alusão a elas através de metáforas a fábulas. As pessoas que

dependem totalmente da linguagem chegaram ao ponto de insistir que experiências não-verbais, ou experiências que não podem ser medidas por testes psicológicos, não existem. Tal dogmatismo encontra seu símbolo perfeito no cocheiro incorporando-se ao seu carro de pedra.

Até agora consideramos cada símbolo da pintura exceto, talvez, o mais óbvio: as duas esfinges. Waite pediu emprestada essa inovação a Eliphas Lévi, o grande pioneiro do Tarô cabalístico. Como os dois pilares da Grande Sacerdotisa, ou os cavalos preto e branco que substituem, as esfinges significam as dualidades a contradições da vida. Novamente, vemos o padrão triangular. Aqui a força mediadora é o poder da vontade.

O uso de esfinges em vez de cavalos sugere diversos significados mais profundos. Na lenda grega a esfinge era um enigma, apresentando o mistério da vida ao povo de Tebas. O mito nos conta que a esfinge agarrava os jovens da cidade e lhes apresentava o seguinte enigma: "Qual é a criatura que anda sobre quatro pernas de manhã, duas pernas ao meio-dia, a três pernas à noite?" Aqueles que não conseguiam responder eram devorados. Agora, a resposta é "homem", que engatinha quando bebê, anda em pé quando adulto, a usa bengala na velhice. A ilação é clara. Se você não compreende sua humanidade básica, com suas forças e suas fraquezas, então a vida o destruirá. O Carro simboliza a maturidade, aceitando os limites da vida, mais a faculdade de falar, isto é, a compreensão racional, que é usada para definir a existência e, portanto, controlá-la.

Mas um outro significado se esconde aqui. O homem que respondeu ao enigma da esfinge foi Édipo, que chegou a Tebas depois de matar seu pai. A ênfase de Freud sobre o incesto desviou a atenção da mensagem mais profunda da história de Édipo. Édipo era a imagem perfeita do homem bem-sucedido. Ele não apenas salvou Tebas de uma ameaça e tornou-se rei da cidade, como realizou isto por sua compreensão da vida. Ele sabia o que era o homem. No entanto, não conhecia a si mesmo. Sua própria realidade íntima permaneceu fechada para ele até que os deuses o forçaram a confrontá-la. E os deuses realmente o forçaram. Se os oráculos não tivessem falado primeiro a seu pai e depois a ele, Édipo jamais teria feito o que fez. Portanto, embora compreendesse o significado externo da vida do homem, ele nem sequer compreendia quem realmente era, nem sua relação com os deuses que governavam sua vida. E estes dois assuntos constituem precisamente os interesses precípuos da segunda e da terceira linhas dos Arcanos Maiores. Na segunda, vamos além do ego para encontrar o verdadeiro eu. Na terceira, tratamos abertamente das forças arquétipas da existência e atingimos finalmente uma plena integração daquelas dualidades que o cocheiro foi capaz de dominar, mas nunca conciliar.

Os significados divinatórios do Carro têm origem em sua poderosa vontade. Em uma leitura, a carta significa que a pessoa está controlando sem sucesso alguma situação através da força de sua personalidade. A carta sugere que uma situação contém algumas contradições e que

elas não foram juntadas mas simplesmente conservadas sob controle. Isso não pretende dar muita ênfase às tonalidades negativas da carta. Quando em sua posição para cima, o Carro significa basicamente sucesso; a personalidade que se encarrega do mundo à sua volta. Conseqüentemente, se ele aparece em uma leitura que trate de problemas, então indica vitória.

Invertida, as contradições inerentes da carta ganham uma força maior. O Carro de cabeça para baixo sugere que o enfoque da força de vontade não foi bem-sucedido, e a situação fugiu ao controle. A não ser que a pessoa possa encontrar algum outro enfoque para as dificuldades, ela estará diante do desastre. A força de vontade sozinha não nos pode sustentar sempre. Como Édipo, algumas vezes precisamos aprender a ceder ante os deuses.

CAPÍTULO 5

Voltando-se para o Interior

A BUSCA DO AUTOCONHECIMENTO

Com a segunda linha dos Arcanos Maiores, nós nos transferimos do mundo exterior e seus desafios para o eu íntimo. As contradições ocultas na poderosa imagem do Carro precisam agora ser enfrentadas abertamente. A máscara do ego precisa morrer. Por mais dramática que soe, essa situação é na realidade muito comum, pelo menos na necessidade, se não na realização. Autoquestionamento e busca há muito tempo têm sido vistos como características da meia-idade. Quando as pessoas são jovens, elas se preocupam principalmente com a vitória sobre as forças da vida, preocupam-se em encontrar um parceiro e em conquistar sucesso. Quando o sucesso foi atingido, no entanto, as pessoas podem ter dúvidas sobre seu valor. A pergunta, "Quem sou eu sob todas as minhas posses, sob todas as imagens que eu apresento às outras pessoas?" adquire cada vez mais importância. Hoje em dia, muitas pessoas mais jovens não estão esperando pela meia-idade e pelo sucesso para perguntar-se essas coisas. Uma característica de nossos tempos é o desejo de que a vida tenha um sentido de significado, de essência íntima. E mais a mais pessoas estão decidindo que o primeiro lugar para procurar tal significado é dentro de si mesmas.

Esta idéia, de fato, é apenas uma meia verdade. O Mago nos ensina que, como seres físicos, apenas encontramos realidade em conexão com o mundo externo; a verdade íntima da Grande Sacerdotisa é um potencial e precisa ser manifestada através da consciência do Mago. Mas enquanto nossas máscaras, hábitos e defesas nos separam do autoconhecimento, de maneira a jamais sabermos por que agimos, todas as coisas que fazemos permanecem sem sentido. O fluxo entre o Mago e a Grande Sacerdotisa precisa ser livre para que a vida tenha valor.

Porque a linha basicamente inverte a ênfase das primeiras sete cartas, muitas delas parecem uma imagem vista no espelho das cartas que estão sobre elas. A polaridade sexual dos trunfos 1 e 2 torna-se invertida na Força e no Eremita, enquanto o princípio da luz e da escuridão, o externo e o interno, permanecem nas mesmas posições. A Roda da Fortuna gira para longe do mundo natural e não pensante da Imperatriz, para uma visão de mistérios íntimos. Ao fim da linha, a Temperança nos mostra uma nova espécie de vitória. A força do Carro foi substituída pelo equilíbrio e pela calma. Enquanto o carro de pedra do cocheiro o afasta do contato direto com a terra e o rio, o anjo da Temperança se eleva com um pé na terra, outro na água, mostrando a personalidade em harmonia consigo mesma e com a vida.

Um outro tema aparece na segunda linha. Até agora as cartas nos apresentaram uma série de lições, coisas que precisamos aprender a respeito da vida para nos tornarmos bem-sucedidos e maduros no mundo externo. Mas o esclarecimento é uma experiência profundamente pessoal. Ele não pode ser estudado nem analisado, somente vivido. A série de lições externas culmina na Roda da Fortuna, que nos mostra uma visão do mundo e de nós mesmos que precisa ser solucionada. O Dependurado, no entanto, mostra algo inteiramente diferente. Aqui vemos não uma lição, mas a imagem do próprio esclarecimento, a personalidade externa virada de cabeça para baixo por uma experiência muito real e pessoal.

Entre essas duas cartas, e no exato centro de todos os Arcanos Maiores, está a Justiça, equilibrando cuidadosamente a balança entre o interno e o externo, o passado e o futuro, racionalidade e intuição, conhecimento e experiência.

A FORÇA

A mudança que Waite fez nos Namorados é a mais óbvia de suas alterações do Tarô; sua troca de Força por Justiça continua a ser a mais controversa. Ele mesmo não dá nenhuma razão real para a mudança.

"Por motivos que me satisfazem, esta carta foi trocada pela da Justiça, que geralmente tem o número oito. Como a variação não possui nenhum significado para o leitor, não há necessidade de explicações." As razões são certamente mais do que pessoais. Não apenas Waite, mas Paul Foster Case e Aleister Crowley colocaram a Força como 8 e a Justiça como 11. Provavelmente todos eles seguiram a Ordem da Aurora Dourada, cujo baralho secreto de Tarô também trocou as duas cartas.

Esta conexão com uma ordem secreta sugere a idéia de iniciação. Agora, a Aurora Dourada, naturalmente, não deu origem à prática da iniciação, embora afirmasse que recebia seus rituais específicos diretamente de espíritos instrutores. A iniciação data de milhares de anos e é observada no mundo todo, dos templos egípcios ao deserto australiano. Ela representa um meio especial de transformação psíquica, justamente o assunto de que trata a linha média do Tarô. Por interligar a Justiça a as cartas que a rodeiam a essa idéia antiga, adquirimos uma compreensão mais ampla do Tarô como uma experiência.

Vale a pena considerar as implicações da antiga classificação dos trunfos. A imagem da Justiça sugere pesar nossa vida na balança. A segunda linha nos leva para longe das realizações externas a em direção ao próprio eu. Assim, a Justiça na primeira posição significaria uma avaliação do que sua vida significou para você, seguida por uma decisão de procurar intimamente maiores significados. Obviamente, isto se encaixa muito bem. Mas se a Justiça vem em primeiro lugar, então todas essas coisas acontecem racionalmente; a avaliação se origina como uma reação consciente ao descontentamento. Quanto mais poderosa esta avaliação aparece quando ela nasce de dentro, imposta a nós pela visão poderosa da Roda da Fortuna. A espada de dois gumes da Justiça sugere ação, uma resposta ao conhecimento obtido pela avaliação. A idéia da reação nos leva diretamente ao Homem Dependurado. Se a Justiça viesse primeiro, então o Eremita a seguiria. Como alguém que busca a sabedoria, o Eremita também representaria uma reação válida à Justiça. Mas novamente, se permitirmos que aquela sabedoria venha antes da Justiça, então o Homem Dependurado demonstra uma reação originada no mais profundo do íntimo.

Agora consideremos a Força em ambos os lugares. A pintura mostra uma mulher domando um leão. Resumidamente, a imagem sugere a energia do inconsciente libertada e acalmada, "domada" pela orientação da compreensão consciente. Tal idéia facilmente caberia na posição do meio. Nós descreveríamos então a carta como o teste central de toda a linha. E certamente a paz e a grande reversão do Homem Dependurado seguiriam a Força perfeitamente.

Mas nós podemos também ver a Força como as qualidades vitais para iniciar a linha. A busca em direção ao íntimo não pode ser realizada pelo ego. Precisamos enfrentar sentimentos e desejos há muito escondidos dos nossos pensamentos conscientes. Se tentamos nos transformar por um processo inteiramente racional, criamos uma outra espécie de *persona.* Algo muito semelhante a isso na realidade acontece com freqüência. Muitas pessoas sentem uma falta de espontaneidade em suas vidas. Elas olham à sua volta ou lêem livros sobre psicologia, e observam, com uma certa inveja, ou até com vergonha de suas próprias repressões, as características de pessoas espontâneas. E então, em vez de seguir o temível processo de libertar seus medos

escondidos e seus desejos, elas se esmeram em imitar a espontaneidade. Elas prolongaram o Carro até um domínio novo.

Fazendo da Força o número 8, nós a colocamos contra o Carro, como uma espécie diferente de poder, não a vontade do ego, mas a Força íntima para se confrontar calmamente e sem medo consigo mesmo. Os mistérios podem vir à tona porque encontramos a Força para enfrentá-los. O leão significa todos os sentimentos, medos, desejos e confusões suprimidos pelo ego em sua tentativa para controlar a vida. O cocheiro fez surgir seus sentimentos mais profundos como uma fonte de energia, mas teve sempre o cuidado de dirigir aquela energia para onde conscientemente decidiu que ela devia ir. A Força permite que as paixões íntimas se apresentem como o primeiro passo no caminho além do ego.

Em um nível muito simples podemos ver essa emergência de sentimentos suprimidos na pessoa que se permite agir "infantilmente", chorando e gritando; em resumo, fazendo todas as coisas que anteriormente pareciam tolas ou constrangedoras. Em um nível mais profundo, o leão simboliza a plena força da personalidade, geralmente retocada (ou suavizada) pelas exigências da vida civilizada. A Força liberta essa energia para usá-la como uma espécie de combustível, que nos impele ao longo do caminho secreto do Eremita. Esse propósito só pode ser alcançado porque o leão é "domado" no momento em que é libertado. A Força revela a personalidade como Pandora abrindo sua caixa. Ela faz isso, no entanto, com um sentido de paz, um amor pela vida em si e uma grande confiança no resultado final. A não ser que acreditemos realmente que o processo de auto-descoberta é um processo que traz alegria, nós nunca o seguiremos até o final.

O simbolismo das pinturas e dos números reforça a comparação entre a Força e o Carro. O Carro mostra um homem e a Força, uma mulher. Tradicionalmente, é claro, eles representam racionalidade e emoção, agressão e capitulação. Também tradicionalmente, o número 7 do Carro pertence à magia do macho, o número 8, à fêmea. Esse simbolismo tem sua origem na anatomia. O corpo do homem tem sete orifícios (contando o nariz como um), o corpo da mulher tem oito. E mais, o corpo masculino possui sete pontos, os braços e pernas, a cabeça, o tronco e o pênis. O corpo feminino possui oito, os seios substituindo o pênis.

O que queremos dizer por magia masculina e feminina? A teoria esotérica considera a energia sexual como uma manifestação dos princípios da energia sublinhando o universo inteiro; o macho e a fêmea sendo semelhantes aos pólos negativo e positivo do eletromagnetismo. Da manipulação dessa energia bipolar, resulta o poder "mágico". O oculista considera esses princípios uma ciência, nem mais, nem menos. Podemos descrever os Namorados do baralho Rider como um diagrama esquemático da energia. Portanto, o Carro e a Força estão ligados esotericamente como a manifestação prática dos princípios simbolizados pelo Mago e a Grande Sacerdotisa.

Psicologicamente eles também encarnam duas espécies de poder. Nossa sociedade enfatiza a força "masculina" de controle; a conquista, a dominação do mundo pela razão e pela vontade. Mas as qualidades "femininas" de intuição e emoção espontânea estão longe de serem fraquezas. Libertar suas emoções mais profundas com amor e fé requer tanto grande coragem quanto força.

O Louco aparece aqui. Somente por uma espécie de salto psíquico podemos transferir-nos do consciente ao inconsciente. E apenas um louco daria tal salto, pois qual a razão para desistir do sucesso, do controle? Os deuses forçaram Édipo; que necessidades íntimas forçarão o restante de nós?

A posição da Força, como primeira na linha, liga a carta ao mágico, como o faz o sinal do infinito - uma outra referência ao 8 sobre sua cabeça. A inversão dos sexos indica uma junção de aspectos de ambos os arquétipos, o masculino e o feminino. O envolvimento ativo do Mágico com a vida foi modificado pela paz interna implícita na Grande Sacerdotisa.

O corpo sensual da mulher, seu cabelo louro, e o cinto de flores que a liga ao leão estabelecem também uma conexão entre a carta e a Imperatriz. A Imperatriz representa os instintos naturais e a paixão; novamente vemos a imagem da energia emocional, os "desejos animais" como alguns comentadores de Tarô os chamam, libertos e domados. Waite descreve o cinto de flores como um segundo sinal do infinito, com uma volta em tomo da cintura da mulher e a outra ao redor do pescoço do leão. Podemos descrever a Força como o Mago unido à Imperatriz, isto é, o poder de conscientização e direção do Mago misturou-se com a sensualidade da Imperatriz, dando-lhe um sentido de propósito a levando ao Eremita. Note que pela primeira vez 1 mais 3 é igual a 4, o Imperador. Para a segunda linha 1 mais 3 é multiplicado por 2; a verdade íntima da Grande Sacerdotisa.

Um outro aspecto do trunfo leva essa unidade de 1 e 3 ainda mais além. A letra hebraica dada por Case e outros para a Força é *teth. Teth* aplica-se cabalisticamente à "serpente"; mas a palavra hebraica para serpente também significa "mágica". Através do mundo as pessoas estabeleceram essa conexão; das serpentes na vara mágica de Hermes para o poder *kundalini* do ocultismo tântrico na Índia e no Tibete. E a serpente, em *kundalini* e em outros lugares, representa a sexualidade. O Tarô, como sabemos pela serpente enroscada em volta da Árvore da Vida atrás da mulher nos Namorados, considera a sexualidade como sendo uma força voltada para o esclarecimento. Se, esotericamente, a Força representa a prática efetiva da magia sexual, psicologicamente ela se refere mais uma vez à liberação daquela energia relacionada com nossos sentimentos mais fortes. Quando comparamos a Força com o Demônio, vemos que a libertação

aqui é na verdade apenas parcial. O leão é controlado e dirigido em vez de lhe ser permitido dirigir-se a qualquer lugar aonde deseja ir.

Na alquimia, o leão representa o ouro, o sol e o enxofre. O enxofre é um elemento inferior e o ouro (na alquimia) é o mais alto. O processo pelo qual o enxofre torna-se ouro é precisamente o processo de transformar o eu inferior. E o intuito da Temperança, a última carta da linha, com seu líquido despejado de uma taça para outra, espelha o objetivo alquímico de misturar os opostos para formar uma existência nova e mais significativa.

Aqueles que consideram a vida um assunto de controle estrito, que vêem o inconsciente como um "esgoto moral" de repressões (como Jung caracteriza a visão estreita de Freud), que consideram as paixões um tormento, considerarão o leão como forças naturais que a mente racional precisa sobrepujar. Alguns baralhos de Tarô mais antigos, incluindo o Visconti, mostravam Hércules matando o leão de Neméia. As paixões vencidas pela razão. Mas o leão também representava Cristo, o poder radiante de Deus. Aqueles que permitem que as energias inconscientes de dentro de si mesmos venham à tona, guiando-as com amor e fé na vida, descobrirão que a energia não é uma besta destrutiva, mas a mesma força de espírito dirigida para baixo através do pára-raios do Mago.

Nas leituras, a carta da Força indica a habilidade para enfrentar a vida, e particularmente algum problema difícil ou época de mudança, com esperança e disposição. Ela mostra uma pessoa forte por dentro, que saboreia a vida apaixonada embora pacificamente, sem ser controlada ou se deixar arrastar pelas paixões. A carta representa o encontro da Força para iniciar ou continuar algum projeto difícil, apesar do medo e da tensão emocional.

Se a Força aparece em conexão com o Carro ela pode significar uma alternativa para a força e o poder da vontade, especialmente, é claro, se o Carro estiver invertido. As duas cartas também podem simbolizar lados complementares, a melhor configuração sendo a Força na posição do "eu" íntimo, e o Carro na posição do "eu" externo (as linhas vertical e horizontal de uma cruz). Então vemos uma pessoa que age energicamente, mas com um sentido de calma.

A Força invertida indica antes de mais nada a fraqueza. Falta coragem para enfrentar a vida, e a pessoa se sente vencida e pessimista. Ela significa também um tormento que vem de dentro. O lado bestial do leão se desprende da unidade de espírito e sensualidade. As paixões transformam-se em inimigo ameaçando destruir a personalidade consciente e a vida que ela construiu para si.

O EREMITA

Como a estrela de seis pontas dentro da sua lanterna, a idéia do Eremita segue duas direções: uma interna, outra externa. Em primeiro lugar a carta significa um recolhimento do mundo externo com o propósito de ativar a mente inconsciente. Vemos este processo simbolizado no triângulo da "água", que aponta para baixo, como os alquimistas o chamavam. Mas o Eremita também significa um mestre que nos ensinará como iniciar este processo, e nos ajudará a encontrar nosso caminho. O triângulo que aponta para cima, o do "fogo", simboliza esse guia especial, que pode ser um professor oculto, um terapeuta, nossos próprios sonhos, ou até um espírito guia invocado de dentro do nosso ser.

A imagem do Eremita ocupou um lugar especial na imaginação medieval. Vivendo nas florestas ou no deserto, completamente afastado de todos os interesses normais da humanidade, o eremita apresentava uma alternativa para a Igreja. Versão européia de um iogue ascético, ele demonstrava a possibilidade de se aproximar de Deus através da experiência pessoal. As pessoas muitas vezes consideravam os eremitas como santos vivos e lhes atribuíam poderes mágicos, da mesma forma que os discípulos dos iogues contarão histórias maravilhosas a respeito de seus mestres.

Mesmo que o eremita tenha se retirado da sociedade, ele ou ela[2] não se afastaram da humanidade. Entre outras ocupações, eles davam abrigo e, algumas vezes, bênçãos aos viajantes. Inúmeras histórias, especialmente as lendas do Graal, descrevem o eremita agindo como um propiciador de sabedoria ao cavaleiro em expedição espiritual. Vemos novamente a imagem dupla do Eremita: exemplo e guia.

A imagem do Eremita persistiu muito tempo após a prática especial ter-se extinguido. O filósofo transcendental Ralph Waldo Emerson viajou durante dias através da remota Escócia para encontrar a cabana de Thomas Carlyle. Henry David Thoreau, amigo de Emerson, viveu ele próprio em uma cabana em Walden Pond para encontrar uma compreensão de si mesmo e da natureza. Ele então escreveu a respeito disso como exemplo para outros. O livro de Nietzsche *Assim falou Zaratustra* colocou num altar a imagem do Eremita; o livro começa com Zaratustra voltando depois de ter conseguido a transformação pessoal. E hoje em dia inúmeras pessoas entregam-se a gurus orientais na esperança de que estes mestres, semelhantes a eremitas, possam transformar suas vidas.

---

[2] Freqüentemente as mulheres tornavam-se eremitas e a aversão medieval pelas mulheres transformava-se em veneração por uma mulher em particular, uma mulher que supostamente teria superado a maldade do seu sexo.

Para quem não pode encontrar um guia real, a psique muitas vezes proporcionará um. Jung e seus seguidores descreveram muitos sonhos de seus pacientes com velhos sábios que os guiavam por misteriosos caminhos até a sua psique. Em muitos casos a análise dos sonhos demonstrou que o guia do sonho na realidade era um equivalente do terapeuta. O inconsciente pode reconhecer um mestre Eremita antes que a mente consciente o faça.

O grande cabalista do século treze, Abraham Abulafia, descreveu três níveis da Cabala. O primeiro era a doutrina; o que pode ser aprendido dos textos. O segundo vinha da orientação direta de um guia pessoal, enquanto o terceiro, o mais desenvolvido, era a experiência direta da união extática com Deus. Estes três níveis têm uma conexão muito direta com o Tarô, não apenas nas três linhas, mas também nos três trunfos específicos que formam juntos um triângulo isósceles. Vemos o primeiro nível no Hierofante; o terceiro, diretamente abaixo do Hierofante, afastado um nível, aparece na criança alegre da carta 19, o Sol. O segundo nível, no entanto, vem não na carta que fica entre elas, o Homem Dependurado, mas na outra extremidade da configuração, como a segunda carta da segunda linha, o Eremita.

Doutrina e mistério surgem, ambos, como o final de um processo; doutrina, porque em primeiro lugar é preciso ordenar sua vida antes de poder encetar o estudo de uma maneira especial (os cabalistas freqüentemente restringiam certos textos importantes a pessoas de mais de trinta a cinco anos), e êxtase porque primeiro se deve ultrapassar a confrontação arquetípica entre a escuridão e o mistério. Um guia, no entanto, aparece logo no início da jornada, após o viajante ter encontrado a Força para começar.

Como um emblema do desenvolvimento pessoal, mais do que um guia, o Eremita significa a idéia de que somente por um afastamento do mundo externo nós podemos acordar o eu interior. Aqueles que vêem o Tarô em duas metades, com a Roda da Fortuna como ponto médio, encaram o Eremita como o período de contemplação antes que a Roda da Vida se volte em direção a sua segunda metade. Quando vemos o Tarô em linhas de sete, vemos que esse afastamento e a visão da própria Roda são passos em direção de um alvo maior.

Vemos o Eremita sobre um pico gelado e solitário. Ele deixou o mundo dos sentidos para penetrar na mente. Esta imagem da mente como nua e fria transmite apenas uma verdade parcial, ou melhor, uma ilusão. A mente é rica em símbolos, alegria, luz e amor do espírito. Mas antes que possamos assimilar essas coisas precisamos primeiro experimentar a mente como uma alternativa silenciosa para o mundo barulhento dos sentidos. Para os xamãs o pico nu é freqüentemente uma realidade direta. Em lugares tão distantes uns dos outros, como a Sibéria e o Sudoeste da América, os candidatos a xamãs vão sozinhos para as regiões selvagens em busca dos guias espirituais que lhes ensinarão como curar.

O Eremita significa uma transição. Através das técnicas da meditação, ou disciplina psíquica, ou análise, nós permitimos que as partes escondidas da psique comecem a falar conosco. Mais tarde, experimentaremos uma sensação de renascimento, primeiro como um anjo (a parte eterna do eu, além do ego), e depois mais profundamente sentida, como uma criança livre correndo para fora do jardim de experiências passadas. Por enquanto, o caminho pertence à imagem do velho sábio, sozinho, confortado e aquecido pelo seu espesso manto cinzento de contemplação.

O símbolo da lanterna nos faz retornar ao Eremita como guia e mestre. Ele nos oferece a luz, indicando sua boa vontade para guiar-nos a nossa habilidade em encontrar o caminho, se nos dispusermos a usar a Força que temos para continuar. Em alguns baralhos o Eremita esconde sua lanterna embaixo do manto, a então ela simboliza a luz do inconsciente oculta sob o manto da mente consciente. Tornando-a visível, mesmo dentro de uma lanterna, o baralho Rider indica que nós libertamos a luz através de um processo definido de autoconhecimento, a que esse processo é acessível a todos.

Vimos a estrela tanto quanto um símbolo do Eremita como quanto mestre, mas também como uma luz do inconsciente, convidando-nos a descobrir seus segredos. Ela também significa o fim, a intenção de resolver os opostos da vida. Os triângulos de água a de fogo representam tradicionalmente opostos, mas também o macho e a fêmea unidos em uma única forma.

O bastão do Eremita sugere o bastão de um feiticeiro, a portanto a vara mágica do Mago. Enquanto o Louco usou a vara instintivamente, o Eremita se apóia sobre ela como um arrimo consciente. Ela, portanto, simboliza o estudo que ajuda a desvendar a consciência íntima.

Imediatamente abaixo da Grande Sacerdotisa, o Eremita se relaciona com seu critério de afastamento, indicando ainda que, em certo sentido, precisamos abandonar o mundo externo se desejarmos trabalhar dentro de nós mesmos. Como acontece com a Força a segunda linha inverte o arquétipo sexual. Aqui, o papel do simbolismo nos ensina que um esforço mental deliberado, baseado em técnicas e ensinamentos específicos, nos leva além da intuição bem guardada do templo secreto da Grande Sacerdotisa. As águas daquele templo não estão inteiramente libertas, o véu continua em seu lugar até que o raio da Torre, embaixo do Eremita, o rasgue, abrindo-o. Sob a influência do trunfo 9, no entanto, o inconsciente nos fala por detrás do véu, por meio de símbolos, sonhos e visões.

A distinção entre o simbolismo macho-fêmea e a realidade dos tipos individuais nos leva a algumas importantes revelações a respeito de arquétipos. Temos a tendência de encarar eremitas e mestres como "homens" velhos e sábios, até em nossos sonhos, porque nosso patriarcado de mais de dois mil anos imprimiu esta idéia em nossas mentes. Em épocas mais remotas, os guias

com maior freqüência eram mulheres, como representantes da Grande Deusa, e mesmo em nosso tempo algumas mulheres, tais como Madame Blavatsky, têm desempenhado essa antiga função. O fato de nossos sonhos quase sempre optarem por homens velhos e sábios demonstra a importante verdade de que o inconsciente também vai buscar seu material nos antecedentes culturais de cada sonhador. Muitas pessoas vêem os arquétipos como imagens rigidamente fixas, sempre partilhadas por todos. Em vez disso, os arquétipos são tendências da mente para formar certas *espécies* de imagens, como a de um guia, e a forma específica que uma imagem toma dependerá muito da experiência e da bagagem cultural de cada pessoa. As iniciações medievais do Graal e os ritos dos desertos australianos seguem o mesmo padrão arquetípico; ele os sujeita como uma grade. No entanto, as formas externas desse padrão variam imensamente.

Os significados divinatórios do Eremita derivam de ambos os aspectos. De um lado ele simboliza um afastamento de preocupações externas. A pessoa pode se afastar fisicamente, mas na verdade isso não é necessário. O que importa é a transferência íntima de atenção do "ganhar e gastar", como Wordsworth chamava nossas atividades mundanas, para as necessidades íntimas de uma pessoa. Isto requer, portanto, um afastamento emocional das outras pessoas e de outras atividades antigamente consideradas da maior importância. A carta contém em si um sentido de propósito deliberado, de recolhimento no trabalho de autodesenvolvimento. Em conexão com esse sentimento de propósito e com o desenho de um homem velho, a carta simboliza maturidade, a um conhecimento do que realmente tem valor na vida de uma pessoa.

A carta também pode significar assistência da parte de um guia definido, algumas vezes, como indicado acima, uma guia psíquico vindo do interior, mas na maior parte das vezes uma pessoa real que o auxiliará em sua autodescoberta. Algumas vezes nós realmente não percebemos que tal guia existe para nós. Se o Eremita aparece numa leitura de Tarô, será prudente olhar para as pessoas à sua volta. Se você está envolvido em ajudar outras pessoas na busca de conhecimento, então o Eremita pode simbolizar você em seu papel de guia e mestre.

Quando invertemos a carta, nós corrompemos a idéia de recolhimento. Da mesma maneira que a Grande Sacerdotisa invertida pode indicar um medo da vida, o Eremita invertido pode indicar um medo das outras pessoas. Se nosso afastamento da sociedade é como uma fuga, então a realidade do afastamento torna-se cada vez mais dominante, levando e fobias e paranóia. Como acontece com outros trunfos, os aspectos positivo e negativo do Eremita dependem do contexto. Algumas vezes o Eremita invertido pode simplesmente significar que nesse momento a pessoa precisa envolver-se com outras pessoas.

Como a carta, quando colocada com o lado certo para cima, sugere maturidade, o Eremita invertido pode algumas vezes indicar uma atitude de Peter Pan perante a vida. A pessoa se apega

a atividades basicamente sem sentido, ou então imita entusiasmos infantis (como a imitação da espontaneidade) como um meio de evitar as responsabilidades de fazer alguma coisa com sua vida. Encontrei pela primeira vez essa interpretação do Eremita invertido em uma leitura feita por um homem em Nova Iorque para um amigo meu; desde então, considerei-a útil em muitas situações. Curiosamente, conheci o homem através de um outro amigo que considerava o leitor como um guia pessoal em seu desenvolvimento espiritual.

A RODA DA FORTUNA

Como certas outras cartas de trunfo (de modo especial a Morte), a Roda da Fortuna tem origem numa lenda medieval. A Igreja considerava o orgulho o maior dos pecados, porque a pessoa orgulhosa se coloca acima de Cristo. Uma lição contra o orgulho era a idéia de um grande rei tombando do poder. Em muitas versões da lenda do Rei Artur, ele sonha com, ou enxerga à sua frente, na véspera de sua batalha final, a visão de um rei rico e poderoso sentado no alto de uma roda. De repente a deusa Fortuna gira a roda e o rei fica esmagado embaixo. Pensando seriamente, Artur compreende que, não importa quanto poder mundano concentremos, nosso destino repousa sempre nas mãos de Deus. As cartas Visconti, ilustram essa exortação.

Agora, poderíamos considerar essa fábula moral como estando muito longínqua dos símbolos poderosos e misteriosos que nos enfrentam na carta de Waite-Smith, e na versão de Oswald Wirth. Mas a Fortuna e seu arco brilhante têm uma história curiosa. Antes de mais nada, a imagem medieval deriva de uma época bem mais antiga, quando a Fortuna representava a Grande Deusa, e o rei esmagado era um fato verdadeiro. Todos os anos, no meio do inverno, as sacerdotisas sacrificavam o rei; imitando a morte do ano, elas se curvavam ante o poder da Deusa, e escolhendo um novo rei elas lhe sugeriam sutilmente que mais uma vez ela poderia criar a primavera no inverno - um acontecimento que não é de maneira alguma automático para muitas pessoas que não acreditavam em "leis naturais", como a gravidade. Assim, a Roda originalmente simbolizou tanto o mistério da natureza quanto a habilidade humana em tomar parte nesse mistério através de um sacrifício ritual. Observe que a carta vem imediatamente abaixo da Imperatriz, o emblema da própria Grande Mãe.

Na Idade Média a Roda tinha perdido seu significado original; isso não quer dizer que ela tinha perdido seu poder de sugerir o mistério da vida. Na versão de Thomas Malory sobre a história do rei Artur encontramos a sugestão de que a Roda simboliza as voltas da "sorte" ao acaso.

Por que algumas pessoas ficam ricas e outras pobres? Por que um rei poderoso haveria de cair e outro antigamente fraco subir ao poder? Quem, ou o que, controla as voltas da roda da vida? Malory sugere que a sorte, e suas subidas e descidas aparentemente sem sentido, é na realidade um fato; isto é, o destino que Deus escolheu para cada indivíduo, baseado em razões que só ele consegue compreender. Como não podemos compreender essas razões, dizemos que os acontecimentos da vida das pessoas têm origem na sorte, mas tudo faz parte dos planos de Deus.

Com a Roda, portanto, chegamos à grande questão de como e por que qualquer coisa acontece no universo. O que faz o sol brilhar? Elementos em fusão, sim, mas o que os faz queimar? Como passou a existir a energia atômica? Por que, afinal de contas, a primavera deve seguir o inverno? Por que, e como, funciona a gravidade? Indo mais além, descobrimos que o destino também é uma ilusão, uma artimanha para disfarçar o fato de que nós, em nossa visão limitada, não podemos ver a conexão íntima entre todas as coisas. "Ah, bem – dizemos - é o destino", uma declaração sem sentido, porque não podemos compreender-lhe o significado. As coisas não acontecem simplesmente: são preparadas para acontecer. O poder de planejar os acontecimentos, de dar vida, forma e direção ao universo, diz-nos Malory, pertence ao Espírito Santo, habitando o mundo físico como uma presença dentro do Santo Graal (o Ás de Copas) da mesma maneira que a *Shekinah* habitava fisicamente o santuário velado do templo de Jerusalém.

Chegamos assim à verdade de que tanto os acontecimentos fortuitos da vida, como as chamadas "leis" do universo físico, são mistérios que nos levam à conscientização de uma força espiritual atraída para baixo pelo braço levantado do Mago e manifestada no mundo natural da Imperatriz. Muitíssimos místicos e xamãs disseram que suas visões lhes mostravam como todas as coisas se relacionam, como tudo se encaixa em conjunto, porque o espírito une o universo inteiro. Possivelmente poderíamos ver e compreender esse grande esquema de vida, se não fosse o fato de não vivermos o bastante. Nossas vidas curtas restringem nossa visão a uma porção tão minúscula do mundo que a vida nos parece sem sentido.

Esta idéia da Roda como o mistério do destino, com seu significado oculto, combina muito bem com a moderna versão da carta de Waite-Smith, especialmente quando a consideramos como a metade do caminho para o trunfo final. Se colocarmos a Roda do baralho Rider ao lado do Mundo, imediatamente veremos a ligação entre elas. Numa, vemos uma roda cheia de símbolos; na outra encontramos uma coroa de vitória, e dentro dela uma dançarina que personifica a verdade por trás dos símbolos. Mais impressionante ainda, encontramos os mesmos quatro animais nos cantos de cada carta, só que os seres mitológicos da carta 10 foram transformados em

algo real e vivo no Mundo. Assim, no ponto intermediário recebemos uma visão do significado interior da vida; ao fim essa visão tornou-se real, encarnada em nosso próprio ser.

Na Índia, o rei também perdia sua vida a cada ano para a Deusa. Quando os arianos patriarcais acabaram com esse uso, a imagem da roda do ano em movimento tornou-se um símbolo ainda mais poderoso da nova religião. A Roda da Vida girando constantemente surge para significar as leis do carma, levando a pessoa a reencarnar em um corpo após outro. O carma é, de certa forma, simplesmente uma outra explicação para o mistério do destino. Pelas ações que pratica em uma vida, você constrói um determinado destino para si próprio na próxima, de maneira que, se cometer muitos atos maus, você cria em seu "eu" imortal uma espécie de necessidade psíquica de punição. Quando chega o tempo de sua próxima reencarnação, você inevitavelmente escolhe um ser de casta inferior ou um corpo enfermo. (Esta explicação psicológica simples do carma talvez se baseie mais no budismo do que no hinduísmo.)

Novamente, nossa limitada compreensão nos impede de descobrir diretamente a verdade contida na Roda do Destino, ou carma. Quando Buda atingiu o perfeito esclarecimento, lembrou-se sem hesitar de cada uma de suas vidas anteriores. Na verdade, a memória era o esclarecimento. Por atingir conhecimento pleno, ele era capaz de perceber que todas essas vidas eram apenas formas criadas por seus desejos. Quando pôs fim a seus desejos, ele "saiu da Roda". Poderíamos dizer que o esclarecimento significa (ou pelo menos implica) penetrarmos eventos externos até o espírito que habita dentro deles, ou seja, encontrar o Espírito Santo dentro da Roda da Fortuna.

É significativo que o rei Artur perceba a Roda da Fortuna como uma visão em um sonho. Porque, quer nós a vejamos como o ponto intermediário dos Arcanos Maiores, ou simplesmente como um dos passos para completar a segunda linha, a Roda é realmente uma visão que nos é dada pelo inconsciente. O Eremita deu as costas ao mundo externo. Como resultado, o inconsciente mostra-lhe uma visão da vida como uma roda girante, cheia de símbolos.

A Roda da Vida só se torna visível quando nos afastamos dela. Quando estamos envolvidos com ela, vemos apenas os acontecimentos que estão imediatamente na frente ou atrás de nós: os assuntos cotidianos que nossos egos consideram tão importantes. Quando nos afastamos, conseguimos ver o plano completo. Psicologicamente podemos considerar essa visão como a avaliação que uma pessoa faz de onde sua vida foi ou para onde está indo. Em um nível mais profundo, a visão permanece misteriosa e simbólica. Podemos ver o que fizemos de nossa vida particular, mas o destino continua um mistério.

Todos os símbolos na Roda possuem um significado: eles nos ajudam a compreender a verdade dentro das visões. No entanto, não sentimos a força plena da vida. A luz do inconsciente continua velada.

É significativo também que Malory relacione a Roda da Fortuna com o Santo Graal. Porque os símbolos do Graal, que são também os símbolos dos Arcanos Menores, provavelmente retrocedem tanto quanto o sacrifício anual do rei. Quando ao candidato à iniciação nos antigos mistérios europeus era concedida sua "visão" dos segredos íntimos do culto, esta "visão" muito provavelmente era a dos quatro símbolos: a taça, a espada, a lança e o pentáculo, que lhe eram mostrados em grande cerimônia mística. E os instrumentos básicos da magia ritual, depositados na mesa do Mago, são os mesmos quatro símbolos e também as séries dos Arcanos Menores.

Embora não vejamos diretamente os quatro símbolos no trunfo 10, vemos dois de seus muitos análogos. As quatro criaturas nos cantos da carta derivam da visão de *Ezequiel 1:10.* Elas aparecem também em *Apocalipse* 4:7. Através dos séculos, essas quatro figuras, às vezes chamadas de "guardiães do céu", chegaram a simbolizar os quatro elementos básicos da ciência antiga a medieval. No canto direito, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio, eles são fogo, água, ar e terra, e estes elementos também dizem respeito às Lanças, às Taças, às Espadas e aos Pentáculos. Além de representarem os elementos, as quatro feras também correspondem a quatro signos do zodíaco - Leão, Escorpião, Aquário e Touro. O zodíaco, naturalmente, é a Grande Roda do universo visível. Assim, tanto elementos como signos significam o mundo físico, novamente visto como um mistério, onde cada um só pode realmente ser compreendido através do aprendizado das verdades secretas.

A outra ligação com os quatro elementos aparece na quarta letra do nome de Deus no círculo da Roda. Começando pela parte de cima, no canto direito, a novamente lendo em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, as letras *são Yod, Heh, Vav, Heh. Como* aparece na Torá sem vogais (as quatro letras são consoantes) o nome é impronunciável. Portanto, o verdadeiro nome de Deus permanece secreto. Pelo menos há dois mil anos judeus e cristãos consideram este nome mágico. Os místicos meditam sobre ele (o extático terceiro nível da Cabala de Abulafiaera atingido através do estudo do nome de Deus) e os magos o manipulam. Para os cabalistas, as quatro letras são o maior símbolo dos mistérios do mundo. Considerou-se o processo de criação do universo como tendo ocorrido em quatro estágios, correspondentes às quatro letras. E, naturalmente, as letras ligam-se aos quatro elementos, aos símbolos do Graal e aos Arcanos Menores.

As letras romanas intercaladas entre as hebraicas formam um anagrama. Lidas da esquerda para a direita, a partir do alto, elas dão a palavra TARO; lidas em sentido contrário, elas formam a palavra TORA (lembre-se do pergaminho da Grande Sacerdotisa). Podemos também encontrar a

palavra "ROTA", que é o latim para a "roda", a palavra "ORAT" que em latim que dizer "fala", e "ATOR", uma deusa egípcia (também chamada Hathor). Paul Foster Case, seguindo MacGregor Mathers, fundador da Aurora Dourada, formou a sentença "ROTA TARO ORAT TORA ATOR". Isso pode ser traduzido por: "A Roda do Taro fala a lei de Ator". Case chama a isso a "lei das letras", já que Ator tomou-se mais conhecida no Egito como a deusa dos mortos, e na realidade ela é a "lei" da vida eterna, oculta no mundo natural. Embora o corpo morra, a alma continua. Cabe também assinalar que os valores do número hebraico das letras de TARO somam 691, e que isso, somado a 6, valor do número para as quatro letras do nome de Deus (chamado Tetragrama) soma 697. Esses dígitos somam 22, o número de letras no alfabeto hebraico e dos trunfos nos Arcanos Maiores. E, naturalmente, 22 nos leva de volta ao 4.

Os quatro símbolos nos raios da roda são alquímicos. A partir de cima, lendo da esquerda para a direita, eles são mercúrio, enxofre, água e sal, e dizem respeito à finalidade alquímica da linha dois, isto é, transformação. A água é o símbolo da dissolução, ou seja, dissolução do ego para libertar o verdadeiro eu que ficou imerso em hábitos, medos e defesas. Veremos exatamente o que isso significa quando estudarmos a Morte e a Temperança.

A idéia da morte e do renascimento está também simbolizada nas criaturas que enfeitam a Roda. A serpente representa Set, o deus egípcio do mal, e lendariamente o introdutor da morte no universo. É ele quem mata Osíris, deus da vida. É muito provável que essa lenda, como a própria Roda, tenha se originado na prática pré-histórica de matar o deus-rei, especialmente quando consideramos que Set foi uma vez um deus-herói, e que a serpente era sagrada para a Deusa que teria recebido o sacrifício. A serpente segue a Roda para baixo; o homem com cabeça de chacal subindo é Anúbis, guia para as almas mortas, e portanto doador de uma nova vida. Segundo algumas lendas, Anúbis é filho de Set, e assim vemos que só a morte pode trazer uma nova vida, e quando tememos a morte estamos vendo apenas uma verdade parcial. Psicologicamente, só a morte do eu externo pode liberar a energia vital interna.

A esfinge no topo da Roda representa Hórus, o filho de Osíris, e deus da ressurreição (muitas vezes substituído por Ator nos últimos séculos). A vida triunfou sobre a morte. Mas a esfinge, como vimos no Carro, também significa o mistério da Vida. O Carro controlava a vida com um ego forte. Agora a esfinge levantou-se acima da Roda. Se deixarmos o inconsciente falar, sentiremos que a vida contém algum grande segredo, mais importante do que o interminável giro de acontecimentos aparentemente sem sentido.

Set, a serpente, era chamado também de deus da escuridão. Novamente, ver a escuridão como "mal" é uma ilusão, e, de fato, o medo da escuridão, como o medo da morte, pertence ao ego. O ego ama a luz exatamente como o inconsciente ama o escuro. Na luz tudo é simples e

direto; o ego pode ocupar-se tom as impressões dos sentidos que vêm do mundo externo. Quando chega a escuridão, o inconsciente começa a agitar-se. É por isso que as crianças vêem monstros à noite. Um motivo para tornarmos o eu externo forte é que assim não teremos que encarar demônios cada vez que as luzes se apagam.

Quern, no entanto, deseja ultrapassar o Carro precisa fazer frente a esses terrores. Serpentes e água, escuro e dissolução são todos símbolos de morte, isto é, morte do corpo e morte do ego. Mas a vida existe antes a depois da personalidade individual, que, naturalmente, é apenas uma bolha na superfície de nossos seres. A vida é poderosa, caótica, estuante de energia. Entregue-se a ela, a Hórus, deus da ressurreição, extrairá nova vida do caos. A Roda gira tanto para cima como para baixo.

A versão de Wirth da Roda da Fortuna manifesta essa idéia com mais força ainda. A Roda está parada num bote sobre a água. Dissolução, caos emergem como a realidade essencial sublinhando o universo físico. Todas as formas de existência, a grande variedade de coisas e de acontecimentos, são simplesmente criações momentâneas originadas pela energia poderosa que enche o cosmo. No mito hindu, periodicamente, quando as formas externas, como o ego, ficam esgotadas e apáticas, desprendendo a energia básica da qual o universo tinha originalmente emergido, Xiva destrói o universo todo.

O número 10 sugere o 0. O Louco é nada e não tem personalidade. Mas o Louco, como o número 0, e também tudo, porque ele sente diretamente aquela energia vital, aquele mar encapelando-se sob o bote. No baralho Rider, a Roda da Fortuna não tem nenhum símbolo no centro. Quando chegamos ao centro calmo da existência, sem ego e sem medo, todas as formas externas desaparecem. Podemos compreender isso intuitivamente, mas para realmente senti-lo, precisamos deixar nosso eu entrar naquele mar escuro, deixar a personalidade morrer, dissolver-se, e dar lugar à nova vida que emerge de dentro da escuridão.

Nas leituras divinatórias, a Roda da Fortuna significa alguma mudança nas circunstâncias da vida de uma pessoa. A pessoa possivelmente não compreenderia o que causou essa mudança; poderia não haver nenhuma razão que alguém pudesse ver, e de fato a pessoa muito provavelmente não seria responsável em nenhum sentido normal do termo. Uma grande corporação compra a companhia para a qual um homem trabalha, e ele se torna supérfluo. Um caso de amor termina não porque as pessoas envolvidas tenham cometido algum "equívoco" no tratamento recíproco, mas simplesmente porque a vida continua. A Roda gira.

O mais importante a respeito da mudança é a reação. Será que aceitamos e nos adaptamos à nova situação? Será que a usamos como uma nova oportunidade e vemos algum significado e valor nela? Se a Roda aparecer com o lado certo para cima, isso significa adaptação. Em seu

sentido mais forte, pode indicar a habilidade para penetrar através do mistério dos eventos para encontrar uma compreensão maior da vida. O fim de um caso de amor, apesar do sofrimento, pode proporcionar maior autoconhecimento.

Invertida, a carta significa uma luta contra os acontecimentos, geralmente destinada ao fracasso porque a mudança aconteceu e a vida sempre triunfará sobre a personalidade, que tenta opor-se a ela. Se a pessoa envolvida, no entanto, sempre reagiu passivamente a qualquer coisa que a vida lhe tenha imposto, então a Roda invertida pode significar uma mudança mais importante do que simplesmente um novo conjunto de circunstâncias. Ela pode abrir o caminho para uma nova conscientização de responsabilidade por sua própria vida.

A JUSTIÇA

A imagem desse trunfo deriva da deusa grega titã Têmis, que aparece, com sua venda nos olhos e sua balança, nos afrescos dos palácios da Justiça em todo o mundo ocidental. A *Justitia legal*, denominando-a em latim, estava com os olhos vendados para demonstrar que a lei não discrimina e é aplicada igualmente aos fracos e aos poderosos. O princípio de justiça social, no entanto, pertence exatamente ao Imperador, imediatamente acima da Justiça. A carta 11 indica que as leis psíquicas de Justiça, através das quais avançamos de acordo com nossa habilidade em compreender o passado, depende da faculdade de vermos a verdade a respeito de nós mesmos e da vida. A *Justitia* do Tarô, portanto, não usa venda nos olhos.

Até agora, falamos da segunda linha como um processo de afastamento das preocupações externas a fim de despertar a visão interior de nós mesmos e da vida. Mas uma visão da natureza oculta das coisas não tem sentido se não produz uma resposta ativa. Precisamos sempre agir (o princípio do Mago) segundo a sabedoria que recebemos do nosso eu íntimo (o princípio na Grande Sacerdotisa). Não apenas a balança perfeitamente equilibrada, mas todas as imagens na carta apontam para um equilíbrio entre a compreensão e a ação. A figura, uma mulher, parece andrógina; embora sentada firmemente em seu banco de pedra, ela parece prestes a levantar-se; um pé está à vista sob sua túnica, o outro permanece escondido. A espada, emblema de ação, aponta diretamente para cima, indicando tanto a resolução quanto a idéia de que a sabedoria é como uma espada trespassando a ilusão dos acontecimentos para descobrir o significado íntimo. De gume duplo, a espada significa escolha. A vida exige que tomemos decisões; ao mesmo tempo, cada decisão, uma vez tomada, não pode ser revogada. Ela se torna parte de nós. Somos formados pelas ações que praticamos no passado; formamos nosso futuro eu pelas ações que praticamos agora.

Os pratos da balança também representam o equilíbrio perfeito do passado e do futuro. Passado e futuro equilibrados, não no tempo, mas no olhar claro da Justiça encarando você, a partir do exato centro dos Arcanos Maiores.

Ao longo de toda a primeira metade dos Arcanos Maiores, quando uma pessoa se envolve com o mundo externo, ela sofre a ilusão de que está vivendo a vida segundo o princípio ativo. Isto porque confundimos fazer coisas com ação. Quando nos voltamos para dentro, admitimos que nos afastamos da ação; e na verdade o processo da linha dois não pode ser realizado sem uma pausa em nossas vidas, ou pelo menos uma mudança de enfoque quanto à atenção. Mas ação real, compreendida como o oposto ao movimento sem sentido, sempre traz significado e valor para nossas vidas; tal ação provém da compreensão. Caso contrário, permanecemos na realidade passivos, máquinas que são empurradas de um acontecimento para outro sem nenhuma compreensão do que nos leva a fazer as coisas que fazemos. O verdadeiro propósito da linha dois não é abandonar o princípio ativo, mas despertá-lo.

As imagens do trunfo 11 combinam o Mago e a Grande Sacerdotisa mais completamente do que em qualquer momento anterior. Antes de mais nada, os dígitos do número 11 somam 2, mas o número também significa uma versão mais elevada de 1 (da mesma maneira que uma versão inferior de 21). A mulher sentada diante de dois pilares, com um véu estendido entre eles, sugere a Grande Sacerdotisa, mas seu vestido vermelho e sua postura, com um braço para cima e um para baixo, sugerem o Mago. A verdadeira ação se origina do auto-conhecimento; a sabedoria tem sua origem na ação. Na vida, como no desenho, o Mago e a Grande Sacerdotisa estão indissoluvelmente combinados, como uma serpente macho e uma fêmea enroladas uma na outra (símbolo do *kundalini* como também do caduceu de Hermes) ou a dupla hélice de DNA. A cor do véu é púrpura, emblema da sabedoria interna; o fundo, a coroa, o cabelo e a balança são todos amarelos, significando a força mental. A sabedoria não nasce espontaneamente. Nós precisamos pensar a respeito de nossa vida se quisermos compreendê-la. Mas todos os nossos pensamentos não chegam a lugar algum a não ser que se desenvolvam a partir de uma clara visão da verdade.

Ao nível microcósmico da psicologia pessoal, a Roda da Fortuna representa uma visão da vida de uma pessoa: os acontecimentos, quem você é, o que você fez de si mesmo. A Justiça indica uma compreensão dessa visão. O caminho para a compreensão passa pela responsabilidade. Enquanto acreditamos que nossas vidas passadas apenas aconteceram, que não trazemos à existência nosso eu através de ações que praticamos, o passado permanece um mistério, e o futuro uma roda que gira eternamente, sem qualquer significado. Mas quando aceitamos que cada acontecimento em nossa vida ajudou a formar nosso caráter, e que no futuro continuaremos a nos criar a nós mesmos através de nossas ações, então a espada da sabedoria rasgará o mistério.

Mais ainda, aceitando a responsabilidade por nós mesmos, paradoxalmente nos libertamos do passado. Como Buda relembrando todas as suas vidas, apenas podemos libertar-nos do passado tomando-nos conscientes dele. Caso contrário repetimos constantemente o comportamento passado. É por essa razão que a Justiça diz respeito ao centro de nossas vidas. O ego pode ser apenas uma *persona*, uma espécie de máscara, mas essa máscara pode controlar-nos enquanto não admitirmos que nós mesmos a forjamos.

A idéia de responsabilidade por sua própria vida não implica nenhuma espécie de controle invisível sobre o mundo externo. Não significa, por exemplo, que se um terremoto destruir sua casa você de alguma maneira desejou que isso acontecesse, por qualquer razão secreta que você pudesse ter. A compreensão inclui a aceitação das limitações de sua existência física. O universo é vasto e estranho, e nenhum indivíduo pode controlar o que acontece nele.

Nem a responsabilidade implica algo moral. Simplesmente significa que, queiramos ou não, qualquer coisa que você faz, qualquer coisa que sinta, contribuem para o desenvolvimento da sua personalidade. A vida exige que você reaja a cada acontecimento. Não é uma exigência moral, é apenas um fato da existência.

E no entanto todos os nossos instintos, a psicologia e a religião, bem como o testemunho dos místicos, nos dizem que a vida contém alguma coisa a mais, uma essência íntima independente daquele "eu" externo arremessado de uma experiência a outra. A segunda linha mostra a personalidade externa morrendo e a essência íntima, o anjo da Temperança, podendo emergir. Antes que essa libertação possa acontecer, precisamos aceitar a "Justiça" de nossas vidas; somos o que fizemos de nós.

Nossa época vê essa conscientização como primordialmente psicológica, melhor exemplificada no difícil processo da psicanálise. Outras épocas exteriorizaram o processo de transformação nos ritos dramáticos de iniciação. Todas as iniciações seguem o mesmo padrão. Tendo reunido coragem para tomar-se um neófito, o primeiro candidato recebe instruções no ensinamento do culto ou do mistério; durante esse estágio, medidas são tomadas, através da meditação, do ritual e das drogas, para abrir os canais ao inconsciente e tornar a pessoa receptiva. Esses primeiros estágios estão simbolizados na Força e no Eremita. Então, numa grande atmosfera de mistério e de drama, é mostrada ao candidato uma visão dos mistérios secretos do culto. (Eles são mantidos secretos para protegê-los dos incrédulos, mas ainda mais para torná-los eficazes quando revelados.) Nos cultos do Graal, esta visão era uma dramática procissão do Graal e de seus símbolos, levados por mulheres que choravam por um rei ferido. Vemos uma analogia desta visão na Roda da Fortuna.

E agora chega o momento crucial. O candidato precisa ter uma reação. Se ele ou ela simplesmente ficam passivos aguardando os próximos acontecimentos a iniciação não pode continuar. Nos cultos do Graal, a reação necessária muito provavelmente era uma pergunta, seja: "Que significam estas coisas?", ou, mais sutilmente: "A quem o Graal serve?" Ao fazer a pergunta, o candidato dá ao culto a oportunidade de responder, isto é, de continuar a iniciação através do ritual da morte e do renascimento. O que é mais importante, ele ou ela demonstram consciência de estarem participando do processo, de serem responsáveis pelo resultado correto. Isto é mais difícil do que parece. O ritual simboliza a vida, a morte, e o renascimento da natureza, bem como o corpo morrendo para libertar a alma eterna. Falar de um acontecimento tão atemorizante (e lembre-se de que o iniciado acreditava em seus deuses ou deusas de uma forma que hoje seria impossível para a maioria de nós) exigia uma coragem no mínimo tão grande quanto a necessária para aceitar as verdades reveladas através da análise psicológica e da conscientização.

Atualmente, a ênfase sobre o individualismo leva-nos a pensar só na morte pessoal e no renascimento. As grandes iniciações, por outro lado, serviam não apenas para transformar a própria pessoa, mas também para ligá-la aos mais amplos mistérios do universo. Seguindo essa direção podemos ver outra razão pela qual o lugar que compete à Justiça é o centro dos Arcanos Maiores. Falamos do mundo como uma ação recíproca de opostos, uma roda de luz e escuridão girando constantemente, vida e morte. Também dissemos que no centro da roda fica o ponto estacionário ao redor do qual os opostos giram sem parar. Os pratos equilibrados da balança da Justiça novamente sugerem aquele ponto estacionário. Quando encontramos o centro de novas vidas, tudo entra em equilíbrio. Quando todos os opostos, incluindo o passado e o futuro, ficam equilibrados, somos capazes de sentir-nos livres dentro de nós mesmos.

Muitas pessoas querem saber o que o Tarô, ou o *I Ching,* ou a astrologia nos dizem a respeito do livre-arbítrio. Se as cartas podem predizer o que vamos fazer, significa que o livre-arbítrio na realidade não existe? A pergunta surge a partir de um equívoco sobre o próprio livre-arbítrio; pensamos nele como algo simples e independente do passado. Achamos que a qualquer momento somos livres para fazer o que quisermos. Mas as nossas supostas escolhas livres são governadas por nossas ações passadas. Se não nos compreendemos a nós mesmos, como podemos esperar fazer uma escolha livre? Só vendo e aceitando o passado podemos libertar-nos dele.

Uma pessoa pode consultar as cartas a respeito de determinada situação. As cartas delineiam muito diretamente as conseqüências de alguma decisão, digamos, se continuar ou não com um caso de amor, ou se iniciar algum novo projeto. Digamos que as cartas indiquem fracasso, e que a pessoa na realidade possa ver a probabilidade de acontecer o que as cartas predizem. A

pessoa poderia dizer: "Bem, isto é possível, mas o meu livre-arbítrio me permite mudar a situação." Mas ela segue em frente e a situação acaba exatamente como as cartas predisseram. A pessoa, na realidade, absolutamente não usou seu livre-arbítrio; em vez disso, a idéia do livre-arbítrio serviu como uma desculpa para ignorar o que ela admitiu como uma projeção válida. Isto não é uma situação hipotética; acontece muitas e muitas vezes nas leituras do Tarô. Não basta apenas prever um resultado provável para que possamos mudar ou evitar aquele acontecimento. Precisamos compreender por que ele está se aproximando, e precisamos trabalhar com as causas, dentro de nós, do que fazemos e da maneira como reagimos. O livre-arbítrio certamente existe. Só não sabemos como usá-lo. A coisa mais importante que podemos aprender das leituras do Tarô é quão pouco exercitamos nossa liberdade.

Nas leituras do Tarô deve-se sempre prestar cuidadosa atenção à carta da Justiça. Sua aparição indica, antes de mais nada, que os acontecimentos se desenrolaram da maneira como eles estavam "destinados" a se desenrolar; quer dizer, o que lhe está acontecendo decorre de situações e decisões do passado. Você tem o que merece. Em segundo lugar, ela indica uma necessidade e uma possibilidade de ver a verdade desse resultado. A carta significa honestidade absoluta. Ao mesmo tempo ela mostra a possibilidade de que suas ações futuras possam ser mudadas por uma lição aprendida na atual situação.

Não podemos tornar-nos honestos para conosco mesmos sem estendermos esta honestidade para a maneira como lidamos, ou nos relacionamos, com outras pessoas. Neste sentido a carta traz em si os significados óbvios da Justiça: honestidade, imparcialidade, ações corretas e, naturalmente, em assuntos legais e outros, uma decisão justa - apesar de não ser necessariamente a decisão que a pessoa preferia.

Invertida, a carta indica desonestidade para consigo mesmo e os outros. Ela mostra certa relutância em encarar o significado dos acontecimentos e mostra especialmente que você está perdendo uma oportunidade de obter uma compreensão melhor de você mesmo e de sua vida. Ao nível externo ela indica desonestidade e ações ou decisões injustas. Algumas vezes indica outras pessoas que são injustas conosco. O significado da carta invertida pode também referir-se a decisões legais injustas ou mau tratamento da parte de outrem.

Por outro lado, não podemos permitir que a sugestão de injustiça atue como uma desculpa para negarmos nossa própria responsabilidade pelo que acontece conosco. A Justiça invertida algumas vezes reflete a atitude: "Isto é injusto. Veja como todo mundo me trata." E assim por diante. Quer com o lado certo para cima, ou invertida, os olhos claros da Justiça nos mandam uma mensagem contundente. Nas palavras de Emerson: "Nada pode salvar você, a não ser você mesmo."

O HOMEM DEPENDURADO

Após a crise de ver o que você fez de sua vida, vem a paz da aceitação; depois da Justiça, o Homem Dependurado. Artistas, escritores e psicólogos sentiram-se atraídos para essa carta, com suas sugestões de grandes verdades num simples desenho. Já nos referimos à tradição oculta atrás da postura de cabeça para baixo e de pernas cruzadas. Ao discutir a Força, dissemos que os ocultistas procuram libertar a energia dos desejos e transformá-la em energia espiritual. Muitos ocultistas, e particularmente os alquimistas, acreditaram que uma maneira muito direta de fazer isto é literalmente apoiar-se na cabeça, de modo que a gravidade empurra a energia das partes genitais para o cérebro. Naturalmente, apenas os alquimistas mais ingênuos e otimistas poderiam esperar que tal acontecesse em seu sentido literal. Eles podem ter acreditado que micro-elementos encontrados no fluido genital escorreriam para baixo e afetariam o cérebro; mais precisamente, a inversão da postura física serve como um símbolo muito direto da inversão de atitude e da experiência que vem através do despertar espiritual. Onde todos estão frenéticos, você conhecerá a paz. Onde outras pessoas acreditam que são livres, mas na realidade são empurradas de uma coisa para outra por forças que não compreendem, você atingirá a verdadeira liberdade por entender e abranger essas forças.

O Homem Dependurado pende de uma árvore com a forma da letra T. Isso é a metade inferior de um *ankh,* símbolo egípcio da vida e que algumas vezes é chamado de cruz tau. Segundo Case, o *ankh* no Egito substituía a letra hebraica *tau,* letra que pertence ao Mundo. Assim, o Homem Dependurado fica a meio caminho do Mundo. Vemos isso também no fato de que 12 é 21 de trás para a frente, e se você virar a carta do Homem Dependurado para baixo (fazendo com que o próprio homem fique de cabeça para cima), terá quase a figura do Dançarino do Mundo. Quando perguntamos, portanto, qual é a carta que fica a meio caminho dos Arcanos Maiores, a resposta é não apenas uma, mas três - a Roda, a Justiça, e o Homem Dependurado, simbolizando mais um processo do que um momento.

Note que enquanto o Dançarino estende os braços com suas varas mágicas, o Homem Dependurado conserva os braços cruzados atrás das costas. Lembre-se também de que ele está de ponta-cabeça. Nesse estágio uma profunda conscientização espiritual só pode ser mantida por um afastamento da sociedade. No Mundo vemos essa mesma conscientização mantida em meio a todas as atividades externas da vida.

Ele está dependurado em um *ankh, o* que faz da sua a Árvore da Vida. Lembrando Odin sacrificando-se em Yggdrasil, podemos também chamar o patíbulo de Árvore do Mundo. Esta

árvore começa no submundo (o inconsciente), e se estende através do mundo físico (o consciente) até o céu (o superconsciente). As idéias que foram inicialmente apresentadas pelo diagrama dos Namorados começaram realmente a acontecer. O que primeiro vimos como conceitos transforma-se agora, depois da Justiça, numa experiência genuína. O número do Homem Dependurado, 12, é 2 vezes 6, ou seja, a Grande Sacerdotisa elevando os Namorados a um nível mais alto.

Acima de todo o seu simbolismo, o Homem Dependurado nos afeta porque mostra uma imagem direta de paz e compreensão. A calma se mostra de maneira tão forte na carta porque o Homem Dependurado renunciou inteiramente aos ritmos da vida. Nas velhas iniciações, renunciar era juntar-se aos rituais, não apenas observá-los. Para muitas pessoas modernas ela envolve a libertação das emoções que mantiveram encerradas durante anos. Note que ambas essas coisas são atos; renunciar para Árvore do Mundo é um passo real que tomamos, não uma espera passiva.

O poema de T.S. Eliot, "Terra devastada", une a idéia de uma capitulação individual às emoções tanto com a aridez da vida européia após a Primeira Grande Guerra como com os antigos mistérios do Graal. O Rei Pescador ferido pode ser curado por um "momento de renúncia que uma era de prudência jamais poderá revogar". Inicialmente, no poema, diz-se ao herói que "tema a morte por afogamento". O ego encara a renúncia como a morte - dissolução no mar da vida. Quem dá essa advertência é um leitor de Tarô. O poema de Eliot ajudou a popularizar as cartas do Tarô na década de 20. Especificamente, popularizou o Homem Dependurado. Na realidade, o Homem Dependurado não aparece no poema, mas é importante devido à sua ausência.

Na realidade, Eliot afirmava nada conhecer do Tarô, mas apenas usar algumas imagens dele. Aparentemente, no entanto, ele sabia pelo menos um fato esotérico desconhecido até de muitos comentadores do Tarô - que, de acordo com alguns escritores esotéricos, o Homem Dependurado "originalmente" tinha por título "O Marinheiro Fenício Afogado". Madame Sosostris aplica este título ao herói. "Esta é a sua carta." A renúncia é o destino dele, mas ele o renegou: "Eu não encontro o Homem Dependurado."

As pernas cruzadas representam o número 4 voltado para baixo. O 4 representa a Terra com suas quatro direções. Invertendo seu próprio senso de valores, o Homem Dependurado virou o Mundo na sua cabeça. Os braços e a cabeça juntos formam um triângulo de água que aponta para baixo. O caminho para o superconsciente é através do inconsciente. A carta da Aurora Dourada, mostra o Homem Dependurado suspenso sobre a água. A maior parte dos cabalistas do Tarô dá a esta carta a letra *mem. Mem* significa "mares", ou o elemento da água.

Vemos, portanto, 4, o mundo, a consciência, e 3, aqui representando a água, ou o inconsciente, no corpo do Homem Dependurado. Estes números multiplicados formam 12. Na multiplicação os números originais se dissolvem e formam algo maior do que sua soma.

O número 12, como o 21, sugere tanto o 1 como o 2. A carta reflete o Mago no sentido de que o poder atraído para baixo pela vara entrou agora no Homem Dependurado; vemos isso como um círculo de luz sobre sua cabeça. A experiência de sentir realmente a força do espírito dentro da vida é uma experiência de grande poder a excitação em meio à calma completa. O número 2 sugere a Grande Sacerdotisa; o mesmo sugere a imagem da água. Ambas as cartas indicam um retraimento, mas onde o trunfo 2 indica o arquétipo da receptividade, o trunfo 12 mostra uma experiência disto.

1 mais 2 é igual a 3. A Imperatriz sentiu a vida diretamente através do envolvimento emocional, o Homem Dependurado sente-a através da conscientização íntima.

Em leituras, o Homem Dependurado traz uma mensagem de independência. Como o Louco, que significa fazer o que você sente que é melhor, mesmo que outras pessoas considerem uma loucura, o Homem Dependurado indica ser o que você é, mesmo que os outros pensem que você está vendo tudo de trás para frente. Simboliza o sentimento de estar profundamente relacionado com a vida, e pode significar uma paz que vem após alguma prova difícil.

O trunfo invertido indica uma falta de habilidade para se libertar de pressões sociais. Em vez de dar ouvidos ao nosso eu íntimo, fazemos o que os outros esperam ou exigem de nós. Nossa consciência da vida permanece sempre indireta, nunca é uma experiência direta, mas somente uma série de estereótipos, como a pessoa que modela seu comportamento pelas ordens de seus pais ou ações de astros do cinema.

A carta invertida também significa lutar contra seu eu íntimo de alguma maneira. Pode significar a pessoa que tenta negar alguma parte básica de si mesma ou simplesmente a pessoa que não pode aceitar a realidade e que de uma maneira ou de outra está constantemente em combate com a vida. Colocando o seu ego contra o mundo, esta pessoa jamais sente a vida em sua plenitude. Nenhum de nós pode conhecer o significado pleno de estar vivo enquanto, como Odin, não nos dependurarmos na Arvore do Mundo, com suas raízes profundas além do conhecimento no mar da experiência, com seus galhos perdidos entre as inúmeras estrelas.

A MORTE

Assim como os Namorados (imediatamente acima da Morte), o desenho de Arthur Waite para o trunfo 13 se afasta das imagens padrão do Tarô. A Morte atinge a todos igualmente, tanto

a reis quanto a plebeus. Esta democracia básica da morte era um tema favorito dos sermões medievais. Como uma idéia, ela remonta, no mínimo, à época da prática judaica de enterrar todos do mesmo modo, com uma mortalha branca e um caixão simples de pinho, de maneira que na morte o rico nivela-se ao pobre.

Como poderíamos imaginar, o grande poder da morte nos leva além da democracia, tanto para os significados filosóficos quanto para os psicológicos. A morte, como a vida, é eterna e sempre presente. As formas individuais estão sempre morrendo, enquanto outras vêm à existência. Sem a morte para remover o velho, nada novo poderia encontrar um lugar no mundo. Muitas novelas de ficção científica mostraram que sociedade tirânica resultaria se os líderes do mundo não morressem. A libertação da Espanha depois da morte de Franco demonstrou de modo oportuno a importância da morte.

Quando morremos, nossa carne se decompõe, deixando apenas o esqueleto. Este também eventualmente se desfará, mas dura o tempo suficiente para dar-nos uma vaga idéia da eternidade. Portanto, o esqueleto na carta da Aurora Dourada significa que a eternidade triunfa sobre o transitório. O esqueleto tem um significado oculto também. Através de todo o mundo o treino para xamãs inclui métodos de ver nosso próprio esqueleto, usando drogas, meditação, até mesmo arranhando a pele do rosto. Libertando o osso da carne, os xamãs se relacionam com a eternidade.

Por temerem a morte, as pessoas procuram justificativa e importância para ela. A religião cristã nos ensina que a morte liberta nossas almas da carne pecaminosa, para que possamos unir-nos a Deus em uma futura vida maior. Carl Jung escreveu sobre o valor de acreditar numa vida póstuma. Sem isso, a morte pode parecer-nos monstruosa demais para que a aceitemos.

Outras pessoas salientaram que a morte nos une à natureza. A consciência que nos isola do mundo será extinta; mesmo que o corpo se decomponha, isso apenas significa que ele está alimentando outros seres. Cada morte traz nova vida. Muitas pessoas acham horrível a idéia de que elas próprias serão devoradas. O hábito moderno de embalsamar e pintar cadáveres para que pareçam vivos, e depois enterrá-los em caixões de metal lacrados, deriva do desejo de manter a separação do corpo da natureza mesmo depois da morte.

O fato é que, desde que não sabemos o que acontece com nossos corpos uma vez que o espírito o tenha deixado, o que na realidade tememos é a destruição da personalidade. É o ego que se vê a si mesmo como separado da vida; porque é somente uma máscara, o ego não deseja morrer. Ele deseja fazer-se superior ao universo.

Se pudermos aceitar a morte, seremos capazes de viver mais plenamente. O ego nunca quer despender energia; ele tenta retê-la contra o medo da morte. Em conseqüência, não pode

entrar nova energia. Vemos isso claramente na respiração das pessoas quando entram em pânico. Elas tentam engolir ar sem deixar que algum saia, e por isso ficam sem fôlego.

Também no sexo o ego armazena energia. Ele combate o clímax e a entrega, porque nesse momento o ego se desintegra parcialmente. Na Inglaterra dos tempos elisabetanos, as relações sexuais eram freqüentemente chamadas de "morrer". E a Morte, no Tarô, vem abaixo dos Namorados.

Porque o ego resiste à própria idéia da morte e com isso nos impede de gozar a vida, às vezes precisamos tomar medidas extremas para superá-lo. Os ritos da iniciação sempre levavam a uma morte simulada e a um renascimento. O iniciado é levado a acreditar que na realidade está prestes a morrer. Tudo é feito para tornar a morte tão real quanto possível, de maneira que o ego é enganado e experimenta de fato aquela temida dissolução. Então, quando o iniciado "renasce", sente uma nova maturidade e uma nova liberação de energia. Nos últimos anos, muitas pessoas têm vivenciado algo muito semelhante a esses ritos através do use de drogas psicodélicas. Elas acreditam que estão morrendo e se sentem renascer. No entanto, sem a preparação simbolizada pelo Homem Dependurado, muitas vezes a experiência pode ser profundamente perturbadora.

Ao contrário do que muita gente acredita, a carta da Morte na verdade não se refere à transformação. De preferência, ela nos mostra o momento preciso em que desistimos das velhas máscaras e permitimos que a transformação se realize. Talvez possamos compreender isso melhor se considerarmos o paralelo do Tarô em psicoterapia. Por força da vontade (Força), a pessoa, com a ajuda do guia-terapeuta (o Eremita), permite que venha à tona o conhecimento do que ela é, e quais os hábitos e medos que deseja superar (Roda a Justiça). Esse conhecimento traz calma e desejo de mudar (o Homem Dependurado). Mas então um medo se estabelece. "Se eu desistir do meu comportamento", a pessoa pensa, "talvez não reste nada. Eu vou morrer." Vivemos sob o controle do ego por tantos anos que chegamos a acreditar que nada mais existe. A máscara é tudo o que conhecemos. É comum pessoas ficarem presas à terapia durante anos porque temem a libertação. O nada do Louco as apavora.

É comum pessoas que foram gordas durante anos sentirem um medo semelhante quando tentam fazer dieta. "Eu sempre fui gorda", pensam. "Sou gorda por natureza. Se ficar magricela, deixarei de existir." O fato é que isso é verdade. O "eu" que era uma pessoa gorda deixará de existir. Mas outra coisa surgirá.

A imagem de Waite para o trunfo 13 aumenta o significado psicológico da carta. As quatro pessoas demonstram diferentes enfoques para a mudança. O rei, abatido, mostra o ego rígido. Se a vida nos chegar com bastante poder, o ego pode entrar em colapso; a insanidade pode resultar de uma falta de habilidade para ajustar-se a mudanças extremas. O sacerdote fica de pé e

enfrenta a Morte diretamente; ele pode fazer isso porque suas roupas engomadas e seu chapéu o protegem e sustentam. Vemos aqui o valor de um código de crenças para ajudar-nos a passar por nossos medos da morte. A Virgem simboliza inocência parcial. O ego não é rígido, embora ainda consciente de si mesmo, e sem vontade de entregar-se. Ela, portanto, se ajoelha, mas volta-se para outro lado. Apenas a criança, representando completa inocência, enfrenta a Morte com uma simples oferta de flores.

A Morte usa uma armadura negra. Já vimos como o negror e a escuridão simbolizam tanto a fonte da vida como o seu fim. O preto absorve todas as cores; a morte absorve todas as vidas individuais. O esqueleto monta um cavalo branco. O branco repele todas as cores e portanto simboliza a pureza, mas também o nada. A rosa branca representa o desejo purificado, porque quando o ego morre as necessidades egoístas a repressivas morrem com ele.

No fundo da carta vemos um sol nascendo entre dois pilares. O ego pertence ao mundo exterior da dualidade, separando a classificando a experiência. Através da Morte, sentimos o poder luminoso da vida, que só se conhece a si mesma. A paisagem diante dos pilares nos lembra a "terra dos Mortos" descrita em todas as mitologias. Tememos a morte de nossos velhos eus porque não sabemos o que esperar depois. Uma função principal dos xamãs que vêem seus esqueletos é avançarem através da Terra dos Mortos e assim serem capazes de guiar as almas dos outros.

Um rio flui no meio da carta. Os rios, como vimos no caso da Imperatriz, indicam a unidade entre a mudança e a eternidade. O fato de que eles levam para o mar nos relembra a unidade e a falta de forma do universo. O barco, reminiscência dos barcos fúnebres dos faraós, simboliza o verdadeiro eu levado através da Morte para uma nova vida.

Não importa o desenho, todas as cartas de Tarô trazem o número 13. Apesar de muitas pessoas considerarem o número 13 azarado, elas não sabem por quê. Em nossa cultura, o 13 refere-se a Judas, já que ele era o décimo terceiro homem à mesa da última Ceia, e assim o número significa a morte de Cristo (e a de todas as outras pessoas). Sexta-feira 13 é especialmente azarado, porque Cristo morreu numa sexta-feira, mas também podemos considerar Cristo como o décimo terceiro homem. A morte leva à ressurreição.

Em sentido mais simbólico, o 13 é azarado porque nos leva além do 12. O 12 é algo como um número perfeito. Ele combina os arquétipos 1 e 2, simboliza o zodíaco e, portanto, o universo, pode ser dividido por 1, 2, 3, 4 e 6, mais dígitos do que qualquer outro número. O 13 destrói essa harmonia. Ele só pode ser dividido por 1 e por ele mesmo. Novamente, podemos ir além dos aspectos negativos do simbolismo. Exatamente porque destrói a perfeição do 12, o 13 significa uma nova criação; a morte põe fim às velhas formas e abre caminho para as novas.

O número 13 soma 4, o Imperador. Através da Morte, triunfamos sobre nosso eu "social" externo. Já que o 13 é uma forma mais elevada do 3, a carta também recorda a Imperatriz, e nos faz lembrar novamente que na natureza a vida e a morte são inseparáveis.

Em leituras divinatórias, a Morte significa um tempo de mudança. Freqüentemente, significa um medo de mudança. Em seu aspecto mais positivo, ela mostra um afastamento de velhos hábitos e de rigidez para possibilitar o surgimento de uma nova vida. Em seu aspecto mais negativo, indica um medo anormal da morte física. Este medo vai mais fundo do que muita gente imagina, e muitas vezes uma leitura com muitas indicações positivas terminará mal por estar a Morte na posição de medos.

O trunfo invertido indica apego a velhos hábitos. Waite fala de "inércia, sono, letargia" na vida. O sentimento de uma vida inerte, tediosa, mascara a batalha algumas vezes desesperada do ego de evitar a mudança. A carta sempre indica que a Morte, sem seu subseqüente renascimento, não só é uma possibilidade mas também, em certo sentido, uma necessidade. Chegou o momento de morrer. Afogando-nos em letargia, o ego impede que o conhecimento deste fato chegue à consciência. A inércia, o tédio e a depressão muitas vezes escondem terrores íntimos.

A TEMPERANÇA

O Carro simboliza a construção bem-sucedida de um ego capaz de lidar vitoriosamente com a vida. Com o passar do tempo, esse ego se torna rígido; o procedimento vagaroso se torna cada vez menos uma reação à realidade e cada vez mais uma seqüência de hábitos. O propósito da segunda linha dos Arcanos Maiores é libertar-nos dessa personalidade artificial, e ao mesmo tempo deixar-nos entrever as verdades maiores dentro do universo. A Temperança, aparecendo abaixo do Carro, mostra uma pessoa cujo procedimento é, novamente, relacionado com o mundo real, mas de uma maneira mais significativa do que jamais tinha sido. Pois se a criança se relaciona diretamente com a vida, ela o faz sem consciência disso, e à proporção que a consciência cresce, o ego cresce também. A Temperança indica a habilidade de combinar espontaneidade com conhecimento.

A palavra "temperança" significa moderação. Para a maioria das pessoas isto quer dizer auto-controle. A Temperança do Tarô, no entanto, não chega a extremos, simplesmente porque os extremos não são necessários. Não uma inibição artificial de acordo com um código moral, mas exatamente o oposto; uma reação verdadeira e adequada a todas as situações que podem surgir.

A palavra "temperança" deriva do latim *temperare,* que significa "misturar" ou "combinar adequadamente". A pessoa que libertou seu "eu" íntimo caracteriza-se não apenas pela

moderação, mas também pela habilidade de combinar os diferentes aspectos da vida. Muitas pessoas podem lidar com a vida somente parcelando-a em pequenas seções. Elas criam uma personalidade para os negócios e outra para sua vida privada; ambas são falsas. Consideram certos momentos e situações como "sérios" e outros como "divertidos" e tomam cuidado para nunca sorrir diante de um assunto sério. Muitas vezes, as pessoas que amam não são as pessoas a quem consideram sexualmente atraentes. Todas essas separações derivam da incapacidade de aceitar a vida como ela se apresenta a todo instante. A Temperança combina os elementos da vida. Na realidade, ela combina os elementos da personalidade, de modo que a pessoa e o mundo externo fluirão juntos naturalmente.

O trunfo mostra os sinais de combinação através de toda a pintura. Quando olhamos para a imagem de Waite-Smith, vemos antes de mais nada a água sendo derramada de uma taça para outra; os elementos da vida fluindo juntos. Note que a taça mais baixa não está diretamente abaixo da superior, de modo que a pintura mostra uma impossibilidade física. Para alguns, a habilidade de uma pessoa Temperada para lidar com todos os problemas da vida com alegria parece mágica.

No baralho Rider, a Temperança apresenta ambas as taças como mágicas. Na pintura de Wirth, a taça de cima é de prata, indicando um fluir a partir da Lua, isto é, o inconsciente, para o Sol, o consciente. A segunda linha começou com um retraimento do mundo para encontrar o eu íntimo; chegou a hora de voltar às atividades normais da vida.

A estrada, principalmente, significa uma volta. Nós descemos para o fundo do eu e agora estamos retornando enriquecidos para a complexidade do mundo externo. Note que os dois pilares das cartas anteriores transformaram-se em duas montanhas. Idéias abstratas estão se tornando realidade; a Temperança é uma carta de comportamento, não de conceitos.

O anjo está parado com um pé na terra e outro dentro da água. Como a água representa o inconsciente, da mesma forma a terra simboliza o "mundo real" dos eventos e as outras pessoas. A personalidade Temperada, agindo a partir de um sentimento íntimo da vida, liga os dois reinos. A água também indica potencialidade, isto é, as possibilidades da vida, enquanto a terra simboliza manifestação ou realismo. A pessoa Temperada, através de suas ações, traz à realidade as maravilhas pressentidas pelo Homem Dependurado.

A Temperança de BOTA, mostra água sendo derramada sobre um leão, e uma tocha lançando dramas sobre uma águia. O leão simboliza o fogo (o Mago), enquanto a águia, a forma mais "elevada" de Scorpio, faz o papel da água (a Grande Sacerdotisa). O anjo está misturando a dualidade básica, combinando inseparavelmente os aspectos diferentes da vida, que antes pareciam irremediavelmente estranhos um ao outro. A águia simboliza a forma mais elevada de

Scorpio porque este representa a energia do inconsciente. Como a forma inferior, o escorpião, esta energia mostra-se principalmente como sexualidade, os "desejos animais" da personalidade subdesenvolvida. Quando a energia foi transformada pela canalização através da consciência, torna-se a águia da espiritualidade. A Força mostrou essa energia trazida para fora na forma do leão; na Temperança de BOTA, vemos o processo concluído, com a águia e o leão combinados.

O anjo assemelha-se à deusa grega Íris, cujo símbolo era o arco-íris. Um arco-íris aparece na carta de BOTA e flores de íris na versão do baralho Rider. O arco-íris aparece como um emblema de paz depois de uma tempestade, o que nos relembra que a Temperança mostra a personalidade libertada pela experiência assustadora da Morte. O arco-íris surge da água e no entanto brilha como luz através do céu, um emblema do eu íntimo, que antes parecia escuro, caótico, amedrontado, trazido para fora e alegremente transformado na promessa de uma nova vida. Na tradição judaica e cristã, o arco-íris é um sinal de renovação após o Dilúvio. O Dilúvio, como a destruição do universo por Xiva, representa psicologicamente a morte dos velhos padrões, que não refletem a alegria e a verdade da vida e que levam as pessoas ao "mal" - comportamento destrutivo para si mesmas a para os outros.

Como mensageira de Zeus, Íris viajava ao inferno para encher sua taça de ouro com a água do rio Estige. Os gregos acreditavam que as almas dos mortos viajavam através do Estige para a região dos mortos. Somente uma descida ao inferno do eu pode renovar a vida.

Em termos de religião, o anjo simboliza a alma imortal libertada pela morte. Se você olhar atentamente, verá sob o colarinho o nome de Deus tramado no tecido da túnica. Na tradição cristã, a alma se juntará a Deus após a ressurreição. O triângulo dentro do quadrado significa que o Espírito surge de dentro do corpo material.

Psicologicamente, o anjo indica a energia da vida que emerge após a Morte do ego. O triângulo mostra agora que essa energia trabalha dentro do quadrado das atividades comuns. Não precisamos realizar milagres para sentir nossa ligação com o universo imortal. Precisamos apenas ser nós mesmos.

Lembre-se de que o Tetragrama apareceu na Roda como um mistério do destino. Aqui o nome tornou-se parte de nós. Tornamo-nos "senhores" do nosso destino quando aprendemos a lidar com a vida tal como ela se apresenta e não de acordo com rotinas de hábitos e defesas.

Os significados divinatórios, como as idéias da carta, começam com moderação, equilíbrio em todas as coisas e na escolha do caminho do meio. A carta significa ação reta, fazer a coisa correta em qualquer situação que se apresente. Muitas vezes isso significa não fazer nada. A pessoa sem temperança sempre precisa estar fazendo algo, mas muitas vezes a situação requer

que a pessoa simplesmente espere. A carta às vezes aparecerá como um antídoto a cartas de imprudência e histeria.

A Temperança significa misturar elementos díspares, combinar atividades e sentimentos para produzir um sentimento de harmonia e paz. Por significar equilíbrio e combinação dos diferentes aspectos da vida, a Temperança traz um significado especial para os Arcanos Menores. Se uma leitura mostra uma pessoa dividida entre, digamos, paus e copas, atividade e passividade, ou copas e pentáculos, fantasia e realidade, então a Temperança, a moderação e a ação a partir de um sentido íntimo da vida podem dar uma indicação de como juntar essas coisas.

Como o Louco invertido, a Temperança de cima para baixo indica uma selvageria chegando a extremos. Na Temperança, isto acontece porque falta à pessoa consciência íntima para saber o que é apropriado a determinada situação. O trunfo invertido pode agir como um aviso de que você deixou que sua vida se tornasse fragmentada e está se esgueirando de um extremo a outro. Ele pode, de fato, indicar fracasso na grande tarefa de deixar que os velhos hábitos e medos morram e fiquem no passado. Em nível mais simples, a Temperança invertida aconselha-nos a ter calma e evitar os extremos; em seu sentido mais profundo, ela nos manda de volta à Força para iniciar aquele longo - às vezes penoso, outras aterrador, mas sempre intrinsecamente alegre - processo de morte a renascimento.

CAPÍTULO 6

A Grande Jornada

O OBJETIVO DO ESCLARECIMENTO

A maior parte das pessoas sente-se realizada quando destoe a máscara da *persona* e consegue retornar, renovada, ao mundo comum. No entanto, sempre houve pessoas que procuraram algo maior – uma união completa com os fundamentos espirituais da realidade. Para elas, não é o bastante sentir simplesmente o espírito fluindo através de suas vidas. Elas desejam conhecer essa força em plena consciência, e seus esclarecimentos, ensinamentos e exemplos enriquecem os outros. Para essas pessoas, avançar para a segunda linha é uma preparação e um afastamento de obstáculos.

Em sua forma mais verdadeira, a vida é energia pura, não diferenciada, na qual todas as coisas existem ao mesmo tempo. Não há formas, partes ou pedaços de eternidade. A consciência nos protege de experiência tão avassaladora. Ela fragmenta a totalidade da vida em opostos e

categorias. No Homem Dependurado e na Temperança vamos parcialmente além dessas ilusões limitadoras até chegarmos a um sentido de grande poder da vida, a uma sensação de nós mesmos como parte desse poder. Mas até na Temperança a ilusão de separação volta. A carta abaixo da Temperança é chamada o Mundo, porque é através de nossa experiência dele que nós e o universo nos tornamos um só.

A linha começa com um paradoxo, uma aparente queda nas ilusões do Diabo. Pesquisando o significado da carta nesse lugar especial, chegamos a uma nova compreensão do que a libertação envolve. No começo dos Arcanos Maiores, dissemos que a escuridão e a luz eram unidas. O lado escuro do inconsciente, no entanto, jaz escondido no templo da Grande Sacerdotisa, para ser sentido apenas através da intuição. Para ir além do véu, precisamos antes entrar na escuridão do eu. Muitas religiões celebram a travessia da escuridão para a terra da vida eterna. Quando a igreja cristã estabeleceu sua religião de luz, ela baniu todas as evocações da escuridão como malignas. A imagem comum do Diabo é simplesmente uma mistura do deus grego Pã com vários rivais de Cristo.

O significado da Torre depende de como encaramos o Diabo. Se o vemos como meras ilusões, então a Torre as mostra esmigalhadas por uma violenta convulsão. No entanto, se o Diabo significa liberação de energia reprimida, então a ilusão esmigalhada pelo raio nada mais é do que o próprio véu da consciência.

Em cada linha as três cartas do meio formam um grupo especial. Para a primeira, era a tríade natureza, sociedade e educação; para a segunda, era a mudança, através da Justiça, das visões externas da Roda para a experiência íntima do Homem Dependurado. Na última linha, as três cartas mostram a passagem da revelação íntima da Estrela de volta à conscientização do Sol. De permeio, cheia de coisas estranhas, está a Lua.

O Sol não é o fim. Mais uma vez descemos na escuridão para sentir, no Julgamento e no Mundo, uma união total com o universo e o espírito que o enche. Agora somos capazes de agir no mundo externo sem jamais perder, ao mesmo tempo, aquele sentimento de vastidão e de admiração interno. O Mago e a Grande Sacerdotisa unidos numa dança cheia de alegria.

O DIABO

Por que esta sombria figura opressora aparece tão tarde no Tarô? Após atingir o equilíbrio da Temperança, por que cair tão abruptamente? O Diabo traz o número 15, que se transforma em 6, os Namorados, e na realidade podemos dizer que Waite trabalhou de trás para a frente a partir do Diabo, quando ele projetou sua versão radical dos Namorados. Assim, no baralho Rider, o

Diabo, com seus demônios cativos, aparece como uma perversão do trunfo 6. Mas por que a "verdadeira" carta tão no princípio, e a perversão tão próxima do final?

O Diabo começa a última linha. Isto insinua que ele proporciona alguma energia vital para o trabalho dessa linha, que trata de forças arquétipas além do eu. Será que os caminhos do esclarecimento nos levam através do mundo sombrio do Diabo? Lembre-se de que Dante atravessa o Inferno antes de conseguir alcançar o Purgatório e o Paraíso; e de que William Blake, o oculista e poeta, descreveu o Diabo como o verdadeiro herói do poema moralista de Milton, *Paraíso Perdido.*

Para compreendermos o valor esotérico do Diabo, precisamos primeiro considerar seus significados mais comuns como uma força de ilusão e de opressão. A principal ilusão é o materialismo, termo que geralmente relacionamos com uma preocupação exagerada com o dinheiro, mas que com mais propriedade significa a perspectiva de que nada existe além do mundo dos sentidos. O Diabo esta empoleirado sobre um bloco de pedra semelhante ao cubo do Imperador no baralho de BOTA. Mas enquanto aquele cubo simboliza o universo inteiro, o retângulo do Diabo, metade de um cubo, indica um conhecimento incompleto.

Negando à vida qualquer componente espiritual, o materialista busca satisfazer somente desejos pessoais - monetários, sexuais e políticos. Já que essa pequenez quase sempre leva à infelicidade, o Diabo veio a significar a desgraça. Quando olhamos para as duas figuras, no entanto, não notamos nenhum desconforto em seus rostos ou em suas posturas. Note também que as correntes na realidade não os prendem; as grandes voltas podem ser tiradas facilmente. O poder do Diabo reside na ilusão de que nada mais existe. Em inúmeras situações, da opressão política à desgraça pessoal de uma má vida familiar, as pessoas somente se tornam conscientemente infelizes quando se convencem de que a vida não oferece outras alternativas.

A postura do Diabo, com uma mão para cima e outra para baixo, lembra o Mago. Enquanto o trunfo 1 levanta uma vara para o céu, atraindo para baixo o poder espiritual, a tocha do Diabo aponta para a terra, significando a crença de que nada existe além do material.

A palma do Diabo traz o grifo astrológico de Saturno, um planeta muitas vezes visto como simbolizando o mal ou a infelicidade, todavia mais propriamente encarado como limitações, fraquezas ou restrições. Os dedos espalmados e mais o número 5 em 15 lembram os dedos do Hierofante, dois para cima e dois para baixo. Enquanto o gesto do último significava que existem mais coisas no universo do que você pode ver à sua frente, a palma aberta do Diabo indica novamente que nada existe além do óbvio.

O Diabo exibe na fronte um pentáculo invertido, símbolo da magia negra. O pentáculo tem inúmeros significados. Se você se colocar com os pés separados e os braços abertos, verá que o

pentáculo simboliza o corpo humano. Com o lado certo para cima, a cabeça fica no plano mais elevado, e quando invertemos o pentáculo, as partes genitais ficam acima da cabeça. Nos ensinamentos tradicionais cristãos, o poder da razão, a habilidade para distinguir o que é certo do que é errado, regula os desejos. Portanto, o pentáculo invertido indica permitir que seus desejos sobrepujem seu raciocínio. A tocha do Diabo inflama a cauda do homem, e as pessoas que sentem suas necessidades sexuais como tão dominadoras e destrutivas muitas vezes as descrevem como um fogo queimando dentro delas. O fundo da carta é preto, simbolizando magia negra, a falta de habilidade de ver a verdade e a depressão.

Assim vemos os tradicionais significados do Diabo: ilusão, materialismo, miséria e obsessão sexual. Apesar disso, a carta traz consigo uma grande força. O Diabo nos encara intensamente. Os praticantes de Tantra descrevem o *kundalini* como um fogo no corpo, começando na base da espinha, o osso da cauda, e evocado por ritos sexuais.

Observe novamente o pentáculo. Os órgãos sexuais sobre a cabeça. A imagem nos recorda os Namorados do baralho Rider, em que a mulher, símbolo do inconsciente e das paixões, olha para o anjo. Podemos também lembrar a Força, diretamente acima do Diabo, em que o leão simboliza a energia animal elevada e domada. Já falamos da crença secreta de que a energia sexual e a espiritual são, na realidade, uma e única, simbolizada pela dupla imagem de Scorpio, do escorpião e da águia. Por mais estranha que pareça, a idéia não é realmente tão misteriosa. Não é necessário nem um ocultista, nem um freudiano para reconhecer o grande poder do sexo em nossas vidas. Quanto da cultura popular, com suas canções de amor, filmes românticos, piadas e gíria sexuais, é dedicada ao sexo? Se para a pessoa comum o impulso sexual é tão dominante, então faz sentido que o ocultista procure explorar essa energia e elevá-la a um nível tal, que eventualmente ela se transforme por completo na experiência avassaladora do esclarecimento.

Um ponto mais sutil: sonhar é sempre acompanhado pelo despertar sexual do corpo, um pênis ou um clitóris ereto, e muitas outras indicações. Agora, um sonho é o inconsciente manifestando-se através de imagens. A indicação é de que o inconsciente é por natureza sexual e de que os sonhos são uma transformação parcial dessa energia numa forma mais ampla. De fato, o termo "inconsciente" não se refere realmente aos sonhos e mitos que o revelam a nós, refere-se, antes, à grande fonte de energia que nos sustenta através da vida.

Nossa cultura ocidental ensinou-nos que o corpo e o espírito são fundamentalmente opostos. Acreditamos que o monge e a freira se abstêm do sexo para não se contaminarem. Mas podemos encarar o celibato de outra forma. Abstendo-se do sexo, o celibatário pode dar a esta energia uma outra direção. Na índia, a ligação entre a energia sexual e a espiritual foi sempre reconhecida. O símbolo de Xiva é um falo; enquanto os ritos de Tantra encorajam a cópula, como

uma maneira de carregar o corpo de energia. Os gnósticos, que tinham importante influência nas idéias ocultas européias, praticavam ritos muito semelhantes a Tantra. E os gnósticos, como Blake depois deles, consideravam Satã o verdadeiro herói no Jardim do Éden, procurando dar a Adão e Eva o conhecimento de seus verdadeiros eus.

Se o caminho para o espírito passa pelos desejos, então por que a sociedade os reprime? E se a trajetória para a libertação foi reconhecida e mapeada durante séculos, por que fazer dela um segredo? A resposta para estas perguntas reside no terrível poder da energia sexual-espiritual. Se elevada ao mais alto nível, ela nos liberta das limitações da dualidade. No entanto, se o poder é liberado, e não transformado, ele pode acabar em obsessões, crimes sexuais, violência e até destruição da personalidade. Não foram simplesmente as políticas sexuais que levaram os patriarcas gregos a atacar os mistérios do transe extático dominados pelas mulheres. Confundidos pelas forças libertadas dentro deles, os adoradores se chicoteavam e mutilavam, e às vezes saíam furiosos pelos campos, despedaçando animais, homens e até crianças que não estivessem em segurança. Só a pessoa que foi treinada, que atingiu um nível profundo de paz interior, que de fato alcançou a compreensão que o Tarô chama de Temperança, pode lidar sem riscos com as forças contidas no Diabo.

Na realidade, o Diabo envolve muito mais do que ritos sexuais e energia violenta. Em sentido mais amplo, ele simboliza a energia vital encerrada nas áreas escuras e ocultas do eu, onde não se pode entrar pelos meios naturais. Ele é chamado o Diabo porque, para quem não está preparado para receber essa energia, ele pode manifestar-se como monstros, como uma sensação de que o universo é cheio de maldade, ou como tentação de ceder à violência. Dissemos na segunda linha que a criança desenvolve um ego forte de maneira a não mais temer a escuridão. A ação da segunda linha nos deixa entrever as águas escuras sob a Roda da Vida. A terceira linha requer uma liberação completa da energia inconsciente. Tal torrente só pode surgir penetrando naquela área escondida, com todas as suas ilusões, horrores e desejos que tão facilmente podem desviar os despreparados do objetivo final.

Olhe novamente para os gestos do Hierofante e do Diabo. Os dois dedos do sacerdote virados para baixo significam que na vida há mais do que vemos; ao mesmo tempo, os dedos sugerem que o caminho para este conhecimento mais profundo está fechado. Os dedos abertos do Diabo podem simbolizar a ilusão de que o que você vê é tudo o que existe; ou pode simbolizar a visão de tudo. Nada está escondido. O gesto específico feito pelo Diabo, com um espaço entre as duas duplas de dedos é o mesmo feito pelo Sumo Sacerdote em Jerusalém para atrair a força do espírito. O gesto subsiste até hoje na comemoração do Ano-Novo judaico, como parte da "bênção sacerdotal".

Paul Douglas chamou o trunfo 15 de "lado escuro do inconsciente coletivo". Quando o chamado "mago negro" (antigamente um nome do Diabo) conjura um demônio, na verdade está trazendo uma força do eu à tona. Se a operação for bem-sucedida, o mago domina o demônio, tornando-o seu servo. Ou seja, o mago usa a energia libertada em vez de tornar-se presa dela. Para fazer isso, ele precisa estar purificado dos desejos do ego e de medos. Resumindo, precisa ter atingido a Temperança, caso contrário o demônio pode "vencer" a batalha. O mago toma-se um escravo das ilusões do Diabo.

Aprofundamo-nos bastante na interpretação radical do Diabo. Os significados divinatórios da carta tendem a seguir as interpretações mais usuais. Tomamos os significados mais óbvios porque numa leitura a carta aparece fora de contexto. O Diabo pode indicar uma visão estreita e materialista da vida; pode significar qualquer forma de desgraça ou depressão, especialmente sentir-se aprisionado ou acorrentado, com a ilusão de que nenhuma alternativa é possível. Se aparecer ligado aos Namorados, a carta mostra que um relacionamento que começou com amor transformou-se numa armadilha.

O Diabo significa ser escravo de seus desejos, em vez de agir da maneira que considera ser a melhor. Pode significar uma obsessão repressora, particularmente de ordem sexual, quando a pessoa se sente impelida a cometer atos que considera moralmente repugnantes. O exemplo máximo é o do criminoso sexual; comumente, homens e mulheres sentem-se fortemente atraídos sexualmente por pessoas de quem na realidade não gostam. O sentimento de desamparo e vergonha que se segue à entrega a esses desejos é próprio do Diabo.

Já observamos a calma no rosto do homem e da mulher acorrentados. Isto indica a aceitação de uma situação má. Eventualmente, chegamos a encarar nossas condições infelizes como normais, e podemos até lutar contra uma mudança. O Diabo invertido, por outro lado, indica uma tentativa de livrar-se da servidão e da miséria, sejam elas reais ou psicológicas. A pessoa não tolera mais sua situação e caminha para a libertação. Paradoxalmente, é neste preciso momento que sentimos com mais força nossa infelicidade e as limitações de nossas vidas. Antes de poder escapar das correntes, a pessoa precisa tornar-se consciente delas. Dessa forma, pessoas que estão passando por algum processo de libertação - digamos, sair de casa, fazer psicoterapia, ou enfrentar um divórcio difícil - com freqüência se sentem muito mais infelizes do que quando aceitavam cegamente suas condições de opressão. Tal período pode ser crucial para o desenvolvimento de uma pessoa. Se alguém puder sobreviver a ele, emergirá muito mais feliz e com uma personalidade mais desenvolvida. Às vezes podemos achar o período de transição insuportavelmente doloroso e esgueirar-nos de volta para nossas cadeias.

O Diabo invertido na posição do passado muitas vezes significa que a mudança ocorreu, mas que os sentimentos de tristeza, de raiva ou depressão permanecem, talvez escondidos da vista consciente, mas ainda nos influenciando. Muitas vezes temos que lidar com os diabos do passado, até com os que sobrepujamos há muito tempo em termos práticos. A psique jamais deixa algo desaparecer; ela simplesmente não se esquece de nada. O caminho para a libertação reside em usar e transformar o conhecimento e a energia ligados a cada experiência.

A TORRE

Como o Diabo, este trunfo comporta inúmeros significados, e as explicações dadas por muitos livros de Tarô indicam suas lições morais superficiais. Diz-se que a Torre é a concepção materialista do universo, e que o raio é a destruição que atinge uma vida baseada em princípios puramente materiais. Até aqui encontramos muita sutileza. Embora possa parecer que alguma força externa derruba a pessoa de mentalidade tacanha, a violência mostrada na carta na realidade origina-se em princípios psicológicos. A pessoa que vive apenas para satisfazer as exigências de riqueza, fama e prazer físico do ego, ignorando tanto a introspecção quanto a beleza espiritual do universo, levanta uma prisão em torno de si mesma. Vemos esta pessoa como a Torre cinzenta, presa à rocha, com uma coroa de ouro. Ao mesmo tempo forma-se uma pressão dentro da mente à medida que o inconsciente luta contra suas cadeias. Os sonhos tornam-se perturbados, as discussões e a depressão mais freqüentes, e se uma pessoa reprime também essas manifestações, o inconsciente muitas vezes encontrará alguma maneira de explodir.

A explosão pode parecer um desastre acidental; seus amigos e sua família voltam-se contra você, seu trabalho entra em colapso e a violência de uma forma ou de outra rodopia à sua volta. E é verdade que um dos mistérios da vida é que a má sorte vem às pencas. No entanto, quantos desses problemas não resultam de situações ignoradas ou mal resolvidas há muito, e que nos atingem no momento em que nos tornamos vulneráveis? E se alguns problemas, doença ou morte de pessoas que nos são próximas, problemas econômicos na sociedade, até desastres naturais, como tempestades - ou raios - acontecem ao mesmo tempo que os problemas pessoais, essa coincidência mostra mais uma vez que a vida na verdade contém mais do que o que conseguimos ver à nossa frente.

Não deveríamos pensar que a psique, ou a vida, provocam desastres simplesmente para nos punir. Os pingos de fogo caindo em ambos os lados da Torre têm o formato da letra hebraica *yod*, a primeira letra do nome de Deus. Eles não simbolizam ódio, mas perdão. O universo e a mente humana não permitirão que fiquemos aprisionados para sempre em nossas torres de ilusão

e repressão. Se não pudermos libertar-nos a nós mesmos pacificamente, então as forças da vida organizarão uma explosão.

Não pretendo dar a entender que de alguma maneira nos sentimos felizes com as experiências dolorosas que nos sacodem para soltar-nos, ou que possamos ver os propósitos benéficos de tais meios ou, ainda, que o processo sempre resulta em liberdade. Quase sempre uma série de reveses ou um período de emoções violentas podem incapacitar uma personalidade outrora forte. O ponto é que, não encontrando outras saídas, o inconsciente poderá irromper à nossa volta, e podemos usar essa experiência para encontrar um melhor equilíbrio. Alguns baralhos chamam essa carta "A Casa do Demônio", mas outros a chamam "A Casa de Deus", lembrando-nos que é uma força espiritual que destrói nossas prisões psíquicas.

Existe um significado mais profundo na ligação das casas de Deus e do Diabo, um significado com implicação mais direta no fato de que o hebreu para "serpente" traz o mesmo valor numérico (e é portanto visto como equivalente) da palavra usada para "messias". O Diabo é a sombra de Deus. No trunfo 15, vemos que a pessoa em busca de unidade com a vida precisa trazer para fora a energia normalmente reprimida pela personalidade consciente. Ao abraçar o Diabo, no entanto, nós pomos em risco a calma e o equilíbrio mostrados na Temperança. Colocamos a psique numa trajetória violenta que a conduz à explosão da Torre. Jung descreveu a consciência como um dique bloqueando o curso livre do rio do inconsciente. A Temperança age como uma espécie de comporta, deixando as águas passarem de maneira controlada. A Torre explode completamente o dique, libertando a energia presa como uma inundação.

Por que seguir um caminho tão perigoso? A resposta é que não existe outro meio de finalmente ultrapassar a barreira da consciência, ou de libertar-nos daquilo que separa a vida em opostos e nos separa da energia pura contida dentro de nós mesmos. O véu através do templo é a personalidade consciente, protegendo-nos da própria vida. Como os místicos, os extáticos e os xamãs testemunharam, a eternidade está toda à nossa volta, cegando-nos e dominando-nos. A mente não preparada não consegue abranger tal poder, e assim a consciência vem nos salvar, interceptando a maior parte de nossa energia espiritual, parcelando a experiência em épocas e categorias opostas.

Os místicos nos dizem também que a revelação vem como um raio que destrói as ilusões do mundo material num único *flash* cegante, como o que Paulo viu em seu caminho para Damasco, ou o que atingiu Buda sob a árvore de Bo. Não importa quão longos sejam a meditação, os anos de preces ou o treinamento oculto, a verdade vem toda de uma só vez ou não vem de modo algum. O que não significa que a preparação não teve sentido. O trabalho mostrado nas primeiras duas linhas dos Arcanos Maiores serve a dois propósitos. Não apenas nos torna bastante

fortes para suportarmos o raio quando vier, coloca-nos também em posição de provocar o raio. Todas as práticas ocultas começam com uma presunção: de que é possível atrairmos o raio da revelação, de que uma pessoa pode tomar medidas determinadas para fazer com que isto aconteça.

Essas medidas incluem o ensinamento, a meditação, a morte do ego e, finalmente, a aceitação do Diabo. Libertando essa energia ultrapassamos as barreiras da repressão e nos abrimos ao raio. Pois o espírito existe o tempo todo; nós é que somos cegos com relação a ele. Ao descermos para a escuridão do eu, abrimo-nos para a luz.

Obviamente, este é um processo perigoso. A pessoa despreparada pode tornar-se presa das ilusões do Diabo. Veremos também que a liberação de energia comporta seus próprios perigos quando a psique tenta integrá-la à conscientização. O herói voltando do centro do labirinto pode perder-se se não se preparou cuidadosamente.

A Torre surge abaixo da Grande Sacerdotisa, porque mostra o véu sendo rasgado. Ao mesmo tempo, o raio relembra o Mago. Aquela energia e verdade que passam através do Mago atingem aqui toda a sua força. Também vemos os trunfos 1 e 2 nas duas pessoas; uma de azul, a outra de capa vermelha. A polaridade simbolizada em tantas cartas anteriores é aqui dominada pela unidade da existência. Conte os pingos de fogo *yod* e verá que somam vinte e dois, o número dos trunfos. Você descobrirá também que eles estão separados em dez e doze. Os sumérios usavam um sistema numérico baseado em dez (correspondendo aos dez dedos) para os assuntos mundanos, mas um sistema separado baseado em doze, segundo o zodíaco, para as contagens espirituais. Essa dualidade também é uma ilusão. Ambos os mundos são manifestações do mesmo fogo do espírito.

A imagem de uma torre destruída nos traz à lembrança a torre de Babel. Num sentido literal, aquela história explica por que as pessoas falam tantas línguas, ao passo que, moralmente, ela nos ensina a não depositarmos nossa fé nas habilidades humanas (a Torre como materialismo). Mas podemos ver um outro significado na destruição de Babel. O raio que a atingiu era Deus falando à humanidade diretamente, e não indiretamente, através dos fenômenos comuns do mundo físico.

Em determinado instante, a linguagem de Deus substitui a linguagem humana que construiu a Torre; a revelação substitui o conhecimento dos sentidos adquirido passo a passo. Lembre-se de que a descida do espírito em Pentecostes mistura a linguagem humana; as pessoas "falam em línguas" ou emitem sons animais. E os xamãs, em seus transes, falam a linguagem dos animais e das aves. A linguagem humana é um aspecto da cultura e uma limitação da consciência. Muitos lingüistas, notadamente Benjamin Whorf, demonstraram que nossa linguagem restringe

nossa habilidade de perceber a realidade, como um filtro sobre o universo. E a verdade, nos ensinam os místicos, não pode ser expressa com palavras.

O 16 da Torre reduz-se a 7, o Carro, relacionado por Case e outros à linguagem humana. A fala do Deus da Torre destrói num instante todas as elaboradas construções da cultura, da linguagem e da consciência. Ao fazer isso, ela nos faz voltar ao caos do mar sob a Roda da Fortuna e à poça d'água atrás do véu da Sacerdotisa.

De certa forma, a Torre é o mais complexo de todos os trunfos; seus significados mais sutis estão em conflito com os seus significados mais óbvios. Como o Diabo, seus significados divinatórios em geral derivam do óbvio. Refere-se quase sempre a um período de sublevação violenta (quer literalmente, quer psicologicamente), à destruição de situações há muito estabelecidas, à ruptura de amizades por raiva, ou até por violência.

Como a carta envolve um significado tão violento, muitas pessoas recuam ao vê-la. A reação levanta a questão vital de como encarar as imagens mais atemorizantes do Tarô. Precisamos aprender a usar toda a experiência, tanto a Torre como os Namorados. Quando a Torre aparece, é necessário lembrar que ela pode levar à liberdade; as explosões estão resolvendo alguma situação que criou uma pressão intolerável. Elas podem conduzir a novos pontos de partida.

Dizer que a aparição da Torre normalmente significa experiências difíceis não é afirmar que significados mais profundos jamais surgirão. A carta pode significar um lampejo de esclarecimento, particularmente se tal esclarecimento substitui uma visão limitada da vida. Somente a intuição e a experiência do leitor, bem como indicações a partir de outras cartas, podem indicar o significado específico.

A Torre invertida indica uma versão modificada do significado da carta, quando está com seu lado certo para cima. A violência e a tempestade ainda estão lá, mas um pouco mais brandas. Ao mesmo tempo, o trunfo invertido contém o significado extra de "aprisionamento", para usar o termo de Waite. Resolvemos este paradoxo quando consideramos que, quando está com seu lado certo para cima, a Torre liberta. Então, quando invertida, a carta significa que não concordamos em passar pela experiência completa. Mantendo um controle rígido sobre nossas reações, diminuímos a dor; também não liberamos todo o material reprimido. Dentro de nós a experiência dolorosa continua, jamais tendo seguido seu curso completo. Ao proteger a Torre do raio, tomamo-nos seus prisioneiros.

A ESTRELA

Depois da tempestade, paz. A pessoa que sofre uma comoção emocional tem depois uma sensação de calma e de vazio. Deite as cartas para alguém que nunca as viu e a Estrela quase não necessitará interpretação. Tudo nela fala de integridade, franqueza e saúde.

Vale a pena comparar a Estrela com a Temperança, onde também vemos uma figura derramando água e segurando duas taças, com um pé na terra e um na água. Ambas as cartas vêm após uma crise, mas enquanto a Temperança é controlada, a Estrela é livre. Não está vestida, mas nua. Não de pé, tesa, mas flexível e relaxada. E finalmente, enquanto a Temperança despeja a água de uma a outra taça, misturando mas ao mesmo tempo conservando-a, a donzela da Estrela a despeja livremente, confiante de que a vida lhe proporcionará continuamente nova energia. O desenho sugere aqueles cálices míticos que jamais podiam ser esvaziados.

A descarga de energia da Torre rompeu o véu da consciência. Aqui, na Estrela, estamos atrás do véu. A poça d'água, por menor que seja, representa o inconsciente; vimos a mesma água escondida atrás dos pilares da Grande Sacerdotisa. Agora esta energia universal vital foi ativada pelo fato de a pessoa despejar as águas da própria vida dentro dela.

A água sendo despejada na terra indica que a energia liberada pela Torre está dirigida tanto para fora como para dentro; ela une o inconsciente com a realidade externa do mundo físico. Uma forma de descrever os cursos d'água é como arquétipos de mito, as imagens através das quais o inconsciente se expressa. O inconsciente é um todo, sem forma nem divisão, mas emerge para o conhecimento através das diversas correntes da mitologia. Com a Estrela, ultrapassamos o mito até sua fonte de energia informe; como luz saindo da escuridão. A transformação da escuridão em luz é o inconsciente, a vastidão oculta dentro de nós, transformada na consciência extática do superconsciente.

Um curso d'água flui de volta à poça, significando que todos os arquétipos se misturam de novo na verdade informe. O valor do arquétipo reside apenas em seu poder de despertar o eu íntimo e conectar-nos com a fonte. O pé da donzela não penetra na água. O inconsciente coletivo não foi penetrado, foi apenas elaborado.

A ave à direita é uma íbis, um símbolo do rei egípcio Thoth, que era considerado o inventor de todas as artes, da poesia à cerâmica. Ele literalmente ensinou suas técnicas aos primeiros artistas, mas a nível mais simbólico, podemos dizer que toda a ação criativa se origina primeiramente de uma poça de energia informe. É por sermos criaturas físicas que tomamos essa energia e a usamos para fazer poemas, pinturas e tapeçarias. Todas estas criações humanas estão simbolizadas nesses diversos cursos d'água. Cada ato de criação objetiva energia espiritual na coisa criada. Ao mesmo tempo, nenhum trabalho esgota a inspiração do artista enquanto ele

permanece ligado às fontes internas. Portanto, o mesmo riacho volta para a poça, da mesma maneira que o trabalho dá a seu criador nova inspiração.

A Estrela aparece abaixo da Imperatriz e da Roda. Na Imperatriz, vimos o mundo natural glorificado nas paixões. Mas ela estava pesadamente vestida, para indicar que expressa sua emoção através de coisas fora dela - a natureza, os namorados e as crianças. Na Estrela vemos o eu íntimo sentindo-se a si mesmo com satisfação. A donzela da Estrela combina os dois arquétipos femininos, a sensibilidade íntima da Grande Sacerdotisa exteriorizada e a paixão da Imperatriz.

Na Roda da Fortuna tivemos uma visão do universo em símbolos misteriosos. Aqui a Torre nos levou além das visões. Na Estrela, sentimos o inconsciente de maneira direta, não apenas suas imagens.

Como trunfo 17, a estrela vai além do 7, liberando a força vital que o Carro controlava e dirigia. Um mais 7 é igual a 8, e podemos ver que Estrela é a Força elevada a um nível mais alto, com o leão do desejo não mais simplesmente domado, mas transformado em luz e alegria.

As estrelas na carta são todas de oito pontas, o que é uma outra referência à Força. Já que uma estrela de oito pontas pode ser formada colocando-se um quadrado sobre o outro, com os ângulos alternados, o octograma é às vezes considerado como eqüidistante entre o quadrado e o círculo. O quadrado significa a matéria e o círculo o espírito. Os seres humanos são o elo entre o espírito e o mundo físico; nossa habilidade tanto para sentir a verdade quanto para agir, transforma-nos em veículos através dos quais a verdade pode manifestar-se.

A Igreja costumava descrever os humanos como eqüidistantes entre os animais e os anjos. Geralmente era dada uma interpretação moral; as pessoas podiam seguir seus desejos ou sua razão. Mas nós podemos usar esta metáfora para dizer que a consciência e a ação humanas ligam o mundo físico aos "anjos".

Apesar de todas as sugestões de manifestações, a Estrela não é realmente uma carta de ação, mas de calma interior. Em contraste com a Temperança e a Lua, a Estrela não mostra nenhuma estrada levando de volta da poça para as montanhas da realidade externa. Embora as correntes d'água e a íbis sugiram os usos da energia criativa, a experiência da Estrela é uma experiência de paz. Por enquanto, a jornada pode esperar.

Em leituras divinatórias, a carta exprime esperança, um sentimento de boa saúde e integridade, especialmente depois de tempestades emocionais. Muitas vezes a Estrela e a Torre lembram uma à outra, mesmo quando, na verdade, apenas uma delas aparece. O trunfo 17 indica o inconsciente ativado, mas de um modo muito favorável.

Invertida, isolamo-nos da calma e da esperança da carta, sentindo fraqueza, impotência e medo. Esta insegurança profunda algumas vezes pode mascarar-se como arrogância. Se a Estrela

indica a criatura humana como um elo entre o espírito e o mundo externo, então a carta invertida simboliza os canais fechados, e quando as águas da vida estão represadas no interior, o exterior só pode tomar-se cansado e deprimido.

A LUA

A verdadeira função da terceira linha não é a revelação, mas trazer aquele êxtase íntimo de volta à consciência. A Estrela não contém nenhum caminho de volta. Ela se mostra residindo nas glórias da escuridão transformada em luz. Para usar aquela luz, precisamos passar pela deformação e pelo medo.

A experiência da Estrela reside além das palavras ou mesmo das formas, apesar de sugerir formas emergentes com as correntes d'água. Na Lua vemos esse processo acontecendo, como visões, mitos e imagens. A Lua é a carta da imaginação, já que modela a energia da Estrela em formas que o consciente pode compreender.

Os mitos são sempre desvirtuados. Eles nunca podem dizer realmente o que desejam, podem apenas apelar para coisas profundas dentro do ser. A Estrela revolveu as águas; quando voltamos à consciência externa, essas águas deixam suas criaturas à vista. Lembre-se de que a Estrela e o Sol produzem sua própria luz, mas a Lua reflete a luz oculta do Sol. A imaginação desvirtua porque está refletindo a experiência interna para a percepção externa.

Como os mitologistas do mundo demonstram, o inconsciente coletivo contém tanto monstros como heróis, tanto medo como alegria. Essa é uma das razões pelas quais envolvemos nossa sensibilidade à vida com a camada protetora da consciência do ego, de modo a não mais temermos o escuro e as sombras deformadas da Lua.

A fantasmagórica meia-luz da Luz sempre provocou sentimentos estranhos em pessoas e animais. Um termo para descrever a loucura, "lunatismo", deriva de *luna*, que em latim significa lua, e na Idade Média as pessoas acreditavam que as almas dos insanos tinham voado para a lua. Hoje em dia, também, muitos médicos e policiais têm observado maior incidência de suicídios e outros sinais de emoções conturbadas durante a lua cheia. Alguma coisa relacionada à lua provoca medo e estranheza, exatamente como o sol nos relaxa e nos consola. O Sol do Tarô vem depois da Lua; a simplicidade pode ser apreciada somente após uma jornada através da estranheza lunar.

O cachorro e o lobo representam o "eu animal" despertado pela Lua, da mesma forma que uma lua cheia pode fazer ambos os animais uivarem a noite inteira. O Imperador, diretamente acima do trunfo 18, mostrou-nos aprendendo tão bem as regras da sociedade que estas se tornam automáticas. Com a última linha vamos além dessa repressão do superego; no processo, a rebeldia

do id vem átona. Um lobisomem uivando sob uma lua cheia é uma vívida metáfora do poder do inconsciente de trazer à superfície algo primitivo e não humano nas pessoas mais respeitáveis.

Como 18, a Lua se relaciona com o 8. A Força viu a natureza animal domada, e canalizada através do Eremita. Aqui não é dada tal direção; ao voltarmos da Estrela, a besta retoma em toda a sua selvageria. Apenas quando a energia da Estrela está inteiramente integrada ao Mundo, o eu animal será completamente transformado. Note que na Força a mulher, o lado humano, controla o leão. Até no Diabo os demônios parecem claramente humanos. Mas não existem pessoas no trunfo 18. Na meia-luz, o sentimento de nós mesmos como humanos sucumbe.

Sentimos algo da selvageria da Lua nos resultados de um pesadelo, quando nos sentimos estranhos dentro de nós mesmos. As sensações selvagens não são o resultado do pesadelo; o contrário é mais verdadeiro. Dissemos anteriormente que os sonhos são transformações da energia inconsciente em imagens. Uma descarga de energia que é grande demais para os mecanismos do sonho assimilarem tranqüilamente pode resultar tanto num pesadelo como na sensação, quando você acorda, de que seu corpo está carregado de energia indomável.

Também a loucura é acompanhada por sensações incontroladas no corpo. Muitas vezes a lunacidade toma a forma de transformação em animal. As pessoas engatinharão de quatro, nuas, uivando para a lua. Uma súbita liberação de energia inconsciente desintegrou a personalidade. No Tarô, esse momento muito perigoso só acontece após uma longa preparação, com todos os problemas normais do ego ultrapassados. O xamã também passa pela experiência de transformação em animal. Os xamãs saltarão e latirão como animais durante seus transes. Mas o xamã, como o ocultista, preparou-se durante anos. Ele está também armado com o conhecimento do que esperar, que lhe foi passado por gerações anteriores de xamãs. Lembre-se de que o número da Lua soma 9, o Eremita. O mestre-guia desta carta não está visível, porque devemos encarar a Lua sozinhos, mas as orientações dadas anteriormente podem ajudar-nos a encontrar nosso caminho.

Se os animais simbolizam o que há de selvagem no homem, o caranguejo é algo completamente diferente. Em uma de suas frases mais fortes, Waite o chama "aquilo que jaz mais profundo do que a besta selvagem". Ele simboliza os medos mais universais dentro do inconsciente coletivo, sentidos nas visões como demônios sem nome. A emergência de tais terrores é uma ocorrência muito conhecida das pessoas que expõem seu lado lunar através de métodos como meditação profunda ou drogas. Eles são também vistos como monstros encontrados pelos xamãs em suas jornadas de transe. O despertar desses medos, freqüentemente percebidos como criaturas que emergem da água ou de poças de líquido viscoso, pode provocar

pânico irracional. No entanto, essas imagens pertencem ao nosso mundo interno; não podemos atingir o Sol sem passar por elas.

O caranguejo emerge parcialmente da água. Waite nos diz que ele nunca chega completamente à terra, sempre escorrega de volta. Os erros mais profundos são os que nunca se delineiam completamente. Sentimos qualquer coisa dentro, mas nunca podemos ver exatamente o que é. Ao mesmo tempo, o caranguejo semi-imerso sugere que na jornada de volta à conscientização as profundas percepções da Estrela tornam-se distorcidas, pois não podemos trazê-las todas de volta. Por essa razão, também, a Lua é perturbadora, porque a paz e a maravilha da Estrela ficaram parcialmente destruídas e perdidas.

E no entanto, apesar da selvageria, da pavorosa excitação, a luz fria também pode acalmar. Diz-se que a Lua cresce no "lado do perdão", uma referência ao pilar do perdão na cabalística Árvore da Vida. Ainda mais impressionante, os pingos de luz caindo na cabeça dos animais são, novamente, *yods*; a primeira letra do nome de Deus e símbolo do perdão. Se, através da preparação e da simples coragem, aceitamos as coisas selvagens trazidas à tona pela mais profunda imaginação, então a Lua traz paz, os pavores cessam e a imaginação nos leva de volta, enriquecidos com suas maravilhas. Waite escreve: "Paz, fique quieta; e haverá uma calma sobre as águas." O caranguejo afunda de novo, a água se acalma. O caminho permanece.

A estrada nos leva através de duas torres, sugerindo um portal para áreas desconhecidas. O portal é um símbolo muito comum entre os místicos e os xamãs, visto também em muitos mitos. Algumas vezes uma forma circular, como o mandala, ou alguma formação física, como uma caverna (muito freqüentemente comparada à vagina) o portal nos permite deixar o mundo comum para entrar na estranheza da mente.

As duas torres do Tarô têm um outro significado, como a última manifestação completa da dualidade que vimos antes nos pilares do templo da Grande Sacerdotisa. Se a revelação da Torre não for integrada à vida comum, então uma dualidade nova e mais aguda pode acontecer. Ao mesmo tempo, o próprio fato de ter ouvido a fala de Deus muda totalmente nossa relação com a questão de opostos. Anteriormente, a dualidade era vista como básica para a vida, mas agora sabemos que de fato a realidade combina todas as coisas; onde antes o véu nos impedia de passar entre os dois pilares, aqui nós já atravessamos. Estamos vendo as duas torres de consciência a partir do outro lado. A tarefa não é penetrar até a verdade íntima, mas trazê-la de volta.

Em leituras divinatórias, a Lua indica uma exacerbação do inconsciente. Começamos a viver emoções estranhas, sonhos, medos, até alucinações. Se a carta aparece com o lado certo para cima, a pessoa permitirá que isso aconteça. Uma vez aceita, a imaginação enriquece a vida. Mas se a carta aparece invertida, mostra uma luta contra a experiência. Esta luta leva ao medo e

freqüentemente a emoções muito perturbadoras à medida que a pessoa não permite que o lado tranqüilizador da Lua emerja (*sic*).

Como a Grande Sacerdotisa, a Lua indica afastar-se das preocupações externas e tornar-se introspectivo. Ela pode indicar desistir de alguma atividade específica ou simplesmente um período de retraimento. No entanto, enquanto a Grande Sacerdotisa simboliza intuição serena, a Luz é excitada, estimulando imagens originadas no inconsciente. Novamente, a Lua invertida significa um distúrbio. A pessoa não deseja afastar-se do lado solar, e pode tentar repelir a Lua através de Várias atividades. A Lua, contudo, não poderá ser renegada, e os medos podem tornar-se mais fortes quanto mais lutarmos contra eles. A psique, operando sob suas próprias leis e por suas próprias razões, voltou-se para a Lua. Se nos permitirmos descobri-la, os pavores se transformarão em maravilhas e o portal estará aberto à aventura.

O SOL

Como o Homem Dependurado acima dele, o Sol é tanto uma libertação jubilosa após o teste mostrado na carta anterior como uma preparação para a morte e o renascimento nas duas cartas seguintes. A Justiça exigia ação como uma reação ao conhecimento adquirido a respeito de nós mesmos. Como resultado, o Homem Dependurado é passivo. A Lua exige capitulação passiva, já que não existe maneira de podermos controlar as visões que surgem sob sua influência. Portanto, o Sol mostra um estado ativo, energizado. Ao aceitarmos as apavorantes imagens da Lua, atraímos a energia para fora de nós, dando a toda a vida uma irradiação.

Sob o Sol, tudo se torna simples, alegre e físico. A luz do inconsciente trazida à vida diária. As duas crianças da versão de Oswald Wirth, fora da imagem mais comum do trunfo, são às vezes chamadas de eu eterno e corpo mortal. Segurando as mãos, elas se juntaram. As duas figuras com o Sol sobre elas nos fazem voltar ao desenho triangular visto duas linhas acima no Hierofante. Aqui a alegria e a simplicidade do Sol não são intermediárias entre os pólos internos e externos da vida, mas une-os.

Somos todos crianças, no sentido de que as religiões do sol falam de nós como filhos sagrados de nosso pai, o sol. Se você olhar para os corpos, na pintura, especialmente o feminino, verá que eles são adultos. A passagem bem-sucedida pela Torre deu-lhes uma simplicidade infantil.

O Tarô mostra essa passagem em seus diversos estágios, dando a impressão da passagem do tempo. Algumas vezes, no entanto, talvez na maioria delas, a passagem acontece de repente, a revelação cegante da Torre, a irradiação íntima da Estrela, e o medo agudo da Lua, todos reunidos

num único momento de transformação. E o resultado é a alegria, uma sensação de que toda a vida e todo o mundo encheram-se de uma luz maravilhosa.

Entre todas as pessoas o esclarecimento tem as mesmas características, seja qual for a interpretação cultural através da mitologia, da doutrina, da teoria psicológica, etc. O esclarecimento é uma experiência, não uma idéia. A pessoa sente-se atingida por uma descarga de luz, às vezes colorida, como os pingos de *yod* na carta de Wirth. Subitamente o mundo é visto, ou sentido, como espiritual e eterno, em vez da existência cotidiana de fadiga e confusão. A pessoa sente-se totalmente viva, com uma alegria infantil que, na verdade, a maioria das crianças jamais sente, porque a pessoa atingida pelo sol ultrapassou o medo infantil da escuridão ao viajar através dela.

Em sua jornada pelo mundo o sol vê tudo, e assim ele representa o conhecimento. Diz-se que os deuses associados com o sol, como Apolo, sabem tudo o que acontece. A pessoa atingida pelo sol tem uma sensação de sabedoria, de ver tudo com claridade total. Ela está "lúcida", palavra que significa clara e direta, mas que literalmente significa "cheia de luz".

É interessante que Apolo, o deus da luz, nasceu de Leto, a deusa da noite, e que seu principal santuário, o oráculo de Delfos, pertencia originalmente às deusas da escuridão. Mesmo sob a direção de Apolo, a sabedoria e a luz do oráculo operavam a partir do escuro. Foi Apolo quem forçou Édipo a descobrir o mistério dentro de si mesmo.

O sol da primavera faz a vida brotar do solo morto pelo inverno. Em muitos lugares acreditava-se que o sol fecunda não apenas a terra, mas todas as mulheres. Quando os meios biológicos de reprodução foram descobertos, o papel do sol não foi abandonado, mas tornado mais sutil. As pessoas agora encaravam a alma - o *atman* ou verdadeiro eu - como a luz do sol contida no embrião. O mito budista declara que Gautama, no útero de sua mãe, era todo luz, de modo que sua barriga brilhava como um manto translúcido sobre uma lâmpada poderosa. Zoroastro também brilhava com tanta força no útero de sua mãe que os vizinhos corriam com baldes, pensando que a casa tivesse pegado fogo.

Os gnósticos levaram essa idéia mais longe, acreditando que a Queda tinha fragmentado a divindade nos pedaços e trechos da existência. O mais importante é que a luz tinha ficado aprisionada (e não simplesmente contida) em corpos individuais. Era dever de cada pessoa, através dos ritos gnósticos, libertar a luz de dentro do seu corpo, de modo que a unidade pudesse ser restaurada. O cabalista Isaac Luria pregava uma doutrina semelhante. A Árvore da Vida, ou Adam Kadmon, a unidade da existência, tinha sido estilhaçada porque a luz divina era poderosa demais para ela. Mais uma vez a luz foi separada e aprisionada, assim era responsabilidade de cada pessoa colaborar para *tikkun, ou* seja, para a restauração da unidade da luz.

Estas doutrinas derivam da experiência do Sol, comum a todas as culturas. A pessoa atingida pelo sol vê tudo, cada pessoa, cada animal, todas as plantas e pedras, até o próprio ar, como vivos e santos, unidos através da luz que enche toda a existência. E, no entanto, o Sol não é o Mundo. Com o trunfo 19 percebemos o universo unificado e em atividade. O 21 encarna esses sentimentos.

O desenho geralmente usado para o Sol mostra as crianças num jardim, quase sempre de pé dentro de um círculo. Douglas chama a isso o "jardim íntimo da alma", um sentimento de pureza e santidade, um novo Jardim do Éden. Quando liberamos e transformamos a energia aprisionada dentro de nós, descobrimos que o Jardim do Éden nunca foi realmente perdido, mas sempre existiu dentro de nós.

O baralho Rider mostra sua única criança saindo do jardim montada a cavalo. Para Waite, a experiência do Sol era essencialmente uma explosão de liberdade. Era uma ruptura de cadeias, uma maravilhosa libertação da consciência, normalmente limitada para a abertura e a liberdade.

Na pintura, o muro de pedras cinzentas representa a vida passada, limitada por uma percepção estreita da realidade. A superconsciência do Sol caracteriza-se por sentir uma parte do mundo todo, não um indivíduo isolado. Talvez possamos combinar as duas imagens para o trunfo dizendo que uma vez que você percebe que o Jardim do Éden existe dentro de você, você está livre para deixá-lo, levando-o sempre consigo ao criar uma nova vida.

O número 19 sugere um nível mais elevado que o 9. A luz contida na lanterna do Eremita - a sabedoria de seus ensinamentos irrompe aqui como o extático terceiro nível da Cabala, de Abulafia. A respeito do Eremita dissemos que o homem velho e a montanha desolada eram ilusões necessárias, pois o eu íntimo só podia ser alcançado através do recolhimento. Aqui a verdade emergiu e o Eremita, despojado e rígido, foi transformado numa criança gloriosamente livre. A outra metade de 19 é 1. A força do Mago unida à sabedoria do Eremita é a superconsciência. A energia da vida unida ao seu significado e objetivo.

Um mais 9 somam 10, a Roda da Fortuna cuja visão foi a de alguma coisa fora de nós que tentamos compreender. Aqui observamos a vida de uma maneira visionária, a partir de nosso interior. E nesta espécie de visão não há mistérios nem símbolos, apenas o universo, cheio de luz.

Os significados divinatórios do Sol são tão simples e diretos como as maravilhosas crianças das pinturas. A carta significa alegria, felicidade, e uma grande percepção da beleza da vida. Em seu sentido mais profundo, ela significa olhar para o mundo de forma inteiramente diferente, vendo toda a vida unida na alegria e na luz. Sobretudo é uma carta de otimismo, energia e maravilha.

Invertida, as coisas boas ficam perdidas, mas confusas, como se o sol tivesse sido encoberto por nuvens. A vida ainda está dando à pessoa uma época de felicidade simples, mas isto não pode ser visto tão claramente. A pessoa não está mais lúcida e precisa se esforçar para gozar a alegria que é o grande dom do Sol.

O JULGAMENTO

Sob o Sol vemos toda a vida como cheia de luz espiritual. Esta conscientização da verdade eterna nos liberta de todas as ilusões e medos, de maneira que agora sentimos, como um chamado do mais profundo do ser, o impulso de nos dissolvermos completamente no espírito e na vida maravilhosa contida em cada ser.

Este chamado vem tanto de dentro como de fora de nós, porque um dos efeitos do Sol foi derrubar a barreira artificial entre a experiência íntima e o mundo externo. Sentimos o chamado no mais profundo do nosso ser, como se todas as células do corpo estivessem plenas de um grito de alegria. Ao mesmo tempo, percebemos que o chamado vem de alguma força maior do que qualquer vida individual.

Esta idéia do Julgamento como um chamado para elevar-se a uma existência mais significativa tem suas analogias nas situações mais comuns. Às vezes na vida uma pessoa pode chegar a uma encruzilhada (note a cruz na bandeira) onde é exigida uma decisão sobre a conveniência de realizar alguma grande mudança. E algumas vezes pode parecer que dentro da pessoa alguma coisa já decidiu e a única opção deixada ao ser consciente é prosseguir com a ação apropriada. As velhas maneiras de pensar e acreditar, as antigas situações, morreram sem que nós o tivéssemos notado.

A maior parte das versões do trunfo mostra apenas o anjo e as figuras se levantando. O baralho Rider acrescenta uma cadeia de montanhas ao fundo. Waite as chama de "montanhas do pensamento abstrato". A expressão sugere a verdade eterna além do conhecimento limitado, que está ao nosso alcance através de meios ordinários.

Uma das características básicas da moralidade é a falta de habilidade para conhecer qualquer coisa em sentido absoluto. Estamos presos por nossas vidas breves e pelo fato de que todo o conhecimento chega às nossas mentes por meio dos sentidos. Na física moderna aprendemos que a investigação científica jamais pode formar um retrato exato da realidade, porque o observador é sempre uma parte do universo que está observando. Da mesma maneira, os pensamentos de uma pessoa e suas percepções da vida são influenciados por sua experiência

passada. O "pensamento abstrato" envolve, como os ideais platônicos, um sentimento do absoluto.

Atingimos esta "abstração" fazendo uma última descida para dentro das águas do nada, para podermos levantar-nos libertados de todo o conhecimento parcial. A Morte, diretamente acima, mostrou uma dissolução. Lá o ego estava morrendo e o trunfo enfatizou o medo de libertar-se. Aqui, todas as ilusões de isolamento são anuladas, e a ênfase não reside na morte, mas na ressurreição.

Chamamos essa carta de Julgamento porque, como a Justiça, ela envolve a aceitação da experiência passada como uma parte do caminho além dela. Com a Justiça, a experiência e a reação foram pessoais, baseadas em nossas ações passadas. Aqui uma força maior do que você mesmo o está guiando e chamando, e o Julgamento não é simplesmente sobre o sentido de sua própria vida, mas sobre a própria natureza da existência, e a maneira pela qual você e todos os seres são parte dela.

As vezes, neste livro, nos referimos a letras hebraicas atribuídas aos diferentes trunfos. Geralmente seguimos o sistema segundo o qual o Louco é *aleph.* Existe um outro sistema, segundo o qual o Mago recebe *aleph,* e neste sistema o Julgamento traz a letra *resh. Resh* significa "cabeça" e se refere, como as montanhas de Waite, à verdadeira mente despertada pelo chamado. *Resh* também sugere *Rosh Hashanah, o* Ano-Novo judeu, literalmente "cabeça do ano". Mas *Rosh Hashanah* não é o início do calendário, como no Ano-Novo secular, mas representa, na realidade, o aniversário da criação. De forma semelhante, o julgamento indica não uma mudança de circunstâncias mas uma nova conscientização, diretamente relacionada com a verdade através de uma fusão de você mesmo com as forças da vida.

A Roda da Fortuna, com suas invisíveis leis psíquicas de causa e efeito, foi 10; o Julgamento é 20, 10 multiplicado por 2. Pela decifração da última linha revelamos a sabedoria oculta da Grande Sacerdotisa, de modo que agora compreendemos os mistérios profundos ocultos da Roda.

A cruz na bandeira indica um encontro de opostos, uma junção de todas as coisas que estavam separadas. Ela simboliza um encontro de duas espécies de tempo; o tempo comum, que percebemos com nossos sentidos e segundo o qual vivemos dia a dia, e a eternidade, a percepção espiritual da vida. Esses dois tempos estão simbolizados nas linhas vertical e horizontal da cruz. Seu encontro no meio indica que o eu mais elevado não abandona suas antigas atividades, mas trata delas de uma nova maneira.

A carta acima do Julgamento é a dos Namorados e, no baralho de Rider, também mostra um anjo. Lá, no entanto, o anjo era um vislumbre de uma verdade maior percebida por meio do amor. Aqui o anjo se inclina da nuvem para nos chamar. Na versão tradicional do Sol, vimos o

exemplo final do desenho triangular começado nos trunfos 5 e 6. Aqui vemos uma criança entre as duas pessoas. Os pólos da vida juntaram-se para formar uma nova realidade, da mesma maneira que cada criança é tanto uma combinação de seus pais como algo completamente novo.

A criança, na frente, está de costas para nós. A nova existência é um mistério, e não há maneira de sabermos enquanto não a tivermos experimentado. O rosto escondido da criança também sugere que na realidade não nos conhecemos, e não podemos fazê-lo enquanto não tivermos ouvido e respondido ao chamado. Virtualmente, todas as mitologias contêm histórias do herói separado de seus pais e criado como uma criança comum por outras pessoas, e freqüentemente a própria criança não sabe nada de sua verdadeira identidade. O rei Artur, Teseu, Moisés e Cristo, todos seguiram esse modelo. Vemos essa mesma idéia em histórias de ficção científica, em que o herói acorda num lugar estranho, sem memória; a busca de sua verdadeira identidade leva-o a descobrir grandes poderes dentro de si. Muitas vezes ele se descobre no centro de uma forte trama ou nas próprias engrenagens da natureza. Todos nós "esquecemos" nossa verdadeira identidade e ficamos separados de nossos "pais". E quando encontrarmos ou criarmos nosso verdadeiro eu, nos encontraremos no centro do universo. Porque o centro está em toda parte.

A maioria dos baralhos mostra apenas as três pessoas no primeiro plano. Ao acrescentar mais três pessoas, todas de frente para nós, Waite sugere que embora o Julgamento leve ao desconhecido, ainda existe uma consciência (também simbolizada pelas montanhas) das maneiras pelas quais a vida desconhecida irá desenvolver-se.

As pessoas a mais implicam um outro ponto, e importantíssimo. Mostrando um grupo inteiro de pessoas levantando-se, o trunfo nos lembra que não existe libertação individual. Cada ser humano é parte da raça humana e conseqüentemente responsável pelo desenvolvimento da raça como um todo. Ninguém pode ser verdadeiramente livre enquanto alguém estiver escravizado. Diz-se que Buda voltou como um *buddhisatva* porque compreendeu que não poderia libertar-se a si mesmo antes de ter libertado toda a humanidade. Ao mesmo tempo, cada libertação única liberta a todos. Isto porque, se uma pessoa atinge o Julgamento e o Mundo, ela altera as circunstâncias da vida de todas as pessoas. A elevação de Gautama a Buda e a ressurreição de Cristo são considerados eventos que mudaram totalmente o mundo.

Nas leituras divinatórias, a carta do Julgamento encerra um significado especial. Seja o que for que estiver acontecendo à sua volta, há um empurrão, um chamado vindo de dentro, para realizar alguma mudança importante. A mudança pode referir-se a alguma coisa fútil e imediata, ou a todo o modo de a pessoa encarar a vida - dependendo das outras cartas e do motivo da

leitura. O mais importante é o chamado. Na realidade, a pessoa já mudou; as situações antigas, o antigo eu, já se extinguiram. Falta apenas percebê-lo.

O Julgamento invertido pode indicar que a pessoa deseja atender ao chamado, mas não sabe o que fazer. Mais freqüentemente ele mostra alguém tentando fugir do chamado, geralmente por medo do desconhecido. Podem, na verdade, existir muitos motivos racionais pelos quais uma pessoa não queira proceder à mudança sugerida: falta de dinheiro, falta de preparação ou de responsabilidade. O Julgamento, seja com o lado certo para cima, ou invertido, indica que todas as objeções são desculpas. Quando a carta está de cabeça para baixo, as desculpas se tornam predominantes; a pessoa continua parada no túmulo. A palavra Julgamento sugere que a realidade da vida mudou. A única opção é prosseguir.

O MUNDO

O que podemos dizer de uma compreensão, de uma liberdade e de um arrebatamento impossíveis de exprimir com palavras? O inconsciente conhecido conscientemente, o ser externo unificado com as forças da vida, conhecimento que definitivamente não é conhecimento, mas uma constante dança extática do ser - tudo é verdade e, no entanto, não é verdade.

Já observamos muitas coisas a respeito desta carta e de suas imagens. O número, da mesma forma que as duas varas, une o Mago e a Grande Sacerdotisa. Vimos o Mundo prefigurado também na Roda da Fortuna, e refletimos em como os símbolos daquele trunfo são agora realidades vivas. De uma forma ou de outra, a Roda apareceu virtualmente em todas as cartas da última linha. O objetivo desta linha pode ser descrito como sendo o de unir-nos com todas as coisas vistas no trunfo 10 como uma visão externa, isto é, o destino, as engrenagens da vida, os elementos da existência. Quando a unidade é alcançada, os símbolos desaparecem, dissolvidos num espírito que dança.

Vimos o mundo no Homem Dependurado, no número e no desenho. O trunfo 12 manteve sua satisfação através de completa inatividade. Mas até a Árvore do Mundo é uma ilusão criada pela necessidade da mente de agarrar-se a alguma coisa. Quando tivermos dissolvido nosso eu isolado na água que se vê abaixo da face fulgurante do Homem Dependurado, aprenderemos que a verdadeira unidade reside no movimento.

Tudo no universo se move, a Terra ao redor do Sol, o Sol dentro da galáxia, as galáxias em grupos, seguindo suas órbitas um ao redor do outro. Não existe um centro, um lugar onde possamos dizer, "aqui tudo começou, aqui tudo pára". No entanto, o centro existe, em qualquer lugar, pois, numa dança, o dançarino não se move em torno de um ponto arbitrário no espaço; ao

contrário, a dança encerra seu próprio sentido de unidade focalizado em volta de um centro constantemente em movimento, constantemente sereno. Nada e tudo ao mesmo tempo.

E assim voltamos ao Louco. Inocência e vazio, unidos à sabedoria. Como dissemos no princípio, de todas as cartas dos Arcanos Maiores apenas estas duas têm movimento. A coroa oval sugere o número 0, como todo o seu simbolismo. Sugere também o ovo cósmico, o arquétipo da emergência; todas as coisas existem em potencial e todos os potenciais são realizados. O eu está em toda a parte, em todas as coisas. As faixas no alto e embaixo da coroa estão atadas nos sinais do infinito, indicando que o eu não está fechado, mas aberto para o universo.

As faixas são vermelhas, a cor *chakra* radical no simbolismo *kundalini.* A dançarina não perdeu seu ser físico, sua raiz, na realidade material, sexual. Em vez disso, a energia está constantemente fluindo, transformada e renovada. O verde da coroa simboliza o mundo natural, elevado, não abandonado. O verde é também a cor do amor e da cura, irradiando integridade para todos, até para quem não o percebe conscientemente. O púrpura (o estandarte) é a cor da divindade e o azul (o céu) a cor da comunicação. Quando sabemos que a divindade não é uma coisa distante, mas está dentro de nós mesmos, então nossa própria presença comunica esta verdade aos que estão à nossa volta.

Um dos análogos do Mundo é Xiva, Senhor da Dança Cósmica. Ele também dança com os braços estendidos, com um pé para baixo e o outro levantado, a cabeça equilibrada e a expressão calma. O pé direito de ambas as figuras está "plantado" no mundo físico, ao passo que a perna esquerda levantada simboliza a libertação da alma. No momento em que nos tornamos mais unidos à vida, percebemos nossa liberdade. O rosto não está nem triste nem alegre, mas tranqüilo, livre no seu vazio. Os braços estão abertos a todas as experiências.

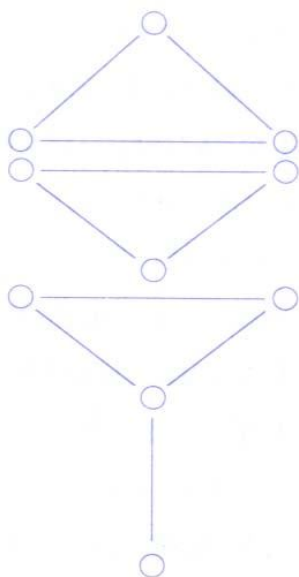
Xiva dançarino é geralmente representado como um hermafrodita, metade do corpo é Xiva, a outra é Parvati, seu lado feminino. A dançarina do Mundo também é hermafrodita, com os órgãos sexuais duplos escondidos pelo estandarte, como para dizer que a unidade que eles representam jaz além do nosso conhecimento. Ao discutir os Namorados, referimo-nos à crença muito difundida de que todas as pessoas eram originalmente hermafroditas. A dançarina exprime e une todas as diferentes maneiras de ser.

O mesmo sentimento que nos leva a uma "memória" de hermafroditismo primevo levou as pessoas um passo além, à imagem do universo inteiro tendo sido uma vez um único ser humano. Encontramos esta crença entre os gnósticos, em Blake, em mitologias alemãs, indianas e outras, e em grande detalhe na Cabala. Aí a figura traz o nome de "Adam Kadmon" e é tida como sendo a criação original emanada do Deus insondável. Em vez de um ser físico, Adam Kadmon, também hermafrodita, era descrito como luz pura. Só quando a figura se desintegrou em partes separadas

do universo a luz ficou realmente "aprisionada" na matéria. E um fato fascinante que as teorias científicas contemporâneas de cosmogonia descrevem o universo como sendo originalmente uma única partícula. No momento em que a partícula se fragmentou tudo era luz pura; só mais tarde, à medida que os pedaços se tornaram mais isolados, alguma energia condensou-se em matéria, segundo a famosa fórmula de Einstein, $E = mc^2$.

Os mitos consideram o rompimento do Homem primevo um acontecimento irreversível. Os ocultistas, no entanto, acreditam na possibilidade de uma restauração. Seguindo o processo esboçado nos Arcanos Maiores, tomamo-nos unidos à vida e assim nós próprios nos tornamos Adam Kadmon e Xiva-Parvati.

Adam Kadmon está ligado à Árvore da Vida, com seus dez *sephiroth, ou* pontos de emanação. Já vimos a conexão entre esta figura e o Tarô através dos 22 caminhos da Árvore. A dançarina do Mundo, por sua postura, é uma representação exata da forma mais comum da Árvore da Vida. A Arvore é desenhada da seguinte maneira: ver página seguinte.

Simplificadamente, o triângulo de cima é a superconsciência, o do meio a consciência, o de baixo o inconsciente, e o ponto foral, a raiz da Árvore, é a manifestação de todos estes princípios no mundo físico.

Na dançarina, o triângulo superior são a coroa da cabeça e as pontas dos ombros, o triângulo do meio são as mãos e as partes genitais, o triângulo inferior são as pernas cruzadas e o pé direito. Ao mesmo tempo tudo é um só corpo. Contemplando a dançarina, aprendemos que o inconsciente, o consciente e o superconsciente não são partes separadas e tampouco estágios separados do ser, mas são todos uma única coisa. Mas o que podemos dizer da décima *sephirah,* a

raiz da Árvore? Nós a achamos não no corpo, mas em todo o universo, o maravilhoso conjunto de seres no qual nos movemos.

Descrições, metáforas, contemplação até, podem apenas sugerir as maravilhas encarnadas no trunfo 21. Quando a carta aparece em adivinhação, essas maravilhas tornam-se ainda mais reduzidas às situações comuns com as quais a maior parte das leituras se preocupa. A carta significa sucesso, realização, satisfação. Em grau maior ou menor, indica um unificação do íntimo sentimento de ser da pessoa com suas atividades externas.

Invertido, o trunfo indica estagnação, o movimento e o crescimento retardados ao ponto de serem parados. Ou pelos menos assim parece. Na realidade, a liberdade e a alegria do Mundo sempre existem em potencial, para serem libertadas quando a pessoa se sente pronta para começar, outra vez, a dança da vida.

Esses são os significados do Mundo em adivinhação. Seus significados verdadeiros são insondáveis. São um objetivo, uma esperança, uma intuição. O caminho para esse objetivo, os passos e música da dança, estão nas imagens vivas dos Arcanos Maiores.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO 1

Paus

De um modo ou outro, os seres humanos virtualmente tornaram tudo da natureza como símbolos da essência espiritual da vida. Entre todos esses símbolos, o fogo destaca-se como o mais forte. Falamos de "centelha divina" na alma, de alguém estando "abrasado por urna idéia", e, se uma pessoa se torna amargurada ou desiludida, dizemos que "o fogo a deixou". Quando Deus expulsou Adão e Eva do Jardim do Éden e sua Árvore da Vida, Ele pôs um querubim com uma espada flamejante guardando a entrada. Com sua queda, as primeiras criaturas humanas aliena-ram-se do fogo celestial. Quando os iogues, através de meditação e exercício, induzem o *kundalini*, ou força espiritual, a crescer, eles vivenciam esse crescimento como um grande calor subindo pela

espinha. E os xamãs mostram através do mundo seu poder espiritual tornando-se senhores do fogo, dançando sobre as chamas ou prendendo carvões ardentes com a boca.

O fogo representa a essência fundamental da vida que anima os corpos. Sem ele nos transformamos em cadáveres. A famosa pintura de Miguel Ângelo representando a criação mostra uma centelha saltando dos dedos de Deus para os de Adão. Falamos da transformação química do alimento em nosso estômago dizendo que o corpo está "queimando combustível". O fogo simboliza a própria energia da existência. Porque se levanta, subindo constantemente, o fogo representa otimismo, confiança, esperança. Para dar nos seres humanos um toque de imortalidade e torná-lo, imunes às ameaças de aniquilação de Zeus, Prometeu deu-lhes fogo.

Como os Arcanos Menores tratam basicamente do alcance externo da experiência, Paus tendem a indicar o caminho que o fogo interior revela na vida cotidiana. Além do conhecimento específico adquirido, um estudo dos Arcanos Menores mostra como a experiência mundana deriva de uma base espiritual.

Antes de mais nada, portanto, Paus representam movimento. Quer vençam ou percam, Paus lutam constantemente, não tanto devido a problemas e objetivos reais, mas por gostarem de conflito, de uma oportunidade para usarem toda sua energia. Nos negócios, Paus representam comércio e competição; no amor, simbolizam romance, propostas, o ato de conquistar um amor e não a emoção do próprio amor. Paus nos levam a abordar a vida com decisão e impaciência.

Quando Paus são muito bem-sucedidos, como o Rei, ou a figura no Dois, a melancolia pode dominá-los, porque as compensações do sucesso podem servir-lhes de entrave. Em outras situações, como no Nove ou no Dez, deixam que o hábito de lutar e enfrentar todos os problemas não lhes permita ver alternativas mais pacíficas.

Na maioria das vezes, porém, a influência de Paus mostra-nos pessoas vencendo suas batalhas. Através de Paus, encontramos o Caminho para o Espírito em movimento, em ação, vivendo pela alegria de viver. São expressos com mais força pelo Quatro, ao sair dançando da cidade murada para festejar o poder criador de vida do Sol.

E no entanto, apesar de toda a energia vitalizadora expressa pelo poder de o Sol literalmente extrair vida do solo, o fogo também destrói. Se não for controlada e dirigida, essa energia pode queimar o mundo. Por isso vemos todas as cartas com figuras de Paus de pé ou sentadas num deserto. A despeito de seu otimismo e energia, Paus precisam da influência calmante das Copas, porque sem água o sol de verão apenas provoca a seca. Das Copas, portanto, vem um sentido de profundidade e a capacidade de sentir e agir. Das Espadas recebemos um sentido de planejamento e direcionamento de toda essa energia. Das Espadas também vem uma conscientização da mágoa e da dor para equilibrar o otimismo e o espírito conquistador de Paus. E

dos Pentáculos vem uma sensação de estar enraizado no mundo real, a capacidade de desfrutar e dominar a vida ao mesmo tempo.

REI

Nas leituras, as cartas com figuras de cada seqüência representam tradicionalmente pessoas que influenciarão a vida do consulente. Embora seja este geralmente o caso, elas também podem simbolizar o próprio consulente. Consideradas tal como são, ou seja, fora do contexto de leituras específicas, as dezesseis cartas com figuras fornecem um sentido mais amplo do caráter humano. Seja em uma leitura, seja par si só como objeto de estudo, qualquer carta específica com figura indica uma pessoa que possui ou denota as qualidades que aquela carta indica.

Um Rei (ou um Cavaleiro, ou um Pajem) não significa necessariamente um homem, nem a Rainha significa sempre uma mulher. Mostram, mais exatamente, qualidades e atitudes tradicionalmente simbolizadas pelas figuras. As funções sociais inerentes a um rei, ou rainha, ou cavaleiro, sugerem certas experiências e responsabilidades. As cartas simbolizam-nas, da mesma forma que muitas vezes significam idade ou sexo.

Devemos também evitar a idéia de que uma carta pode simbolizar uma determinada pessoa através da vida, no sentido de dizer a respeito de alguém: "Ela é a Rainha de Paus", e pensar que isso resume sua vida. Uma pessoa pode passar pela fase de Rainha de Espadas durante um mês, e mudar para Rei de Copas no próximo. Ou viver ambas as personalidades ao mesmo tempo, em diferentes aspectos de sua vida naquela época.

Um rei é líder, responsável pelo bem-estar da sociedade. No baralho Rider, os quatro Reis usam o que Waite chama "um barrete de sustentação" por baixo da coroa. Tradicionalmente, cabe ao rei a responsabilidade de sustentar seu povo. Portanto, todos os reis representam tanto sucesso (porque o rei, afinal de contas, é a autoridade suprema), quanto responsabilidade social.

O Rei de Paus traduz essas qualidades em termos de Paus. Ele indica uma pessoa de personalidade marcante, capaz de dominar outras pela força de vontade. Seu poder deriva de uma firme convicção em sua honestidade. Ele "conhece" a verdade; "sabe" que seu método é o melhor. Acha simplesmente natural que os outros o sigam.

Ao mesmo tempo, mostra a energia de Paus controlada e direcionada para projetos úteis, ou carreiras a longo prazo. A natureza aventureira de Paus pode fazer com que a pessoa se sinta desconfortável nesse papel. Ele se inclina para a frente no seu trono, como se tivesse vontade de saltar e ir em busca de uma nova experiência.

Ele é por natureza honesto, não vendo razão para mentiras nem vantagem nelas. É positivo e otimista, em grande parte pelas mesmas razões; a energia de Paus abrasa-o com tanta força que ele não pode entender por que alguém haveria de expressar atitudes negativas.

Uma personalidade tão forte pode tender para a intolerância, sendo incapaz de compreender a fraqueza ou o desespero porque ele próprio jamais sentiu essas emoções. Esta faceta impaciente do Rei poderia ter como lema: "Se eu posso fazer isto, você também pode". Uma vez, numa leitura, encontrei uma expressão muito interessante do que as pessoas costumam chamar de "divergência entre gerações": O Rei de Paus e o Louco, ambos enérgicos, no entanto, um a essência da responsabilidade, e o outro a imagem clara do instinto e da liberdade.

Dois símbolos dominam a carta: o leão, emblema de Leo, e a salamandra, um lagarto lendário que supostamente morava no fogo. Eles representam o mundano e o espiritual, porque enquanto Leo indica os traços da personalidade relacionados com o Fogo, a salamandra era um dos símbolos favoritos dos alquimistas. Em sua melhor expressão, o Rei é o senhor do Fogo criativo. Seu senso de responsabilidade social submeteu essa força e a pôs em uso. Note que as salamandras na túnica são mostradas com as caudas boca. O círculo fechado significa maturidade e realização. Compare essa imagem com a do Cavaleiro, onde as caudas e as bocas não se encontram.

INVERTIDA

Quando invertemos uma carta, alteramos de algum modo seu significado original, como se o impacto primitivo tivesse sido bloqueado ou desviado para outros canais, ou, em alguns casos, liberado. Alguns comentadores do Tarô preferem ignorar os significados invertidos, e é verdade que na meditação ou na criatividade nós geralmente consideramos todas as cartas com o lado certo para cima. Mas em leituras ou estudo os significados invertidos fazem mais do que dobrar os possíveis significados do baralho. Por mostrar-nos a carta de um ângulo diferente, eles nos dão uma compreensão mais ampla do que a carta realmente significa.

Numa leitura, se uma carta com figura se refere a uma pessoa específica (pelo tipo físico, digamos, não pelas qualidades da carta), então a inversão indica que a pessoa está perturbada ou bloqueada, ou talvez tendo uma má influência sobre a leitura. Se, por outro lado, observamos as qualidades na carta, a inversão mostra essas qualidades alteradas.

Com o lado certo para cima, o Rei nos mostra alguém poderoso e autoritário, e muitas vezes intolerante com as fraquezas de outras pessoas. Invertido, vemos esse fogo natural

depois que ele enfrentou obstáculos e derrotas que poderiam tornar uma pessoa menos segura amedrontada ou cínica. Como ele é o Rei de Paus, não perde sua forca, em vez disso torna-se moderado, mais compreensivo para com os outros e ao mesmo tempo mais severo em seu comportamento diante da vida, que não mais parece uma conquista tão fácil. A fórmula de Waite aqui é muito oportuna: "Bom mas severo, austero mas tolerante.

RAINHA

A Rainha representa o *yin*, ou as qualidades receptivas de cada elemento. Ela mostra admiração por esse elemento e não faz dele o uso social que o Rei faz. Isso não significa que a Rainha indique fraqueza, ou indolência, mas sim o elemento traduzido em sentimento e compreensão.

Mais uma vez, não precisamos atribuir essas qualidades apenas às mulheres. Se, numa leitura, vemos a Rainha como se identificando uma pessoa somente pelo tipo físico, então naturalmente a Rainha significa uma mulher. Mas se desejamos aplicar as qualidades simbólicas a alguém, então qualquer carta com figura pode representar uma mulher ou um homem. E, leituras à parte, a Rainha de Paus representa uma admiração extraordinária pela vida.

Contrastando com a impaciência e a ansiedade do Rei, a Rainha senta-se no seu trono como se estivesse plantada lá. Sua coroa é de flores, seu vestido é fulgurante. Ela é a única das Rainhas que se senta com as pernas separadas, significando energia sexual. Ela mostra apreço de Fogo pela vida, quente, apaixonada, baseada solidamente no mundo. Como o Rei, ela é honesta e sincera, não vendo utilidade no logro e na sordidez. Mais sensível do que o Rei, ela se permite amar tanto a vida quanto as pessoas, achando que autoridade e domínio valem tanto quanto o cinismo.

Um gato preto guarda seu trono. Na tradição popular cristã, o Demônio deu um gato preto a uma bruxa para defendê-la de agressões. O significado aqui é menos melodramático. Às vezes, quando uma pessoa ama a vida, o mundo parece corresponder, protegendo-a do mal e mandando-lhe experiências agradáveis. Não podemos compreender a maneira como isso acontece sem alcançarmos o íntimo e complexo conhecimento do universo simbolizado pelas últimas cartas dos Arcanos Maiores. No entanto, isso pode acontecer, e o gato preto, por índole. reage, quando alguém se aproxima dele com alegria esfuziante.

INVERTIDA

Como acontece com o Rei, a Rainha invertida mostra a reação de tal pessoa à hostilidade e à mágoa. O bom caráter básico e as atitudes positivas da Rainha, da mesma forma que a sua energia, tornam-na inestimável em ocasiões de crise ou desgraça. Podemos vê-la como o tipo de pessoa que se encarregará de tomar conta da casa de alguém que tenha sofrido uma crise e ao mesmo tempo dará conselhos, apoio emocional, tudo proveniente de um impulso natural e não de um sentimento de obrigação.

Ao mesmo tempo, sua boa índole exige que a vida corresponda de modo positivo. Desgraças demais ou oposição excessiva da vida (e a fraqueza de uma pessoa assim pode ser uma tendência para achar a vida "injusta") e pode surgir um traço de maldade. Ela pode tornar-se dissimulada, invejosa, ou meio amarga.

CAVALEIRO

Os Cavaleiros traduzem as características de todas as seqüências em movimento. A energia que vimos no Rei como realização, e como conscientização na Rainha, explode aqui num estágio mais primitivo. Nos Cavaleiros vemos as maneiras como cada elemento é utilizado. Ao mesmo tempo, faltam aos Cavaleiros a certeza e a estabilidade dos Reis e das Rainhas.

Como o Fogo em si simboliza movimento, o Cavaleiro de Paus mostra essa qualidade ao extremo. Segundo alguns comentadores, ele é "Fogo do Fogo" ou o "Fogo exaltado". Ele representa impaciência, ação, movimento por amor ao próprio movimento, aventura e viagens. Sem uma influência firme, toda essa excitação pode dispersar-se enquanto ele tenta voar em todas as direções ao mesmo tempo. Aliado a um senso de resolução e ajudado por alguma influência como a do Ar, o Cavaleiro de Paus pode fornecer a energia e a autoconfiança necessárias às grandes realizações.

INVERTIDA

Imagine o jovem Cavaleiro. Ao contrário do guerreiro experiente, ele procura qualquer oportunidade para lutar, necessitando provar sua coragem e força, para si e para os outros. E no entanto ele é facilmente derrubado do seu cavalo. Se não for posta à prova, toda a ansiedade de paus e Cavaleiro provoca uma certa fragilidade. A oposição o confunde, fazendo mesmo seus grandiosos projetos ruírem à sua volta. Esperando que tudo se curve diante dele, o Cavaleiro pode

ficar em desarmonia básica com pessoas e situações. Numa leitura, o Cavaleiro invertido simboliza confusão, projetos esboroados, esgotamento e desarmonia.

PAJEM

Os Pajens representam as qualidades de cada seqüência em seu estado mais simples, divertem-se consigo mesmos de uma maneira mais leve, mais juvenil, do que a da madura Rainha. Fisicamente, os Pajens se relacionam com as crianças . Em relação aos adultos, eles indicam um momento em que uma pessoa experimenta algum aspecto da vida apenas por experimentá-lo, livre de pressões externas. Como crianças. os Pajens muito freqüentemente simbolizam começos, estudo, reflexão, qualidades do jovem estudante.

Já que Paus simbolizam começo, o Pajem de Paus indica especialmente o início de projetos, e em particular um aviso para o mundo, e para nós mesmos, de que estamos prontos para iniciar quer seja um "projeto" (isso pode referir-se tanto a um relacionamento como a planos práticos) ou uma nova fase de vida. Em um nível mais simples, o Pajem pode representar um mensageiro, um recado ou uma informação. Em situações emocionais, a simples ansiedade do Pajem sugere um amigo ou um amante fiel.

INVERTIDA

Mais tranqüilo do que o Cavaleiro, o Pajem não é derrubado tão violentamente por problemas, mas torna-se confuso e indeciso. Sua impaciência para começar é interrompida por complexidades e oposição direta, deixando-o amedrontado ou incapaz de pronunciar-se. Já que suas qualidades fundamentais são a simplicidade e a lealdade (note que muitas das salamandras em sua roupa estão completas, significando não projetos realizados, como acontece com o Rei, mas sua integridade pessoal), quando indeciso ele pode tornar-se instável e fraco. Uma pessoa indicada por esta carta precisa afastar-se das complexidades ou desenvolver a maturidade necessária para lidar com elas. Constante indecisão só pode levar, mais tarde, à degenerescência da determinação e da autoconfiança.

DEZ

Porque são tão envolvidos com movimento e ação, os Paus provocam problemas. Constantemente em conflito, eles quase atraem inimigos e dificuldades. Isso em parte acontece pela falta de

objetivos e planos, mas também devido ao gosto secreto de Paus por qualquer espécie de competição.

O Dez nos mostra, na superfície, a imagem de uma pessoa sobrecarregada e oprimida pela vida, e especialmente pelas responsabilidades. A ansiedade de Paus envolveu-a em tantas situações que agora, paradoxalmente, aquela mesma energia verga-a sob o peso de compromissos e problemas. Ela deseja sentir-se livre para viajar, para procurar aventuras e novos relacionamentos; mas em vez disso encontra-se, como o suburbano bem-sucedido na profissão, presa numa rede de infindáveis responsabilidades - financeiras, familiares, profissionais - que ela mesma criou. Não planejou essa situação; ela se formou à sua volta.

Vemos aqui o grande problema de Paus. A energia do Fogo age sem reflexão, enfrentando novos problemas simplesmente pelo desafio. Mas estas situações e responsabilidades não desaparecem quando a pessoa se aborrece e quer mudar para algo novo. Elas permanecem e podem abafar o fogo que parecia derrotá-las.

Em situações emocionais a carta nos mostra a pessoa que toma sobre si todo o peso de um relacionamento. Sejam quais forem os problemas, conflitos e insatisfações que surjam, ela tenta serená-los. Com as costas vergadas, ela luta para manter o relacionamento, enquanto a outra pessoa pode nem perceber o que está acontecendo.

Tanto em situações práticas quanto emocionais a pessoa tomou o fardo sobre seus ombros. Ela criou uma situação, mas precisa compenetrar-se de que ainda há outras abordagens possíveis. Em tais situações, os fardos podem não ser plenamente reais, ou pelo menos podem ser evitados; podem, na realidade, servir como uma desculpa para deixar de fazer algo realmente construtivo, sair de uma situação prejudicial.

INVERTIDA

Como acontece com muitas cartas, especialmente quando invertidas, mais de um significado é possível. Em uma leitura podemos determinar o melhor significado (se bem que algumas vezes mais de um significado possa ser aplicado, como uma opção), em parte através de outras cartas, e em parte por uma intuição que só se pode desenvolver com a prática. Em estudo essa variedade de significados demonstra o fato de que uma situação pode mudar de diversas maneiras.

Mais simplesmente, o Dez de Paus invertido indica que os fardos aumentaram de peso e número ao ponto de a pessoa poder tombar sob eles, física ou emocionalmente. Ao mesmo tempo, pode significar que a pessoa se livrou dos fardos (talvez por se terem tornado pesados

demais para serem suportados). A partir daqui a situação novamente se bifurca. A pessoa irá jogar as varas no chão porque conclui que pode usar a energia para uma finalidade melhor? Ou apenas se revoltará contra as responsabilidades sem realmente fazer algo de construtivo? Uma mulher para quem certa vez fiz uma leitura descreveu isso como uma questão de jogar as varas para traz ou para a frente. Se for para traz, nos aventuramos a uma nova diretriz. Se for para a frente, significa que apanharemos de novo as varas e continuaremos trilhando penosamente a mesma estrada.

NOVE

Os Noves mostram como as seqüências lidam com problemas e as concessões que exigem. O Fogo sugere muita força, capacidade física e acuidade mental. Emocionalmente, no entanto, a tendência para a luta pode envolver Paus num emaranhado de conflitos. No Nove vemos novamente a imagem de alguém que enfrentou muita oposição, de outras pessoas e da vida; em vez de assumir o peso, no entanto, esse alguém lutou contra isso. O ato de lutar desenvolveu sua força, por isso o desenho mostra alguém musculoso e de olhar penetrante. Os Paus atrás dele podem representar seus recursos na vida, ou então seus problemas avolumando-se às suas costas. Seja como for, ele está pronto para a próxima luta.

Observe, no entanto, sua postura rígida, a tensão e o ombro levantado. Note também a atadura à volta de sua cabeça, indicando um ferimento psíquico. O batalhador não é uma pessoa incólume. Ou por necessidade, ou por hábito, ele se afastou da consciência de vida além dos conflitos, e agora busca apenas a próxima luta, enquanto seus olhos vêem somente o inimigo, às vezes mesmo depois que este se rendeu.

INVERTIDA

Novamente, alternativas. Em primeiro lugar, a defesa falha. Os obstáculos e problemas tornam-se grandes demais para que sua força os mantenha à distância. O outro significado, no entanto, é o de procurar um novo enfoque.

Não devemos pressupor que a carta sempre nos aconselhe a desistir de lutar. Abandonar a defensiva significa assumir um grande risco, porque o que acontecerá se os problemas contra os quais lutamos por tanto tempo de repente caírem sobre nós? O contexto é tudo e algumas vezes exige aqueles ombros fortes e aquele olhar aguçado. E no entanto, observe quanta energia a pessoa despende simplesmente por manter-se tensa e pronta para a batalha. Em leituras

específicas, as verdadeiras implicações desta carta só podem tornar-se claras através do seu estudo em combinação com outras cartas.

OITO

O Fogo sugere rapidez e movimento. Embora algumas vezes falte direção a esse movimento, vemos aqui a imagem de uma jornada chegando ao fim, ou de coisas completadas. Quando o Fogo encontra seu objetivo, os projetos e situações chegam a um fim satisfatório. Os Paus chegaram à terra. Portanto, a imagem nesta carta envolve a adição de Pentáculos sendo despedaçados pela energia de Paus.

Romanticamente, Waite os chama de "setas do amor". Podemos ver isso especialmente como significando uma atitude tomada num caso de amor, sedução, ou propostas feitas e aceitas.

INVERTIDA

Invertida, a imagem transforma-se numa sucessão, na imagem de nada chegando ao fim, especialmente quando um fim é desejado. Determinada situação ou atitude simplesmente continua interminavelmente, sem nenhuma conclusão à vista. Se uma situação assim não pode ser evitada, então é melhor reconhece-la e aceitá-la do que permitir que ela traga frustração e desapontamento. Por outro lado, algumas vezes nós mesmos provocamos tudo, achando que determinada situação não será resolvida. Uma das posições mais importantes numa leitura é a chamada "expectativas e temores"; muito freqüentemente ela se revela uma profecia auto-realizável.

As setas do amor, quando invertidas, tornam-se dardos de ciúme e discussão. O ciúme pode ser causado por incerteza e confusão, tanto em nossos sentimentos como nos de outra pessoa.

SETE

Como o Nove, esta é uma carta de conflito, mas aqui vemos a batalha, e o efeito é estimulante. Com sua força e decisão naturais, Paus esperam ganhar, e geralmente ganham. Através do conflito ativo, a figura nesta carta supera qualquer depressão no

ar claramente intoxicante. De certa maneira, a carta mostra um plano de fundo para o Nove. Tornamo-nos defensivos e empenhados em lutar através de uma experiência anterior vitoriosa,

sendo dominadores. Enquanto a luta dura, nós nos divertimos com ela. As pessoas sob a influência de Paus necessitam saber que estão vivas, precisam dessa carga de adrenalina para provar que o Fogo ainda corre através delas. Só mais tarde o hábito de lutar constantemente as envolve.

INVERTIDA

Como a ilustração sugere, a pessoa está usando a excitação do conflito para superar a incerteza e a depressão. A carta invertida indica sucumbir à ansiedade, à indecisão, ao constrangimento. Com o lado certo para cima, a pessoa nem sequer tem controle sobre a vida, mesmo estando no topo. Aqui ela não consegue mais evitar as contradições. Acima de tudo, a carta adverte contra a indecisão, sugerindo que se uma pessoa pode chegar a uma clara linha de ação, a autoconfiança de Paus voltará para superar as ansiedades e os problemas externos.

SEIS

À medida que os Paus descem progressivamente para o Ás, tornam-se mais fortes. A ênfase se transfere dos problemas para a alegria, da atitude de defesa para o otimismo, até que, com o Ás, nos tornamos unificados com o Fogo, doador da vida. O Seis marca o ponto decisivo. No sistema da Aurora Dourada, a carta tem por título "Vitória", e nós vemos, de fato, um desfile triunfal, com o herói coroado de louros e rodeado por seus seguidores. No entanto, ele ainda não chegou ao seu destino. (Uma ficção, naturalmente; ele poderia simplesmente estar voltando para casa. Estou seguindo a indicação dada por Waite.) Ele está pressupondo a vitória. O otimismo produz o sucesso que ele deseja e espera.

Freqüentemente, se bem que certamente nem sempre, basta apenas acreditarmos verdadeiramente em nós mesmos para encontrarmos a energia para realizar o que desejamos. E mais, essa crença pode inspirar outros a nos seguirem. Os Seis relacionam-se com comunicação e presentes. Aqui, é a crença do Fogo na vida que os Paus transmitem às pessoas à sua volta.

INVERTIDA

O verdadeiro otimismo dá origem à vitória. O falso otimismo, que encobre nossas dúvidas com bravatas ou ilusões, leva ao medo e à fraqueza. A atitude mostrada na carta com o lado certo para cima não pode ser falseada, porque quando não dá certo pode tornar-se o oposto: derrotismo, uma sensação de que os inimigos podem nos vencer, ou de que a vida ou

determinadas pessoas podem nos trair de alguma maneira. Com muita freqüência esta atitude se transforma numa profecia auto-realizável, porque suspeita pode gerar traição.

CINCO

Novamente conflito, em nível mais elevado. Faz parte da natureza de Paus encarar a vida como uma batalha, mas em seu melhor sentido a batalha se torna uma luta excitante, avidamente procurada. Os Cincos em geral indicam alguma dificuldade ou falha, mas o elemento Fogo transforma problemas em competição, vistos como uma forma de as pessoas se comunicarem entre si e com a sociedade. Os jovens lutam, mas não para machucar-se reciprocamente. Como crianças brincando de soldados, eles cruzam seus paus sem realmente atingir ninguém. Eles não procuram destruir, mas apenas competir pelo simples prazer da ação.

INVERTIDA

A competição excitante mostrada na carta com o lado certo para cima sugere um senso de regras e honestidade, porque sem acordos prévios a luta como jogo torna-se impossível. Invertida, a carta indica que as regras estão sendo abandonadas, que na realidade a batalha assumiu um tom mais sério, mais maldoso. O senso de diversão transforma-se em amargura ou desilusão à medida que as pessoas buscam de fato ferir-se ou prejudicar-se reciprocamente. A atitude do Fogo diante da vida, especialmente quando não é ampliada pela conscientização e sabedoria das Espadas, exige que a vida reaja de forma positiva e não mostre seu lado mais cruel. O Cinco invertido lembra mais uma vez a frase: "O fogo se extinguiu".

QUATRO

O número quatro, com sua representação do quadrado, sugere fixidez ou solidez. A energia irreprimível de Paus, no entanto, não exige cercas de proteção como os Pentáculos. Ela não poderá ser contida, e assim vemos pessoas saindo em estado de êxtase do mais simples dos prédios, confiantes de que o sol dissipará quaisquer nuvens de dificuldade. A carta representa um ambiente doméstico cheio do otimismo do Fogo, de vivacidade, de comemoração. Como no Seis, vemos pessoas seguindo os dançarinos. No entanto, ao contrário daquela carta, em que os soldados seguiam o líder carismático, as pessoas aqui são levadas pela alegria.

Elas estão saindo de uma cidade murada para um caramanchão aberto. Em outras palavras, seu espírito e sua coragem as transportam de uma atitude defensiva para uma de abertura. Podemos contrastar essa imagem com a da Torre. As figuras estão vestidas de modo muito semelhante (até nas túnicas azuis e vermelhas) às duas do Quatro de Paus. Em seus significados menos esotéricos, A Torre mostra a explosão que resulta quando as pessoas permitem que uma situação repressiva ou infeliz cresça a um nível intolerável. No Quatro de Paus, o otimismo e o amor pela liberdade levam as pessoas, juntas, para fora de sua cidade murada antes que ela se transforme numa espécie de prisão como a Torre.

INVERTIDA

Waite considera esta carta inalterável de baixo para cima. A alegria tem tanta força que não pode ser bloqueada. Podemos acrescentar, no entanto, que o Quatro invertido poderia indicar, como o Sol nos Arcanos Maiores, que a felicidade no ambiente não é tão óbvia. Como acontece com a família no Dez de Pentáculos, as pessoas simbolizadas aqui podem ter que aprender a dar valor ao que têm. Uma outra possibilidade: a felicidade no ambiente da pessoa é igualmente intensa, mas não convencional, pelo menos com relação às atitudes e expectativas de outras pessoas.

TRÊS

O número três, por unir o um e o dois em uma nova realidade (veja a Imperatriz nos Arcanos Maiores) indica combinações e realizações. Em cada seqüência ele mostra aquele elemento em sua maturidade. Com Paus isso se transforma em realização. A figura mostrada é forte, mas em repouso, não ameaçada. Os jovens competidores do Cinco atingiram o sucesso, especialmente em negócios, carreira, etc., embora a carta também sugira maturidade emocional. A vivacidade de Paus não se extingue, mas aqui ele manda seus navios explorar novas áreas enquanto ele próprio fica para traz. Em contraste com o Cavaleiro, a imagem sugere a manutenção de uma base sólida no que já realizamos, enquanto continuamos a abrir novas áreas e interesses em nós mesmos. Em leituras, isto às vezes pode significar a manutenção de um compromisso anterior com relacionamentos existentes enquanto ainda se procuram novos amigos ou amores.

Algumas cartas de Tarô adquirem significados especiais que se aplicam apenas a situações específicas. Para uma pessoa perturbada ou lutando contra o passado, o Três de Paus pode indicar

que ficará em paz com suas lembranças. Elas se transformam em algo como barcos navegando por um rio largo e daí para o mar. O sol poente, um símbolo de contentamento, ilumina o rio, símbolo da vida emocional de uma pessoa, com uma cálida luz dourada.

No Três de Paus vemos a primeira das cartas Portais (a seqüência de Paus, com sua ênfase em ação, contém menos cartas de cunho interior do que qualquer outra). Metafisicamente, o mar sempre provocou nas pessoas uma sensação de vastidão e mistério do universo, ao passo que os rios simbolizam a experiência do ego dissolvendo-se no mar enorme. Os barcos representam a parte de nós que explora a experiência profunda, enquanto o homem expressa a importância de nos enraizarmosna realidade comum antes de tentarmos tais jornadas metafísicas. Essa explicação esquemática dá apenas um esboço intelectual do verdadeiro significado da carta. Significado este que reside na experiência de fundir-se com o desenho até que os barcos nos levem para áreas desconhecidas do eu. Significantemente, é a junção da Água e da Terra, na forma de mar e rochedos, que orienta as imagens para o maior potencial do Fogo. No entanto, a característica especial deste Portal, a de explorar o desconhecido, pertence ao Fogo.

INVERTIDA

Diversos significados refletem a natureza complexa da carta com o lado certo para cima. De um lado ela pode significar o fracasso de alguma "exploração" ou projeto (seja de natureza prática ou emocional) devido a "tempestades", isto é, a problemas maiores do que esperávamos ou supúnhamos. Mas pode também significar que nos envolveremos com nosso ambiente após um tempo de afastamento e reflexão. A figura com o lado certo para cima sugere certo isolamento ao olhar do alto para o mundo. Finalmente, pode indicar estar perturbado por lembranças.

DOIS

Novamente uma carta de sucesso, até maior do que o Três, porque aqui um homem está num castelo e segura o mundo em suas mãos. No entanto, a carta não traz a mesma satisfação que o Três. Ele está entediado; suas realizações só serviram para emparedá-lo (situação muito desagradável para o Fogo), e o mundo que ele segura é pequeno. Waite compara seu tédio com o de Alexandre, que supostamente chorou depois de ter conquistado todo o mundo conhecido porque não conseguia pensar em nada mais para fazer com sua vida (sua morte pouco tempo depois sem dúvida deu à lenda uma força extra).

O comentário de Waite sugere que o amor de Paus pela luta e o desafio pode deixar alguém sem uma satisfação genuína em suas realizações presentes quando a luta tiver sido vencida. A comparação com o Quatro (da mesma maneira que com o Dez) é óbvia. Lá, diversas pessoas saem dançando juntas de uma cidade murada. Aqui, uma pessoa está de pé sozinha, murada por seus próprios sucessos.

INVERTIDA

Encontramos aqui uma das melhores fórmulas de Waite: "Surpresa, espanto, encantamento, dificuldades e medo". Esses termos em conjunto descrevem alguém saltando diretamente para uma nova experiência. Quando deixamos para trás situações seguras e sucessos passados para ingressar no desconhecido, liberamos tanta emoção e energia que não podemos evitar o espanto e o encantamento ou o medo que os acompanha. A carta tem um apelo muito forte para pessoas que viveram por muito tempo em alguma situação desagradável ou insatisfatória e finalmente decidem efetuar uma mudança imediata.

ÁS

Um dom de força, de poder, de grande energia sexual, de amor à vida. As folhas brotam com tal abundância que caem transformando-se em *yods*, a primeira letra do nome de Deus. A presença dos *yods* em todos os Ases, exceto no de Pentáculos, indica que recebemos essas primeiras experiências como um presente da vida. Não podemos provocá-las ou produzi-las normalmente; elas nos chegam como mãos emergindo das nuvens. Só se alcançarmos o alto estágio de conscientização mostrado nas últimas cartas dos Arcanos Maiores poderemos compreender as origens das explosões dessa energia elementar. Em situações comuns basta senti-las e avaliá-las.

No início de uma situação, nenhuma carta poderia indicar melhor começo. Ela dá vivacidade e energia. Ao mesmo tempo, ensina humildade, pois nos recorda que basicamente nada fizemos moralmente para fazer jus ao otimismo e à grande energia que às vezes nos permite dominar outras pessoas.

INVERTIDA

Um Ás invertido de alguma forma sugere um fracasso da experiência primitiva. Isso pode significar simplesmente que a situação se volta contra nós, ou, especialmente com Paus e Espadas, que achamos impossível nos apegarmos àquela força e usá-la beneficamente. Portanto, o Ás de Paus invertido pode significar o caos, coisas se desorganizando, seja porque simplesmente aconteceu, seja porque nós as arruinamos através do excesso de energia mal dirigida. Isso pode acontecer a nível prático, por atividade excessiva, novos começos em demasia sem consolidarmos vantagens passadas; ou emocionalmente, por confiarmos demais na amizade, ou simplesmente por arrogância; ou sexualmente, por nos recusarmos a conter o fogoso apetite sexual.

Waite fez uma leitura bem mais amena do Ás invertido: "alegria nublada". Então o Ás se assemelha ao Quatro ou ao Sol; a surpresa e a felicidade existem mesmo quando não podemos, ou não queremos, vê-las à nossa frente.

CAPÍTULO 2

Copas

Se o Fogo simboliza a força do espírito dando vida ao universo, então a Água significa o amor que permite à alma receber aquela força. O sol atrai a semente para fora do chão, mas só depois que a água a amaciou e nutriu. O Fogo representa a ação, a Água, a falta de forma ou passividade. A Água não simboliza fraqueza; representa, antes, o eu íntimo, e o lento nascer da semente para a vida. Em situações extremas, a água e o fogo são inimigos naturais; uma enchente apagará um fogo, ao passo que uma chama por baixo de um recipiente dissolverá em vapor a água já informe. Ao mesmo tempo, a vida não pode existir ou crescer sem uma mistura desses dois opostos básicos.

Esse paradoxo levou alquimistas e outros a descreverem a transformação - que não é somente mudança, mas evolução súbita de um estado fragmentado a um integrado - como uma unificação do Fogo e da Água, mostrada na imagem do hermafrodita (na sociedade tradicional, com sua identificação rigorosa de gêneros e papéis, existia símbolo mais poderoso de opostos do que homem e mulher?), e mais simbolicamente na estrela de seis pontas. Naquela imagem antiga (muito mais velha do que seu uso moderno como emblema do judaísmo), o triângulo do Fogo apontado para cima junta-se ao triângulo da Água virado para baixo para formar uma ilustração da vida espalhando-se em todas as direções a partir de um centro unificado.

Porque a água de um rio muda constantemente, e no entanto o rio sempre mantém sua característica básica, os rios simbolizam o verdadeiro eu que permanece constante sob todas as mudanças externas na vida de uma pessoa. Assim, enquanto o Fogo simboliza o que nós fazemos. a Água representa o que nós somos.

Todos os rios fluem para o mar. Por mais que nossos egos insistam em nossa separação com o resto da vida, nossos instintos - o lado da Água em nós - nos lembram nossa harmonia com o universo. A cultura ocidental enfatizou a idéia do indivíduo como único e separado do mundo. O Tarô não nega a singularidade do indivíduo - ele insiste nisso, através da singularidade de leituras - mas descreve-o como uma combinação de elementos (um mapa astrológico, com seus doze signos e doze casas, ensina a mesma lição). E um desses elementos continua a ser a conexão básica de uma pessoa com o resto da vida.

A seqüência de Copas mostra uma experiência íntima que flui em vez de limitar, que abre em vez de restringir. Copas representam amor e imaginação, alegria e paz, uma sensação de harmonia e encantamento. Elas nos mostram o amor como um caminho para o Espírito, tanto o amor que damos a outros como o amor que recebemos das pessoas e da própria vida em seus momentos mais felizes.

Às vezes, quando a vida exige ação, seja física ou emocional, Copas representam o problema da passividade. Todas as tentativas para fazer alguma coisa, para resolver algum problema complicado, se dissolvem em incerteza, apatia, ou sonhos vazios. Paus dão energia a Copas, Espadas limitam essa energia emocional e lhe dão direção, ajudam-na a imaginar coisas (embora uma corrente de Ar agite a Água tranqüila) enquanto Pentáculos trazem as fantasias de volta ao terreno dos projetos reais.

REI

Como o Rei de Paus, o de Copas representa sua seqüência em termos de responsabilidade social, realizações e maturidade. E como o Rei do Fogo, sua posição como "defensor da sociedade" não se ajusta muito bem a ele. Copas simbolizam a imaginação criativa, e para atingir o sucesso ele teve que disciplinar e até reprimir seus sonhos. O peixe, símbolo da criatividade, pende à volta de seu pescoço, mas como um ornamento artificial. Ele dirigiu seus poderes criativos para realizações socialmente responsáveis. Waite descreve-o como um homem "de negócios, da lei, da divindade". Em certo sentido, ele deu maturidade à sua seqüência; mas a Água precisa fluir, não ficar confinada.

Atrás de seu trono um peixe vivo salta em meio às ondas, significando que a imaginação criativa permanece viva mesmo quando é empurrada para o último plano. De modo semelhante, seu trono flutua sobre o mar agitado, no entanto, ele próprio não toca na água (compare com a Rainha), indicando que sua realização origina-se basicamente da criatividade, apesar de ele ter moldado sua vida de maneira a separar-se de sua própria imaginação meio poética e brincalhona.

Em seu extremo, a fantasia sugere alguém que represou suas emoções e sua imaginação. Também mostra, mais delicadamente, uma pessoa que expressa estas qualidades, mas não como um ponto central de sua vida. A responsabilidade vem antes da auto-expressão.

O Rei não olha para sua taça; em vez disso ele a segura da mesma forma como segura seu cetro, símbolo do poder. Alguns comentadores vêem o Rei como uma pessoa de emoções perturbadas, até por raiva e violência, que habitualmente reprime esses sentimentos, mantendo sempre uma aparência calma. Esta interpretação deriva da idéia de que os Reis representam o Ar

e portanto o Rei de Copas é Ar de Água, as emoções perturbadas do Ar encobertas pela influência benigna da Água.

Em alguns contextos, especialmente nas artes, o Rei assume um significado muito diferente. Como ele é o chefe de sua seqüência, pode simbolizar sucesso, realização, supremacia e maturidade no trabalho artístico.

INVERTIDA

Mais complexo, e talvez mais perturbado do que o Rei de Paus, o Rei de Copas invertido resvala para a desonestidade. Quando está com o lado certo para cima, ele usa a criatividade para o seu trabalho; invertido, ele volta seus talentos para o vício ou a corrupção. Os vigaristas também usam criatividade para progredir em suas carreiras, mas não podemos descrevê-los como "responsáveis".

A carta invertida pode significar que as violentas emoções do Ar emergem de sua aparência calma, talvez pela pressão de eventos externos. Romanticamente, o Rei de Copas invertido pode sugerir um amante desonesto embora dominador, mais comumente um homem, mas às vezes uma mulher.

Finalmente, em relação às artes, o Rei invertido pode sugerir que a realização de um artista provou ser insignificante, ou que uma pessoa ainda não amadureceu e não pode exibir um conjunto significativo de trabalho. Em uma leitura, esse último significado se mostraria intensamente se a carta aparecesse em conexão com determinados Pentáculos invertidos, como o Oito, ou o Três.

RAINHA

A mais bem-sucedida e equilibrada das Copas, de certa forma de todas as cartas dos Arcanos Menores, a Rainha é quase a versão mundana do Dançarino do Mundo. Vindo entre a responsabilidade externa do Rei e a passividade do Cavaleiro, ela mostra a possibilidade de juntar imaginação e ação, criatividade e utilidade social. Seu trono, decorado com sereias angelicais, apóia-se na terra, indicando sua conexão vital com o mundo externo e com outras pessoas, uma conexão mais real do que a do Rei. Ao mesmo tempo, a água corre sobre seus pés e é absorvida por seu vestido, significando a unidade do eu com emoção e imaginação. A água sugere também forças inconscientes - os padrões espirituais subjacentes mostrados nos Arcanos Maiores - nutrindo a vida consciente. A unidade entre a água, a terra e a Rainha sugere que não

alimentamos a imaginação ao dar-lhe total liberdade para vagar por onde quiser, mas sim dirigindo-a para uma atividade importante, idéia que a maioria dos artistas endossaria. Este conceito aparece com mais força no Nove de Pentáculos, símbolo da disciplina criativa.

Waite descreve a taça que ela segura como sua própria criação. É a mais elaborada das Copas (não importa o que pensarmos sobre sua elegância!) e simboliza a realização efetuada através do uso da imaginação. Observe sua forma semelhante a uma igreja. Até recentemente (e em culturas mais arcaicas) toda a arte expressava e glorificava a experiência espiritual. A Rainha olha intensamente para a taça, mostrando a vontade forte que orienta e regula a força criativa sem suprimi-la. Ao mesmo tempo, seu olhar sugere que a pessoa criativa consegue inspiração para futuras atividades em suas realizações passadas. Compare seu olhar agudo com o ar sonhador do Cavaleiro, ou com as fantasias nebulosas do Sete.

A força de vontade sozinha não unirá imaginação e ação. Só o amor pode dar significado a suas ações, e realizar seus objetivos. Esses objetivos não são simplesmente criativos no sentido estrito da arte, mas no sentido mais amplo de fazer alguma coisa completa e com as oportunidades e elementos dados pela vida. Eles podem incluir objetivos emocionais, especialmente a família, porque enquanto o Rei simboliza a sociedade, a Rainha simboliza a família, tanto para os homens como para as mulheres.

O mais importante é que ela une a conscientização ao sentimento. Ela sabe o que quer e tomará as medidas necessárias para consegui-lo. E no entanto ela age sempre com a percepção do amor.

Waite diz "inteligência amorosa e portanto o dom da visão", palavras que sugerem que uma visão da vida como algo prazeroso só pode vir como um presente, mas o amor pode abrir-nos para receber tal dom, para perceber que ele existe. Com inteligência unida ao amor, nós retribuímos o presente tendo essa visão e fazendo alguma coisa real e duradoura a partir dela.

INVERTIDA

Invertida, a Rainha de Copas rompe a unidade entre visão e ação. Vemos alguém ambiciosa e poderosa, e perigosa, porque não se pode confiar nela. O amor desapareceu, e com ele o compromisso para com valores maiores do que seu próprio sucesso. Se ela deslizar além do equilíbrio, pode tornar-se desprezível, depravada até, à medida que sua força criadora cambaleia fora de controle.

CAVALEIRO

Como uma figura menos elaborada do que a Rainha ou o Rei, ele não aprendeu a dirigir sua imaginação no mundo. Portanto, os sonhos dominam esta carta, com suas imagens de um cavalo vagaroso e um cavaleiro perdido nas seduções de sua taça, símbolo da imaginação. Ao mesmo tempo, a força criadora é menos poderosa aqui do que em qualquer outra carta da corte de Copas. Apenas um rio estreito flui através da terra ressequida. O Cavaleiro não aprendeu que a verdadeira imaginação se alimenta da ação e não da fantasia. Com isso quero dizer que se não fizermos nada com nossos sonhos, eles continuam vagos e sem relação com o resto de nossas vidas.

Podemos salientar um outro ponto a respeito das fantasias do Cavaleiro. O que alimenta isso - princípios íntimos, como no mito ou na arte arquetípica; ou indulgência consigo mesmo, como nos devaneios e filmes ou livros escapistas? O poeta inglês Samuel Taylor Coleridge fazia distinção entre "imaginação" e "fantasia". Ambas afastam a mente da experiência e das percepções comuns. No entanto, enquanto a primeira procede de, e leva a, uma percepção da verdade espiritual subjacente, a segunda produz apenas imagens mentais que podem excitar, mas às quais falta, definitivamente, um significado real. Elas procedem do ego e não do inconsciente.

Nada emerge da sua taça (compare com o Pajem). Nem ele a transformou em algo maior do que era, como fez a Rainha. Um Cavaleiro é uma figura comprometida com a ação e o envolvimento. A água, por sua vez, simboliza passividade. O simbolismo - Fogo de Água no sistema da Aurora Dourada - indica que os elementos são irreconciliáveis. Ao negar esse compromisso básico com o mundo, ele não permite que sua imaginação produza coisa alguma.

Como é um Cavaleiro, o mundo externo de ação, de sexo, pode atraí-lo mesmo quando persegue seus pensamentos e fantasias. Sua passividade às vezes pode ser uma fachada, quase exagerada, com o propósito de negar as tentações e desejos que perturbam sua paz. Romanticamente, o Cavaleiro pode representar um amante que não deseja comprometer-se, que talvez seja atraente mas passivo, introspectivo, ou narcisista.

Estas imagens duras do Cavaleiro dizem respeito a seus conflitos. Ao mesmo tempo, seu elmo e seus pés são alados, seu cavalo é fogoso em sua lentidão. E ele se assemelha à Morte, símbolo de transformação. Se o Cavaleiro não for atraído pela responsabilidade ou pelo desejo, se seguir uma visão genuína em vez de esquivar-se de compromissos externos, então ele pode entrar muito profundamente dentro de si, transformando a energia do Cavaleiro numa exploração de seu próprio mundo íntimo.

INVERTIDA

De várias maneiras vemos o Cavaleiro reagindo contra as crescentes exigências do mundo além dele. Isso pode significar simplesmente que ele acorda para a ação ou então que segue seus desejos mais físicos. Ou pode significar que uma pessoa passiva está sendo empurrada para a ação ou pára o compromisso e não gosta disto. Sem resistir exteriormente, a pessoa pode se ressentir dessas exigências. O resultado pode ser como uma parede erguida entre o Cavaleiro e as pessoas que o estão levando a assumir suas responsabilidades. Essa atitude pode resultar em hipocrisia ou manipulação e algumas vezes em mentiras e fraudes.

PAJEM

Sendo mais jovem de espírito, meio infantil, o Pajem não sofre os mesmos conflitos, quer com a responsabilidade ou com o desejo sensual. Ele indica um estado ou um tempo no qual a contemplação e a fantasia são bem adequadas a uma pessoa. Nenhuma exigência externa perturba sua tranqüila contemplação. Como resultado, o peixe da imaginação olha para ele de sua taça. Divertido, ele olha de volta para o peixe sem a necessidade do Cavaleiro de penetrar tão profundamente em si mesmo. Aqui, a imaginação é sua própria justificativa.

O peixe também pode simbolizar talentos psíquicos e sensibilidade. E já que todos os Pajens têm certa característica de estudante, o Pajem de Copas pode mostrar alguém desenvolvendo habilidades psíquicas, quer através de um programa real de estudo e/ou meditação, quer tais talentos se desenvolvam por si mesmos, mas de maneira serena.

INVERTIDA

Com o lado certo para cima, vimos uma pessoa deixando sua imaginação borbulhar à sua frente. Porque ele não faz nada com suas fantasias, elas não lhe causam problemas. Se ele atuar sobre elas, no entanto, elas podem levá-lo a equívocos. Invertido, portanto, significa seguir nossas inclinações, agir sem pensar, ou permitir que nossos desejos imediatos nos seduzam, principalmente quando contrariam nosso bom senso. Vemos o Pajem invertido todas as vezes que compramos alguma coisa de que não precisamos e nem mesmo realmente desejamos; nós o vemos quando fazemos promessas que não podemos cumprir ou assumimos compromissos que na realidade nada significam.

Em outras situações, se o Pajem se refere ao desenvolvimento psíquico, ou a visões verdadeiras, invertido ele mostra uma pessoa perturbada por essas visões. Para muitas pessoas

em nosso mundo racionalizado, a súbita emergência de talento psíquico, mesmo se deliberadamente procurado através de treinamento, pode parecer muito assustadora. O Pajem invertido reflete o medo e recomenda que nos acalmemos, que olhemos serenamente para o peixe surgindo de nossa própria taça. Em conexão com Pentáculos, ele convida ao assentamento na realidade externa para evitarmos a invasão de fantasias ou visões.

DEZ

Sendo o número mais alto, o Dez significa a plenitude das qualidades da seqüência. Em Paus vimos um excesso de fardos; em Copas encontramos alegria e a maravilha da vida esparramada no céu. O santo Graal, símbolo da graça e do amor de Deus, repousa na base desta seqüência, mostrando que o amor, a imaginação e a alegria chegam a nós como presentes. A Bíblia nos diz que Deus criou o arco-íris como uma promessa de que o mundo nunca mais sofreria um dilúvio destruidor. Mas o arco-íris traz também uma promessa mais positiva - a de que a vida traz felicidade e não apenas ausência de dor.

O homem e a mulher na ilustração compreendem essas coisas. De braços dados, olham para cima e festejam o arco-íris. As crianças, no entanto, dançam sem olhar para cima. Elas simbolizam a inocência, que encara a felicidade como a condição natural da vida. Elas esperam a felicidade, mas não a desperdiçam. Mostrando uma família, a carta se refere basicamente à felicidade doméstica, mas pode indicar qualquer situação que traga uma onda de alegria. Refere-se especialmente ao reconhecimento de características importantes ou determinada situação. Esse significado diz respeito especialmente a leituras em que o Dez de Copas aparece em confronto com o Dez de Pentáculos.

INVERTIDA

Existem aqui duas variantes básicas. Primeiro, toda a emoção se volta contra si mesma. Uma situação muito tensa, geralmente romântica ou doméstica, não se resolveu satisfatoriamente, produzindo sentimentos violentos, cólera ou falsidade. Ou, na prática, o Dez invertido pode simplesmente significar que uma pessoa não reconhece ou aprecia a felicidade que a vida lhe está oferecendo.

NOVE

Da alegria profunda passamos para os simples prazeres de festas e satisfação física. Como se observou anteriormente, os Noves retratam os compromissos que temos com a vida. Paus mostrou uma forte defesa; Copas, mais afável, mostra evitar aborrecimentos e problemas concentrando-se em prazeres triviais. Muitas vezes as pessoas reagem com hostilidade a esta carta, talvez por não desejarem ver-se como algo superficial. Às vezes, especialmente após aborrecimentos ou um período de trabalho longo e duro, nada pode ser melhor do que um bom divertimento.

INVERTIDA

Excepcionalmente o significado invertido nos dá a maior consciência - para usar a fórmula de Waite, "verdade, lealdade, liberdade". Relacionadas com o significado da carta com o lado certo para cima, as palavras sugerem uma rejeição de valores superficiais; mas também se referem a situações muito confusas ou opressivas em que, por nos agarrarmos ao fio de verdade, ou por nos mantermos leais a nós mesmos, ou a outros, ou a um propósito, podemos conseguir a vitória e a libertação.

OITO

A natureza agradável de Copas tende a afastar-nos calmamente do que temos a fazer. O Oito indica (ou encerra) uma série de cinco cartas que tratam do problema de ação da Água. Nesta carta vemos alguém voltando as costas a uma fila dupla de taças em pé, o que simboliza uma situação que não apenas proporcionou felicidade, mas que na realidade continua a fazê-lo. Em contraste com o Cinco, todas as Copas permanecem de pé; nada foi derrubado. E no entanto a pessoa sabe que chegou a hora de afastar-se. A metáfora sugere um dos verdadeiros usos do instinto da Água - certa habilidade para sentir quando alguma coisa terminou, antes que definhe ou desabe à nossa volta; saber a hora de seguir adiante.

Vemos a figura subindo um morro, indo para terras mais altas, sugerindo a mudança de uma situação de menor importância para uma de maior significado. Observe a semelhança da figura com o Eremita. Para chegar à altura da sabedoria do Eremita, devemos primeiro livrar-nos das coisas comuns da vida.

O Eremita nos lembra que a representação da terra não significa necessariamente ação ou envolvimento no sentido comum, mas pode sugerir quase o oposto: ou seja, retirar-se da atividade exterior para buscar um autoconhecimento maior. A princípio a cena parece ter lugar à

noite; mas quando observamos mais atentamente, vemos que na realidade ela retrata um eclipse, com a lua passando pelo sol. Uma fase da lua, isto é, um período de consciência íntima, substituiu uma atividade dirigida para fora. Ao conjugar a imagem da lua com uma cena de movimento, a carta nos ensina que desenvolver um sentido mais profundo do "eu" também é uma ação. Lembre-se de que o Eremita, ao inverter a polaridade sexual da grande Sacerdotisa sobre ele, combina a ação e a intuição num programa definido de autoconhecimento.

Quer vejamos a figura afastando-se do mundo, ou em ação, a carta simboliza abandono de uma situação estável. Em seu nível mais profundo, esta carta age como um Portal, de certo modo assemelhando-se ao Três de Paus. Ambas trabalham com a imagem de uma jornada ao desconhecido, mas enquanto a carta do Fogo é atraída para a Água, a carta da Água é atraída para o Ar. O Três de Paus derruba o ego e liberta o espírito explorador, enquanto o Oito de Copas move-se da incerteza da Água para o conhecimento específico de princípios abstratos simbolizados pela escalada da montanha do Eremita.

INVERTIDA

Algumas vezes o Oito de cabeça para baixo indica a simples negação da imagem básica da carta - uma recusa para deixar alguma situação, uma determinação para se agarrar, mesmo quando sabemos no íntimo que extraímos dela tudo o que podíamos. Tal descrição caracteriza muitos relacionamentos.

Geralmente, no entanto, a carta invertida mantém sua característica de conscientização e reação correta. Simboliza que a hora de partir *não* chegou, que a situação continuará a dar alegria e a ter significado.

Uma possibilidade final: timidez, abandono de uma situação porque a pessoa não tem coragem para prosseguir e receber tudo o que ela pode lhe dar. Muitas pessoas fazem disso um padrão de vida; envolvem-se em relacionamentos, trabalhos, projetos etc. e depois fogem, seja diante de dificuldades, ou quando chega o momento de um compromisso sincero.

SETE

Com o Sete, o problema de Copas surge em sua forma mais direta. A emoção e a imaginação podem produzir visões maravilhosas, mas, sem base na ação e nas realidades externas da vida, essas imagens fantásticas continuam sendo devaneios, "fantasias" sem significado ou valor real. Note que as visões cobrem todo o âmbito das fantasias, da riqueza (as jóias) aos louros

da vitória, ao medo (o dragão), à aventura (o castelo), até aos arquétipos da mitologia - uma face meio divina, uma misteriosa figura radiante, e uma serpente, símbolo universal da sabedoria psíquica. É errado pensar que os devaneios não tem significado devido a seu *conteúdo;* ao contrário, eles freqüentemente brotam de profundas necessidades e imagens arquetípicas. Falta-lhes significado porque eles não têm conexão com qualquer coisa fora de si mesmos.

INVERTIDA

Esta carta invertida significa uma determinação de fazer algo a partir dos sonhos. Isto não quer dizer rejeitar as fantasias, e sim fazer alguma coisa com elas.

SEIS

Como cartas de emoção benigna e de sonhos, Copas significam doces lembranças. Algumas vezes essas lembranças representam verdadeiramente o passado; outras vezes podemos idealizar o passado e vê-lo através de uma bruma de segurança e felicidade. O símbolo dessa segunda atitude é a infância, imaginada como uma época segura, quando os pais, ou os irmãos e irmãs mais velhos, nos protegiam e nos davam tudo de que necessitávamos. Às vezes tal atitude pode gerar um sentimento cálido e seguro que ajudará as pessoas a enfrentarem seus problemas atuais. Neste sentido, a carta mostra o passado (o anão) dando lembranças de presente ao futuro, simbolizado pela criança. Outras vezes, no entanto, uma fixação no passado pode impedir que uma pessoa enfrente os problemas do presente. Tanto o passado como fantasias sobre o futuro podem desviar nossa atenção do presente.

Existem outros significados para o Seis além das lembranças. Os Seis mostram relações entre dar e receber. Aqui vemos a imagem de um professor ou protetor dando sabedoria e segurança a alguém que poderia ser um membro da família, um aluno ou um amigo.

INVERTIDA

Como o Sete, o Seis invertido indica uma mudança rumo à ação. Especificamente, ele mostra um olhar para o futuro, não para o passado. As duas cartas invertidas são muito semelhantes; a diferença reside no fato de que o Seis mostra um comportamento enquanto o Sete indica passos realmente dados.

Outras vezes, dependendo do significado da carta com o lado para cima, o Seis invertido indica lembranças perturbadoras (compare com o Três de Paus invertido), ou uma sensação de alienação do passado. Pode também indicar o rompimento de um relacionamento baseado numa pessoa protegendo ou ensinando outra(s).

CINCO

Os Cincos dizem respeito à luta e algumas vezes sofrimento. Com Paus, vimos a aventura da competição; Copas mostra a reação emocional à perda. O desenho retrata a tristeza, mas também a aceitação. Três taças jazem derramadas, mas duas permanecem de pé, mesmo que no momento a figura se concentre nas três. Em leituras, muitas vezes vi esta carta unida ou ao Três de Copas como uma felicidade ou uma esperança que se extinguiu, ou então ao Três de Espadas; as duas taças de pé freqüentemente remetem ao Dois de Copas, isto é, apoio da parte de um namorado ou amigo.

A mulher (ou homem; a característica andrógina da figura indica que o infortúnio une os sexos) mantém-se rígida, envolta em preto, a cor do pesar. Ela precisa aceitar que a felicidade de repente se desvaneceu, foi destruída. Ela ainda não se dá conta de que alguma coisa resta, pois primeiro precisa compreender e aceitar a perda. Será que ela mesma derrubou as taças, seja por falta de cuidado, ou por acreditar que já estava garantida? No sentido da conscientização, a carta se relaciona com a Justiça, emblema da verdade e aceitação da responsabilidade. Em sua postura e vestuário, ela se assemelha ao Eremita, que se envolve numa capa de sabedoria para manter-se firme em sua tarefa de procurar no íntimo uma visão para sua vida, visão que ele aceitará com Justiça.

O rio representa o fluir da tristeza, mas a ponte simboliza a conscientização e a determinação. Ela leva do passado (perda) para o futuro (novos começos). Quando a pessoa tiver aceitado sua perda, ela poderá voltar-se, apanhar as duas taças que restaram, e atravessar a ponte para casa, símbolo de estabilidade e continuidade.

Com sua profunda evocação de arrependimento, a carta forma um outro Portal, trazendo-nos aquele sentido de perda espiritual e separação que no mundo todo deu origem a mitos de uma queda ou de um exílio do Paraíso.

INVERTIDA

O significado básico da carta, quando invertida, pode mudar de três maneiras. Primeiro, ela pode significar a não-aceitação da perda e, como uma extensão disso, falsos projetos ou enganos. Em segundo lugar, pode indicar apoio da parte de outras pessoas, amizades, novos interesses e ocupações após algum evento triste ou perturbador. Finalmente, ela pode enfatizar uma conscientização do que continua importante e permanente em face da tristeza. Nesse sentido, a mulher se volta das três para as duas taças. Aqui as duas taças simbolizam a base sólida da vida de uma pessoa; elas permanecem de pé porque não podem ser facilmente derrubadas. E essa conscientização indica que as três taças caídas simbolizam alguma coisa menos importante do que poderia parecer a princípio, na época da sua destruição.

QUATRO

A passividade de Copas às vezes pode levar à apatia. O que podemos chamar de "imaginação negativa" nos faz olhar para tudo como sem valor ou aborrecido. Parece não existir algo pelo qual valha a pena lutar, nada que valha a pena fazer, e nada que valha a pena examinar.

As três taças simbolizam a experiência passada da pessoa. Entediada pelo que a vida lhe deu, ela não identifica as novas oportunidades que lhe são oferecidas pela quarta taça. A semelhança dessa taça com o Ás sugere que as novas possibilidades podem levar à felicidade e à satisfação. Fundamentalmente, no entanto, a carta mostra uma situação na qual tudo na vida acaba parecendo igual. A carta algumas vezes mostra apatia resultante de um ambiente melancólico, desestimulante.

INVERTIDA

Novamente, a inversão nos leva para fora de nós mesmos e nos desperta para o mundo e suas possibilidades. Novas coisas são oferecidas, novas relações, novas idéias. Mais importante, a carta invertida mostra entusiasmo e aproveitamento de oportunidades.

TRÊS

Os Três mostram uma avaliação do significado e da importância da seqüência. Devido ao Graal na base da seqüência, o Três de Copas indica alegria, comemoração, e acima de tudo o ato de partilhar as maravilhas da vida. Como se tivéssemos transposto a crise da ação, todas as três cartas finais, de acordo com seus números, fluem com felicidade. Aqui vemos as mulheres

comemorando, como numa colheita. Ou uma crise terminou, ou o trabalho produziu bons resultados.

Vemos as três mulheres tão entrelaçadas que dificilmente podemos dizer a quem pertence um determinado braço. Nos maus como nos bons tempos, a carta indica experiências compartilhadas.

INVERTIDA

Novamente surgem vários significados. Antes de mais nada, a carta pode indicar a perda de alguma propriedade. Muito freqüentemente pode indicar que alguma coisa pela qual esperávamos não aconteceu. Pode também significar a ruptura de uma amizade, ou ainda a desilusão de descobrirmos que amigos não nos deram apoio quando precisávamos deles, ou então a desintegração de um grupo de amigos.

Outro significado mostra uma alteração do original. Em vez de uma celebração compartilhada das alegrias da vida, encontramos o que Waite curiosamente chama de "excesso de satisfação física e prazeres dos sentidos". Obviamente, Waite pretendia dizer que os valores mais profundos são ignorados. Entretanto, vale observar que, especialmente como uma predição, a maioria das pessoas não ficam contrariadas com esta frase.

DOIS

De muitas maneiras esta carta age como uma versão menor dos Namorados. Enquanto o trunfo mostra a enorme força de relacionamentos sexuais maduros, a carta dos Arcanos Menores enfatiza o início de um relacionamento. Esta não é uma regra absoluta quando se refere a leituras. O Dois pode freqüentemente mostrar uma união ou amizade a longo prazo, talvez em nível mais superficial do que o dos Namorados. Em estudos, e mais comumente na prática, entretanto, ela indica penhor de amizade, início de um caso de amor.

No trunfo vemos o Anjo, símbolo de superconsciência. No Dois de Copas vemos o leão alado acima do caduceu de Hermes, símbolo de cura e sabedoria. Em ambos os casos, a carta mostra como duas pessoas, ao unirem suas qualidades e habilidades individuais através do amor, produzem na vida algo mais do que cada uma teria realizado sozinha. O leão simboliza a sexualidade, o Espírito alado. O amor dá maior significado ao impulso sexual que nos leva até ele.

No primeiro volume deste livro vimos como os Namorados podem servir como um diagrama do "eu" unificado. Enquanto o homem simboliza a ação e o movimento, a mulher

simboliza a emoção. a sensibilidade e uma avaliação da experiência. Unindo essas qualidades, valorizamos nossa vida.

Note a semelhança entre o homem e o Louco. Numa leitura, estas duas cartas apareceram associadas. A mulher, uma artista, queria saber que direção seu trabalho devia tomar. Estava especialmente interessada em investigar se sua arte provinha de um centro real em sua vida ou se era simplesmente um exercício intelectual. Ora, outras cartas indicavam que ela tinha atingido um nível de domínio técnico no que estava fazendo, enquanto o Louco mostrava-a saindo para outra área. Mas o Dois de Copas mostrou que ela teria sucesso se conjugasse sua habilidade e explorações técnicas com a base espiritual simbolizada pela mulher.

INVERTIDA

Invertida, a carta mostra de várias formas a derrocada dos ideais simbolizados por ela com o lado certo para cima. Pode significar um caso de amor ou amizade que de algum modo se deteriorou, principalmente devido ao ciúme e a uma quebra de confiança. Pode significar simplesmente o fim de um relacionamento. Dependendo das cartas à sua volta, pode significar um relacionamento ameaçado por pressões internas ou externas. Outra possibilidade é a insensatez, quando as pessoas fingem para os outros, ou para si mesmas, que um caso de amor significa mais do que na realidade significa. Em sentido semelhante, a carta invertida pode mostrar pessoas agindo como apaixonados, quando na realidade uma, ou ambas, não se amam.

Se olhamos para a carta como significando o "eu", invertida ela indica a separação entre o que fazemos e o que sentimos, entre a ação e a emoção.

ÁS

A partir das emoções conflitantes do Rei, através de várias compensações entre exaltação e passividade, chegamos finalmente ao Ás - símbolo do amor dando sustento à vida. O significado primeiro do Ás de Copas é o de um tempo de felicidade e amor, um dom de alegria. Assim como o fogo faz o mundo, o amor o valoriza.

O desenho de Smith, com a pomba e a hóstia, mostra especificamente o Santo Graal, que diziam encerrar a presença física do Espírito Santo atuando no mundo. Nas versões mais sutis da lenda do rei Artur, não era realmente a cavalaria - isto é, uma estrutura moral - que mantinha unido o glorioso reino do rei Artur, mas sim a misteriosa presença do santo Graal oculto na terra. Quando o Graal os deixou (porque os cavaleiros de Artur deixaram de aproximar-se dele de modo

espiritual), o reino se desintegrou. A alegoria nos diz que o mundo não funciona basicamente por suas leis, sua ordem moral e suas estruturas sociais, mas sim por sua base espiritual que dá significado a todas essas coisas, e as protege da corrupção. Quando olhamos para a existência como algo a ser somente conquistado (como os cavaleiros de Artur partiam para a conquista do Graal), provocamos apenas o caos. Copas - Água - simbolizam receptividade. O amor, e em última instância a vida, não pode ser aprisionado - só aceito.

INVERTIDA

O Ás invertido sempre traz consigo rupturas. Aqui vemos infelicidade, violência, destruição - as mesmas condições mostradas na lenda do rei Artur, quando o Graal deixou o reino. A carta invertida pode indicar simplesmente que os tempos se voltaram contra nós e que só o que podemos fazer é aceitar que a vida traz tanto problemas como alegrias. Ou a carta invertida pode sugerir que nós mesmos provocamos nossa infelicidade por não reconhecermos o que a vida nos oferece, ou por reagirmos com violência quando precisamos ter calma.

CAPÍTULO 3

Espadas

Sob vários aspectos, Espadas é a mais difícil das seqüências. O próprio objeto, uma arma, significa dor, ódio, destruição, e são principalmente essas experiências que a imagem de Espadas retrata. No entanto, uma espada pode também simbolizar o fim de ilusões e problemas complicados (lembre-se de Alexandre cortando o nó górdio). Galahad, o cavaleiro que conquistou o santo Graal. não pôde iniciar sua busca espiritual enquanto não recebeu sua espada mágica de Merlin, o guia do reino. Da mesma forma, não podemos começar nossas próprias buscas do significado e valor da vida enquanto não tivermos aprendido a reconhecer e aceitar a verdade, por mais que nos doa.

Espadas pertencem ao elemento Ar, ou vento. freqüentemente visto como o mais próximo do Éter, ou Espírito. A palavra "espírito" se relaciona diretamente com a palavra "sopro", e em hebraico a palavra para "vento" e para "espírito" é a mesma. Tal como o ar se move sem cessar, assim a mente nunca repousa, virando-se e voltando, algumas vezes violenta, algumas vezes

calma, mas sempre em movimento. Quem já tentou meditar sabe com que persistência a mente se move.

Um dos problemas relacionados com Espadas é o do "pensamento infundado ou o que poderíamos chamar de "complexo de Hamlet". A mente vê tantos lados de uma situação, tantas possibilidades, que a compreensão, para não falar da ação, torna-se impossível. Porque nossa cultura sempre enfatizou a racionalidade, muitas pessoas hoje em dia encaram o pensamento em geral como a causa de todos os problemas da vida. Se apenas pararmos de pensar, dizem, então tudo se resolverá muito bem. Mesmo que tal coisa fosse possível, o Tarô diz que isso não nos beneficiaria. Nós não resolvemos o problema de um elemento banindo-o ou substituindo-o por outra coisa, mas sim combinando-o com outros elementos. O fato é que, quanto mais confusos estivermos, mais necessitaremos de nossa mente, porque só ela pode deslindar a verdade. Precisamos também, no entanto, combinar o Ar com a Água - isto é, emoção com receptividade. Precisamos também combiná-lo com o Éter, o Espírito, valores profundos baseados na verdade espiritual/psicológica que vemos encarnados nos Arcanos Maiores. Então o problema do Ar se transforma em Caminho, sabedoria.

O problema mais óbvio mostrado em Espadas é o da tristeza, sofrimento, raiva - o lado tempestuoso do Ar. Não podemos superar estas coisas ignorando-as, mas podemos acrescentar a Espadas o otimismo de Paus, e podemos usar Pentáculos para nos afastarmos de nossas emoções, através de um envolvimento com o trabalho, a natureza, o mundo externo.

REI

Como defensor da estrutura social, o Rei representa autoridade, poder e discernimento. Ele recebe a energia mental do Ar e a usa para sustentar e governar o mundo com a acuidade de sua mente e a força de sua personalidade. Sua coroa é amarela, cor da energia mental, enquanto seu manto é púrpura, cor da sabedoria. Cobre-lhe a cabeça uma espécie de albornoz vermelho, cor da ação. O intelecto do Rei não existe por si mesmo, mas sim pelo que ele pode fazer, como um instrumento de autoridade. Da mesma forma, sua espada, diferente da espada da Rainha de Espadas ou da Justiça, não aponta diretamente para cima, significando mera sabedoria, mas inclina-se ligeiramente para a direita, o lado da ação. A necessidade de agir segundo seus critérios tende a distorcer o poder do julgamento em si, fato que podemos ver se compararmos a situação de um observador político acadêmico com a de alguém que governa um país.

De qualquer forma, a ênfase no "realismo" direcionado para o lado social pode estreitar seu ponto de vista até chegar a um materialismo muito estreito. Podemos observá-lo no homem

ou na mulher que se orgulham de seu senso claro e prático, sem tempo para "palhaçadas místicas". Tais pessoas geralmente ignoram quanto de seu pensamento depende de preconceitos e julgamentos prévios, e não de observação da vida.

Note a semelhança com o Imperador. Podemos chamar o Rei de representante do Imperador no mundo real. Enquanto o trunfo encarna o arquétipo de ordem, lei, sociedade, o Rei de Espadas mantém esses princípios em prática.

Dois pássaros, o emblema animal das cartas da corte de Espadas, voam atrás de seu trono. Os pássaros simbolizam a habilidade da mente em levar-nos para a elevada atmosfera da sabedoria, afastados da paixão fogosa, da emoção lacrimosa, ou da corrupção material terrena. O número dois, por outro lado, simboliza opção, a tensão constante entre o pensamento abstrato e a ação que precisa ser realizada no mundo.

Mas se os pássaros simbolizam a habilidade da mente de se elevar acima do mundo, eles também simbolizam o alheamento que tal atitude pode produzir. Note que o trono do Rei está aparentemente nas nuvens. Como o Rei de Paus, o Rei de Espadas pode tender para a arrogância, sua mente e sua vontade fortes colocando-o acima das pessoas mais confusas à sua volta. Em termos sociais, a imagem sugere a tendência do governo e dos governantes a divorciar seus julgamentos das necessidades reais do povo. Em termos mais pessoais, vemos o distante Rei em homens e mulheres que são duros, frios, tendendo a julgar os outros. Como um marido ou amante, o Rei de Espadas muitas vezes indica uma pessoa dominadora ou repressora.

Em seu melhor sentido, o Rei de Espadas evoca a Justiça, a carta logo abaixo do Imperador nos Arcanos Maiores. Quando tem conexão com esse trunfo, o Rei significa justiça social, leis sábias e, acima de tudo, um compromisso com a honestidade intelectual, e a necessidade de colocar o conhecimento em prática. Como a Justiça, e único entre as cartas da corte, ele nos encara diretamente, um mestre da sabedoria compelindo-nos a reconhecer a verdade e a nos apegarmos a ela.

INVERTIDA

Com o lado certo para cima, o Rei palmilha uma linha estreita entre o intelecto comprometido e o poder em benefício próprio. Invertido, ele tende a cair no lado errado dessa linha. Ele é a autoridade corrompida, a força usada para seus objetivos de poder e domínio.

Em leituras, precisamos sempre tomar em consideração essas imagens tão fortes. O Rei invertido (ou qualquer carta da corte invertida) pode significar simplesmente alguma pessoa em dificuldades. Em conexão com a Rainha ou o Cavaleiro, ele pode significar um relacionamento

difícil ou falta de maturidade (veja a seção de Leituras sobre os relacionamentos entre as cartas da corte da mesma seqüência). Por isso mesmo, no entanto, ele simboliza a arrogância de uma mente poderosa voltada para si mesma, reconhecendo apenas seu próprio desejo de comandar.

RAINHA

Como o aspecto *yin* da seqüência, a Rainha de Espadas simboliza experiências tanto de sofrimento quanto de sabedoria, e especialmente a conexão entre elas. Tendo experimentado a dor (a carta algumas vezes significa viuvez), e tendo-a encarado com coragem, aceitação e honestidade, ela encontrou a sabedoria.

A borla pendente de seu pulso esquerdo (o lado da experiência) parece uma corda cortada (compare com o Oito de Espadas). Ela usou a espada de seu intelecto para libertar-se da confusão, da dúvida e do medo; agora, apesar de olhar para o mundo com expressão carrancuda, ela abre sua mão para ele. Apesar de nuvens se juntarem à sua volta, sua cabeça permanece acima delas, no ar claro da verdade. Um pássaro, símbolo da pureza de sua sabedoria, voa alto acima dela. Sua espada, como a da Justiça e a do Ás, ergue-se reta.

No sentido de que mulheres sem poder freqüentemente sofrerão pelas ações dos homens, a carta refere-se especificamente às mulheres. Em seu caráter, ela pode representar alguém de qualquer dos sexos, pois nem a dor nem a coragem são limitadas pelo sexo.

INVERTIDA

A Rainha invertida pode indicar ênfase exagerada na tristeza, alguém que faz a vida parecer muito pior do que é por ignorar as coisas boas à sua volta. Também pode mostrar uma mente forte que se tornou má, especialmente como uma reação à dor ou a pressões a partir de situações ou pessoas desagradáveis. Às vezes ela representa uma pessoa tão dominadora que espera, não apenas pede, que todos à sua volta, façam o que ela quer, mesmo sacrificando a própria vida.

Quando as pessoas se opõem a ela, a Rainha torna-se maldosa, mesquinha, preconceituosa e, como o Rei, usa suas atitudes para impor sua personalidade às pessoas que a rodeiam. Quer ela represente um excesso de mágoa ou egoísmo, ela esqueceu o compromisso com a verdade que tinha com o lado certo para cima.

CAVALEIRO

O jovem Cavaleiro, cuja juventude o torna tanto mais livre de responsabilidade social do que o Rei, e menos amadurecido pela experiência do que a Rainha, galopa diretamente para dentro da tempestade, brandindo sua espada na ânsia de superar todas as dificuldades. Ele é valente, habilidoso, forte; no entanto, tende sempre ao arrebatamento, ao fanatismo, até. Ele não admite limites.

Porém, ele muitas vezes não sabe como sustentar uma longa luta. Espera que seus inimigos e os problemas da vida caiam ante seu ataque e não consegue facilmente lidar com uma situação que requeira um esforço longo e continuado.

Sua ansiedade sugere uma certa inocência, como a de um jovem cavaleiro que nunca perdeu uma batalha. Sua bravura, sua perícia, sua disposição para atacar todos os problemas, às vezes podem conter um receio de perder aquela inocência, aquela crença forte em si mesmo.

Porque no íntimo ele sabe que ainda tem que enfrentar e vencer as maiores dificuldades da vida. Sob muitos aspectos o oposto do Cavaleiro de Copas, ele dirige toda a sua energia para fora; talvez se sinta nervoso se ficar calmamente sozinho consigo mesmo.

INVERTIDA

Como acontece com o Rei e a Rainha, suas fraquezas o dominam. Ele é extravagante, descuidado, exagerado. Seu ataque torna-se selvagem, uma reação equivocada a uma situação que requer um enfoque mais tranqüilo e mais cuidadoso.

PAJEM

Bem mais leve do que as outras cartas da corte de Espadas, o Pajem representa uma abordagem dos problemas bem diferente da do Cavaleiro (note que enquanto o Rei e a Rainha enfatizam a sabedoria, as duas cartas "mais jovens" se referem à característica imediata de conflito de Espadas).

Em vez de atacá-los, ele acha que simplesmente basta colocar-se acima deles, encontrar um terreno alto. Em vez de solver conflitos ou enfrentar oposição, ele se afasta.

Se a situação é tal que comporte um enfoque tão condescendente, então a atitude desligada do Pajem é muito benéfica. Mas se há um problema mais complexo envolvido, torna-se difícil seguir o método do Pajem, que exige "vigilância", para usar o termo de Waite, para garantir que pessoas ou situações não se aproximem demais. Muito da energia do Pajem vai para a

vigilância por cima de seu ombro. Como um aluno um tanto idoso, Hamlet encarnou a atitude de observação e ironia do Pajem. Sua situação, no entanto, exigia o enfoque agressivo do Cavaleiro.

Devido à sua natureza desligada, o Pajem às vezes pode permitir-se espiar as outras pessoas, quer literalmente, quer em sentido figurado, como uma atitude para com a vida. Em outras palavras, ele pode olhar para a vida humana como uma espécie de espetáculo curioso do qual ele acha que não faz parte.

INVERTIDA

Vemos aqui o efeito da atitude arredia do Pajem numa situação que requer mais força. A vigilância transforma-se em paranóia; todo mundo parece inimigo. O que começou como um sentimento de "estou acima de tudo isso, não preciso me preocupar com isso", transforma-se numa obsessão com problemas e uma aparente inabilidade para fazer algo a respeito deles. Tais sentimentos de fraqueza são endêmicos em Espadas; elas precisam de Paus para lhes dar coragem e otimismo.

DEZ

Dos céus azuis da carta da corte à negra obscuridade do Dez e do Nove. Da mesma forma que o Dez de Copas nos mostrou a alegria transbordante, o Dez de Espadas nos enche de dor. Apesar da severidade da ilustração, a carta não representa morte, nem mesmo especialmente violência. Ela significa mais uma reação aos problemas do que os problemas em si.

Basta uma única espada para matar alguém. As dez espadas no corpo do homem, inclusive uma no seu ouvido, sugerem histeria, e a atitude adolescente "ninguém jamais sofreu tanto quanto eu", "minha vida acabou", e assim por diante. Note que em contraste com o Nove, o céu clareia ao longe, as nuvens negras cedem lugar à luz do sol, e que em contraste com o Cinco ou o Dois, a água jaz placidamente. A situação não é tão ruim quanto parece.

INVERTIDA

Virando a carta, podemos imaginar as espadas caindo de suas costas. Waite descreve isso como sucesso e vantagem, mas não permanentes. Essas idéias sugerem que quando uma situação muda, os problemas podem se afastar por certo tempo. No entanto, a pessoa precisa tirar vantagem desse alívio fazendo uma mudança real em sua condição - tanto prática como mental,

dependendo da necessidade - de modo que a situação não volte a ser de novo o que era. A carta traz uma relação com o Dez de Paus invertido, onde vimos o perigo de apanhar os paus novamente, uma vez acalmada a situação.

NOVE

A imagem do mais profundo sofrimento, de extrema dor mental. Onde a Rainha se liberta transformando o sofrimento em sabedoria, e o Três sugere a calma da aceitação, o Nove mostra o momento de agonia, de dissolução. As Espadas não estão espetadas em suas costas, mas pendem no ar negro acima dela. Muito freqüentemente o Nove se refere, não a alguma coisa acontecendo diretamente a nós, mas sim a alguém a quem amamos.

O amor, de fato, enche a carta e confere-lhe seu significado. O desenho da manta mostra rosas, símbolo de paixão, alternadas com os signos do zodíaco. Em seu sentido mais profundo, a carta mostra uma mente que toma sobre si todos os sofrimentos do mundo, o Homem Justo, ou "Vav Incompleto" da lenda judaica.

Podemos ver uma saída para um sofrimento tão atroz? Tanto Buda quanto Cristo retrataram o mundo como um lugar de sofrimento infinito, embora ambos tenham dito que a tragédia permanece sempre uma meia verdade, que o universo visto como um todo traz alegria e paz. E Nietzsche escreveu sobre a aceitação da existência tão completamente, com uma honestidade tão total e enlevada que nós repetiríamos alegremente, infinitamente, cada momento de nossas vidas, qualquer que fosse a dor.

INVERTIDA

Para o Nove invertido, Waite dá uma de suas fórmulas mais sugestivas: "Enclausuramento, suspeita, dúvida, medo razoável, e vergonha". As palavras esboçam um estado de espírito, ou melhor, uma progressão de estados que surgem quando as pessoas se retraem dentro de si mesmas afastando-se de algum problema que não ousam enfrentar.

Como acontece com a carta com o lado certo para cima, a carta invertida trata de nossa reação a alguma coisa fora de nós mesmos, mas aqui ela é mais opressão do que tragédia. A palavra-chave é "medo razoável", que pode referir-se a, digamos, opressão política - como de minorias raciais ou sexuais - ou opressão social - um sentimento de ser um bode expiatório devido à sua aparência, modo de falar etc. - ou simplesmente a opressão pessoal de uma família ou um parceiro dominador. O importante é que o problema é real, mas como não conseguimos atacá-lo

diretamente, tendemos a esconder-nos em nós mesmos, guardando no íntimo nossa raiva e ressentimento.

A raiva concentrada sobre si mesma transforma-se em depressão e daí a suspeita. A pessoa de quem riram em criança devido ao seu nariz grande pensa que todo o mundo está olhando para ela. A pessoa negra acredita que qualquer reclamação no trabalho é um estigma racial. E a suspeita leva facilmente à duvida sobre si mesmo e à vergonha. Freqüentemente nem mesmo ajuda, pelo menos não completamente, sabermos racionalmente que não temos motivo para sentir-nos envergonhados, que na verdade quem deveria envergonhar-se é quem zomba de nós ou nos oprime. A não ser que a pessoa oprimida e que duvida de si mesma reaja, que manifeste sua raiva, que faça mudanças reais em sua vida, a vergonha profundamente oculta não desaparecerá.

OITO

Do Nove invertido, passamos para uma imagem ainda mais clara da opressão. Vemos uma pessoa amarrada, rodeada de espadas e com um castelo - símbolo da autoridade – atrás dela; ela está de pé na lama, uma imagem de humilhação e vergonha. Note, no entanto, que as espadas na realidade não a prendem, e as cordas não passam à volta de suas pernas. Quanto às pessoas que a amarraram, decididamente não aparecem na carta. Em resumo, nada a impede de simplesmente sair.

A chave para esta carta é a venda simbolizando confusão, idéias opressivas, isolamento de outras pessoas em situação semelhante; os políticos liberalistas chamam de "mistificação" - manter as pessoas submissas não pelo uso da força direta, mas condicionando-as a acreditar em sua fragilidade. Com a maneira notável do Tarô para resumir uma situação complexa, a carta quase pode ser apresentada como um diagrama da condição de opressão.

Num nível muito diferente, o Oito de Espadas age como um Portal para uma conscientização especial. Por nos identificarmos com ela, adquirimos uma percepção de nossa própria condição de ignorância, algo que muitas pessoas reconhecerão intelectualmente (paradoxo dos paradoxos), mas na realidade não aceitarão. Sem esclarecimento, ou o que alguns sufis e outros chamam de "evolução consciente", jamais poderemos realmente conhecer a nós mesmos e ao mundo, jamais poderemos dizer "isto é a verdade; esta é a maneira como as coisas realmente são". O reconhecimento da ignorância é o primeiro passo (e freqüentemente o mais difícil) para o verdadeiro conhecimento.

INVERTIDA

A liberdade começa quando jogamos fora nossa venda, quando vemos claramente como chegamos a uma situação, seja ela qual for, o que fizemos, o que outros fizeram (particularmente os que nos prenderam, mas também outros em situações semelhantes) e o que agora podemos fazer a respeito disso. O Oito invertido significa, em geral, libertação de alguma situação opressiva; basicamente ele se refere ao primeiro passo de tal libertação, quer dizer, ver as coisas o mais claramente possível.

SETE

O tema da luta continua. Aqui vemos uma figura reagindo contra os problemas. As vezes a carta significa simplesmente um ato arrojado, até um golpe que tira a iniciativa da oposição. Mais freqüentemente, ela representa um ato impulsivo quando o exigido era um plano cuidadoso.

A ilustração mostra alguém rindo enquanto se apodera das armas do inimigo. Ele não atacou o campo, nem mesmo pode carregar todas as espadas. A carta sugere esquemas e ações que não solucionam coisa alguma. Não tão óbvio, mas às vezes mais importante, é o senso de isolamento envolvido. Ele está agindo sozinho, incapaz de ou não querendo obter o auxílio de alguém. Indo um passo mais além, esta carta pode indicar malícia, mas com o defeito de esconder quase sempre, freqüentemente sem uma razão real, os planos ou intenções de alguém.

INVERTIDA

O isolamento muda de direção para transformar-se em comunicação, particularmente pedindo conselhos sobre o que fazer a respeito dos problemas de alguém. Por mais valiosas que possam ser as instruções específicas, igualmente importante é a disposição da pessoa em ouvir e procurar ajuda. A carta às vezes pode referir-se ao ato de procurar auxílio, como consultar um leitor ou um terapeuta ou simplesmente amigos.

Como tudo o mais, o valor da ilustração depende do contexto. Onde se exija autoconfiança, o Sete de Espadas invertido pode sugerir uma necessidade exagerada de que os outros nos digam o que fazer. Quando a carta invertida aparece em oposição ao Louco ou ao Homem Dependurado, precisamos olhar para as outras cartas para determinar que caminho - independência ou busca de conselhos - produzirá os melhores resultados.

SEIS

Imagem estranha e forte, esta carta, mais do que qualquer outra, ilustra como as imagens de Pamela Smith vão além das fórmulas de Arthur Waite. *The Pictorial Key* diz: "viagem por água, roteiro, caminho, expediente". Mas o desenho de uma balsa ao entardecer, carregando figuras amortalhadas para uma ilha arborizada, sugere uma jornada mais espiritual – no mito, Caronte levando os mortos através do rio Estige. Um grande silêncio enche esta carta, como o silêncio dos quadros de Salvador Dali.

Geralmente esta carta não significa morte, embora possa indicar luto; ela também não mostra transformação, no sentido da Morte nos Arcanos Maiores. Retrata, antes, uma passagem tranqüila por uma época difícil. Waite diz: "A carga é leve"; e Eden Gray escreve: "As espadas não sobrecarregam o barco". Apesar de carregarmos nossos aborrecimentos conosco, adaptamo-nos a eles; eles não nos afundarão nem derrubarão. Num nível simples, isso significa agir em alguma situação difícil sem atacar os problemas. Pode referir-se a um problema imediato ou a uma situação que se arrasta há anos. Observando mais profundamente, vemos a imagem de uma tristeza prolongada - luto é um exemplo, mas não o único - que determinada pessoa sentiu por tanto tempo que já não causa dor, mas tornou-se parte da vida.

Existe um outro significado, menos perturbador - o de uma passagem tranqüila, fisicamente (certamente o significado literal de uma viagem não deve ser esquecido) ou espiritualmente, uma época de fácil transição. Observe a vara negra do barqueiro. O preto indica potencialidade; onde nada definitivo aconteceu, todas as coisas permanecem possíveis. Ficando calmos, não desperdiçamos nem energia nem oportunidade.

O Seis de Espadas é um Portal. Olhar para ele com sensibilidade e então mergulhar na pintura produzirá primeiro um efeito tranqüilizador na mente e mais tarde, lentamente, uma sensação de movimento dentro de nós mesmos.

INVERTIDA

Vistos de determinada maneira, o equilíbrio e a paz se tornam perturbados; a passagem já não é serena porque a água, símbolo da emoção, torna-se agitada. Assim a carta invertida pode sugerir uma jornada tempestuosa, física ou espiritualmente. Pode também referir-se à idéia de que quando tentamos atacar algum problema antigo, especialmente um aceito por todos, nós agitamos a situação. Um exemplo, um relacionamento insatisfatório ou opressivo pode prolongar-se tranqüilamente durante anos, até que um dos membros decida fazer alguma coisa a

respeito. Tentar retirar as espadas do barco pode afundá-lo, porque as espadas, apesar de tudo, estão tapando os buracos.

Noutro sentido, o Seis invertido pode mostrar comunicação, lembrando-nos que com o lado certo para cima as pessoas mantêm sua serenidade por não se falarem nem olharem para os outros. Se as espadas simbolizam lembranças infelizes e o silêncio é uma defesa, então a comunicação pode ser penosa. Pode também iniciar a cura.

CINCO

Uma das cartas mais difíceis, e uma das razões por que algumas pessoas acham o baralho Rider negativo demais. E no entanto ela retrata uma situação real que a maioria das pessoas viverá em alguma época de sua vida.

Todos os Cincos mostram conflito ou perda. Espadas levam esta idéia ao extremo da derrota. Algumas vezes o significado da carta se focalizará na figura grande do primeiro plano - o vencedor. Mais comumente nós nos identificamos com as duas figuras voltadas ao longe. Perderam alguma batalha, e agora o mundo inteiro faz carga sobre elas - a água revolta, o céu recortado. Uma sensação de humilhação bem como de fraqueza acompanha sua derrota.

A imagem de um inimigo pode referir-se a uma pessoa real, a uma situação em conjunto ou a uma sensação íntima de incapacidade. Uma vez eu fiz uma leitura para duas pessoas que tinham sofrido nas mãos de um chefe perturbado e vingativo, e que agora queriam saber se deviam levá-lo à justiça. Decidiram contra quando o Cinco de Espadas indicou que elas iriam perder. Mais tarde duas outras pessoas processaram o homem pela mesma espécie de má conduta. Perderam a causa.

INVERTIDA

A característica penosa permanece, embora a ênfase possa mudar. Onde o lado certo para cima indica o momento da derrota, o invertido estende isso para o desespero sentido após. Este é um estado difícil de superar embora outras influências, particularmente as simbolizadas por Paus, possam ajudar.

Espadas são mais pessimistas do que quaisquer cartas dos Arcanos Maiores. Tomada isoladamente, nenhuma seqüência Menor pode mostrar o verdadeiro equilíbrio da vida. Elas fragmentam a experiência em partes, e portanto distorcem ou exageram. Um excesso de cartas de

Espadas necessita, mais do que qual quer outra seqüência, ser contrabalançado com experiências e atitudes de elementos de outras seqüências.

QUATRO

Os Quatro se relacionam com a estabilização; para as infelizes Espadas isso se traduz em repouso ou mesmo só em retiro. A ilustração mostra não a morte, mas o afastamento. As pessoas às vezes reagem a dificuldades isolando-se, literalmente escondendo-se em suas casas, ou simplesmente deprimindo suas reações emocionais para escondê-las dentro de si mesmas. Esta carta certa vez apareceu numa leitura para um homem acostumado a lidar energicamente com todo mundo à sua volta. A carta mostrou-lhe que quando sua agressividade falhava, ou quando sua máscara confiante se tornava pesada demais, ele se escondia do mundo em vez de mostrar seu outro lado ou tentar se entender com outras pessoas.

O afastamento, no entanto, também pode levar à cura, se o objetivo não é esconder-se, mas recuperar as forças. A carta pode significar evitar uma luta até que haja uma chance melhor de vencer. De forma semelhante, ao se recolher por um tempo depois de algum ferimento profundo, uma pessoa dá a si mesma uma chance de se recuperar.

Observe que o cavaleiro jaz em uma igreja, e que a janela mostra Cristo dando uma bênção curativa a um suplicante. As imagens sugerem o Rei Pescador da lenda do Graal, cujo ferimento físico espelhava a doença espiritual do reino. A ilustração também lembra a Bela Adormecida. Ambas as pessoas precisavam que estranhos as acordassem. O Rei jazia doente até que Galahad trouxesse a bênção do Graal; e a princesa, símbolo de um medo neurótico da vida, continuou adormecida até que o príncipe, negando-se a ser barrado pela cerca de espinhos (os neuróticos usarão a força de sua personalidade para estabelecer barreiras contra outras pessoas), acordou-a através da energia da vida sexual (na versão de Disney ele a beija; em contos populares ele tem relações com ela). O retraimento, mesmo com o propósito de recuperação, pode isolar uma pessoa do mundo, criando uma espécie de encantamento que só a energia externa pode romper.

INVERTIDA

Invertida, esta carta mostra uma volta ao mundo. Se isso acontece tranqüila ou dramaticamente, depende da situação. Algumas vezes, a carta se refere a cautela, como se o cavaleiro emergisse cuidadosamente do seu santuário. Outras vezes, o Quatro invertido pode

representar outras pessoas notando e rompendo a cerca - o príncipe vindo em busca da Bela Adormecida.

TRÊS

O título da Aurora Dourada para esta carta é "Tristeza". De todas as Espadas, o Três é o que representa mais simplesmente a dor e o sofrimento. No entanto, apesar de toda a sua melancolia, a ilustração contém uma certa calma na simetria de suas espadas. Diante da verdadeira desgraça, só podemos ter uma reação - receber o sofrimento em nosso coração, aceitá-lo e superá-lo. O Nove levantou a questão de como continuar após uma grande angústia. O Três nos diz que não devemos pressionar a dor para longe de nós, mas de alguma maneira prendê-la profundamente em nosso íntimo até que seja transformada pela coragem e pelo amor.

Uma vez, em uma leitura para mim mesma, após uma morte em minha família, o Três de Espadas apareceu cruzado pelo Três de Copas. A princípio pensei que isso significasse colocar a alegria e a amizade contra o sofrimento. Duas cartas do mesmo número, no entanto, freqüentemente significam uma transformação. E a carta cruzada muitas vezes emerge da primeira em certos aspectos. Olhando mais profundamente para a leitura, vi as duas cartas como relacionadas, não opostas. A aceitação e o amor podem transformar a dor em lembrança feliz, num abraço da vida.

INVERTIDA

O processo de cura fica bloqueado quando lutamos contra a aceitação. Se alguma coisa na vida parece demasiado penosa, podemos repeli-la, tentar não pensar nela, e evitar quaisquer lembranças. Tal atitude conserva a dor sempre conosco, e na verdade aumenta sua duração. Waite escreve: "alienação mental... desordem, confusão". Uma leitura, certa vez, para uma mulher mostrou grande potencial de desenvolvimento em muitas áreas, no entanto o resultado parecia medíocre, fraco. Na posição de fundo estava o Três de Espadas invertido. Antes a mulher tinha me falado sobre como nunca tinha superado a morte de seu pai.

DOIS

Um método de lidar com problemas ou oposição é pressionar tudo para longe, além de uma cerca emocional. Se não deixamos coisa alguma se aproximar de nós, então nada pode nos

magoar. Em contraste com o Oito, a venda aqui não mostra confusão, mas um fechamento deliberado dos olhos. A própria pessoa pôs a venda, de modo que ela não terá que escolher entre um amigo e um inimigo, porque tal escolha se transforma no primeiro passo para um novo envolvimento com outras pessoas. As espadas continuam prontas para ferir quem quer que tente aproximar-se. Elas representam a raiva e o medo criando um equilíbrio precário; a primeira deseja atacar, o outro quer se esconder, e assim a pessoa permanece tensa entre eles.

Note, no entanto, o efeito que esta postura tem na mulher. Antes de mais nada, os braços cruzados isolam seu coração. A imagem mental de emoções bloqueadas continua na maneira como o vestido cinzento parece fundir-se com o assento de pedra. Ao mesmo tempo, as pesadas espadas elevam o centro de gravidade do plexo solar para o peito. Quando uma pessoa reprime suas emoções, a respiração fica mais fraca, o corpo mais rígido. Paradoxalmente, a tentativa para reprimir a emoção torna uma pessoa mais emocional, já que ela pensa e age não a partir do centro, mas do tórax contraído, vendo não o mundo, mas sua própria imagem atrás da venda.

Compare o Dois de Espadas com a Grande Sacerdotisa, número 2 nos Arcanos Maiores. Ambos sentam-se com postura semelhante, mas enquanto a Sacerdotisa parece relaxada, a tensão envolve o Dois de Espadas. Um véu separa a Sacerdotisa das águas do inconsciente escondidas atrás dela; nenhum véu protege a mulher vendada de seu poço de emoções perturbado. E mais, esse poço raso não é a mesma água que jaz atrás da Sacerdotisa.

O peso das espadas facilita que a mulher seja derrubada nas águas revoltas. Como faz com que nos concentremos nas emoções, a atitude defensiva nos torna mais propensos a explosões, a raiva e histeria.

INVERTIDA

O equilíbrio está perdido - ou se desistiu dele. Ou a pessoa é derrubada por outras ou por problemas que atacam suas defesas, ou então a venda é descartada com o propósito de ver a verdade ou comunicar-se. A última experiência pode revelar-se muito emocional, esmagadora mesmo, se a pessoa não recebe ajuda externa.

ÁS

A última (principal) carta de Espadas nos leva de volta à verdadeira essência da seqüência - o intelecto. Apontando diretamente para cima, para uma verdadeira percepção, a espada trespassa a coroa do mundo material. A sabedoria nos leva, além das ilusões e limitações, para a verdade espiritual contida no interior da vida. Muitas das cartas de Espadas sofrem da ilusão de que a vida contém apenas tristeza e dor. As montanhas simbolizam "a verdade abstrata", fatos objetivos da existência, independentemente do ponto de vista e da experiência pessoais. Os Arcanos Maiores nos descrevem essa verdade; mais do que qualquer outra carta Menor, o Ás de Espadas estende-se através do quinto elemento. No entanto, o intelecto só, divorciado da intuição, levará apenas a mais ilusão. Precisamos do Ás de Copas, isto é, do amor, para encontrar a verdade; no entanto, só o intelecto pode levar-nos além da experiência imediata.

Muitas pessoas afirmam que somente nossas emoções expressam o verdadeiro eu, que só as reações emocionais nos levarão à verdade. Muitas vezes, no entanto, as emoções são exageradas, egoístas, ou comodistas. Mas o intelecto sozinho tampouco trará a conscientização real. Tanto a verdade quanto a conscientização precisam vir de um nível mais profundo de valores espirituais e de experiência. E assim as mãos saem das nuvens, guiando-nos de volta ao Espírito.

O simbolismo da verdade aplica-se também às experiências mundanas. Em situações confusas, emocionais ou opressivas, a mente pode atravessar a névoa e romper os nós para dar-nos uma compreensão clara dos fatos reais. A verdade revela o Ás em sua forma mais valiosa. Em um outro nível, a carta significa simplesmente força emocional, tanto amor quanto ódio, de forma extremada. Note a empunhadura firme. As emoções, também, são um dom, permitindo-nos sentir a vida intensamente, mas continua sendo difícil contê-las e mais difícil ainda dirigi-las.

INVERTIDA

A empunhadura afrouxa, trazendo ilusão, sentimentos e idéias confusas, e emoções avassaladoras. Os sentimentos mais violentos superam os benevolentes. Sem um sentido claro da realidade, a mente pode ser presa de equívocos criados pela emoção. Os problemas tornam-se exagerados; tudo, incluindo as atrações, parece ser mais importante do que realmente é. Em tais situações, o Ás de Espadas invertido nos aconselha a nos contermos e procurarmos encontrar um senso de realidade equilibrado.

CAPÍTULO 4

Pentáculos

Nossa cultura tem uma longa história de desprezo pelo mundo físico. Vemos a criação de Adão a partir da argila corno uma humilhação - "de cinzas a cinzas, de pó ao pó". Insultamos as pessoas "tratando-as como lodo". Emoções e pensamentos abstratos são vistos como "superiores" a qualquer coisa concreta existente. E no entanto, da mesma forma que vemos um quadro como o resultado final da concepção de um artista, também podemos ver o mundo mortal como o produto da força criadora de Deus. Para nós, criação significa o mundo dos nossos sentidos. Entretanto, por mais longe que a meditação espiritual nos leve, temos que começar e terminar aqui ou nos perdemos no processo.

Um famoso conto cabalístico ilustra essa necessidade de "ligação com a terra". Através do estudo e da meditação, quatro rabis entraram no Paraíso. O rabi Ben Azai sentiu tamanho êxtase que caiu morto na hora. O rabi Ben Zoma transtornado pelo fluxo de experiência, enlouqueceu. O rabi Ben Abuysh viu o que pareciam ser dois deuses, uma contradição do dogma básico do monoteísmo, e assim tornou-se um apóstata. Somente o rabi Akiba entrou e saiu em paz. Podemos explicar essa história em termos de simbolismo do Tarô.

O rabi Ben Azai foi longe demais na direção do Fogo e assim se queimou. O rabi Ben Zoma permitiu que suas emoções (Água) dominassem sua razão. O rabi Ben Abuysh, sobrecarregado com a energia de Espadas, tomou muito ao pé da letra tanto o que viu como o que leu nas Escrituras. O rabi Akiba, capaz de equilibrar os outros elementos na Terra, compreendeu sua experiência de modo correto.

Na forma primitiva de moedas, Pentáculos significavam fundamentalmente o materialismo no estrito senso de dinheiro e trabalho. Ainda vemos essas importantes características no baralho Rider, e na verdade Pentáculos mostram o problema de nos tornarmos tão envolvidos com essas coisas que esquecemos que algo mais existe - o inverso, em certo sentido, do rabi Akiba. O baralho Rider, no entanto, acrescenta a dimensão maior da natureza à quarta seqüência. Nós nos ligamos não só ao nosso trabalho, mas ao amor pelo mundo que nos rodeia.

Como um emblema mágico, Pentáculos simbolizam a "magia" da criação comum. Tomado em sua acepção mais simples, isso significa a beleza da natureza, a alegria do trabalho satisfatório. O simbolismo, no entanto, contém um significado mais profundo, insinuado na história do rabi Akiba. O místico ou mágico não enraíza simplesmente o eu de forma negativa, usando o mundo como o oposto da experiência espiritual. Em vez disso, como o mundo natural contém uma

realidade mais firme do que os outros elementos, como não leva tão facilmente a confusão, ou má concepção, ou mau uso, abre caminho para mais experiências místicas.

O próprio mundanismo da vida diária assegura, por uma espécie de lei de reciprocidade, que tais coisas possuem uma "magia" maior do que as atrações mais diretas dos outros elementos. Não podemos compreender esse paradoxo imediatamente. Precisamos refletir sobre ele e vivenciá-lo. Dois fatos a respeito de Pentáculos/Terra darão uma idéia de seu verdadeiro valor. Primeiro, num estudo sobre líderes religiosos, antigos e modernos, o astrólogo Ronnie Dreyer descobriu que signos da Terra predominam em seus mapas. Segundo, a de Pentáculos contém mais cartas de Portais do que qualquer outra seqüência.

REI

O mundanismo de Pentáculos combina com a responsabilidade social do Rei, que nos apresenta a própria imagem do homem de negócios ou profissional bem-sucedido. A maneira displicente como senta no seu trono, a forma afetuosa como olha para seu pentáculo - aqui símbolo de suas capacidades e realizações - mostram-no satisfeito com a vida. Ele é generoso, corajoso até, embora não especialmente propenso à aventura. A função de Rei não o frustra como acontece com o Rei de Paus e o de Copas. Talvez numa fase anterior de sua vida e carreira ele tenha sofrido devido à impaciência ou dúvida. Agora seu sucesso justificou sua vida, permitindo-lhe relaxar e desfrutá-la.

Desfrutar a vida significa também uma aproximação com a natureza. Embora seu castelo - símbolo da sua situação proeminente na sociedade - se eleve no fundo, ele se senta no seu jardim, com flores na coroa, e uvas - símbolo da doçura da vida - decorando sua túnica. As próprias folhas e flores parecem fundir-se com sua túnica, da mesma forma que a água penetrou no vestido da Rainha de Copas. A vida é boa para ele e ele pretende desfrutá-la.

Certa vez uma leitura de Tarô apresentou o Louco atravessado pelo Rei de Pentáculos (as duas cartas se parecem muito em seus esquemas de cores). A conjunção forma um ótimo exemplo do que eu chamo de momento vertical e horizontal, isto é, os mundos interno e externo. O Rei simboliza a atividade comum, realizações, posição social, sucesso, enquanto o Louco significa a liberdade espiritual que permite a uma pessoa desfrutar essas coisas e confiar nelas sem ficar aprisionado por um ponto de vista mesquinho e materialista. Considere duas pessoas com os mesmos mundos externos - ambas bem-sucedidas, respeitadas, ricas; no entanto, internamente uma pode ser tensa, ou frustrada, ou medrosa, enquanto a outra permanece alegre e em paz.

Se vemos o Louco como o princípio dos Arcanos Maiores, o Rei de Pentáculos como a carta final dos Menores, então as duas cartas estão colocadas nos extremos opostos do Tarô. Mas esta polaridade é verdadeira somente quando vemos as cartas numa linha. Se nós as imaginarmos num círculo, então o Louco e o Rei de Pentáculos tornam-se unidos.

INVERTIDA

O Rei é fadado ao sucesso. Invertê-lo sugere fracasso ou simplesmente mediocridade. A falta de realização traz insatisfação, sentimentos de fraqueza, e dúvida. Encarado em outro sentido, podemos ver o Rei invertido como simbolizando a idéia de sucesso corrompida, a imagem do homem, ou mulher, que usará quaisquer meios para atingir seus objetivos.

Se descrevermos o Rei de Pentáculos como alguém que precisa de uma conexão vital com a natureza (e nem todos o fazem, apesar das proposições atuais), o Rei invertido representa a separação desse fluxo rejuvenescedor. Aqui também a ruptura acaba em insatisfação, fraqueza, até em risco psíquico.

RAINHA

Enquanto o Rei se senta na frente de um castelo, o trono da Rainha, esculpido com rosas, está simplesmente num campo. Enquanto o Rei simplesmente olha de relance para seu Pentáculo, a Rainha segura o dela com ambas as mãos, intensamente consciente da magia na natureza e da força que ela recebe disso. Mais do que qualquer outra carta Menor, ela representa amor pelo mundo e unidade com ele. O coelho no canto inferior direito representa não somente a fertilidade sexual, mas também a abundância em frutos espirituais de uma vida que encontrou seu próprio ritmo no mundo que a rodeia.

Seus atributos, bem como o seu simbolismo sexual, a relacionam com a protetora de Pentáculos, a Imperatriz. Ao mesmo tempo, como uma figura Menor, ela tem uma virtude que falta ao trunfo arquétipo da paixão: autoconhecimento. Ela se conhece, e acredita em si mesma e na magia de sua vida. Em leituras, essa capacidade de autoconfiança freqüentemente se revelará como a mais importante.

Se o Rei se coloca ao lado do Louco, então o lugar da Rainha é ao lado do Mago. Como ele, a Rainha usa uma túnica vermelha sobre uma saia branca, ambas orladas com folhas e flores; um céu amarelo brilha atrás de cada um. Onde o Mago manipula as forças ocultas no mundo, a Rainha de Pentáculos se une a essas forças, permitindo que fluam através dela em sua vida diária.

INVERTIDA

Em leituras, a Rainha invertida pode indicar que não confiamos em nós mesmos em alguma situação específica. Mais comumente ela se refere a fraquezas psíquicas. Porque separar a Rainha de sua conexão vital com a terra resulta, ainda mais do que com o Rei, em nervosismo e confusão. Ela fica amedrontada, mórbida até, desconfiando dos outros e especialmente de si mesma, duvidando de sua capacidade e de seu valor como pessoa. Essa separação significa mais do que estar isolada das plantas e dos animais. Significa, antes, uma perda do ritmo diário da vida, uma insatisfação com todo o ambiente, e uma falta de capacidade para apreciar o que este mesmo ambiente tem a oferecer.

Numa leitura, a Rainha invertida não apenas aponta essas qualidades no consulente, mas sugere um remédio duplo. Primeiro, um fortalecimento da confiança; além de enfatizar suas realizações e boas qualidades, uma pessoa pode conseguir isto através da meditação com a Rainha com o lado certo para cima. Segundo, um enraizamento das emoções em coisas naturais, prazeres comuns, trabalho compensador.

CAVALEIRO

A responsabilidade do Cavaleiro pela ação ressalta as qualidades práticas da seqüência. Ao mesmo tempo, negar o pendor natural do Cavaleiro para a aventura tende a distorcer e amesquinhar sua atitude para com a vida. Ele é responsável, trabalhador, não se queixa. Em seu melhor sentido ele está profundamente enraizado no mundo externo e na simplicidade, qualidade sugerida pela maneira como seu cavalo se ergue firmemente do chão, com o cavaleiro montado ereto.

Embora também segure um pentáculo, não olha para ele; em vez disso fixa o olhar acima dele. O simbolismo sugere que ele perdeu de vista a fonte e o significado de sua força na vida. Ao dedicar-se a assuntos puramente práticos, ele se isolou das coisas mais profundas da Terra.

INVERTIDA

Algumas vezes o Cavaleiro invertido pode significar um acordar para outras conscientizações. Mais freqüentemente ele mostra um declínio - ou exagero - das virtudes mais óbvias do Cavaleiro. Sua firmeza diminui ao ponto da inércia, sua responsabilidade laboriosa cede

caminho à ociosidade. Uma personalidade branda, levada um pouco mais longe, torna-se fraca e deprimida, especialmente se sua placidez encobriu um desejo reprimido pela aventura ou por um avanço maior.

O Cavaleiro de Pentáculos invertido pode às vezes indicar uma crise. Se uma pessoa dedicou sua vida a um emprego ou a alguma outra responsabilidade similar externa, e esse significado é suprimido - digamos por demissão ou aposentadoria - então o desencorajamento e a depressão podem vencê-la. Um outro exemplo seria o de uma mulher que dedicou sua vida aos filhos e agora descobre que eles cresceram e se afastaram dela.

Embora esses significados extremos raramente ocorram em leituras reais, eles permanecem implícitos no básico paradoxo do Cavaleiro: profundamente enraizado nelas, e no entanto inconsciente da mágica abaixo dele, ele se identifica com suas funções. Precisa descobrir a fonte real de sua força, dentro de si mesmo e na vida.

PAJEM

Em contraste direto com o Cavaleiro, o Pajem não olha para outra coisa a não ser seu pentáculo, segurando-o ligeiramente erguido. Enquanto o Cavaleiro é o trabalhador arquetípico, o Pajem representa o aluno, perdido em seus estudos, fascinado, pouco preocupado com qualquer coisa alheia a eles. Apesar disso, o Pajem participa da natureza prática da seqüência por simbolizar o trabalho real do aluno, o estudo e a escolaridade, se comparado, por exemplo, com a inspiração simbolizada pelo Pajem de Copas.

O estudante aqui atua como um símbolo; o Pajem não se refere obrigatoriamente a alguém que está de fato na escola, mas simplesmente a alguém que está iniciando qualquer atividade com as mesmas características de fascinação, de envolvimento, de menor preocupação com recompensas ou posição social do que com o trabalho em si.

INVERTIDA

Novamente o Pajem aparece como o inverso do Cavaleiro. Na realidade, os dois dividem entre si as duplas qualidades de Pentáculos - praticidade e magia. Onde o Cavaleiro, sem seu emprego, torna-se desencorajado e inerte, o Pajem, sem seu direcionamento para o trabalho árduo, cede ao estouvamento e à dissipação, o que Waite chama de "prodigalidade". Algumas vezes, no entanto, a carta pode significar simplesmente distensão após uma tarefa difícil, como a descontração de um estudante depois dos exames.

DEZ

Uma das cartas Menores mais simbólicas e profundamente múltiplas, o Dez nos mostra a própria imagem do Portal abrindo-se para a experiência oculta em coisas comuns. Como o Dez de Copas, o Dez de Pentáculos trata da vida doméstica, mas onde os homens e mulheres em Copas comemoram o presente, a família aqui não nota a magia ao seu redor. Na superfície, a carta representa o lar estabelecido, a vida boa, uma posição segura e confortável no mundo. As pessoas em questão, no entanto, parecem ter o conforto como certo; acham a segurança tediosa ou sufocante. Em contraste com o Dez de Copas (as duas cartas freqüentemente aparecerão juntas em leituras), os familiares aqui não parecem comunicar-se uns com os outros.

O homem e a mulher voltam-se para direções opostas, embora a mulher olhe ansiosamente para o homem por sobre o ombro. A criança agarra-se nervosamente à mãe, mas olha para longe. E nenhum deles repara no velho fora do arco.

Embora a carta exprima coisas mundanas, sinais mágicos a cobrem. Os dez pentáculos formam a Árvore da Vida Cabalística, coisa que não aparece em nenhum outro lugar no baralho. Repare também na vara mágica apoiada contra o arco; a vara não aparece em nenhuma outra carta Menor. O próprio arco mostra em relevo balanças equilibradas (exatamente acima da cabeça do velho). As balanças representam a Justiça, e indo mais além, representam as forças sutis que protegem o mundo cotidiano da desintegração no caos. Por "forças sutis" não quero referir-me apenas às assim chamadas "leis ocultas", tais como a polaridade, ou a lei das correspondências (tal como em cima é embaixo). O termo também se aplica aos fenômenos da natureza mais comumente aceitos, tais como a gravidade ou o eletromagnetismo. Porque nós aprendemos sobre estes fenômenos na escola, nem por isso deveríamos considerá-los menos assombrosos. O fato é que todos nós confiamos no universo simplesmente porque ele funciona tão bem.

Mais até do que as outras figuras, o velho evoca a magia. Ele se assemelha à imagem, proveniente de qualquer cultura, do deus ou anjo que vem disfarçado em mendigo ou andarilho visitar uma família, põe à prova suas virtudes de hospitalidade e generosidade, e depois parte deixando-lhe um presente mágico. No caso de Abraão e Sara, os anjos lhes deram um filho, Isaque. Em muitas histórias iguais, só os cães reconhecem o visitante (exatamente como em outros contos apenas os cães fogem do Demônio quando ele vem disfarçado). Porque não encobriram seus instintos com o racionalismo humano embotado, os cães podem perceber o prodigioso quando ele chega de visita.

Agora, a maioria desses contos enfatiza a moral: "Trate bem a todo mundo. Você nunca sabe quem pode estar mandando embora". Mas podemos dar à história uma interpretação mais sutil. Agindo de uma determinada maneira, as pessoas criam *em si mesmas* a habilidade de reconhecer e receber as bênçãos do mundo à sua volta.

Todos esses sinais e prodígios ocultos apontam para o tema básico de Pentáculos: o mundo cotidiano contém uma magia maior do que nós habitualmente conseguimos ver. A magia está ao redor de nós, na natureza, no próprio fato de que a vida existe e de que esse vasto universo não se move independentemente.

Dentro do arco vemos um claro dia comum; fora prevalecem os tons mais escuros, até no casaco colorido do velho, com seus signos astrológicos e símbolos de mágica ritual. A família posta-se sob o arco como se em uma peça teatral. Porque, apesar de sua firme realidade, a existência de todos os dias, a vida confortável que aceitamos como natural, e até os aborrecimentos e infelicidades que muitas vezes nos ocupam a mente, não passam de uma peça na qual desempenhamos os papéis que nos foram designados por nossa educação e pela sociedade (o reconhecimento de que somos um produto de nosso condicionamento é o primeiro passo para nos libertarmos dele).

A verdadeira realidade continua sendo antiga, escura e misteriosa. Embora olhemos através do arco, a perspectiva da carta nos coloca fora dele, com o demônio visitante. Fundindo-nos com a carta, podemos nos encontrar além do Portal, olhando para os pequenos dramas de nossa vida cotidiana. Indo um pouco mais adiante, podemos sentir o universo vibrante existente no próprio centro da vida comum.

Quando o herói Odisseu voltou de suas andanças pelo mundo selvagem, cheio de monstros, fora da Grécia civilizada, chegou disfarçado de mendigo. Só seu cão o reconheceu. Embora vestisse farrapos, eram farrapos magníficos (bem parecidos com o casaco feito de retalhos do visitante) porque a deusa Atena os tinha dado a ele. Odisseu voltou ao mundo doméstico vindo da selva; ele destruiu a maldade em sua casa e restabeleceu a ordem moral. Antes, no entanto, teve que conhecer o que havia além. O Dez de Pentáculos também nos leva até lá.

INVERTIDA

Se a sensação de tédio para com a vida aumenta, pode levar-nos a assumir riscos, especialmente financeiros ou emocionais. Algumas vezes, dependendo do contexto ou dos resultados projetados, os riscos justificam-se; por exemplo, o Louco ao lado do Dez de Pentáculos

recomendaria arriscar-se. Em outras ocasiões os riscos surgem menos por necessidade do que por intolerância com o que já temos. Esta situação mostra-se com mais clareza quando o Dez de Pentáculos aparece com o Dez de Copas.

A comparação com Odisseu ressalta com a carta invertida. A maioria dos problemas do herói nascia de um impulso temerário que o fazia realizar coisas ousadas exatamente no momento errado. A ânsia de arriscar-se opunha-se a seus atributos básicos de cautela, tato e previsão. E no entanto a ousadia manteve o equilíbrio. Sem ela Odisseu não teria visto o mundo além do lar e da família aos quais finalmente voltou.

NOVE

Como cartas materiais, os Pentáculos dizem respeito ao sucesso e ao que ele significa na vida de uma pessoa. Ao contrário da figura no Dez, a mulher aqui tem plena consciência das coisas boas em sua vida. Sua mão descansa nos Pentáculos, o polegar aperta um ramo de videira. Conscientização é um dos significados básicos da carta, especialmente autoconhecimento e capacidade de distinguir o que importa na vida, quais os objetivos que realmente exigem nossos melhores esforços. A carta significa sucesso - mas não apenas lucros materiais; também significa o sentimento de segurança que decorre de saber que se fez a opção certa e depois se tomou as atitudes necessárias. Os pentáculos crescendo nos arbustos simbolizam uma vida produtiva e ativa.

"Sucesso" aqui significa não tanto a realização mundana, mas sucesso em nos "criarmos" a nós mesmos a partir do material que nos é dado pelas circunstâncias e condições de nossa vida. E "certeza", em seu sentido mais amplo, significa mais do que olhar para trás e ver que fizemos o que era certo. Significa também a habilidade de *saber* onde outros apenas conseguem supor. O Nove de Pentáculos representa o emblema dessa propriedade, a verdadeira marca da pessoa evoluída (para uma discussão ulterior, ver o final da seção sobre Leituras); estudo e meditação com esta carta, portanto, ajudarão a atingir tal certeza.

Vimos que os Noves mostram compromissos e opções. Esse tema surge nos Pentáculos também. A mulher está sozinha em seu jardim. Para conseguir o que ela tem, ela teve que desistir de companhias normais. Em leituras, esse simbolismo não significa que a carta inevitavelmente aconselhe a desistir de um relacionamento; mas ela de fato exige autoconfiança e uma certa solidão na busca de objetivos.

Figura 48(b)

A imagem da figura 48b, ligeiramente diferente da versão oficial Rider, tem origem numa versão americana de vários anos atrás. Neste Nove de Pentáculos, uma sombra escurece o rosto da mulher, como também as uvas no lado direito da carta. Claramente, ela está dando as costas ao sol. O simbolismo sugere um sacrifício. Para fazer de sua vida o que deseja, ela teve que desistir não apenas de companhia, mas também de coisas como espontaneidade, passeios, indiferença. Se o sacrifício parece grande demais, talvez apenas signifique que não damos valor suficiente às compensações da evolução pessoal.

A figura do pássaro leva essas idéias mais além. Caçador que paira nas alturas, o falcão simboliza o intelecto, a imaginação, o espírito. O capuz, no entanto, o subjuga à sua senhora, ou seja, à vontade consciente. Portanto, embora à primeira vista a carta signifique sucesso, um conhecimento mais íntimo muda seu significado primitivo para disciplina. E uma entrada através do Portal desta carta ajudará a pessoa a chegar à alegria da verdadeira disciplina, que não mutila, mas arrebata.

INVERTIDA

As qualidades da carta são desmentidas ou viradas ao contrário: falta de disciplina e o fracasso que disso decorre; projetos iniciados e depois abandonados; incapacidade para canalizar energia para propósitos úteis. Pode significar não saber o que queremos, ou o que é realmente importante para nós. A falta de autoconhecimento traz irresponsabilidade e deslealdade, tanto para com os outros como para nós mesmos.

OITO

Para Pentáculos, o caminho para o Espírito repousa não tanto no sucesso, ou mesmo na consciência do valor das coisas comuns, mas no trabalho que nos permite apreciar essas coisas. O Nove mostra disciplina; o Oito mostra o treinamento que produz tanto a disciplina quanto a habilidade.

O trabalho, quer seja físico, artístico ou espiritual (o sufi Idries Shah fala em "trabalho" como o mais básico dos princípios sufis), não pode ser bem-sucedido se a pessoa pensa apenas no resultado final. Muitos artistas e escritores deram testemunho desse fato, advertindo aos confiantes que se apenas desejam tornar-se famosos ou ricos jamais serão bem-sucedidos. Precisamos gostar do trabalho em si.

Conseqüentemente, vemos o aprendiz perdido em sua tarefa. E no entanto o trabalho também precisa estar relacionado com o mundo externo. Contudo, por mais que sigamos nossos padrões e instintos, ou busquemos nosso desenvolvimento pessoal, o trabalho que fazemos não terá significado se não servir à comunidade. Por isso, atrás de sua oficina - embora bem distante está uma cidade, com uma estrada amarela (amarelo para significar a ação mental) que chega até à oficina.

INVERTIDA

Quando invertida, a carta sugere basicamente impaciência e as situações dela resultantes: frustração, ambição não satisfeita, inveja ou ciúme. Estas coisas podem ter origem na atitude de considerar apenas o sucesso, e não o trabalho que o proporciona. Podem também provir de um trabalho insatisfatório, isto é, de um emprego, ou carreira, que não exija nenhuma habilidade, nenhum envolvimento pessoal, nenhum orgulho.

SETE

Da ilustração do trabalho, passemos para suas compensações. Como o Nove, o Sete mostra os pentáculos como uma clara evolução a partir do esforço de uma pessoa. Trabalho significativo dá mais do que lucro material; a pessoa cresce também. O Sete mostra o momento em que se pode olhar para trás com a satisfação de ver algo realizado. Este "algo" pode ser tão vasto quanto uma carreira, ou tão simples como um projeto imediato. A carta insinua que o que quer que tenha sido construído (incluindo relacionamentos entre pessoas) atingiu um ponto a partir do qual pode evoluir por si mesmo, e a pessoa pode afastar-se dele sem provocar seu colapso.

INVERTIDA

Para muitas pessoas, simplesmente não há trabalho significativo disponível. Em geral, o Sete invertido mostra insatisfação difundida, a sensação de ter caído numa armadilha que resulta de empregos ou compromissos insatisfatórios. Novamente, o Sete invertido pode significar qualquer insatisfação ou ansiedade específica, em particular uma que tem origem em algum projeto que não vai bem.

SEIS

As duas cartas seguintes, relacionadas por seus simbolismos, figuram entre as mais complexas cartas dos Arcanos Menores, na realidade, de todo o baralho. Ao mesmo tempo elas mostram a diferença entre níveis de interpretação e aquela dimensão extra que chamo de Portal; porque enquanto o Cinco comporta diversos significados, o Seis nos mostra o próprio mecanismo do Portal.

Na superfície, o Seis de Pentáculos ilustra a idéia de participação, generosidade, caridade. Note, no entanto, que as pessoas formam uma hierarquia, uma acima de duas outras. A carta significa, portanto, um relacionamento em que uma pessoa domina as outras. Ela dá, mas sempre a partir de uma base de superioridade. A balança está equilibrada; tais relacionamentos são geralmente muito estáveis, exatamente porque as pessoas combinam bem. Assim como um quer dominar, o outro deseja ser dominado. A posição mais baixa na verdade não indica fraqueza; a pessoa dominada freqüentemente instiga o relacionamento, e na realidade insistirá sutilmente em mantê-lo quando a outra, que desempenha o papel dominante, pode querer mudar.

Algumas vezes a hierarquia não indica uma pessoa, mas uma situação - emocional, econômica, ou outra qualquer - que domina uma pessoa ou um grupo de pessoas. Ela pode lhes proporcionar muito pouco, mas o suficiente para impedi-las de procurar outra coisa qualquer. Isso pode acontecer num emprego que traz benefícios materiais, mas pouca satisfação ou chance de aperfeiçoamento; ou num relacionamento em que as pessoas se sentem infelizes, mas numa posição cômoda; ou numa situação política em que as pessoas reconhecem que estão oprimidas, mas não desejam pôr em perigo a pouca segurança que têm.

A carta contém uma relação (distorcida) com todas as cartas Maiores (o Hierofante, os Namorados, o Diabo, e outras) em que alguma força conserva juntos, ou concilia, os opostos da vida. Aqui nada se torna realmente reconciliado, mas a situação mantém o equilíbrio e o conserva.

Até aqui os significados enfatizaram os dois mendigos. Mas e quanto ao doador? Ele demonstra generosidade, e no entanto a balança equilibrada indica que ele não dá espontaneamente, mas avalia cuidadosamente o que acha que pode dar. Em outras palavras, ele dá o que não lhe fará falta. Emocionalmente, isso simboliza uma pessoa que se relaciona muito facilmente com outras, mas sempre ocultando seus sentimentos mais profundos.

Como dissemos acima, o relacionamento vem de ambos os lados. Muitas pessoas só aceitarão de outras "presentes" limitados. Uma demonstração de emoções intensas, por exemplo, pode encabulá-las ou espantá-las. O mesmo pode ser dito das pessoas que se ofendem com a "caridade" e situam qualquer oferta de auxilio na mesma categoria. Portanto, o Seis de Pentáculos pode indicar *dar às pessoas o que elas estão em condições de receber.*

Enfatizei essas palavras porque elas sugerem algo além do seu significado literal. A maioria das pessoas inconscientemente medirá suas dádivas de acordo com o que outras esperam delas; elas evitam constrangimentos a si mesmas ou aos outros. Por outro lado, para *conscientemente* dar às pessoas aquilo de que necessitam e podem usar (e não o que elas podem achar que querem), a pessoa precisa ter atingido um alto grau de autoconhecimento, bem como uma conscientização da psicologia humana em geral. Poucas pessoas realmente atingem esse nível de dádiva; muitas delas, que acham que percebem de que alguma outra necessita, estão na realidade projetando suas próprias necessidades e medos sobre esta. Como uma fonte de informação mais objetiva, o Tarô pode ajudar-nos a entender nossas próprias necessidades e as dos outros. Devido a esses significados, o Seis de Pentáculos se relaciona com o Nove no contexto daquela carta como um emblema de certeza.

A idéia de dar o que as pessoas estão inclinadas a receber tem também um significado religioso. Místicos e esotéricos freqüentemente dizem que a verdade oculta no centro de uma religião específica pode ser bem diferente do que a religião parece dizer na superfície. Por exemplo, enquanto a doutrina pode nos ensinar a controlar nossos desejos através de pensamentos piedosos, o ocultista pode tentar trazê-los à superfície e trabalhar com suas ânsias mais secretas. Essa separação existe porque a maioria das pessoas não só são incapazes de, mas até não desejam lidar com ensinamentos religiosos ou psicológicos claros, sem disfarces. Muitos que o tentam podem, mesmo, achar impossível assimilar a verdade. Pense no rabi Ben Abuysh, que perdeu a fé quando pensou ver dois deuses.

Idries Shah conta a fábula de dois homens que chegaram a uma tribo que tinha um medo enorme de melancias, acreditando que fossem demônios. O primeiro viajante tenta contar-lhes a verdade e é apedrejado como herege. O segundo aceita a ortodoxia do povo, conquista sua confiança, e lentamente trabalha para educá-lo. Como esse conto, o Seis de Pentáculos indica a

maneira pela qual a religião, e também os ensinamentos esotéricos, dão o que somos capazes de receber. Waite, ao descrever esta carta, diz "uma pessoa em trajes de mercador" - não um mercador, mas uma pessoa "em trajes" de. E Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra,* mostra um eremita que diz a Zaratustra: "Se queres aproximar-te deles, não lhes dês mais do que uma esmola, e deixa-os rogar por isso." Dê mais e ninguém ouvirá.

E quem é esta pessoa em seu "traje" de mercador? É simplesmente um mestre, ou uma doutrina religiosa ou psicológica? A balança sugere alguma coisa mais - a Justiça, que representa a verdade, não apenas "informação correta", mas uma força viva que une e equilibra o universo. No Dez de Pentáculos vimos essa força como o homem velho no Portal; aqui nós o vemos como o comerciante. A *vida* nos dá o de que necessitamos, o que podemos usar. Especialmente quando nos colocamos em posição de receber.

As pessoas que trabalham com meditação ou com o Tarô ou com disciplinas semelhantes (assim como as pessoas que fazem um trabalho artístico) freqüentemente observam um fenômeno curioso. A vida parece conspirar para dar-lhes aquilo de que necessitam para ajudá-los a prosseguir em seu caminho. Não uma torrente, mas o bastante para dar-lhes um empurrãozinho quando mais podem aproveitá-lo. Aqui está um exemplo: na época em que eu estava trabalhando com os significados do Seis de Pentáculos, fiz para mim mesma uma leitura de Tarô em que o Seis apareceu cruzando o Cavaleiro de Copas. Entendi isso como indicando que se conservasse uma disposição de espírito meditativa, eu receberia benefícios. Isso aconteceu alguns meses após a morte de minha mãe, e quando estava visitando meu pai descobri e comecei a usar um *mezuzah* (uma espécie de amuleto judaico) de minha mãe. O *mezuzah* tinha gravada a palavra *Shaddai.* Reconheci essa palavra como um dos nomes de Deus, mas não sabia o que significava. Dois ou três dias após a leitura, fui com meu pai a uma sinagoga para as preces de sábado (coisa que eu não faria por iniciativa minha). No caminho, vi a palavra *Shaddai* numa peça de joalheria numa vitrina e mencionei minha curiosidade sobre seu significado.

Quando olhei para o trecho da Bíblia para aquele dia, descobri uma nota explicando o significado de *Shaddai.* Traduzida como "Onipotente", vem de uma raiz hebraica, significando "vencer". Mas ela também se relaciona com a palavra árabe que significa "benevolência, presentear". O livro não só respondeu a minha pergunta imediata, mas deu-me uma compreensão maior do Seis de Pentáculos. O "mercador" simboliza a força da vida, que não apenas nos dá aquilo de que precisamos e que podemos receber, mas também pode sobrepujar-nos (e no entanto comumente não o faz se não o desejarmos) com prodígios espirituais. E eu recebi essa compreensão (que, por tê-la experimentado, significou mais para mim do que teria significado

como idéia intelectual) pondo-me literalmente em posição de receber, isto é, indo com meu pai à sinagoga.

Com o Seis de Pentáculos aprendemos que o valor do estudo do Tarô ou outras disciplinas reside não apenas no conhecimento específico adquirido, mas também no estado de espírito criado pelo ato de estudar. O próprio trabalho nos transforma. Podemos desenvolver essas transformações consciente e deliberadamente através do mecanismo das cartas de Portal. Ao contemplarmos e juntarmos suas ilustrações, permitimo-nos receber seus dons.

INVERTIDA

Os possíveis significados relacionam-se com os significados da carta com o lado certo para cima. Falta de generosidade, egoísmo, quando se espera solidariedade. Às vezes isto se refere a uma situação em que a pessoa está numa posição superior. Então o doador é desafiado a dar mais livremente, não para avaliar o que ele é capaz de fazer, mas para realmente partilhar. Outras vezes a carta apontará o ressentimento das pessoas que recebem caridade, ou seu oposto emocional, piedade.

Com freqüência o Seis invertido indica que alguma situação estável, mas basicamente inconstante ou insatisfatória, foi rompida. Quanto a esse rompimento vir a resultar ou não numa situação mais livre ou mais equilibrada, dependerá de vários fatores, estando entre os mais importantes o desejo e coragem das pessoas envolvidas em continuar um processo que elas, ou algum agente externo, iniciaram.

Finalmente, é claro, significa não nos colocarmos em posição de receber; ou por nos isolarmos espiritualmente, ou por perdermos alguma oportunidade prática, talvez por arrogância ou por suspeitarmos de outras pessoas.

CINCO

Os diversos significados desta carta ilustram mais uma vez o problema de certeza discutido na seção sobre as Leituras. Como podemos saber com certeza que significado se aplicará a uma situação real? Ao mesmo tempo, os significados mostram a maneira como uma situação pode tomar direções muito diferentes.

Os Cincos ilustram conflito e perda de algum tipo; em termos de Pentáculos, o Cinco indica principalmente aborrecimentos materiais, como pobreza ou doença. Às vezes sugere uma longa fase de privações. Observe que as pessoas, embora curvadas e aleijadas, vão sobrevivendo. Esta

carta pode indicar amor, especialmente o de duas pessoas mantendo-se juntas em más circunstâncias. Pode acontecer que as privações tenham se transformado num dos fatores que mais contribuem para mantê-las juntas, de modo que alívio dos seus aborrecimentos materiais pode ameaçar sua unidade - ou elas podem pensar que isso vai acontecer e portanto temem a mudança.

Observe que elas estão passando por uma igreja. Como um lugar sagrado, a igreja representa repouso e alívio e abrandamento da tempestade. As pessoas, no entanto, não a vêem. Os seres humanos podem acostumar-se a qualquer coisa, e quando se acostumam muitas vezes não verão as chances de mudança; resistirão até a uma solução para seus problemas. Se comparamos essas pessoas com os mendigos ajoelhados do Seis, vemos que o Cinco representa orgulho e independência, algumas vezes a um ponto insensato, quando o auxílio é oferecido sinceramente.

Quando examinamos a carta mais atentamente, podemos descobrir significados alternativos, opostos até. A carta não mostra a porta da igreja. Como atualmente acontece com muitas igrejas reais, que fecham suas portas como escritórios às 5 da tarde, esta igreja talvez tenha fechado a porta deixando as pessoas fora. O santuário não ajudou. Vemos antes de mais nada um comentário sobre a religião moderna, que muitos acham que falhou na tarefa de dar conforto e cura às almas perturbadas. Em nível mais simples, em muitos países as igrejas enriqueceram à custa do povo. Compare mais uma vez o Cinco com o Seis. Lá o mercador pode simbolizar a moderna igreja secular, dando quanta assistência material pode (ou quer), enquanto as necessidades espirituais do povo ficam desatendidas.

Podemos dizer que o parágrafo anterior é a interpretação "sociológica" da igreja sem porta. Se mudarmos a ênfase para as pessoas, podemos ter uma visão psicológica. Às vezes nos encontramos numa situação em que forças externas - instituições sociais, família, amigos etc. - não podem nos ajudar e precisarmos lutar contra os problemas sozinhos.

Podemos estender essa idéia a uma interpretação "mágica" ou oculta. No primeiro volume deste livro discuti como o Mago, por seguir uma trilha de desenvolvimento pessoal, põe-se em choque com a Igreja estabelecida, que tradicionalmente age como intermediária entre os seres humanos e Deus. A escolha pode trazer conseqüências tanto práticas quando políticas. Se o mágico encontrar forças psíquicas perigosas, então a religião tradicional não poderá (para não dizer não quererá) ajudá-lo a suplantá-las. Compare o Cinco de Pentáculos com o Hierofante, número 5 nos Arcanos Maiores. Lá, dois suplicantes se submetem a uma doutrina que os guiará em todas as situações. Aqui, as pessoas rejeitaram tais doutrinas, ou simplesmente as acharam irrelevantes.

INVERTIDA

O significado dado por Waite é "caos, desordem, ruína, confusão". Isto sugere que a situação com o lado certo para cima entrou em colapso. As pessoas não estão mais sobrevivendo. Ao mesmo tempo que pode parecer muito pior, a situação imediata às vezes consegue levar a uma melhoria. Quando as pessoas se acostumam ao sofrimento, um colapso pode libertá-las. Se agora podem construir alguma coisa mais positiva, depende em parte delas mesmas e em parte da influência e das oportunidades que lhes são oferecidas.

QUATRO

A primeira coisa que vemos é a figura de um avarento, e por extensão, dependência de confortos materiais e segurança, no que diz respeito à estabilidade simbolizada pelo número Quatro. Como se numa reação aos aborrecimentos mostrados na carta anterior, o homem proveu-se de uma camada protetora contra quaisquer problemas econômicos (ou outros) que possam surgir no futuro. Contudo, enquanto o Cinco mostrou duas pessoas, aqui vemos uma só excluindo quaisquer outras através de sua necessidade de segurança pessoal.

Como símbolos mágicos, os pentáculos representam energia básica emocional/psíquica. O homem aqui usa seus pentáculos para isolar-se do mundo exterior. Ele cobriu seus pontos mais vitais; o alto da cabeça, o coração e a garganta, e a sola dos pés. Pessoas que trabalham com meditação de *chakra* reconhecerão os dois primeiros como pontos vitais de conexão com o Espírito, e com outras pessoas. Cobrir os pés simboliza bloquear-nos contra o mundo à nossa volta. O homem não pode, porém, isolar as costas. Continuamos sempre vulneráveis à vida, não importa o quanto tentemos ser egocêntricos.

Em certas situações, o Quatro, geralmente visto como uma carta "problema", torna-se muito apropriado. Quando a vida sucumbiu no caos, o Quatro indica a criação de uma estrutura, seja através de coisas materiais, seja levando para o interior energia emocional e mental. A carta continua sendo uma imagem de egoísmo, mas às vezes é exatamente de egoísmo que precisamos. Quem medita através de sua aura, ao final de cada meditação, geralmente segue um ritual "encerrando" a aura nos pontos do *chakra.* Essa prática previne tanto a fuga de sua energia quanto uma invasão do "eu" por influências externas.

Finalmente, em nível muito profundo, o Quatro de Pentáculos simboliza a maneira como a mente humana dá forma e significado ao caos do universo material. Essa idéia não contradiz o

conceito de forças equilibrando a natureza, como foi descrito no Dez e no Seis. Antes, reforça-o por mostrar que a mente não apenas percebe, mas na realidade ajuda essas forças a funcionar. O fato de os seres humanos existirem no universo como criadores, e não como observadores passivos, constitui um dos pontos de encontro entre os ensinamentos místicos esotéricos e a física contemporânea.

INVERTIDA

Aqui a energia torna-se liberada. O ato pode significar generosidade e liberdade - se com o lado certo para cima indica ganância ou isolamento dentro de nós mesmos - mas pode também representar incapacidade para manter a vida em conjunto, dar-lhe estrutura. Mais uma vez, em uma situação real os significados dependem de outras influências.

TRÊS

Voltamos aqui ao tema do trabalho, visto tanto em seu sentido literal quanto como um símbolo de desenvolvimento espiritual. O homem à esquerda é um escultor, um mestre na sua arte. A carta algumas vezes aparece em conexão com o Oito de Pentáculos, significando que o trabalho árduo e a dedicação resultaram ou resultarão em perícia.

À direita vê-se um monge e um arquiteto segurando as plantas da igreja. Juntas, as três figuras combinam tanto perícia técnica (Ar) e compreensão espiritual (Água) quanto energia e desejo (Fogo). Observe como os pentáculos formam um triângulo de Fogo apontando para cima, mostrando que o trabalho pode nos elevar a níveis mais altos, enquanto abaixo deles há uma flor dentro de um triângulo de Água apontado para baixo, simbolizando a necessidade de enraizar esse trabalho na realidade do mundo e nas necessidades da comunidade. Refletindo esta dualidade, a carta, como o Nove, refere-se a trabalho real, mas pode também ser um símbolo do "eu" desenvolvido. Estes dois significados não se anulam mutuamente. Como se observou anteriormente, o trabalho prático, executado conscientemente e com dedicação, pode servir de veículo para o desenvolvimento pessoal.

Parte do significado desta carta reside no fato de que tal simbolismo de desenvolvimento psíquico deveria ocorrer mais nos Pentáculos mundanos do que nas figuras geralmente mais exóticas das outras seqüências.

INVERTIDA

Mediocridade: o trabalho, físico ou espiritual, vai mal, freqüentemente devido à preguiça ou fraqueza. Às vezes o significado se estende a uma situação geral, na qual pouco acontece; as coisas continuam, piorando ou melhorando, em marcha lenta e firme.

DOIS

Como o Dois de Espadas, o Dois de Pentáculos alcança um equilíbrio precário, se bem que em geral mais feliz. Vemos, na realidade, o próprio conceito do equilíbrio na figura do malabarista. Às vezes a carta significa fazer malabarismos com a própria vida, conservando todas as coisas no ar ao mesmo tempo. Mais simplesmente, ele encerra a idéia de desfrutar a vida, divertir-se - semelhante ao Nove de Copas, mas de forma mais leve, mais uma dança do que uma festa.

Como tantos outros Pentáculos, a carta sugere uma magia oculta em seus prazeres comuns. O malabarista segura seus símbolos mágicos dentro de um arco, ou fita, com o formato do símbolo do infinito, o mesmo que aparece acima da cabeça do Mago, e da mulher, na Força. Algumas pessoas acreditam que o desenvolvimento espiritual somente ocorre em momentos sérios. Prazer e divertimento também podem nos ensinar muitas coisas, desde que prestemos atenção.

INVERTIDA

Aqui o jogo torna-se forçado. Waite diz: "diversão simulada". Seja diante de um problema que não queremos enfrentar, seja diante de pressões sociais, podemos fingir para nós mesmos e para os outros que encaramos tudo despreocupadamente. O malabarismo provavelmente vai falhar.

ÁS

O presente da Terra: natureza, riqueza, segurança, uma vida cheia de alegria. Apenas neste Ás não vemos nenhum *yod* caindo do céu. A Terra, em sua integridade e realidade sólida, contém sua própria magia.

Vimos com as outras cartas (basicamente com o Dez), como a magia muitas vezes ficará escondida de nós simplesmente porque encaramos seus efeitos como tão comuns. Aqui a mão entrega seus presentes em um jardim, um lugar protegido contra a região selvagem vista ao longe.

A civilização, quando funciona bem, nos dá esta proteção básica. Através do trabalho da civilização, a humanidade modela a matéria-prima da natureza em ambiente seguro e confortável.

O trabalho espiritual nos leva a reconhecer a magia em coisas normais, tanto na natureza quanto na civilização, e a ir além delas para o conhecimento maior simbolizado pelas montanhas. A saída do jardim forma um arco muito semelhante à coroa da vitória rodeando o Dançarino do Mundo. Como os Arcanos Menores chegam ao fim, o Ás de Pentáculos nos mostra mais uma vez que, quando estamos preparados, o Portal sempre se abre para a verdade.

INVERTIDA

Como os presentes materiais existem de forma diferente dos presentes dos outros Ases, eles estão mais sujeitos ao mau uso. O Ás de Pentáculos invertido pode significar todas as maneiras pelas quais a riqueza corrompe as pessoas - o egoísmo, a competição extrema, a desconfiança, a dependência excessiva de segurança e conforto.

Encarado de outra maneira, o jardim pode algumas vezes representar proteção, tanto dos acontecimentos como de outras pessoas, contra os problemas da vida. Invertido, indica, pois, que essa proteção terminou, e que a pessoa precisa lidar com seus problemas; ou que ela quer se apegar a esse abrigo embora tenha chegado o tempo de deixá-lo. Como o Eremita invertido, pode significar uma recusa a crescer - especificamente, recusa a tornar-se independente de seus pais.

Outras vezes, no entanto, o Ás invertido pode significar o reconhecimento (como com o Oito de Copas) de que chegou a hora de deixar para trás o que é familiar e atravessar o Portal em direção às montanhas da sabedoria.

CAPÍTULO 5

Introdução à adivinhação pelo Taro

O uso das cartas do Tarô para fazer leituras - "adivinhações", para dar à prática seu nome adequado - vem sendo controvertido no mínimo há tanto tempo quanto o estudo oculto, "sério", das cartas começou no século XVIII. Paradoxalmente, enquanto muitos ocultistas podem menosprezar a adivinhação, a maioria das pessoas não conhece outra finalidade para o Tarô.

Bem no início de sua história, as cartas de Tarô chegaram às mãos dos românicos, ou "ciganos", provavelmente quando eles entraram na Espanha vindos do Norte da África (as cartas aparentemente chegaram à Espanha trazidas da Itália ou da França). Os românicos não nos deram nenhuma informação sobre algum uso particular ou secreto que pudessem ter feito das cartas.

Popularmente, é claro, usavam-nas para ganhar dinheiro lendo a sorte - para os ricos, nos seus aposentos, onde ninguém poderia ouvir seus segredos; para os pobres, em tendas e carroções nas feiras e festivais.

Ainda hoje muitas pessoas acreditam que os românicos inventaram o Tarô, apesar de clara evidência em contrário. A conexão entre os dois permanece tão forte que muitas mulheres, desejosas de fazer leituras profissionalmente, vestem-se com xales coloridos, saias franzidas, usam brincos de ouro (para os homens, o traje é calças largas tipo "balão", coletes de brocado e um brinco só) e para satisfazer o público adotam nomes como "Madame Sosostris".

A longa associação entre a leitura do Tarô e as representações teatrais vulgares provavelmente explica, pelo menos em parte, o desprezo ou a falta de interesse que muitos estudiosos do Tarô demonstraram para com a adivinhação. Vendo o Tarô como um diagrama e um instrumento para a evolução consciente, ocultistas e esotéricos automaticamente rejeitarão o uso das cartas para anunciar "forasteiros altos e morenos" ou heranças misteriosas. E no entanto, por observarem apenas o mau uso e não as possibilidades mais profundas em leituras, os próprios ocultistas limitaram a verdadeira utilidade do Tarô.

Eis o comentário de Arthur Edward Waite sobre adivinhação em seu livro *The Pictorial Key to the Tarot.* "A atribuição de um aspecto divinatório a estas cartas é a história de uma prolongada impertinência". Isto nos leva a um interessante paradoxo. Porque olhavam com desprezo para a adivinhação, Waite e outros difundiram o mau uso das leituras. O modo pejorativo com que escreveram a respeito disso fixou na mente de muitas pessoas a imagem de tentativas superficiais para predizer o futuro. Quanto aos motivos que os levaram a escrever sobre isso, decididamente, só podemos imaginar que eles ou seus editores supunham que o público exigia tal enfoque. Afinal de contas, até hoje a maioria das pessoas que pega um livro sobre o Tarô está mais interessada em mensagens misteriosas do que em realizar uma transformação psíquica. Com certeza, os livros sobre Tarô mais vendidos são os que dão as fórmulas mais simples para o significado das cartas - e ao mesmo tempo prometem todo o conhecimento.

Mais importante do que saber por que se deram o trabalho de escrever a respeito disso é o simples fato de que poucos esotéricos trabalharam para apagar a imagem da profecia como coisa trivial. Este descaso estendeu-se mesmo à totalidade dos Arcanos Menores. Porque as cartas Menores são associadas a leituras, muitos livros sérios sobre o Tarô tratam das cartas Menores muito superficialmente, se é que tratam (o comentário de Waite aplicava-se apenas às cartas Maiores). O livro de Paul Foster Case, *O Tarô,* dá apenas as fórmulas mais simples, numa espécie de apêndice no final. Muitos outros ocupam-se só com as cartas Maiores. Quase único nos

modernos estudos esotéricos, o trabalho de Crowley, *O Livro de Thoth,* estuda a fundo as cartas Menores, ligando-as a um complexo sistema astrológico.

Quanto a métodos de leitura, os estudos esotéricos mais importantes deram somente a informação mais simples, algumas "demonstrações" ou esboços para deitar as cartas, com explicações indicadas para as diferentes posições. Novamente, Crowley é a exceção, apresentando um sistema de leituras caracteristicamente complicado através de um "relógio astrológico".

O impacto da psicologia profunda e da astrologia humanística tem levado muitos escritores contemporâneos a buscarem um uso mais sério da adivinhação. Infelizmente, por encararem as leituras de uma maneira tão desdenhosa, os primeiros escritores criaram uma tradição de fórmulas de que os escritores modernos lutaram para livrar-se. Assim, vamos de novo encontrar o mesmo tipo de explicações para as cartas Menores, explicações como: "Nem tudo está perdido ainda; a felicidade ainda é possível" (Douglas); e as mesmas descrições breves para a disposição das cartas, com explanações sobre "o melhor resultado possível" para a posição de cada uma. Seguindo Crowley e outros, vários livros contemporâneos tentaram ampliar o significado das cartas unindo-as não apenas à astrologia e à Cabala mas ao *I Ching, à* psicologia de Jung, ao Tantra, até à mitologia da América Central. Tal ligação ajuda a compreensão, particularmente para pessoas com um prévio conhecimento do outro sistema (seria interessante ver um livro a respeito de, digamos, a psicologia *Gestalt* que expusesse seu assunto em termos e correspondência com o Tarô, em vez de ser de modo inverso). Ainda assim, a ênfase para qualquer estudo cuidadoso do Tarô precisa recair nas próprias cartas, e no seu uso na meditação e em leituras. Esta seção do livro espera dar pelo menos uma idéia de como a adivinhação pelo Tarô pode ser complexa e profundamente instrutiva.

BOM SENSO

Muitas pessoas dizem que leituras pelo Tarô as "amedrontam". O que querem dizer com isso é que sentem um desconforto ao pensar que alguma coisa possa revelar suas experiências, bem como seus medos íntimos e suas esperanças; e em segundo lugar, que um baralho possa fazer isso. Podem aproximar-se do Tarô inicialmente como um jogo, especialmente se um amigo ou parente deita as cartas, de modo que precisem pagar pela leitura. Elas baralham as cartas com um leve sorriso, porque se sentem tolas; o leitor dispõe as cartas, talvez procurando os significados num livro, e, espantoso, aparece o novo emprego, ou o namorado infiel, ou, se o leitor aborda isso um pouco mais sutilmente, o medo de doença ou uma penosa rebeldia contra o pai ou a mãe. "Você está deduzindo isso do que sabe a meu respeito", dizem, ou "Você poderia dizer

tudo isso só de olhar para mim, não poderia? Você na realidade não viu isso nas cartas". E então na próxima vez que alguém sugere deitar as cartas, elas riem e dizem: "Não, obrigada, esse negócio me assusta".

O fato é que, na realidade, o futuro assusta muitas pessoas. Elas não esperam que algo de bom aconteça. Conformam-se com as coisas como estão - um equilíbrio entre dor e um pouco de felicidade e muito aborrecimento, frustração e infelicidade, mas até tal estabilidade parece pouco provável. Segundo certas pessoas, as coisas só tendem a piorar, e provavelmente é o que vai acontecer.

As leituras de Tarô nos ensinam muitas coisas além da informação específica que obtemos delas. Uma delas é a predominância do pessimismo. Se as cartas de uma pessoa aparecem todas positivas, resplandecentes, com prenúncios de felicidade, a pessoa dirá: "Ah, sim? Quando acontecer eu acredito". Mas basta uma carta sugerir um aborrecimento ou uma doença, a resposta muda para: "Eu sabia, eu sabia. Que vou fazer?" Com tal atitude, imagine como o medo, e talvez o ressentimento, aumentam quando a temida informação vem de um baralho.

Existe um outro aspecto nessa questão de aceitar as cartas. As pessoas que procuram um leitor de Tarô muitas vezes o fazem com uma atitude de "Vamos ver. Mostre-me". Como encaram as profecias como algo "mágico" (apesar de na realidade não saberem o que isso significa), elas desejam que o leitor exiba poderes mágicos. Para essas pessoas, o valor da leitura reside na forma como ela combina corretamente com o que sabem ser verdadeiro em suas vidas, mais, naturalmente, uma pitada de informações novas. Para ter certeza de que o leitor é "honesto", elas escondem tudo o que é possível sobre sua vida. Lembro-me de uma mulher que me procurou para buscar conselhos a respeito de seu trabalho. Durante toda a leitura ela olhava inexpressivamente para mim ou para as cartas, não me dando a mínima indicação de que o que eu dizia significava alguma coisa para ela. Depois, no entanto, ela repassou todas as cartas, explicando como cada uma se relacionava diretamente à experiência que estava vivendo.

Em outra ocasião, prometi fazer uma leitura da Árvore da Vida para uma amiga como presente pelo seu vigésimo-primeiro aniversário. Quando contou a uma colega que ia receber uma leitura de cartas, a mulher disse alarmada: "Oh, você não deve fazer isso. Você não sabe como essa gente age. Eles vão ao Palácio da Justiça e descobrem tudo a seu respeito, onde você nasceu, onde você vive..." Minha amiga não disse à mulher que eu já sabia tudo isso.

Não parece ocorrer a tais pessoas que elas desperdiçam seu tempo e seu dinheiro se só ouvem o que já sabem, e mais uma pequena quantidade de fatos novos. Parecem esquecer que não vieram para testar o leitor, mas para obter conselhos. Como a mulher poderia ter sabido muito mais a respeito de sua carreira se me tivesse dado a oportunidade de aprofundar-me no

relacionamento entre as cartas em vez de apenas ficar verificando quão próxima eu chegava dos fatos.

Por trás do medo e do ceticismo jaz o mesmo problema: as cartas de Tarô ofendem o nosso "bom senso", isto é, a imagem do mundo que temos em comum, que é geralmente a imagem que nos foi transmitida pela sociedade. Podemos chamar essa imagem de "científica", embora só no sentido estritamente histórico da palavra, significando o pondo de vista divulgado por cientistas oficialmente reconhecidos (excluindo, por exemplo, os astrólogos e os iogues) a partir do século XVII. Ironicamente, as próprias ciências naturais, particularmente a física, estão se afastando de um universo rigorosamente mecânico. No entanto, o atraso cultural faz com que a maioria das pessoas ainda pense a respeito da ciência em termos do século XIX.

Assim, a visão "sensata" do mundo que surgiu numa cultura - Europa - manteve o controle por não mais do que duzentos ou trezentos anos, e já começou a definhar. Não podemos negar as realizações dessa visão, sejam quais forem as suas imperfeições. A maioria das pessoas que acusa a ciência não pode oferecer outro substituto a não ser a nostalgia do passado idealizado que nunca existiu. O perigo que a humanidade agora representa para a natureza ironicamente atesta a que ponto a humanidade superou as grandes ameaças - fome, animais selvagens, doenças etc. - que a natureza antes representava para essa mesma humanidade. Mas aceitar as realizações da ciência não nos obriga a banir todas as outras contribuições do conhecimento humano.

A moderna ciência ocidental começou como um movimento conscientemente ideológico, opondo-se deliberadamente à visão religiosa mundial do seu tempo. Seus primeiros práticos e teóricos, como Francis Bacon, consideravam-se revolucionários, propondo uma relação totalmente nova com a natureza, relação que faria muito mais do que aumentar o conhecimento. A ciência, apregoavam, criaria um novo mundo. Até hoje, a instituição da ciência conserva uma característica evangélica dogmática. A fama e a popularidade de Immanuel Velikovsky teve origem, pelo menos em parte, nos ataques histéricos que lhe fizeram cientistas (na Holanda, a pátria da tolerância, os cientistas tentaram fazer com que o governo banisse os livros de Velikovsky). E observe a organização recentemente formada por Carl Sagan, Isaac Asimov, e outros com o propósito de atacar a popularidade da astrologia.

Interessante, enquanto a reputação da ciência tradicional tem sofrido muito, sua visão do mundo, na maior parte, continua incontestada. Com alguma justificativa e alguma confusão, as pessoas culpam os cientistas pelas várias ameaças com que a vida na terra se defronta. E no entanto "bom senso" ainda significa o mundo como criado pela ciência dos séculos XVIII e XIX. Tal é o poder do condicionamento.

Como então podemos caracterizar esse senso "comum" (ordinário, partilhado)? Basicamente ele insiste em que apenas uma espécie de relacionamento pode existir entre eventos, objetos, ou padrões. Este é o relacionamento da causa física direta. Se eu empurrar alguma coisa, ela tomba. Isso faz sentido. Será que tem sentido se eu pensar em alguma coisa e ela tombar? Ou se eu empurrar uma miniatura dela e ela tombar?

A pessoa de bom senso responde não, se os eventos se passarem assim é uma coincidência, palavra que significa que duas ou mais coisas têm um relacionamento no tempo; elas *coincidiram,* mas não têm nenhum outro relacionamento. A causalidade permanece restrita a ações físicas que podem ser observadas.

Mas a ciência, mesmo no seu período mais mecanicista durante os dois últimos séculos, teve que levar esse conceito a limites dúbios para poder explicar o mundo observável. A Terra e os outros planetas giram ao redor do Sol. Esse é um fato demonstrável. Podemos calcular o relacionamento matemático desses corpos que se movem a tal ponto que é possível descobrirmos novos corpos através de um movimento irregular dos corpos já conhecidos (Netuno e Plutão foram descobertos assim). Mas os fatos não explicam como isso acontece. Nenhuma mão gigantesca empurra ou puxa a Terra ao redor do Sol. E no entanto a regularidade dos movimentos impede que chamemos a isso de coincidência. Em vista disso, os cientistas inventaram conceitos como "leis naturais" e "campos de força". A mesma pessoa que diz que "não faz sentido" uma pessoa derrubar uma cadeira por pensar nela, achará perfeitamente razoável que a "gravidade" faça a Terra girar ao redor do Sol.

O que acontece então com a visão primitiva - a da "correspondência", em que o relacionamento entre objetos e eventos é o da similaridade? Aqui, "faz sentido" que alguém possa derrubar uma cadeira por derrubar um modelo dela em miniatura. E "faz sentido" que a posição dos planetas no momento do nascimento possa influir sobre a personalidade.

Na realidade, hoje esses pontos de vista convivem lado a lado, embora o ponto da correspondência continue sendo menos respeitado. Algumas plantas assemelham-se a órgãos humanos. Várias pessoas (particularmente da nova geração ou seguidoras da medicina alternativa) dirão que faz sentido que essas plantas possam ajudar a manter tais órgãos sadios. Outros dirão que faz sentido que as duas coisas nada tenham a ver uma com a outra. O "senso" dos dois grupos decididamente não é comum.

Apesar dessa singularidade, os dois pontos de vista às vezes coincidem em parte. Pessoas que desejam justificar a astrologia para o público, freqüentemente invocam a "lei" da gravidade para explicar as influências astrológicas, embora a espécie de influência que se acha que cada

planeta exerce dependa grandemente das associações mitológicas fixadas para o planeta por civilizações antigas.

Suponha-se que aceitamos o bom senso primitivo; isto nos ajudaria a aceitar o fato observável de que as leituras do Tarô refletem exatamente a vida de uma pessoa? Nós fazemos a interpretação de acordo com as correspondências - o padrão das cartas embaralhadas reflete o padrão dos eventos. No entanto, para muitos que acreditam firmemente no sentido da astrologia, o Tarô ainda é ofensivo. Os planetas formam um padrão fixo e específico no momento do nascimento, um padrão que é determinado por todo o caminho de volta à criação, quando a gravidade os colocou em suas órbitas previsíveis. Mas as cartas embaralhadas não trazem essa determinação. Além disso, os planetas são corpos enormes, movendo-se pesadamente através do céu. As cartas podem parecer bem triviais. Como podemos aceitá-las?

Para muitas pessoas, a autoridade da astrologia tem origem na vastidão do cosmos e, em última instância, em Deus. Faz "sentido" que alguma coisa tão pequena quanto um ser humano receba sua personalidade do amplo movimento dos planetas. E mesmo que dizer isso possa constranger as pessoas, nós sabemos *quem* pôs esses planetas e estrelas em movimento pela primeira vez. Mas só pessoas embaralham cartas. E se elas as embaralharem novamente, conseguem um novo padrão. Então como pode o primeiro conter qualquer significado sério?

Por trás dessa última pergunta há uma suposição muito importante: a de que só os padrões fixos são reais. O fato é que a visão de correspondência do mundo pode tender a atitudes mecânicas, tal como pode acontecer com a visão da lei natural. Ambas provocam a questão de Deus, ou das primeiras causas. Assim como nenhuma delas explica como o mecanismo veio a existir, nem as leis naturais ou os padrões do zodíaco, também não exigem que nos preocupemos com isso. Deus pode ter posto tudo em movimento, mas agora isso funciona por si mesmo. Embora um bom astrólogo use a intuição para interpretar um horóscopo, o mapa em si pode ser elaborado por alguém com um pouco de treinamento.

O Tarô, no entanto, é mais dinâmico do que determinista. Nenhuma regra fixa rege a maneira como uma pessoa vai embaralhar as cartas. E elas sempre podem ser embaralhadas novamente. (Já fiz até seis leituras perguntando sempre a mesma coisa e obtive basicamente sempre a mesma resposta, embora com importantes variações, com muitas cartas iguais aparecendo em cada leitura. A observação de que alguma coisa funciona, no entanto, não explica *como* isso funciona.)

Na década de 30, Carl Jung e Wolfgang Pauli decidiram estudar as "coincidências significativas". Jung começou a interessar-se pelo assunto através da astrologia e de experiências com o *I Ching* - que o atemorizavam mais ou menos como o Tarô atemoriza muitas pessoas. Pauli

dedicou-se ao assunto a partir de um envolvimento mais pessoal; as coincidências pareciam persegui-lo como um cão fiel, e muitas vezes desajeitado.

Suas investigações, na realidade, não foram além do ponto de proclamar que tais coincidências existem e que algum princípio
deve existir por trás delas. Os dois, no entanto, acrescentaram uma nova palavra à linguagem do mundo: sincronismo. Os eventos são sincronizados quando nenhuma causa observável os liga e apesar disso existe uma relação entre eles. Por exemplo, se precisamos consultar determinado livro raro e, sem saber disso, alguém vem nos visitar trazendo um exemplar do livro, chamamos a isso conjunção sincronizada.

As pessoas freqüentemente usam a palavra "sincronismo" como um talismã contra as dificuldades filosóficas de eventos que não têm causa aparente. Quando alguma coisa aparentemente impossível acontece, dizemos: "É sincronismo", e fugimos da sensatez. Jung e Pauli, é claro, viam no termo algo mais do que isso. Eles estavam tentando sugerir que um "princípio sem causa" sem dúvida poderia ligar eventos tanto quanto os princípios de causa e efeito das leis naturais. Em outras palavras, se juntarmos parcelas de informações ao acaso, livres das conexões causais de direção consciente, o sincronismo imprevisto as aproximará de forma significativa. Isto, naturalmente, é o que acontece com a predição. O importante a ser observado aqui é que o princípio sincrônico só pode prevalecer se primeiro removermos o princípio causal. Em outras palavras, algum método de produzir padrões ao acaso - seja embaralhando cartas, seja atirando moedas para o ar - é necessário para dar ao princípio uma oportunidade para funcionar.

De certa forma, a adivinhação, na verdade, origina-se de uma visão do mundo mais antiga do que a das correspondências. Podemos dizer que é uma visão "arcaica", na qual Deus ou os deuses estão sempre presentes, tomando parte ativa no destino e no funcionamento do universo. Num mundo assim nada acontece devido a uma lei, mas porque Deus quis que assim acontecesse. Assim, não é a gravidade, mas a Grande Mãe que faz com que a primavera venha após o inverno. E ela simplesmente pode preferir que isso não aconteça.

Para as pessoas que tinham esse ponto de vista, a comunicação com os deuses não só era possível, mas necessária. Elas não só queriam que os deuses ficassem satisfeitos, ou pelo menos não se zangassem, mas também seria ótimo se tivessem uma idéia do que os deuses tencionavam fazer. Pessoas que não conseguiam ater-se às previsões das leis naturais, ou dos movimentos cadenciados dos planetas, tinham que indagar.

Podiam comunicar-se com os deuses de duas maneiras. Primeiro, era possível (e é) entrar em transe e visitar os deuses em seus retiros celestiais, como os grandes xamãs sempre o fizeram. Mais facilmente, e com menor risco, podiam deixar que os deuses falassem em código, ou seja,

através da predição, com dados, entranhas, desenhos feitos por revoadas de pássaros, galhos de determinadas plantas, cartas.

Mas por que deveriam esses padrões formados ao acaso significar a palavra de Deus? Como acontece com o sincronismo, a resposta é: porque *são* imprevisíveis, porque contrariam a sensatez racional da rotina diária.

Como os sonhos, eles não se encaixam na linguagem normal limitada pela lógica da humanidade consciente. E por não se encaixarem, eles a transcendem.

Nessa visão arcaica, Deus está presente em todas as coisas, em todos os acontecimentos. Deus fala conosco o tempo todo. Nossa percepção limitada, no entanto, nos impede de perceber essa comunicação. E é bom que essa limitação exista. Como os três rabis que entraram no Paraíso com o rabi Akiba aprenderam, a palavra de Deus nos esmaga, nos cega. Na realidade, como vimos no primeiro volume deste livro, o véu do ego existe não apenas como uma limitação pesada, mas como uma graça para proteger-nos do real poder do universo. O objetivo do treinamento esotérico não é simplesmente remover o véu, mas sim ensinar o ser a usar adequadamente a centelha flamejante da palavra de Deus. No entanto, se como pessoas comuns desejamos alguma informação de Deus - isto é, além de nossas limitadas percepções - precisamos de um modo de ver através da venda que nos isola do mundo da Verdade. Precisamos provocar o sincronismo.

Qualquer artifício que produza um padrão "casual" servirá para esta função. É possível que todos os truques que as pessoas usam no jogo tenham servido originalmente para a predição, e pelas mesmas razões. Dados e cartas misturados e rodas girando, tudo interfere no controle do resultado pela mente consciente.

Identificar algumas das antigas raízes do Tarô (não estou sugerindo que o Tarô date de tempos longínquos, mas que os conceitos ocultos sob seu funcionamento datam) não o explica para mentes modernas. No entanto, alguns aspectos da visão arcaica do mundo começaram a voltar, devidamente revestidos da moderna terminologia da física e da psicologia profunda e não da linguagem mitológica de deuses e deusas. "Sincronismo" é um dos termos.

A moderna teoria quântica sugere que no nível mais básico a existência não segue quaisquer regras ou leis determinadas. As partículas interagem ao acaso, e o que nós observamos como leis naturais são na realidade conjuntos de probabilidades com a aparência de determinismo, algo assim como uma moeda arremessada para o alto várias vezes cair um número igual de vezes como cara ou coroa, de modo que alguém possa pensar que uma "lei" de equilíbrio exige uma distribuição eqüitativa. (Na verdade, muitas pessoas acreditam que a "lei das probabilidades" pode determinar o resultado de algum evento específico - "Você falhou todas as

outras vezes, a lei das probabilidades diz que você tem que conseguir desta vez" - quando o ponto principal da probabilidade é exatamente o oposto; ela não pode predizer eventos específicos.)

Ao mesmo tempo que a física está desmoronando o universo de leis fixas, da mesma forma a psicologia moderna (ou pelo menos alguns ramos dela) começou a enfrentar teorias não racionais do conhecimento. Onde os povos arcaicos falavam de "outros mundos" ou "terra dos deuses", hoje falamos do "inconsciente". Os termos mudam mas a experiência fundamental permanece: uma região do ser em que o tempo não existe e o conhecimento não fica limitado às imagens recebidas através dos sentidos. E os métodos usados para entrar em "contato com o inconsciente" não são diferentes dos empregados para ouvir os deuses milhares de anos atrás - sonhos, transes (dos quais a livre associação de Freud é uma espécie de versão menor), moedas jogadas para o alto.

Chegamos à conclusão de que o Tarô funciona justamente porque não faz sentido. A informação existe. Nossos "eus" inconscientes já sabem disso. Precisamos é de um artifício que atue como uma ponte para a percepção consciente.

Como foi dito anteriormente, atingir esse nível de conexão, esse sincronismo de senso invulgar, não depende do sistema que usamos. O Tarô, o *I Ching,* dados, folhas de chá, todos realmente exercem a mesma função. Todos produzem informação ao acaso. Talvez no futuro surjam meios mais "modernos" de produzir padrões casuais. O mais "puro" poderia ser um sistema de previsão baseado nos movimentos e saltos de energia das partículas subatômicas. Porque é nesse nível mais básico que podemos ver a dedução mais importante do sincronismo, a de que a existência *não* segue leis deterministas rígidas segundo as quais todos os eventos surgem de causas fixas. E no entanto, ao mesmo tempo, os eventos têm significado. Ou melhor, o significado emerge dos eventos. De todas as corridas e reviravoltas das partículas ao acaso emerge a matéria sólida. Das ações separadas e experiências da vida de uma pessoa emerge uma personalidade. Do embaralhar das cartas do Tarô emerge a conscientização.

Se qualquer artifício pode fornecer significado, por que o Tarô? A resposta é: qualquer sistema nos dirá alguma coisa, mas a qualidade dessa coisa depende dos valores contidos no sistema. O Tarô encerra uma filosofia, um esboço de como o consciente humano evolui, e um vasto compêndio de experiência humana. Embaralhar as cartas põe todos esses valores em jogo uns com os outros.

Poderíamos argumentar que atribuir uma filosofia às cartas destrói sua objetividade em termos de predição de eventos. Valores humanos e interpretações intrometeram-se num sistema que era puro. Tal idéia, penso, viria de uma má compreensão de "objetividade". O Tarô é objetivo porque se desvia da decisão consciente, mas não é imparcial. Pelo contrário, empenha-se em

empurrar-nos em certas direções: otimismo, espiritualidade, crença na necessidade e no valor da mudança.

Os significados dados para as cartas neste livro deixam bastante espaço para a interpretação pelo leitor. Na realidade, exigem isso. Tudo porque o leitor experiente acrescenta ao seu trabalho mais do que um conhecimento detalhado das cartas e de seus significados tradicionais. Tão importante quanto isso é a sensibilidade - tanto com relação às ilustrações como com a pessoa que está sentada olhando nervosa e excitada para as cartas. Um bom leitor não repete simplesmente significados tradicionais fixos. Em vez disso, ele encontrará novos significados e interpretações, expandirá os padrões.

Enquanto algumas pessoas desejam leituras objetivas e não gostam de interpretações, outras argumentam que um leitor nunca deveria usar um significado definido, mas trabalhar sempre a partir de como "sente" as ilustrações no momento. No entanto, fazer isso limitará o leitor ao âmbito restrito de suas próprias percepções. E as percepções nascerão sempre, pelo menos em parte, de suas próprias experiências e de seu condicionamento cultural. Muito poucas pessoas atingiram um nível de conscientização no qual podem escapar da influência de sua própria história. As emoções toldam a intuição da maioria das pessoas. O subconsciente se coloca no caminho do inconsciente. (V. nota no Capítulo 6, quanto à diferença entre "inconsciente e subconsciente".)

Um leitor que confie cegamente em emoções pode tanto ser levado a afastar-se da verdade como a aproximar-se dela. Mas há uma outra razão para que trabalhemos com os significados tradicionais relacionados às ilustrações. Se não usarmos a sabedoria que outros acumularam nas cartas, privamo-nos de seu conhecimento e experiência. Portanto, parte do treinamento de um leitor reside simplesmente em estudar as cartas, enquanto outra parte reside em adquirir uma percepção pessoal das cartas através da prática, da meditação e do trabalho criativo.

As leituras de Tarô nos ensinam muitas coisas. Uma das mais importantes é o necessário equilíbrio entre o objetivo e o subjetivo, a ação e a intuição. Recentemente a ciência experimental "descobriu" que as duas metades do cérebro não desempenham as mesmas funções; o hemisfério esquerdo (que comanda o lado direito do corpo) lida com as atividades racionais e lineares, enquanto o hemisfério direito (que comanda o lado esquerdo do corpo) trata das atividades intuitivas, criativas e holísticas. (As pessoas canhotas parecem então funcionar ao contrário, com o lado direito comandando a intuição, e o esquerdo a racionalidade.) Essa "descoberta" nos recorda a discussão sobre quem descobriu a América: Colombo, Leif Ericson ou St. Brendan? Tal como os

índios viviam lá há séculos, os esotéricos também conheciam a divisão do cérebro há milhares de anos.

Uma vez embaralhadas as cartas do Tarô o leitor, se for destro, pega-as com a mão esquerda e deita-as com a mão direita. Nós fazemos isto só para dar um pouco mais de ênfase à necessária combinação de intuição e conhecimento consciente. A mão esquerda ajuda a canalizar a sensibilidade, mas viramos as cartas com a direita porque desejamos que a mente racional explique sua disposição intuitivamente.

No primeiro volume deste livro, escrevi que as leituras participam tanto dos princípios do Mago, quanto da Grande Sacerdotisa; consciência e intuição. Podemos ir além e dizer que fazer leituras de Tarô ajuda a atingir um equilíbrio e uma unidade desses princípios em seu estado prático, o da vontade e da abertura. Cada vez que fazemos uma leitura, nós declaramos nossa vontade de impor um significado aos padrões manifestados pelo caos. O ato sugere não apenas o Mago (número 1), mas também a Roda da Fortuna (número 10). A última carta encerra uma visão do mundo no tempo (lembre-se da versão de Wirth da Roda imóvel num barco consciência - flutuando no mar da existência). Contudo, o significado imposto pela consciência só tem um valor autêntico se nos abrirmos às ilustrações e ao impacto que causam em nós. Portanto, as leituras de Tarô sugerem a Grande Sacerdotisa (número 2), mas também o Homem Dependurado (número 12), imagem de uma conexão tão íntima com a vida que nós não nos vemos mais como separados dela, ou opostos a ela. E a carta que liga os trunfos 10 e 12 também pode representar as leituras do Tarô em si: a Justiça, com sua balança eternamente equilibrada, não por uma avaliação cuidadosa dos opostos - tanto de intuição, tanto de conhecimento objetivo - mas por um compromisso real com a verdade.

CAPÍTULO 6
Tipos de leituras

PRIMEIROS PASSOS

Os leitores verdadeiramente psíquicos, mais raros do que muitas pessoas pensam, tomam algumas cartas do baralho a esmo, deitam-nas sem uma disposição especial, e usam-nas como um ponto de partida para entrar em transe ou simplesmente para extrair a informação de fontes inconscientes.

Para a maioria das pessoas, no entanto, a disposição das cartas ajuda a encontrar o significado em uma adivinhação. A medida que as cartas são tiradas do alto da pilha, o leitor as coloca em posições específicas, cada uma das posições tendo seu próprio significado, como "influências passadas" ou "expectativas e receios". O significado da carta torna-se então uma combinação entre o desenho e sua posição. A partir dos significados simbólicos de todas as cartas uma configuração completa (esperamos) surgirá.

Seja qual for a disposição das cartas usada pelo leitor, antes de embaralhar as cartas vem a escolha de uma carta para representar o sujeito ou "consulente", como muitos autores chamam a pessoa que embaralha. Escolhemos a carta do consulente e a colocamos de lado, por duas razões: primeiro, para que a pessoa ao embaralhar possa fixar-se na ilustração e evitar assim que sua atenção se disperse. Segundo, para que o baralho fique reduzido a setenta e sete cartas, o que significa sete, número da vontade, multiplicado por onze, número do equilíbrio.

Alguns escritores sugerem o Louco para representar o consulente em todas as leituras. Freqüentemente os leitores querem escolher alguma outra carta dos Arcanos Maiores dependendo de suas preferências. Eu geralmente desaconselho esta prática baseada no fato de as cartas dos Arcanos Maiores simbolizarem forças arquetípicas, ao passo que o consulente é uma pessoa indivisa, existindo em tempo e lugar específicos. Além disso, remover um trunfo do baralho anula a possibilidade de que aquela carta apareça em algum ponto da leitura.

Muitos leitores preferem usar uma das cartas da corte para representar o consulente. Tradicionalmente, os Pajens sempre representaram crianças (algumas pessoas vêem a passagem da infância para a idade adulta como perda da virgindade), os Cavaleiros representavam jovens, as Rainhas as mulheres, e os Reis homens mais velhos, mais maduros.

Quem leu o livro de Waite, *The Pictorial Key,* vai se lembrar de sua confusa relação entre Cavaleiros com homens acima dos quarenta anos, e dos Reis com homens jovens. Esse sistema tem origem no Tarô Cabalístico da Aurora Dourada. Naquele baralho, os Cavaleiros representam o Fogo, e o Fogo, como poderíamos esperar de uma ordem de mágicos, situa-se em primeiro lugar nas seqüências. Conseqüentemente, os Cavaleiros da Aurora Dourada representam homens maduros. Mas o baralho da Aurora Dourada (e o Tarô Thoth, de Crowley) não contém Reis e nem mesmo Pajens; ele usa Cavaleiro, Rainha, Príncipe e Princesa. Faz sentido que um Príncipe represente um homem mais jovem do que um Cavaleiro. Não faz sentido é um Rei desempenhar esse papel, e a maioria dos leitores não seguem as instruções de Waite sobre isso mesmo quando usam seu baralho.

O sistema tradicional tem um símbolo para um homem jovem, mas nenhum para uma mulher jovem. Já que as mulheres saltam da infância para a plena maturidade tão abruptamente

como os homens, achei válido que os Cavaleiros servissem para ambos os gêneros, tal como os Pajens. Na realidade, já que Reis e Rainhas simbolizam diferentes valores e enfoques da vida, eles também podem significar tanto um como uma consulente. Um antigo aluno meu, um psicoterapeuta que usa o Tarô para abordar os problemas de seus clientes, segue essa prática. A não ser que veja uma clara indicação contrária, geralmente escolho uma Rainha para uma mulher, um Rei para um homem. Lembro-me de um homem, no entanto, que me impressionou fortemente como a Rainha de Espadas, com sua enorme sensação de pesar. Quando lhe mostrei a carta e a descrevi, ele concordou completamente.

Uma vez tendo decidido sobre a figura, o leitor e o cliente precisam escolher a seqüência. Geralmente o leitor faz isto, seguindo um entre dois métodos. O primeiro é a cor. Paus, ou qualquer seqüência que simbolize o Fogo, representam pessoas de cabelo louro ou vermelho; Copas, as de cabelo e olhos castanho-claros; Espadas, as de cabelo e olhos castanho-escuros; Pentáculos, as de cabelo e olhos pretos. Além do inconveniente de sua arbitrariedade geral, esse sistema transforma todos os chineses em Pentáculos, a maioria dos suecos em Paus, e assim por diante.

Um sistema mais objetivo usa os signos astrológicos. Como descrito anteriormente, os quatro elementos significam signos do zodíaco, da mesma forma que as seqüências do Tarô. A maioria das pessoas sabe qual é seu signo solar, e, se não souber, o leitor pode facilmente determiná-lo pela data do aniversário. Naturalmente, a maior parte dos astrólogos diz que os signos solares constituem apenas um duodécimo do mapa de uma pessoa e que um outro elemento pode predominar.

Em meu trabalho, acho que vale a pena incentivar o envolvimento do consulente deixando-o escolher a seqüência. Após ter decidido o nível (Rainha, Rei, Cavaleiro ou Pajem), eu retiro as quatro cartas apropriadas do baralho e as coloco diante da pessoa. Se a pessoa conhece algum simbolismo do Tarô, peço-lhe que despreze os atributos formais e escolha simplesmente de acordo com sua reação às ilustrações.

Geralmente não interpretamos esta carta "Indicador". Ela representa toda a pessoa e não algum aspecto ligado à carta. Em algumas situações, no entanto, a escolha se torna importante. Suponha que uma mulher casada escolha a Rainha de Copas para representá-la; se o Rei de Copas aparece na leitura, ele pode representar o marido dela, ou mais precisamente, já que a leitura enfoca a situação do ponto de vista do consulente, a influência do marido sobre ela. Se o marido tende para a imaturidade e/ou dependência com relação à mulher, então em vez do Rei pode aparecer o Cavaleiro.

Outras cartas da mesma seqüência também podem representar o sujeito e não uma outra pessoa. Se o sujeito escolhe o Rei de Paus para representá-lo, então o surgimento da Rainha pode indicar a emergência de um lado mais "feminino" de apreciação e receptividade. Se o consulente é um Cavaleiro, então a aparição de um Rei ou de uma Rainha pode representar imaturidade, ou regressão, ou uma atitude mais juvenil.

Nós chamamos essas mudanças de "verticais" - movendo-se para cima e para baixo na mesma seqüência. Mudanças "horizontais" são a aparição de uma ou mais cartas do mesmo nível, mas de diferentes seqüências. Se uma pessoa escolhe a Rainha de Espadas, então a Rainha de Copas aparecendo na mesma leitura pode indicar uma mudança na pessoa. Essas "transmutações", como eu as chamo, freqüentemente encerram importantes significados.

A questão de como interpretar as cartas da corte - como alguma outra pessoa ou como um aspecto do sujeito - para muitos continua a ser um dos elementos mais difíceis na leitura pelo Tarô. Geralmente, isso exige experiência e uma forte sensibilidade para que as cartas ajudem a indicar a interpretação correta. Mesmo leitores experientes muitas vezes acharão as alternativas confusas.

Depois da escolha de um Indicador vem o baralhamento. Se a pessoa não está fazendo uma pergunta específica, aconselhoa a esvaziar a mente e concentrar-se nas mãos, ou simplesmente no Indicador. Se a leitura é a respeito de uma questão específica, peço à pessoa que se concentre nela, e que até faça a pergunta em voz alta para fixá-la melhor na mente.

O método de embaralhar não importa, só que deve ser meticuloso e que algumas das cartas precisam ser viradas ao contrário para permitir que apareçam significados invertidos. Um método que eu às vezes recomendo é deitar as cartas na mesa ou no chão (muitos leitores fazem sempre suas leituras sobre a echarpe de seda que usam para embrulhar seu baralho), e então com ambas as mãos esparramar as cartas a toda a volta, como uma criança brincando na lama. Então digo à pessoa que junte as cartas de novo. Além de sua eficiência, esse método encerra um belo simbolismo. Qualquer leitura do Tarô representa um padrão emergindo do caos das combinações possíveis. Mesmo que leiamos só dez cartas, o conjunto todo traz a marca da pessoa que as embaralhou pela última vez. Ao esparramar o baralho, nós o devolvemos ao caos; quando o juntamos novamente, ele trará um novo padrão.

Com as cartas misturadas, o sujeito deve separá-las em três pilhas, da seguinte maneira: usando a mão esquerda, deve retirar uma pilha do topo e colocá-la à esquerda, então dessa pilha novamente tirar uma pilha do topo e deitá-la à esquerda.

Agora o leitor assume a direção, e aqui novamente as pessoas discordam sobre a maneira de juntar o baralho de novo. Algumas simplesmente pegam a pilha à direita com a mão esquerda,

colocam-na em cima da pilha do centro e então colocam essas duas pilhas em cima da pilha da esquerda. Outras mantêm a mão esquerda alguns centímetros acima de cada pilha até que uma delas pareça emitir calor. Então colocam essa pilha em cima das outras duas.

De qualquer maneira, quando o baralho foi novamente formado, o leitor, usando a mão direita, começa a virar as cartas para cima seja qual for o padrão que tenha decidido seguir. Existem centenas de padrões. Dos três apresentados aqui, um eu inventei, enquanto os outros dois são variações sobre temas tradicionais. Quase todo livro sobre Tarô fornecerá mais padrões.

A CRUZ CELTA

Através dos anos este padrão provou ser o mais popular. O nome Cruz tem origem na sua forma, uma cruz de braços iguais (uma carta em cada lado do centro), com quatro cartas alinhadas como um "Mastro" ao lado dela.

Como poderíamos esperar, os comentaristas discordam quanto ao significado de posições específicas e quanto a descrevê-las. Alguns, como Waite e Eden Gray, sugerem uma espécie de ritual para o leitor pronunciar enquanto deita as cartas: "Isto o cobre" ou "Isto fica por baixo dele". Outros preferem uma terminologia mais convencional. Não importa que sistema usamos, desde que nos mantenhamos constantes. Os significados descritos a seguir são os que eu uso. Eles seguem o sistema tradicional, com certas mudanças.

A PEQUENA CRUZ

Em qualquer maneira de deitar a Cruz Celta, as duas primeiras cartas formam por si sós uma pequena cruz, com a primeira, a carta de "cobertura", colocada diretamente em cima do Indicador e a segunda deitada horizontalmente sobre ela.

Agora, a carta de cobertura geralmente representa alguma influência básica sobre o sujeito, uma situação geral ou um ponto de partida para a leitura. A segunda carta, que sempre lemos com o lado certo para cima não importa como tenha saído do baralho, representa, nos sistemas tradicionais, uma "influência oposta", alguma coisa contrária à primeira. Na prática, essa "oposição" pode realmente formar uma segunda influência dando força à primeira.

Por exemplo, suponha que a carta de cobertura foi o Louco, indicando uma sensação de seguir os instintos, contrariando o que possa parecer um procedimento mais sensato. Se a Temperança se atravessa sobre ele, podemos chamar a isto uma oposição, já que a Temperança geralmente se refere à cautela. Mas se o Cavaleiro de Paus cruzar o Louco, as duas cartas

tenderiam a apoiar-se mutuamente, e de fato as outras cartas poderiam sugerir a necessidade de uma influência mais moderadora para equilibrar toda aquela ansiedade.

Em meu trabalho desenvolvi uma forma ligeiramente diferente de olhar para as primeiras duas cartas, referindo-me a elas não como cobertura e "oposição", mas como "Centro" e "cruzamento". Quanto a seus significados, chamo-os de aspectos "internos" e "externos", ou algumas vezes tempo "vertical" e "horizontal", ou simplesmente "ser" e "fazer". A carta do Centro mostra alguma característica básica da situação da pessoa. A carta cruzada mostra então como aquela característica afeta a pessoa, ou como ela se traduz em ação. Vistas de outra forma, a primeira mostra o que a pessoa é, a segunda como ela age.

Considere o exemplo na Figura 57. O Louco indicaria uma pessoa com forte tendência a arriscar-se, a seguir o instinto. A Temperança cruzando-a significaria que quando chega a hora de agir, a pessoa tende a um enfoque mais cuidadoso, conjugando a energia instintiva com considerações mais práticas.

Figura 57

Um outro exemplo ajudará a ilustrar essa parte muito valiosa da leitura de uma Cruz Celta. O Ás de Copas no Centro indicaria uma época de felicidade na vida de uma pessoa, ou mais precisamente uma chance de felicidade, já que os Ases representam oportunidades. Se o Dez de Copas cruzar o Ás, as duas cartas sugeririam que a pessoa reconhece as oportunidades e as aproveitará. Mas se o Quatro de Copas cruzar o Ás, aparecerá um significado diferente, mostrando uma atitude apática que impedirá a pessoa de apreciar o que a vida lhe oferece. A apatia, no entanto, não anula a oportunidade.

Dei ênfase à pequena cruz devido à sua importância. Em algumas leituras, as primeiras duas cartas podem contar a história toda, com as outras preenchendo os detalhes. Como foi descrito no primeiro volume, os termos "tempo vertical e tempo horizontal" derivam da interpretação simbólica da crucificação, onde a Eternidade, encarnada em Cristo como o Filho de

Deus, atravessou-se no movimento "horizontal" da história, isto é, na morte de um ser humano. Para os místicos cristãos, o fato da crucificação lhes permite - através de meditação sobre a cruz e outros métodos de identificação com Cristo - fazer surgir um sentimento de tempo "vertical" nos fatos horizontais de suas próprias existências físicas. Em muitas outras culturas, a imagem de uma cruz simboliza as quatro direções horizontais ao longo da superfície da Terra, enquanto o centro, o ponto de encontro das quatro, sugere a direção essencialmente vertical do centro. A cruz, portanto, também simboliza o próprio Tarô, os quatro braços sendo as quatro seqüências, e o centro, os Arcanos Maiores.

Em termos de leituras, o simbolismo da cruz pode mostrar a maneira pela qual a substância de uma pessoa, ou o ser interior, pode combinar com a maneira como a pessoa age no mundo. Vale a pena repetir aqui o exemplo original que sugeriu o simbolismo do tempo cruzado. A leitura foi feita para um homem inseguro quanto ao rumo de sua vida. Um longo caso de amor estava terminando, a carreira de cantor profissional que escolhera não se concretizara. A leitura começou com a Grande Sacerdotisa atravessada pelo Hierofante. Estas cartas, às vezes chamadas de Papisa e Papa, à primeira vista representam valores contraditórios. A Grande Sacerdotisa representa instinto, mistério, imobilidade, enquanto o Hierofante, como pregador de uma doutrina através da qual as pessoas podem guiar suas vidas, representa ortodoxia, comportamento planejado, lucidez. Portanto, parecia que as duas cartas simbolizavam modos conflitantes de abordar a vida. Porém, quanto mais olhava para elas, com seu simbolismo religioso, mais eu pensava em combinações, não em opostos. As duas quase pareciam indicar uma maneira de lidar com a vida. A Grande Sacerdotisa indicava que dentro de si aquele homem possuía qualidades instintivas e compreensão que poderiam jamais emergir plenamente, mas que poderiam dar conteúdo à sua vida. O Hierofante, por outro lado, mostrava que em sua vida diária ele precisava de um plano de ação mais racional; precisava organizar sua vida e tomar decisões claras para alcançar o que desejava. Mas esses planos e medidas práticas funcionariam melhor se apoiados em seus instintos e consciência íntima, e não em idéias socialmente aceitáveis a respeito de objetivos e comportamento adequados. Mal estava tentando explicar como estas características poderiam complementar uma à outra, o homem me interrompeu para dizer que as via constantemente em oposição, que passava de uma decisão à outra, cedendo primeiro aos seus desejos ou simplesmente à passividade, e depois seguia em direção oposta, rumo a uma ação dirigida e ortodoxa, tal como arrumar um emprego "responsável", de classe média, em vez de continuar cantando. Parte do meu trabalho na leitura foi mostrar-lhe como as duas características podiam funcionar juntas.

"BASE"

Depois de formada a pequena cruz, o leitor coloca a carta seguinte imediatamente abaixo do Centro. Essa posição representa a "Base" da leitura - uma situação ou evento geralmente - se bem que nem sempre - no passado, que contribuiu para criar a situação presente. Devido à maneira como nosso passado nos modela, esta carta às vezes pode explicar e vincular todas as outras. Numa leitura excepcional a respeito das dificuldades de uma mulher com relação ao seu marido, o Imperador na posição da Base indicou que seu relacionamento com seu pai ainda dominava sua sexualidade inconsciente e a impedia de resolver seus problemas na ocasião.

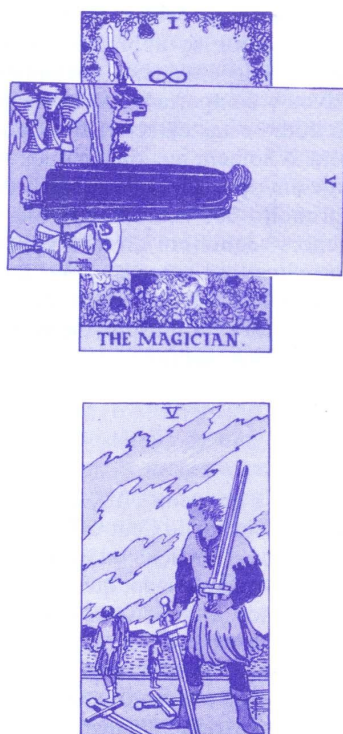



Figura 58

Geralmente a Base não mostra um tema tão amplo, mas muitas vezes indica realmente uma situação anterior, especialmente se existir uma conexão com o número ou a seqüência de uma das duas primeiras cartas. Considere estas três cartas: o Mago cruzado pelo Cinco de Copas, com o Cinco de Espadas abaixo deles (v. Fig. 58). O Mago, como a natureza da pessoa, mostra uma personalidade forte, altamente criativa e dinâmica. O Cinco de Copas, no entanto, indica que a pessoa no momento está preocupada com alguma perda, de modo que a forte personalidade está reprimida. Em termos de ilustrações, o Mago escondeu sua deslumbrante túnica branca e vermelha sob uma capa preta. O Cinco de Espadas, no entanto, mostra que a perda começou com

uma penosa e humilhante derrota. Foi essa derrota que ofuscou o brilho do Mago. Mas a mudança de Espadas para Copas mostra que um processo de renovação já se iniciou. A pessoa pode começar a encarar a situação com pesar, não com vergonha. O que torna possível esse movimento são as qualidades do Mago, no momento ocultas, mas ainda ativas na vida da pessoa.

"PASSADO RECENTE"

A carta seguinte fica à esquerda da pequena cruz e seu título é "Passado Recente". O termo na verdade é inadequado, porque a diferença entre esta posição e a Base reside não tanto na escala do tempo como em seu impacto sobre a pessoa. O Passado Recente se refere a eventos ou situações que afetam o sujeito, embora tenham perdido ou estejam perdendo a importância. Geralmente, na realidade, a carta refere-se a eventos recentes; algumas vezes, no entanto, pode apontar para alguma coisa remota ou muito importante. No exemplo acima, da mulher cujo pai influía sobre ela tão fortemente, se o Imperador tivesse aparecido no Passado Recente e não na Base, isso indicaria que o bloqueio estava sumindo de sua vida, e não a afetaria tanto no futuro.

"CONCLUSÃO POSSÍVEL"

A próxima carta fica imediatamente acima da pequena cruz. Algumas pessoas chamam esta posição de "A Melhor Conclusão Possível". No entanto, um pouco de prática mostrará a limitação deste título otimista. Se, digamos, o Nove de Espadas aparecer aqui, isso dificilmente poderá ser chamado de "melhor" resultado. Conseqüentemente, como tantos outros, eu me refiro a esta posição simplesmente como "Conclusão Possível". Agora, como chamamos a carta final de "Resultado", as pessoas podem achar os dois títulos confusos. Por "possível", pensamos antes de mais nada numa tendência mais generalizada que pode resultar das influências mostradas na leitura. Por enquanto o resultado permanece vago e pode mesmo não se materializar. Simplesmente significa que a pessoa está avançando nessa direção.

Às vezes a relação entre a Conclusão Possível e o Resultado envolve causa e efeito. O Possível pode surgir do Resultado. Como um simples exemplo, suponha que o Resultado mostra o Oito de Pentáculos e a Conclusão Possível mostre o Três. O Oito indica que a pessoa atravessará um período de trabalho e aprendizado árduos. O Três indica que esse esforço provavelmente vai produzir o resultado desejado de grande habilidade e sucesso.

Às vezes a Conclusão Possível indica um resultado mais hipotético do que o Resultado. Aqui está um exemplo tirado de uma leitura feita anos atrás para uma mulher que tinha se

candidatado a um emprego e queria saber quais as chances de consegui-lo. A carta do Resultado indicava atrasos e suspense, mas a Conclusão Possível mostrava sucesso. Quando a mulher foi saber a resposta, o empregador lhe disse que tinham contratado outra pessoa, mas que seu nome estava numa lista alternativa. Alguns dias mais tarde ele a chamou para dizer que a outra pessoa tinha mudado de opinião e ele queria contratá-la. O possível tornou-se real.

Existe uma outra maneira de comparar a Conclusão Possível com o Resultado, especialmente se os dois se contradizem (em vez de se complementarem, como no exemplo acima), ou se mostram um relacionamento direto, como a mesma seqüência ou número. Nessas situações, eu leio a Conclusão Possível como algo que poderia ter acontecido mas não acontecerá. A tarefa então consiste em procurar nas outras cartas a razão pela qual o resultado poderia acontecer.

Suponha que a Estrela fique na Conclusão Possível da pessoa, indicando que ela poderia emergir sentindo-se livre, cheia de esperanças, aberta para a vida. Suponha que o Diabo apareça então como o Resultado real, indicando sujeição a uma situação de opressão. O que saiu errado? Se, digamos, o Nove de Espadas invertido está na posição de Base, isso nos daria um indício, pois diria que a pessoa traz dentro de si um sentimento de vergonha e humilhação decorrente de fraquezas passadas e receios, e que a "prisão" simbolizada pelo Nove impede que ela efetive o potencial da Estrela.

Esses exemplos nos ajudarão a ver que o verdadeiro significado de uma leitura de Tarô não decorre de cartas específicas mas sim da configuração que elas tomam juntas.

"FUTURO PRÓXIMO"

O braço final da Cruz vem à direita do padrão central. Ficando oposto ao Passado Recente, ele tem o título "Futuro Próximo". Ele mostra alguma situação que a pessoa brevemente terá que encarar. Ele não encerra totalidade igual à do Resultado; forma, antes, uma outra influência, nesse caso, a influência dos acontecimentos. Se uma situação começa de uma certa maneira mas termina de modo muito diferente, então a razão poderia residir no Futuro Próximo, que provocaria uma nova situação ou introduziria outra pessoa para mudar o rumo. Por outro lado, se o Resultado tem características bem diferentes do Futuro Próximo, isto poderia indicar que a situação que surgirá não terá efeitos duradouros. Por exemplo, se o Cinco de Paus fica no Futuro Próximo, e o Três de Copas no Resultado, isso pode indicar que a pessoa atravessará um período de conflitos com amigos, mas que esses conflitos não durarão muito, cedendo lugar a laços mais estreitos e à cooperação. Muitas vezes tal informação pode ajudar imensamente uma pessoa a

passar por um período difícil ao lhe assegurar que ele não irá durar. E se o oposto aparecer (isto é, uma situação feliz cedendo lugar a uma má), o leitor pode simplesmente esperar que a pessoa consiga usar bem essa informação. As más notícias são sempre menos agradáveis de dar do que as boas.

Depois de deitar a Cruz, o leitor vira para cima as últimas quatro cartas, uma acima da outra, à direita da Cruz, conforme configuração final apresentada na página seguinte.

"A PERSONALIDADE"

A carta no extremo inferior do Mastro é chamada de "Personalidade" e não se refere à pessoa como um todo, mas ao modo como ela está contribuindo para a situação. Que atitudes o sujeito mostra? O que está ele fazendo que afetará a situação descrita pelas outras cartas? Suponha que numa leitura que começou com o Dois de Copas, a posição da Personalidade mostre o Dois de Espadas. Isso indicaria que o sujeito acha difícil abrir-se ao novo relacionamento indicado pela primeira carta. O comportamento tenso, até hostil, do sujeito, afeta de forma desfavorável a situação geral. O resultado indicaria a conseqüência do conflito.

"AMBIENTE"

Assim como o sujeito afeta a leitura, as pessoas e as situações gerais à sua volta também a afetam. Nós chamamos a oitava carta de "Ambiente", ou a influência dos "Outros". Se uma carta da corte aparece nesta posição, geralmente significa uma pessoa influenciando o sujeito. De outra forma a carta pode mostrar a influência de uma pessoa importante ou de uma situação geral. Muitas vezes ela indicará se o ambiente está ajudando ou prejudicando a direção para a qual o sujeito está se dirigindo. Por exemplo, numa leitura feita a respeito de trabalho, o Cinco de Paus invertido no Ambiente iria sugerir que uma atmosfera de hostilidade, de trapaça, de competição traiçoeira está tornando o trabalho desagradável.

Às vezes o Ambiente indica o consulente e não outras pessoas. A carta mostra como o sujeito reage ao seu ambiente. Numa leitura feita há algum tempo, o Quatro de Espadas no Ambiente mostrou o hábito do sujeito de se afastar de conflitos com as pessoas à sua volta.

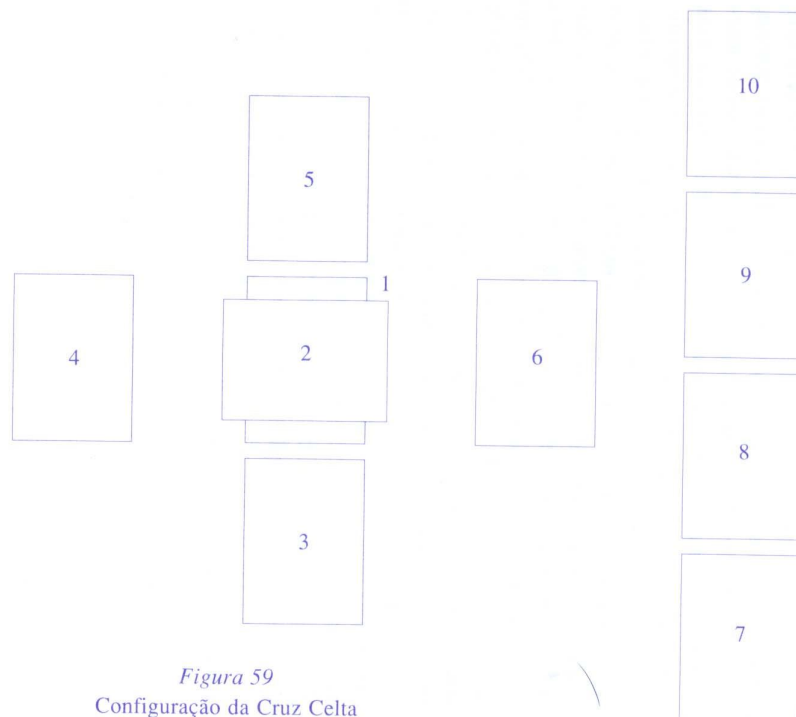



Figura 59
Configuração da Cruz Celta

"ESPERANÇAS E RECEIOS"

Acima do Ambiente aparece uma posição semelhante à Personalidade, mas com um enfoque mais agudo. Chamamos esta posição de "Esperanças e Receios" porque ela mostra como as atitudes de uma pessoa para com o futuro afetam o andamento dos eventos. Muitas vezes esta carta quase dominará a leitura, especialmente se o Resultado final for muito diferente da Conclusão Possível, indicando que o que parece provável decididamente não se realizará. A influência mostrada por esta carta pode trabalhar a favor ou contra a pessoa. Suponha que a leitura seja a respeito de um caso de amor, e que a maioria das cartas tendam para o sucesso, com o Dois de Copas como a Conclusão Possível. No entanto, o Resultado mostra os Namorados invertidos, um sinal claro de que o relacionamento vai mal. Se a carta de Esperanças e Receios fosse o Três de Espadas, isto mostraria que o medo da pessoa de sofrer uma desilusão a impediu de se comprometer emocionalmente como era preciso. Outras vezes, uma carta muito positiva nessa posição, como a Estrela ou o Seis de Paus (ambas cartas que significam esperança), indicaria que a atitude da pessoa pode produzir sucesso.

Às vezes esta posição e a da Base ou da Personalidade agirão juntas de um modo muito unido, com a Base explicando as origens das atitudes do sujeito com relação ao futuro. Por exemplo, se o Dois de Copas invertido apareceu como Esperanças e Receios, e o Oito de Paus

invertido foi a Base, isto indicaria que um panorama de ciúme estava levando a uma atitude muito negativa em relação à continuação do caso de amor.

Note nesse último exemplo que o Dois de Copas invertido poderia mostrar um medo, mas poderia também ser uma esperança. Nós chamamos essa posição de "Esperanças e Receios", em vez do título mais comum de "Esperanças ou Receios". A terminologia reflete o fato de que os dois freqüentemente caminham juntos (algo que inicialmente me foi apontado por meu aluno terapeuta). No trabalho, freqüentemente, as pessoas esperam e temem o sucesso ao mesmo tempo, ao passo que em relacionamentos muitas pessoas terão medo do amor que buscam, ou terão semiconscientemente esperança de uma rejeição. A dualidade de Esperanças e Receios mostra-se com mais força nas cartas que tratam de mudanças, ou da saída de situações confinadas para situações abertas.

A Morte, o Oito de Copas, o Dois de Paus invertido e o Quatro de Paus todos tratam desses temas de liberdade e mudança. Algumas outras são o Diabo invertido, o Oito de Espadas invertido, e a Estrela. Muito freqüentemente se o leitor e o sujeito examinam juntos a atitude deste último para com uma dessas figuras na posição de Esperanças e Receios, emergirá uma ambivalência. O confinamento é mais seguro do que a liberdade. Como o componente desagradável - o medo do amor (ou do sucesso), ou a esperança de rejeição (ou de fracasso) - muitas vezes permanece escondido dos desejos conscientes, a descoberta dessa ambivalência pode ajudar o sujeito a se esforçar para criar o que ele realmente deseja.

Ver essa dualidade funcionar em uma leitura depois de outra ensina ao leitor alguns fatos básicos a respeito de condicionamento. O subconsciente (o material reprimido que poderíamos chamar de a camada mais baixa do ego) é basicamente conservador, reacionário até. Ele não apenas resiste a qualquer mudança, seja ela desejável ou repulsiva, mas também prefere tratar todas as situações da mesma forma como tratou de situações semelhantes no passado. Para muitas pessoas cada novo amigo ou namorado se transforma num degrau para repetir a história de Mamãe e Papai. Encaramos cada novo problema ou tarefa da forma como aprendemos a tratar dos problemas quando crianças. Não importa se tivemos sucesso ao lidar com eles; isso conta menos do que a segurança de ter um padrão fixo para seguir. O subconsciente cuida primeiro da segurança e depois das outras considerações. E segurança vem através da repetição.

Esse mecanismo oculto de repetir modelos passados tem embutido em si o apreço pela sobrevivência. Quando aparecem novos problemas, podemos lidar com eles porque o subconsciente automaticamente os compara a problemas anteriores e então os enquadra na resposta pré-fabricada. A menos que uma pessoa deseje empenhar-se num programa deliberado de autocriação (tal como os Arcanos Maiores esboçam), esse sistema funcionará bastante bem e

provavelmente não se deveria interferir nele. No entanto, se uma pessoa descobre um caso de amor após outro descambando em ciúme e amargura, ou um emprego após outro fracassando, então ela faria bem se examinasse a maneira como o subconsciente insiste em arranjar as coisas para que as novas situações repitam o passado. Uma forma de pelo menos começar tal exame podem ser leituras de Tarô, com ênfase em experiências passadas, e no que nós realmente esperamos e tememos.

"RESULTADO"

Finalmente, o Resultado. Esta carta une todas as outras. Mais ainda, equilibra-as e mostra quais são as influências mais fortes, e como elas agem juntas para produzir o resultado. Algumas vezes o Resultado será um evento. Então, o ponto importante é saber como ele veio a acontecer, não apenas o que ele é. Se o sujeito o considera um evento desagradável, então ele pode olhar para as outras cartas para ver quais são as influências que estão impulsionando naquela direção, com a esperança de mudar a situação. Se o Resultado parece desejável, um estudo semelhante pode ajudar a aumentar essas influências, já fortes, que estão tendendo para aquele resultado.

A Cruz Celta, como qualquer padrão, consiste de um número fixo de cartas. Se o leitor e o sujeito acham a combinação ambivalente, eles podem virar mais algumas cartas sem um padrão fixo, ou então fazer mais uma leitura. Ao virar cartas extras, eu geralmente limito a não mais do que cinco (algumas vezes pedindo ao sujeito que escolha um número), embora a leitura inicial tenha servido como base para virar mais cartas. Em geral, os leitores iniciantes acham mais difícil interpretar cartas ao acaso e conseqüentemente evitam usá-las.

Às vezes podemos fazer mais leituras para obter informação a respeito de uma carta específica na primeira leitura. Poderíamos ter uma dúvida a respeito de uma pessoa aludida na posição do Futuro Próximo. Nesta situação, alguns leitores usarão a carta em questão como o Indicador para uma nova leitura. Tal como o Indicador original ajudou a pessoa a se concentrar em si mesma, assim a nova carta ajuda o enfoque da pessoa sobre aquela questão em particular.

UM EXEMPLO DE LEITURA

Antes de deixar a Cruz Celta, eu gostaria de apresentar um exemplo de leitura feita por mim alguns meses antes de escrever este livro. (Devo explicar que o sujeito deu seu consentimento para que seu caso fosse incluído.)

Figura 60
Um exemplo de leitura com a Cruz Celta

A leitura foi feita para uma mulher que acabara de ser aprovada nos exames finais da faculdade de Direito e que há pouco tinha começado um novo caso de amor, e de modo geral parecia feliz e estimulada quanto à sua vida. No entanto, quando virei as cartas captei um imediato sentimento de tristeza. Confiando mais nas cartas do que nas minhas impressões conscientes, perguntei à mulher se ela andava se sentindo triste ultimamente. Para minha surpresa, ela imediatamente disse que sim.

As cartas apareceram como segue. Para Indicador, a mulher escolheu a Rainha de Pentáculos. As duas primeiras cartas foram o Três de Paus atravessado pelo Cavaleiro de Copas. A Base era a Morte, o Passado Recente, o Nove de Espadas, a Conclusão Possível, o Cinco de Espadas invertido, e o Futuro Próximo, o Mundo invertido. A Personalidade era o Seis de Copas invertido, o Ambiente, o Três de Copas, Esperanças e Receios, a Torre, e o Eremita, o Resultado (v. Fig. 60).

Comecei dando à mulher uma interpretação geral. Ela estava passando por uma fase de transição em que muitos velhos padrões estavam agonizando. O efeito disso era atemorizante e ao mesmo tempo estimulante. A tristeza vinha do fato de perceber o que tinha perdido, e também do fato de ter-se tornado adulta e ter cortado seus laços com a infância. A situação não se resolveria muito depressa - havia até uma chance de que se desenvolvesse desfavoravelmente, especialmente se ela deixasse que o Futuro Próximo, que mostrava estagnação, a amedrontasse, levando-a a uma atitude muito negativa. As pessoas à sua volta, no entanto, davam-lhe muito apoio, mesmo que ao final ela tivesse que resolver por si mesma.

Tudo isso, naturalmente, era muito vago. Nós então examinamos as cartas uma por uma. A carta de cobertura, o Três de Paus, indicava antes de tudo suas realizações imediatas, não apenas a graduação em Direito, o fato de ter tirado o primeiro lugar. Porque quando nós discutíamos o que tinha feito, ela me contou como antes de ir para a faculdade de Direito nunca tinha levado sua vida nem suas habilidades muito a sério. Agora tinha chegado a um ponto em que não apenas conhecia sua própria força e inteligência, mas a realização de ser aprovada no exame de Direito na primeira tentativa dera-lhe uma base sólida a partir da qual encarar seu trabalho futuro. Mesmo antes de discutirmos esses fatos, o significado deles tinha emergido através da imagem do homem em pé sobre um morro enquanto mandava seus barcos explorarem novas terras.

Mas o Três de Paus comporta um outro significado, muito apropriado para esta leitura. Ele sugere uma atitude contemplativa enquanto a pessoa considera suas lembranças. Na realidade, essa análise de sua vida surgiu do sentimento de realização. As coisas que ela tinha feito deram-lhe consciência de que sua antiga vida tinha terminado. Ao mesmo tempo, os barcos partindo para águas desconhecidas simbolizavam sua situação de não saber realmente o que faria a seguir, nem mesmo que rumo sua vida tomaria no futuro.

A imagem de realização e exploração fazia referência a outras coisas na vida da mulher, além de sua carreira. Ela tinha recém-começado uma psicoterapia; tinha também se associado a um grupo de apoio chamado "o círculo da cura". Ambas essas atividades aumentavam o senso de novidade e do desconhecido, porque, enquanto lhe davam confiança e crença em si mesma, também faziam com que ficasse mais difícil agarrar-se a padrões antigos.

Agora, o Cavaleiro de Copas atravessa o Três de Paus e aqui a segunda carta parece muito bem ser uma conseqüência da primeira. Porque o Cavaleiro de Copas significa um envolvimento consigo mesmo, com uma análise íntima. As duas cartas juntas diziam que no centro de sua vida a mulher naquele momento estava contemplando o passado, pensando no que sua vida tinha sido, e olhando para o futuro. Mas, de todos os Cavaleiros, o de Copas é o que menos se refere à ação. Quando se tratava de providências práticas, ela se achava muito hesitante.

Abaixo da pequena cruz vinha a Morte, a primeira carta dos Arcanos Maiores. A Morte enfatizava a experiência de ver o passado agonizar. Durante toda a vida a mulher tinha seguido certos padrões: certas maneiras de lidar com o mundo, com as outras pessoas e consigo mesma. Agora, graças a suas realizações, os antigos procedimentos não se aplicavam mais. Quase sem aviso, ela se viu afastada dos padrões seguros sem muita noção de como encarar o futuro. Muito a respeito desses padrões tornou-se mais claro quando examinamos as cartas da Personalidade e do Resultado, mas aqui era simplesmente importante ver que o antigo, fosse qual fosse a forma que tomara, tinha morrido.

Note a semelhança do Cavaleiro de Copas com a Morte. Já que o trunfo se situa na Base - o passado - e a carta dos Arcanos Menores no presente, podemos chamar o Cavaleiro de desenvolvimento prático a partir do arquétipo da Morte. Isto é, abaixo ela está sentindo a perda de sua antiga vida, mas na superfície sente uma falta de confiança, tanto emocional quanto prática, a respeito do que fazer a seguir.

O Passado Recente veio diretamente da Base. Isso mostra como as duas posições quase podem existir na mesma configuração. Em outras palavras, a Base não veio primeiro e então cedeu caminho ao Passado Recente, mas, como a pequena cruz, o Passado Recente surgiu do padrão geral mostrado pela Base. O Nove de Espadas indica tristeza, mágoa. Às vezes pode simbolizar luto. Neste caso, podemos pensar em "luto" como uma metáfora. A pessoa por quem chora é ela mesma, porque vimos na Base que algo "morreu". Este algo não era prejudicial, simplesmente não tinha mais significado. No entanto, o fato de sua vida tê-lo superado não a impedia de sentir falta das formas seguras e confortáveis de lidar com o mundo. Tampouco a carta realmente sugere que ela sente falta de seu "eu" antigo porque tem medo da vida. A tristeza aqui é mais genuína e, na verdade, coexiste com a alegria igualmente real e a excitação que eu tinha visto antes da leitura.

As primeiras quatro cartas enfatizaram sua vida íntima; as duas seguintes mostraram a capacidade do Tarô de indicar tendências e eventos, e em particular de dar um aviso. Primeiro, a Conclusão Possível. O Cinco de Espadas invertido indica derrota, causando vergonha e humilhação. Sua presença aqui mostrava que apesar de tudo o que aquela mulher tinha realizado, seus esforços ainda poderiam dar em nada. Às vezes a carta do Resultado poderá contradizer claramente a Conclusão Possível, mostrando que por alguma razão a possibilidade não se tornará realidade. Aqui a relação é mais sutil. O Eremita é um bom indicador de que ela não perderá o que conquistou, mas não garante coisa alguma. Ele a mostra seguindo um bom rumo, mas ainda não chegando, pelo menos no sentido prático. Portanto, o Cinco de Espadas permaneceu uma

possibilidade, e o Tarô a advertia a fazer tudo que pudesse - usar o apoio dos amigos, não ceder a seus receios, especialmente durante períodos de estagnação - para evitar este resultado.

O Mundo invertido representa a imobilidade, uma falta de sucesso, a inabilidade para unir as coisas. Como o Futuro Próximo, ele indica que sua vida permaneceria indecisa por algum tempo, sem muito progresso em sua carreira e em outras coisas. Vemos portanto que a derrota de seu novo "eu", mostrada como possível, poderia vir quando aquele "eu" deixasse de obter resultados práticos. O fato de o Tarô tê-la advertido sobre o período de estagnação poderia ajudá-la a superá-lo, como também poderia ajudá-la o fato de saber que ele é apenas o Futuro Próximo e não o Resultado.

Depois da Cruz vem o Mastro. A primeira das quatro cartas, o Seis de Copas invertido, se situa na posição da Personalidade. E aqui encontramos uma indicação mais clara do que morreu. A carta, quando está com o lado certo para cima, mostra uma criança num jardim com uma pessoa maior dando-lhe um presente. Ela sugere proteção, segurança, a criança cujos pais se preocupam com todas as suas necessidades. Aqui, no entanto, vemos a carta invertida. Junto com as outras cartas, especialmente a Morte e o Eremita, a imagem sugere que ela tinha superado esse modo de vida confinado, protegido. Ao discutir a carta, ficou claro que na realidade a mulher tinha passado a maior parte da vida com os pais, que a tratavam como sua "menininha". Permitira que agissem assim, porque isto lhe dava segurança. Mesmo agora, como me explicou, seus pais, principalmente seu pai, não queriam aceitar que ela tivesse crescido e precisava tomar suas próprias decisões, assumir seus próprios riscos. E, naturalmente, ela própria achara difícil aceitar a mudança. Ir para a faculdade de Direito tinha sido o primeiro passo. Antes disso ela nunca se levara a sério o suficiente para fazer alguma coisa importante. Ao mesmo tempo, a faculdade tinha continuado a ser um outro "jardim" - uma situação em que não tinha que fazer nenhuma opção, apenas seguir o rígido plano estabelecido. Quando chegou a época de prestar seu exame, ficou amedrontada, e na realidade recorreu ao terapeuta para que a ajudasse a passar. A terapia conseguiu isso e outras coisas. Fez com que percebesse que não era mais uma criança que podia deixar que outros decidissem por ela. A tristeza provinha dessa perda.

A carta seguinte, de certa forma era a mais importante, e também a mais simples em toda a leitura. O Três de Copas no Ambiente indicava muito apoio de amigos. Em particular representava o "círculo de cura" e o terapeuta. Sua importância residia no fato de mostrar quanto apoio sem cobranças poderia obter dessas pessoas, coisa da maior importância ante a possibilidade de derrota causada por um período de estagnação. O Três de Copas não indica apoio nem no sentido de caridade nem no de auto-sacrifício. As três mulheres dançam juntas. As pessoas à sua volta lhe dão força simplesmente por estarem com ela, por partilharem suas

experiências e deixarem que ela as apóie. Observe também o contraste entre o Três e o Seis. Aqui as mulheres são todas iguais; a carta não transmite um sentimento de agasalho ou mimo.

O Três de Copas mostra uma conexão "horizontal" com o Três de Paus estando no Centro. Algumas influências básicas dessa imagem - a figura firmemente plantada no alto do morro - derivam do apoio dado pelo ambiente. Mesmo que relembrar sua vida e explorar novas áreas fossem atividades essencialmente solitárias, ela podia achar ânimo nas pessoas que a rodeavam.

Na posição de Esperanças e Receios estava uma das imagens mais temidas do Tarô, a Torre. Que significa destruição, desmoronamento, experiência dolorosa. Representa claramente o medo da mulher de que tudo o que realizou vá de alguma forma se despedaçar. Este medo facilmente poderia transformar-se em profecia auto-realizável, levando ao Cinco de Espadas invertido, principalmente sem sucesso imediato para tranqüilizá-la e encorajá-la.[3]

O receio exagerado leva de novo ao Seis de Copas, e à sua derrocada. Ela podia ter deixado de lado uma atitude infantil de proteção, podia estar encarando sua vida com uma expectativa excitada, mas uma parte dela ainda pensava: "Como vou conseguir? Agora estou completamente só. Não estou mais protegida. Preciso tomar minhas próprias decisões." E a partir daí passa para: "Não consigo fazer isso. Não sou suficientemente forte, tudo vai desmoronar." Quando surgissem oposição ou adiamentos, o medo assumiria o comando parecendo o colapso esperado. E o pensamento semiconsciente então é: "Está vendo? Eu sabia que não podia fazer isto. Por que fui me machucar?" Na leitura comentamos que a Torre também representava uma esperança subconsciente. O subconsciente[1], órgão tão obtuso quanto conservador, freqüentemente se recusará a aceitar a perda de uma situação que considerava segura ou garantida. Não importa que a pessoa saiba, até conscientemente, que não pode mais voltar a ficar sob a proteção paterna. O subconsciente não aceita a realidade. Ele consegue convencer-se facilmente de que a derrota dos planos atuais trará uma volta à segurança.

Tornar-se consciente de tais procedimentos ocultos é um grande passo para superá-los, porque o subconsciente depende muito do que está encoberto. Podemos ver isso se pensarmos

---

[3] Não confundir "subconsciente" com "inconsciente", cujos atributos compreendem tanto realidade quanto verdadeiro conhecimento. Muita confusão resultou do uso desses termos como sinônimos. Adoto aqui o termo "subconsciente" para designar os elementos - desejos, ansiedades, receios, esperanças - reprimidos pela mente consciente quando lida com as realidades externas da vida. "Inconsciente" significa a energia vital básica, a área do ser além do ego. O subconsciente, a despeito de suas características ocultas, é na verdade uma extensão do ego. Em certo sentido, ele encarna o domínio absoluto do ego, o reino onde não mantém compromissos com a realidade. Como não se envolve com conseqüências, o subconsciente pode induzi-lo até a se colocar na frente de um caminhão para evitar diálogos desagradáveis. O inconsciente, por seu turno, nos equilibra e apóia, ligando-nos ao rolar da vida além da nossa individualidade. O Homem Dependurado, nos Arcanos Maiores, nos transmite uma forte imagem dessa ligação vital.

nas vezes que nutrimos alguma ansiedade secreta, para descobrir depois, quando a enunciamos em voz alta, que a própria tolice afasta a idéia da nossa mente. Uma leitura de Tarô pode agir assim ao identificar o material oculto e mostrar suas prováveis conseqüências - nesse caso, o Cinco de Espadas.

Na posição do Resultado está o Eremita. A primeira coisa a observar a respeito desta carta é que ela não mostra sucesso nem fracasso. Em contraste com o Três de Paus e o Cinco de Espadas, ela não indica prováveis resultados práticos. Em vez disso, indica as qualidades da mulher em si, que por sua vez mostrarão a maneira como ela encara sua nova situação.

O significado mais óbvio do Eremita tem origem no seu nome e na sua imagem essencial. Ele mostra a mulher enfrentando a vida sozinha. Isso não significa que ela perde ou recusa o apoio vindo de seu meio. Quando muito, indica a necessidade de aproximar-se ao máximo desse apoio. Pois o Eremita significa o fato de que por mais que os outros possam ajudá-la ela precisa tomar suas decisões sozinha. Como a figura no Três de Paus, o Eremita está de pé sozinho em cima de sua montanha.

A solidão do Eremita, no entanto, não existe por amor a ela. Nos Arcanos Maiores ela simboliza o ato de se retirar conscientemente do mundo externo e dos eventos para meditar sobre seu significado. E naturalmente a idéia de significado se ajusta perfeitamente bem a essa leitura em particular. Ter o Eremita como Resultado significa que os medos, os adiamentos e os possíveis fracassos na realidade não importam tanto - desde que a mulher aceite sua situação. Na verdade, o Eremita simboliza diretamente a psicoterapia.

Ao mesmo tempo, o Eremita também sugere seu êxito em acomodar-se à vida. Pois em seu aspecto mais arquetípico, ele significa sabedoria, o verdadeiro conhecimento da alma conquistado através do afastamento e da introspecção. A montanha do Eremita, como a árvore do Homem Dependurado, representa a conexão da mente consciente com a sabedoria e a energia vital do inconsciente.

Como Resultado, portanto, o Eremita indicava que ela compreenderia e aceitaria as mudanças que tinha efetuado, meio inconscientemente, em sua vida. O simbolismo da montanha liga a última carta à primeira, o Três de Paus. A ligação, por sua vez, sugere sucesso, tanto prático quanto emocional.

Finalmente, o Eremita significa maturidade. Através de sua conscientização ele continua o processo iniciado no Seis de Copas invertido, a derrocada da dependência infantil. Ele lhe mostra que a situação se resolverá por si mesma se ela superar sua hesitação e seus medos. A longo prazo, a montanha do Eremita decididamente não representa isolamento, mas simplesmente uma

qualidade que a mulher só agora começava a perceber - a autoconfiança, confiança em sua capacidade e em suas decisões.

Porque o Resultado mostrava uma saída e não um resultado, decidi virar uma outra carta para obter uma indicação de como os acontecimentos poderiam eventualmente desenvolver-se. A carta foi um outro três, o Três de Pentáculos. Como carta de realização e de superioridade, ela mostrou o sucesso a longo prazo, que estava retardado, no Futuro Próximo.

O CICLO DE TRABALHO

Não obstante seu poder, a Cruz Celta ainda funciona principalmente como um instrumento descritivo, mostrando-nos as diferentes influências que cercam alguma situação. Embora freqüentemente sugira uma linha de ação ("Aproxime-se cautelosamente, procure preparar tudo antes de fazer alguma coisa" ou "As coisas não correrão bem com essa pessoa, você encontrará novamente seu próprio eu se desistir dela"), as pessoas às vezes se sentem desamparadas diante da pergunta: "Que devo fazer?" Conquanto o Tarô freqüentemente não dê sugestões tão concretas como "Estude cerâmica", ou "Visite sua avó", ele pode indicar a espécie de ação ou enfoque de que a pessoa necessita, deixando os detalhes específicos para o indivíduo. Como um exemplo simples, o Oito de Pentáculos pode aconselhar a uma pessoa: "Continue a trabalhar no que você está fazendo. Levará tempo, mas eventualmente trará bons resultados."

Existem outras perguntas, mais sutis, que as pessoas fazem a si mesmas depois de uma leitura pela Cruz Celta: Que aconteceria se eu seguisse uma série diferente de influências? Que aconteceria se eu não tivesse tomado esta atitude específica com relação ao futuro ou tivesse encarado algo diferente em meu passado? Como isso teria alterado o resultado? Em outras palavras, quais são as possíveis mudanças que eu posso fazer?

Para enfatizar as possibilidades de conselho, planejei uma nova disposição para as cartas. Baseada em parte na Cruz Celta e em parte na minha própria disposição dos Arcanos Maiores, ela apresenta três inovações. Em primeiro lugar, toda a sua perspectiva tende para conselho e não para descrição. Segundo, o final fica em aberto; depois que o leitor atingiu a última posição ele pode deitar mais cartas, até dez vezes o número original. Naturalmente, o leitor pode fazer isto em qualquer leitura, mas não em posições definidas. A estrutura do Ciclo de Trabalho, como eu chamo essa disposição. permite ao leitor repetir, e continuar repetindo, as posições originais. O efeito é o de deixar que o leitor examine a situação a partir de ângulos diferentes.

A terceira inovação envolve a leitura das cartas em combinações. Em muitas leituras (embora não em todas; veja o método da Árvore da Vida, abaixo) as cartas são lidas

individualmente, embora tentemos combinar os significados, como na Cruz. No Ciclo de Trabalho, no entanto, as posições incluem a idéia de combinações. Os leitores que conhecem o primeiro volume deste livro se lembrarão de que minha interpretação dos Arcanos Maiores divide os trunfos em o Louco e mais três linhas de sete cartas, com cada linha mostrando um estágio diferente do desenvolvimento. Podem também lembrar-se de que cada linha se divide depois em três partes. As primeiras duas cartas significam o ponto de partida para a linha - os arquétipos ou qualidades básicas que a pessoa precisa usar ao passar pelas experiências mostradas naquela linha. As três do meio representam o trabalho básico da linha - o que a pessoa precisa assimilar ou superar. As duas cartas finais mostram o resultado. Assim, na primeira linha o Mago e a Grande Sacerdotisa indicam os arquétipos básicos da vida. A Imperatriz, o Imperador, e o Hierofante mostram os diferentes aspectos do mundo exterior que surgem diante de nós enquanto crescemos. Os Namorados e o Carro simbolizam o desenvolvimento do indivíduo bem-sucedido. O Ciclo de Trabalho toma emprestada essa estrutura tripartite e adapta-a.

A DISPOSIÇÃO - POSIÇÕES E SIGNIFICADOS

A leitura começa com a escolha do Indicador e com a mistura das cartas da mesma maneira que na Cruz Celta. De maneira semelhante, as primeiras duas cartas formam uma pequena cruz, interpretada de modo muito parecido com o do antigo método de leitura, talvez com mais ênfase no fato de a carta cruzada ser uma conseqüência ou um desenvolvimento da carta do Centro.

Depois da pequena cruz, o leitor vira sete cartas em fila abaixo do Indicador, não ao redor dele, com o Indicador e a Cruz ficando acima da carta do meio (ver Fig. 61).

Esta linha forma o ciclo básico, e a leitura pode parar com estas cartas. No entanto se, após interpretar esta linha, o leitor e o sujeito desejam mais informação ou simplesmente outro enfoque, o leitor deita uma segunda linha de sete cartas imediatamente abaixo da primeira, e assim por diante, até que o significado se torne claro.

Em cada linha as primeiras duas cartas formam o ponto de partida. Seus significados específicos derivam da Cruz Celta, sendo a primeira a Experiência Passada, interpretada de forma semelhante à carta da Base na forma antiga. A segunda é Expectativas, a atitude da pessoa com relação ao futuro. Na prática, interpretamos esta carta de forma bem parecida com a interpretação de Esperanças e Receios na Cruz Celta. Juntas, as duas cartas mostram o que aconteceu e o que a pessoa espera, teme, ou simplesmente acredita que irá acontecer.

A Íntimo (ser)
B Exterior (fazer)

1 Esperiência passada
2 Expectativas
3 4, 5 Trabalho
6 Conseqüência
7 Resultado

Figura 61
Um exemplo de padrão do ciclo de trabalho

As três cartas seguintes se afastam mais decididamente do sistema antigo. Elas mostram o que eu chamo de Trabalho - situações, influências, ou atitudes que a pessoa pode usar ou deve superar. Na Cruz, as posições representam padrões bastante fixos. Ela é assim. As cartas do Trabalho indicam possibilidades, oportunidades até. Enfatizam como uma pessoa cria a situação - e pode mudá-la.

Quando comecei esta forma de leitura, atribuí um significado a cada posição. A carta do centro indicava a Pessoa, a carta à esquerda, Outros, e a da direita, Eventos. Logo achei melhor não atribuir nenhuma qualidade específica a qualquer delas, e sim interpretá-las em conjunto, simplesmente como o que a pessoa dispõe para trabalhar na situação, uma combinação de possibilidades. Ao mesmo tempo, vale a pena lembrar as três designações, porque uma ou mais de uma podem ajudar a localizar o significado em leituras específicas.

Permita-me dar um exemplo das três como uma combinação. Suponha uma leitura que trate do velho tema favorito, um novo romance. Uma mulher encontrou alguém de quem gosta, mas não sabe o que ele sente a seu respeito, ou se ela deveria fazer alguma coisa com relação a seus sentimentos. Na leitura, a parte do Trabalho mostra o Cinco de Paus, o Eremita invertido, e o Dois de Copas (ver Fig. 62).

O Dois de Copas obviamente indica que o homem sente o mesmo por ela, tal como a Cruz Celta indicaria. Mas aqui a carta vai além e aconselha a mulher a falar com o homem a respeito de seus sentimentos. Também sugere que a mulher tem muito a ganhar por ficar com essa pessoa, e que o caso de amor, seja ele longo ou breve, terá grande influência em sua vida.

O Eremita reforça essas idéias. Aqui, sua posição invertida não significa imaturidade, mas a idéia de que agora não é hora de solidão. Ao contrário, a mulher será beneficiada por envolver-se no relacionamento. O Cinco de Paus, no entanto, sugere que a situação subentende conflito. Como aparece com o lado certo para cima, ele não indica amargura nem mesmo uma perturbação séria que a mulher deva tentar evitar. Mostra, em vez disso, uma característica estimulante em sua luta, luta que estimula em vez de esgotá-los. E porque isto acontece na seção do Trabalho, significa que ela deveria usar a energia liberada através do conflito em vez de tentar evitá-lo.

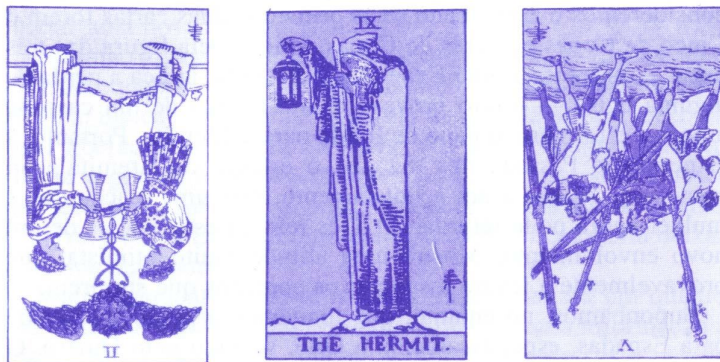



Figura 62

O Eremita, vindo entre as duas cartas, talvez indique que a mulher passou algum tempo separada das outras pessoas e agora deseja (ou necessita) voltar ao mundo. De um lado, ela pode usar seu novo relacionamento para tirá-la de dentro de si mesma. De outro, ela descobrirá que envolvimento com outras pessoas acarreta disputas e competição, e ela precisa aprender a aceitar e a manejar estas coisas.

Note que as três cartas não mostram simplesmente o que existe, mas mostram direções e potenciais - coisas com as quais trabalhar. Agora consideremos dois possíveis pontos de partida para esta leitura imaginária, e os diferentes modos pelos quais modificam as cartas do Trabalho. Antes de mais nada, consideremos o significado se as primeiras duas cartas forem o Cinco de Copas e o Três de Copas, unidos pela figura das três taças. A primeira, como Experiência Passada, indica a perda de alguma coisa - muito provavelmente o final de um caso de amor - e formaria o pano de fundo para o Eremita. Portanto, a Experiência Passada nos diz que o estágio do Eremita veio como uma reação a um acontecimento, mas uma reação que a mulher agora pode retardar. O Três reforça estas idéias de um novo envolvimento. Mostra uma atitude muito otimista, que provavelmente a levará a superar os conflitos que surgirem.

Suponhamos, no entanto, que mudamos o ponto de partida para Espadas, especificamente o Oito, seguido pelo Quatro. O Oito indicaria uma história de repressão, isolamento, confusão, ao

passo que o Quatro sugeriria que essa situação do passado deixou a mulher marcada por cicatrizes, porque como Expectativas a carta mostra um desejo de se esconder do mundo, de evitar envolvimento com outras pessoas. Ao mesmo tempo o Quatro representaria um medo - ou uma convicção - de que ela passará sua vida sozinha, sem alguém que arrombe a igreja fechada para acordá-la e trazê-la de volta ao mundo.

Com tal ponto de partida, as cartas do Trabalho indicariam uma importante oportunidade para a pessoa. Elas poderiam dizer-lhe que esse relacionamento pode tirá-la do estado solitário do Eremita. Chegou a hora de emergir, e se esta emergência causar conflitos e discussões ela precisa aceitá-los também, até usá-los para se envolver mais sadiamente com a vida.

As duas últimas posições na linha novamente destacam a idéia de combinação. Como a Conseqüência e o Resultado, elas vão além do uso único do Resultado feito na Cruz Celta para resumir a leitura. A Conseqüência indica a maneira provável como as coisas acontecerão. O Resultado, por outro lado, indica a reação da pessoa ao desenvolvimento, ou o efeito que ele produzirá na vida da pessoa. Efeito este que pode ser ou experiência ou atitude. Por exemplo, pode indicar um evento ou maior evolução resultante da Conseqüência. O Cinco de Copas seguido pelo Oito de Copas poderia significar que a pessoa perde alguma coisa, ou que alguma coisa acaba mal, e como resultado a pessoa decide partir, ir para um lugar diferente, ou iniciar uma nova fase na vida.

Ou então a carta do Resultado pode mostrar o efeito psicológico da Conseqüência. Um exemplo clássico é a Torre seguida pela Estrela, indicando que uma explosão na vida da pessoa levaria a uma liberação de esperança e energia. Este exemplo também ilustra a grande importância potencial de ver não só a Conseqüência, mas o que vem depois. Se uma leitura mostrasse apenas a Torre, e não a Estrela como um resultado dela, poderia deixar a pessoa desolada.

Muito freqüentemente a primeira linha mostrará um quadro tão forte que a pessoa não necessitará de nenhuma informação a mais. Outras vezes, no entanto, a linha pode deixar a pessoa ligeiramente confusa, ou simplesmente desejosa de ver a situação a partir de um ponto de vista diferente. Neste caso, o leitor pode simplesmente deitar outra linha imediatamente abaixo da primeira. As posições permanecem as mesmas, e as sete cartas ainda se relacionam com a pequena cruz inicial que deu origem à situação básica. E no entanto, porque saímos de um ponto de partida diferente, a linha nos permite ver a situação de maneira diferente.

Além da nova informação obtida, este método ajuda a responder uma pergunta que muitas pessoas fazem a respeito das leituras do Tarô: "Se eu fizesse outra leitura, apareceriam

cartas diferentes, então como podem cartas realmente significar alguma coisa?" A resposta é que as novas cartas irão mostrar a situação a partir de um novo ponto de vista.

Muitas vezes, se um leitor formar uma Cruz Celta, e então misturar as cartas e formá-la de novo, muitas das mesmas cartas, ou cartas semelhantes, aparecerão na segunda leitura. Em duas leituras que fiz para um casal (com a leitura para uma outra pessoa entre as duas), das dez cartas seis eram as mesmas, e a carta do Ambiente na leitura para a mulher era a que tinha servido de Indicador para o homem. O Ciclo de Trabalho, como realmente impede que as mesmas caras apareçam, tende mais a mostrar lados diferentes da questão.

Às vezes a segunda linha será quase um espelho da primeira, indicando que a situação está se encaminhando tão decididamente para uma direção que a pessoa não poderá mudá-la facilmente. Outras vezes, no entanto, a Conseqüência-Resultado mostrará uma alternativa definida para a primeira linha, e então o leitor precisa examinar o ponto de partida e as cartas do Trabalho.

UMA AMOSTRA DE LEITURA

Uma vez fiz uma leitura para uma mulher com um amante ciumento. Teoricamente os dois não esperavam que nenhum deles praticasse a monogamia, mas a mulher sabia que se ela saísse com outro - e tinha surgido outro - seu amante ficaria aborrecido. Ela queria saber como proceder, e nós fizemos um Ciclo de Trabalho (v. Fig. 63a).

Antes da leitura eu comentei com a mulher que o Três de Copas freqüentemente aparece em tais situações, com o lado certo para cima quando tudo vai bem, e invertido quando não vai. A leitura começou com o Três de Copas invertido cruzado pelo Ás de Copas. A combinação mostrava que apesar dos ciúmes e das discussões a situação lhe proporcionaria muita felicidade, só se conseguisse solucioná-la. A primeira linha então começou muito positivamente com o Ás de Pentáculos como o Passado, e o Sol como uma Expectativa de futuro extraordinariamente otimista. O Ás de Pentáculos, além de mostrar felicidade e prazer, também encerra um sentido de segurança, de situações protegidas e fechadas. Durante algum tempo, a mulher e seu amante não tinham se relacionado muito com outras pessoas, construindo à sua volta um pequeno "jardim" emocional, como mostra o simbolismo do Ás (eles estavam, na verdade, vivendo numa casa afastada, na zona rural de Gales).

Figura 63(a)
Uma amostra de leitura de ciclo de trabalho

O Sol mostra a criança cavalgando para fora de um jardim. A mulher agora esperava ficar livre para experiências bem diferentes. E, já que o Ás de Pentáculos tinha mudado no presente para o Ás de Copas, pelo menos como uma possibilidade, as cartas mostravam que ela tinha começado a soltar-se, a extravasar suas emoções sem preocupar-se com a segurança.

O Trabalho parecia sugerir liberdade maior ainda. A Estrela, a Torre, e o Mundo, todos trunfos da última linha, mostravam antes de mais nada domínio da situação. No centro a Torre simbolizava as batalhas tempestuosas e as emoções irresistíveis envolvidas. Ela também sugeria o perigo de seu relacionamento seguro ser destruído pelos raios do ciúme e do ressentimento. A Estrela aqui não indicava particularmente uma libertação depois da Torre, como indicaria no final da linha. Dizia-lhe, antes, que nessa difícil situação ela precisava de otimismo e extrema franqueza a respeito de seus próprios desejos e emoções. O Mundo também indicava otimismo, sugerindo a possibilidade de combinar objetivos opostos: um relacionamento estável e liberdade.

E no entanto, a despeito de todas essas influências positivas, as cartas finais não pareciam promissoras. O Oito de Espadas seguido pelo Diabo indicava que ela faria uma tentativa para livrar-se do caráter de confinamento de sua situação. O Resultado, no entanto, mostrava que ela provavelmente não conseguiria libertar-se. A estabilidade feliz e confortável do Ás de Pentáculos transformara-se numa repressão diabólica, com ela e seu primeiro amante acorrentados a uma situação que nenhum deles realmente desejava.

Para tentar um outro ponto de vista - e também para compreender o que saiu errado na primeira linha - deitei uma segunda fileira de cartas (v. Fig. 63b).

Esta linha começou mais equilibrada. A Experiência Passada mostrava o Sete de Espadas, indicando tentativas irresolutas de romper com o confinamento de sua vida. Sugeria que antes ela nunca tinha levantado seriamente a questão ou encarado os reais problemas envolvidos. Esta carta sozinha sugeria as razões para o Diabo se afirmar - a mulher nunca tinha tentado descobrir o que devia ser feito, jamais tinha enfrentado seu amante ou os problemas entre eles.

A segunda carta levava a idéia mais longe. A Justiça mostrava não apenas uma esperança de que todos fossem "justos" em vez de repressivos ou egoístas, mas até mais, um desejo de ver tudo claramente e encarar a verdade a respeito de si mesma - o que ela tinha feito com sua vida, como devia lidar com as reações dos outros. Com uma postura muito mais áspera, mais dura do que a do Sol, a Justiça simbolizava um compromisso com a realidade, com a criação de um verdadeiro futuro para si mesma. Observe que o Sol mostra uma criança livre, sem responsabilidades - o oposto da Justiça.

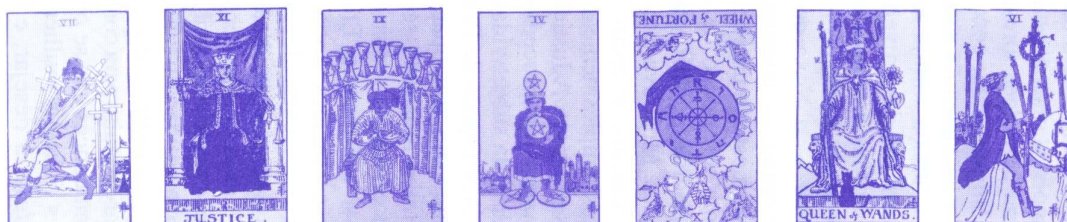



Figura 63(b)
Uma amostra de leitura continuada do ciclo de trabalho

O Trabalho nesta linha - o Nove de Copas, o Quatro de Pentáculos, a Roda invertida - continuava com o tema do realismo. O Nove de Copas mostrava uma necessidade de equilibrar a pressão emocional com um pouco de satisfação. Por outro lado, a Roda invertida indicava capacidade de pôr em ordem todas as ilusões envolvidas. Mostrava também a necessidade de assumir o controle da situação, de recusar-se a permitir que a Roda dos acontecimentos simplesmente a fizesse girar conforme a direção para a qual se voltasse. A Justiça então transformou-se não só numa esperança, mas no procedimento básico para se distanciar da passividade e da subjetividade.

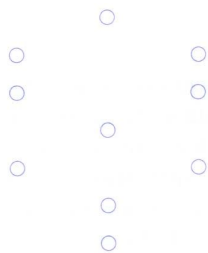
Das três cartas do meio, o Quatro de Pentáculos mostrou-se a mais interessante, especialmente se comparada com a Torre acima dela. Onde o trunfo a tinha mostrado se despedaçando sob o impacto das emoções exacerbadas de todos, o Quatro de Pentáculos

mostrava-a protegendo-se a si mesma. Ele a mostrava agarrando-se às suas próprias necessidades, à sua própria compreensão da situação, apesar da pressão exercida sobre ela por seus dois amantes. As duas cartas à sua volta indicavam como fazer isso: primeiro, divertindo-se e usando o prazer para manter sua integridade; segundo, compreendendo o que tinha acontecido e por que tinha acontecido. A Roda invertida à direita indicava a necessidade - e a oportunidade - de realmente pôr em prática sua esperança de Justiça, ou seja, esforçar-se muito para compreender o verdadeiro significado de todas as mudanças que se operavam em sua vida.

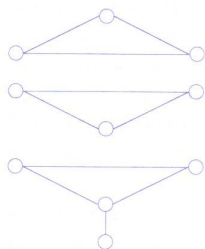
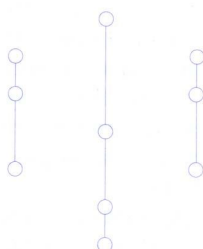
Ao discutir estas duas linhas, a mulher disse que a primeira lhe parecia o que ela *deveria* desejar, e a segunda o que ela realmente desejava. As pessoas à sua volta falavam tanto em "liberdade" e relacionamentos abertos, sem conseqüências penosas, que ela se sentia pressionada a desejar essa espécie de comportamento. Na realidade, ela pendia muito mais para a Justiça, para a verdade. O resultado do ponto de partida mais realista, mais áspero, da segunda linha mostrava o sentido do que ela dizia. A carta da Conseqüência era a Rainha de Paus, com o Seis de Paus como o Resultado. A Rainha indicava que ao olhar primeiro para a Justiça, e não para o Sol exageradamente otimista, a mulher encontraria o sentido de sua própria força e alegria. Ela se tornaria mais dependente de si mesma e não da situação exterior. A partir daí viria a confiança e a convicção do Seis, um otimismo que impeliria as pessoas junto a ela.

A ÁRVORE DA VIDA

Qualquer leitura de Tarô origina-se de um momento específico; ao descrever influências e tendências ela se estende ao passado e ao futuro. As formas mais breves tendem a avançar apenas o suficiente para esclarecer alguma situação específica. Quando começamos a conhecer melhor as cartas, podemos procurar algum método para dar uma visão mais ampla da localização de uma pessoa no mundo. A leitura da Árvore da Vida, que usa todo o baralho e cujo alcance é semelhante ao de um mapa astrológico do nascimento (embora talvez enfoque mais o lado espiritual/psicológico), proporciona essa compreensão mais completa.

O desenho da Árvore vem da Cabala. Podemos vê-la no baralho Rider, no Dez de Pentáculos, desenhada da seguinte maneira:

Em meditação com os Arcanos Maiores, usamos basicamente as vinte e duas posições ou elos entre as diferentes *Sephiroth* (as dez posições). Em adivinhação, usamos as próprias *Sephiroth,* adaptando seus nomes clássicos e conotações para capacitá-las a servirem como posições numa configuração semelhante à Base, à Personalidade etc., de uma Cruz Celta, mas com alcance bem mais amplo. Os títulos e as descrições cabalísticas são necessariamente abstratos; contêm uma descrição mística da criação e da estrutura do universo, bem como um caminho para um maior conhecimento de Deus. Portanto, os leitores de Tarô como eu, que desejavam usar essa imagem forte para adivinhação, escolheram significados mais mundanos para corresponderem às posições.

A ESTRUTURA DA ÁRVORE

Antes de continuar com significados, deveríamos dar uma olhadinha na estrutura da Árvore. Existem dois padrões básicos dentro da Árvore, mostrados a seguir:

O diagrama (a) enfatiza níveis de consciência. O triângulo de cima continua a ser o mais próximo de Deus, de quem emanou o ponto inicial de luz para criar a primeira *Sephirah. À* medida que a luz da criação viajou através dos diferentes triângulos, ficou cada vez mais diluída, ou, segundo certas pessoas, corrompida, até que na última, única *Sephirah* ela ficou encerrada dentro do mundo físico de carne e pedra e água. (Uma descrição tão breve naturalmente distorce muito a

filosofia cabalística. Dou-a aqui apenas para mostrar alguma coisa do cenário para a leitura da Arvore da Vida.)

O conceito de uma degradação da luz é usado em adivinhação da seguinte maneira. Já que desejamos descrever a vida de uma pessoa, olhamos para cada triângulo como um aspecto daquela pessoa, usando um sistema tripartite semelhante às três linhas dos Arcanos Maiores. O triângulo de cima significa a existência espiritual de uma pessoa, apontando para cima, para seu mais alto potencial. O triângulo do meio apontando para baixo, para a manifestação, representa as maneiras como a pessoa lida com o mundo exterior, os assuntos práticos da vida. O triângulo da base também aponta para baixo, mas agora para as áreas escondidas do eu. Ele representa impulsos inconscientes e energia imaginativa. Podemos também referir-nos aos triângulos como superconsciente, consciente e inconsciente.

A posição da base, estando separada, representa não uma qualidade pessoal como as outras, mas o mundo externo no qual a pessoa vive. Podemos pensar nela como semelhante ao Ambiente na Cruz Celta, mas em um nível muito mais amplo.

O diagrama (b) deriva da idéia de polaridade ou forças opostas. Na Cabala os lados direito e esquerdo da Árvore significam a maneira como Deus dirige a existência. O pilar da direita, o da Graça, tende para a expansão. Suas qualidades se expandem e se abrem. O pilar da esquerda, chamado Severidade, se contrai, enfatizando qualidades que limitam. Um dá, o outro retira, mantendo assim a conservação da energia. Mas se apenas essas duas forças existissem, o universo balançaria loucamente para a frente e para trás, expandindo-se e contraindo-se continuamente. Em conseqüência, o pilar do meio representa a Reconciliação, uma mistura e uma harmonização dos dois princípios. Note que a última *Sephirah,* simbolizando a existência física, recai no pilar do centro. No mundo material, os elementos arquetípicos fundem-se numa forma estável.

A imagem das três colunas aparece de forma menos abstrata na versão do baralho Rider (bem como em vários outros) da Grande Sacerdotisa. O pilar escuro representa a Severidade, o pilar claro, a Graça. A própria Grande Sacerdotisa desempenha a função de Reconciliação, equilibrando o *yin* e o *yang* opostos dentro de uma perfeita serenidade.

Da mesma forma que precisamos de uma versão "prática" dos triângulos, também nosso objetivo requer uma interpretação mais direta dos três pilares. Portanto, usamos um padrão repetitivo para cada triângulo. A posição à esquerda tende para os problemas que surgem daquele nível, a da direita ilustra os benefícios ou a direção positiva. A posição do meio descreve a própria qualidade, onde os opostos são harmonizados. Estas distinções se tornarão mais claras quando olharmos para as *Sephiroth* em separado.

Mais uma observação a respeito da estrutura. Os cabalistas descrevem a trilha seguida pela luz da criação como um ziguezague, às vezes referindo-se a ele como o relâmpago de Deus. Começando além da primeira *Sephirah* (porque a verdadeira essência de Deus permanece desconhecida e transcendente), ele corre assim:

Em meditação, usamos esta imagem principalmente para ajudar-nos a progredir através das *Sephiroth* rumo à união com aquele aspecto de Deus que experimentamos no êxtase místico. Em outras palavras, pela disciplina meditativa nós viajamos para trás ao longo do relâmpago, como se estivéssemos desenredando o universo para atingir sua fonte. O raio que atinge a Torre nos Arcanos Maiores simboliza esta luz da revelação.

Uma outra forma de meditação, mesclada com magia cerimonial, tenta seguir a descida do relâmpago, ou melhor, tenta atraí-lo sobre a pessoa. Chamado de "Cabala Prática", esse uso dos princípios cabalísticos para a magia baseia grande parte de seu trabalho na idéia de que o ritual apropriado e a meditação podem provocar um relâmpago, não apenas de compreensão, mas de grande força sobre o mago. A pessoa que segue estas práticas ocultas é aconselhada a não buscar esta força em proveito próprio, mas só para projetos úteis à comunidade. (As advertências contra o mau uso contidas em livros de magia às vezes impressionam como as que aparecem nos livros pornográficos: "Este material é exclusivamente para uso medicinal".)

A DISPOSIÇÃO

Em adivinhação, seguimos o padrão do relâmpago de uma forma bem mais mundana, como método de dispor as cartas. Para fazer uma leitura da Árvore da Vida, o leitor primeiro retira o Indicador como nos outros métodos, e o coloca sobre uma superfície para a leitura (obviamente precisa-se de muito espaço para dispor as setenta e oito cartas). Quando a pessoa tiver baralhado e cortado as cartas, o leitor as toma e começa a dispô-las com a face para baixo de acordo com o seguinte padrão:

1

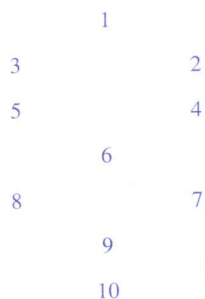
3 2

5 4

6

8 7

9

10

O Indicador fica à mostra acima da leitura. Quando as primeiras dez cartas estiverem colocadas, o leitor deita outras dez em cima delas, e assim por diante, até que cada ponto contenha uma pilha de sete cartas. Agora, retirando o Indicador do baralho, ficam setenta e sete cartas, ou onze vezes sete. Portanto, o leitor acabará com sete cartas a mais. Muitos cabalistas falam de uma décima-primeira *Sephirah* "invisível", conhecida como *Daath,* ou Conhecimento. Geralmente os cabalistas colocarão essa *Sephirah* extra no pilar do meio, entre a primeira e a sexta *Sephirah,* isto é, entre o triângulo de cima e o do meio. Em leituras de Tarô nós a colocamos ao lado ou embaixo, e a lemos após todas as outras. O fato de não o colocarmos em ordem com as outras cartas, mas simplesmente usarmos as sete cartas "que restaram", enfatiza sua singularidade. A pilha de *Daath* não faz parte de nenhuma das áreas gerais de influência. Alguns leitores a vêem como significando o futuro imediato.

Quando comecei a fazer leituras segundo a Árvore da Vida, eu usava a pilha de *Daath* como um comentário geral, uma quantidade extra de informação que se aplicava à leitura como um todo. Mais tarde encontrei um significado mais específico para ela, o da Transformação.

No primeiro volume descrevi a idéia, tirada tanto da Cabala como da moderna mecânica quântica, que qualquer mudança acontece não como uma alteração gradual, mas como um salto de um estado para outro. Podemos gerar mudanças com anos de preparação gradual, mas a mudança real ocorre como um salto através de um abismo. Nós deixamos de ser uma coisa e nos transformamos em outra. Nesses momentos de transformação, às vezes podemos sentir o Nada essencial subjacente em toda a existência estável. Algumas pessoas descrevem *Daath* como o aspecto que capta esta verdade do abismo. Outras observam que *Daath* une Sabedoria *(Sephirah* 2*)* e Compreensão *(Sephirah* 3*)* através de suas características de consciência e reflexão. Na realidade, *Daath* significa "Conhecimento".

Com esses significados em mente, eu achei aconselhável usar a pilha de *Daath* como uma descrição dos meios pelos quais uma pessoa muda. Relacionada com toda a leitura, ela enfatiza as conexões que uma pessoa faz entre os diferentes níveis. As diferentes *Sephiroth*/posições tendem

a mostrar níveis e condições distintas de existir. A pilha de *Daath* ajuda-nos a ver como nós nos movemos entre eles. Por isso dei-lhe o nome Transformação.

AS POSIÇÕES E OS SIGNIFICADOS

Quais são então as posições *Sephiroth* específicas? A lista seguinte é criação minha, baseada em parte em sugestões a partir de comentários variados. Apresento-a como um possível sistema e um guia. Os leitores que pretendem trabalhar extensivamente com a adivinhação segundo a Árvore da Vida quererão formular suas próprias posições.

Usando o padrão de número mostrado acima, as posições são:

1 Kether ou Coroa - Espiritual o Mais Alto Desenvolvimento

Com isto temos em mente as melhores e mais verdadeiras qualidades da pessoa e a maneira pela qual ela atingiu esses níveis. A Coroa nem sempre mostrará características muito positivas ou agradáveis. Algumas pessoas atingem seu máximo desenvolvimento através de luta ou tristeza. Lembro-me de uma leitura em que a Torre ocupava o centro da linha *Kether,* com a Estrela duas cartas depois dela. A pessoa achava muito difícil desenvolver-se de alguma maneira estável. Ela tendia a passar sempre por ciclos de tensão, explosão e alívio, assunto que se repetia o tempo todo na parte inferior da leitura, quando o Diabo apareceu no centro de sua linha *Daath.*

2 Hokmah ou Sabedoria

A segunda *Sephirah, Hokmah* ou Sabedoria, representa a Inteligência Criativa, os caminhos pelos quais a pessoa se move em direção ao objetivo do Mais Alto Desenvolvimento. Geralmente relacionado com a linha da Coroa, ele enfatiza mais o processo de desenvolvimento do que o resultado. Por exemplo, se o Sol aparecesse na linha da Coroa interpretaríamos isso como alegria e liberdade, apreciadas por si mesmas. Se ele aparecesse na Inteligência Criativa, pensaríamos nessas qualidades como meios para caminhar na direção do que quer que tivéssemos visto na Coroa. Como primeira linha, a Inteligência Criativa pode incluir cartas desagradáveis ou difíceis, se estas são as que a pessoa usa para crescer.

Quando tais cartas aparecem é importante considerá-las, não apenas em relação à sua função - para ver como a pessoa pode usá-las de maneira criativa - mas também em relação com as outras cartas da linha. Por exemplo, suponha que o Nove de Paus tenha aparecido em *Hokmah*.

O leitor primeiro enfatizaria a força e determinação e não a rigidez inerente à carta. Mas suponha que o Quatro de Paus também aparecesse na linha. Então o Nove deve ser visto como parte de um ciclo de defesa e abertura, apoiando e alimentando outro ciclo. E como aparecem na segunda linha do triângulo do Espírito, poderíamos pensar neles não simplesmente como um ciclo que repete indefinidamente a mesma experiência, mas como uma espiral levando-nos para todas as imagens que apareceram em *Kether.*

Deveria parecer óbvio que a leitura da Árvore exige uma boa base de experiência com as cartas e adivinhação para funcionar satisfatoriamente. Não só o leitor precisa interpretar sete cartas para cada posição, como cada posição precisa ser relacionada com as outras.

3 Binah ou Compreensão

Completando o triângulo está *Binah,* a Compreensão. Na Cabala a diferença entre Sabedoria e Compreensão refere-se fundamentalmente à maneira pela qual a alma contempla a Deus e a si mesma. Na experiência mais mundana de uma leitura, podemos pensar na Compreensão como em experiências que nos afastam do desenvolvimento, ou em Mágoas e Fardos. Aqui as cartas mostram as limitações da pessoa e agora as imagens mais positivas precisam ser adaptadas aos termos da linha. Ao mesmo tempo, o título original, Compreensão, leva-nos a considerar como essas limitações podem ser superadas.

O triângulo do meio representa os aspectos mais comuns da vida, e aqui nós começamos com os dois lados e acabamos no meio.

4 Gevurah ou Julgamento

Em oposição aos Bens Temporais, vemos *Gevurah*, ou Julgamento, representando as Dificuldades. Estas podem incluir qualquer coisa, de problemas financeiros a solidão. Numa leitura, a Rainha de Espadas nesta linha me indicou que a mulher era viúva.

5 Hesed ou Misericórdia

A quinta *Sephirah* representa Bens Temporais, ou seja, o que a pessoa realizará na vida em termos de trabalho, lar, dinheiro, amigos etc. Geralmente a linha enfatizará mais as áreas de sucesso do que as de fracasso. Ela pode também indicar a maneira como os Bens Temporais

afetam o caráter da pessoa. Os três triângulos formam um padrão, um fato que geralmente se torna cada vez mais aparente à proporção que a leitura se desenvolve e as conexões aparecem mais fortemente. Em conseqüência, os envolvimentos mundanos de Bens Temporais refletirão freqüentemente a conscientização espiritual da Força Criadora acima deles. E a compreensão das posições inferiores na Árvore muitas vezes mostrará a chave para recuar e interpretar as superiores.

6 Tifereth ou Beleza

A ponta do triângulo representa *Tifereth,* a Beleza. Em leituras uso esta posição para indicar Saúde. Usar o Tarô para diagnosticar problemas físicos específicos pode ser uma operação difícil, embora existam sugestões para fazê-lo, geralmente ligando as cartas a aspectos astrológicos ou a outros sistemas. Eu achei melhor obter um quadro mais geral a partir da linha, olhando não apenas para a condição física mas também para a saúde emocional e espiritual.

Uma recomendação - observe quais são os elementos que dominam. O forte Paus sugere boa saúde geral no decorrer da vida da pessoa, embora, naturalmente, Paus como o Dez ou o Nove, como também Paus invertidos, possam indicar o oposto. Copas e Espadas tendem a mostrar a condição emocional e espiritual da pessoa, enquanto Pentáculos muitas vezes mostram uma saúde mais fraca ou a necessidade de tomar cuidado com o corpo. O Cinco, por exemplo, seria uma advertência clara. Uma predominância de cartas dos Arcanos Maiores na linha é mais difícil de interpretar, dependendo o significado das cartas que aparecem. A Força, naturalmente, indicaria boa saúde geral, a Temperança indicaria doença afastada através da prudência, enquanto o Diabo poderia mostrar enfermidade, ou hipocondria. Algumas vezes uma única carta Maior pode simbolizar alguma situação especial que apareceu ou irá aparecer na vida da pessoa. As seqüências de tempo nesta linha, e em toda a Árvore, continuam a ser um problema difícil, especialmente para o leitor iniciante.

O terceiro triângulo trata do Inconsciente, particularmente dos impulsos imaginativos e sexuais. No primeiro volume examinamos a idéia de que a superconsciência, ou energia espiritual e percepção, consiste no inconsciente transformado e tornado consciente. Assim, a Árvore muitas vezes mostrará conexões muito fortes entre o triângulo do topo e o da base, com o nível central - as experiências conscientes da pessoa - formando um elo entre os dois.

Anteriormente descrevi o subconsciente como o lado deprimido do ego, diferente do inconsciente, ou energia vital da pessoa. Nenhum desses triângulos lida especificamente com esse

senso do subconsciente. Antes, esse material oculto pode aparecer através de toda a leitura, mostrando problemas, agressão, ou desejos insatisfeitos. Infelizmente, a extensão deste assunto me impede de dar exemplos detalhados. (Peço desculpas por algo semelhante às insinuações sombrias que muitas vezes encontramos em livros de ocultismo: "Aqui não posso dizer mais nada sobre isto".) Apenas assinalarei que podemos ver o subconsciente trabalhando na aparente contradição de, digamos, o Dois de Espadas aparecer como um bloqueio na linha da Força Criativa.

7 Netzach ou Eternidade

A sétima *Sephirah, Netzach,* significa Eternidade. Usei-a nesse sistema para representar a Disciplina, as maneiras pelas quais a pessoa pode pôr sua imaginação a funcionar. Por "disciplina", não me refiro à estrita espécie de regras que o mundo geralmente cria. Em vez disso, refiro-me ao treinamento e direção deliberados simbolizados pelo falcão encapuzado do Nove de Pentáculos. Sob tal disciplina, o poder criador se torna maior e livre, não enfraquecido ou confinado. Porque uma das características do inconsciente é que seu benefício para nossas vidas aumenta à medida que o dirigimos. Isso é algo que a maioria dos artistas, bem como das pessoas que vêm trabalhando seriamente com o oculto, sabem.

A maior parte das pessoas que não trabalham deliberadamente com a energia inconsciente acham que ela simplesmente permanece adormecida. Suas vidas podem parecer desinteressantes, ou elas podem pensar que lhes falta criatividade. Para alguns, no entanto, o inconsciente é tão forte que pode irromper por si mesmo, provocando confusão e até loucura. Lembra-me de uma leitura (não a Árvore da Vida) feita para um homem que tinha passado por um sério colapso nervoso depois de uma série de fortes experiências psíquicas. Na leitura, o Nove de Pentáculos apareceu, mas também o Eremita, dizendo-lhe que um professor adequado treinaria a energia que tinha irrompido de maneira tão dolorosa em sua vida. Disciplina, em sua plena acepção, representa o processo de elevar o inconsciente e transformá-lo em energia criativa.

Como a maioria das pessoas não se sentem atraídas, ou empurradas, pelo trabalho psíquico ou oculto, geralmente encontramos preocupações mais comuns refletidas na Disciplina. Esta pode referir-se ao trabalho artístico, mas não necessariamente. Para algumas pessoas, o inconsciente se expressa numa carreira ou na criação de um lar adorável para elas ou sua família. O importante a respeito da linha é que ela mostra o treinamento ou o trabalho necessário para a pessoa executar alguma coisa com potencial criativo. Cartas bloqueadas como o Oito de Espadas aparecendo nesta linha podem encerrar um significado importante para a leitura toda, porque muito de nossas vidas depende da liberação da energia inconsciente.

8 Hod ou Reverberação

No outro lado do triângulo encontramos *Hod,* ou Reverberação. O título dado a esta linha na adivinhação - Amor e Sensualidade - geralmente faz o sujeito sentar-se ereto e ouvir atentamente. Esta linha mostra a tendência sexual da pessoa e a maneira como seus impulsos funcionam na prática - em resumo, o que a pessoa deseja e o que ela consegue. Dependendo da pessoa, esta linha também pode fornecer a chave para todas as outras, embora talvez não tão freqüentemente quanto se poderia esperar.

Observe que Amor e Sensualidade aparecem no lado restritivo da Árvore, enquanto a Disciplina aparece no lado da expansão. Esta construção reflete o fato de nossos impulsos sexuais freqüentemente nos dominarem, levando-nos a fazer coisas que de outro modo evitaríamos, ou impedindo-nos de liberar potenciais em outras áreas. A Disciplina, por outro lado, usa energia imaginativa, levando-a rumo à transformação para o espiritual. Cartas de contexto sexual podem aparecer não em Amor e Sensualidade, mas em Disciplina, sugerindo que a pessoa se desenvolve através do amor, na maneira simbolizada pelo anjo ascendendo entre o homem e a mulher nos Namorados. Para tais pessoas, o amor é tanto uma disciplina quanto uma tentação ou uma satisfação.

Deveria acrescentar que Amor e Sensualidade aparecendo no lado da Restrição não exigem que a interpretemos como um problema. Se as cartas mostram satisfação e liberdade, então deveríamos sempre interpretá-las como tal.

9 Yesod ou Alicerce

A nona *Sephirah, Yesod* ou Alicerce, representa a Imaginação, que de muitas maneiras é o verdadeiro alicerce da personalidade. Para a maioria das pessoas que não se empenham em programas de autocriação, o inconsciente nunca se torna consciente. Continua a ser tanto a fonte quanto a força propulsora da personalidade. Nós vislumbramos esta energia em atividades como sonhos, fantasias, desejos - em outras palavras, no que comumente chamamos de imaginação. Ao dar à linha de Alicerce o nome Imaginação, na realidade sugerimos mais do que tais manifestações. O termo aqui representa a própria energia, tumultuada sob a personalidade consciente e emitindo lampejos para o mundo exterior. As cartas nesta linha mostram a forma e a disposição do inconsciente da pessoa. Muitas vezes elas se relacionarão muito diretamente com a linha do Desenvolvimento Superior, bem acima delas.

10 Malkuth ou Reino

Abaixo da Imaginação vem *Malkuth,* ou Reino, significando o Mundo que cerca a pessoa. Aqui vemos as influências externas, outras pessoas, situações tanto pessoais quanto sociais e políticas. Geralmente, é claro, indicações dessas forças externas irão aparecendo no decorrer da leitura. Numa leitura, o Imperador, significando o marido dominador de uma mulher, apareceu no centro de sua linha da Saúde, isto é, no exato centro da Árvore. No entanto, a última linha enfatiza influências externas, mostrando também seu efeito sobre a pessoa. Podemos analisar isso como o Ambiente na Cruz Celta, mas com uma extensão maior.

Daath

Chegamos finalmente ao *Daath.* Embora o coloquemos afastado da Árvore ao deitar as cartas, muitos leitores desejarão deitá-lo abaixo de *Malkuth,* formando assim uma Árvore simétrica que ao mesmo tempo demonstra graficamente como as conexões reforçam todas as posições.

Algumas vezes essas cartas se referirão claramente a uma situação específica mostrada acima em um dos três triângulos. Em geral não atribuímos às cartas de Daath uma função específica, como fazemos com as outras linhas. Como o Louco nos Arcanos Maiores, ele passa entre todas, unindo as coisas, ajudando o padrão geral a tornar-se mais claro na mente do leitor e do consulente.

A figura completa da Árvore, setenta e oito cartas de cores brilhantes, pode ser um quadro de estarrecer. Algumas vezes tirei fotografias dela para mim e para o consulente. Eu recomendaria aos leitores que fizessem um mapa da Árvore, marcando as posições e as cartas individuais. A maioria das pessoas também acha proveitoso gravar uma fita que poderão tocar mais tarde para ajudá-las a assimilar a enorme quantidade de informação.

Se o leitor e o consulente iniciaram um programa regular de leituras, então uma Árvore da Vida, escrita e gravada, pode ajudar a tornar as leituras mais eficientes. Freqüentemente funciona melhor não fazer a Árvore imediatamente, mas de preferência fazer primeiro uma ou duas pequenas leituras para ter uma idéia de quais são as questões predominantes na vida da pessoa. Uma Árvore da Vida proporcionará então uma visão mais abrangente do consulente, que ambas as pessoas podem usar como uma referência para futuras leituras.

Fazer tal leitura exige um grande conhecimento das cartas e das maneiras como se entrelaçam. Lembre-se de que o astrólogo ao fazer um mapa do nascimento geralmente consegue elaborar o mapa e observar suas várias características previamente, antes de ter que explicá-lo para o consulente. Mas uma leitura da Árvore da Vida, como qualquer leitura de Tarô, funciona melhor quando interpretamos as cartas à medida que as deitamos.

Lembre-se também de que cada linha contém sete cartas. Cada linha é por si só uma leitura. Algumas vezes as sete cartas aparecem como um grupo de experiências individuais. Com mais freqüência, um padrão se formará dentro da linha. Nossa compreensão dele pode passar, digamos, da esquerda para a direita, quase como uma história; ou poderíamos concentrar-nos na carta do centro como um tema dominante, com as cartas à sua volta interpretadas em parte de acordo com suas posições. Muitas vezes encontrei na simetria um importante indício - as cartas um e sete relacionando-se uma com a outra, dois e seis etc. Ou, as três cartas à direita podem mostrar uma característica, enquanto as da esquerda alguma outra, possivelmente contraditória. Cada linha contém seu próprio movimento, sua própria perfeição.

CAPÍTULO 7

Como usar as leituras de Tarô

O valor de uma leitura de Tarô, pelo menos para o consulente, depende do que ele faz com ela posteriormente. Para as pessoas que procuram um leitor por curiosidade ou brincadeira, a leitura provavelmente passará por suas vidas como um espetáculo a que assistiram da platéia. Mas este espetáculo diz respeito a elas, e se a leitura indica algo real, desejarão fazer dela um uso prático.

Em primeiro lugar, o leitor e o consulente não podem de forma alguma fazer uso da leitura enquanto não a compreendem. Portanto, o leitor precisa desenvolver sua habilidade de interpretação, e a melhor maneira de fazer isso é praticando. Quando você começar, não pretenda ter um conhecimento muito profundo; continue praticando. Não se preocupe se você não consegue ver como as coisas se encaixam, nem fique confuso com todas as possíveis interpretações de uma única carta. Depois de algum tempo você descobrirá que está percebendo coisas que podem ter-lhe escapado quando você começou.

Estude. Aprenda os significados descritos em quaisquer livros que lhe pareçam proveitosos. Então inicie o processo de elaboração de seu próprio livro. Arranje um bom caderno de notas e registre suas descrições, sentimentos, e experiências com cada carta. Você pode fazer isso através de palavras, desenhos, diagramas, ou de qualquer método que signifique alguma coisa para você. No mesmo, ou em outro caderno, anote as leituras que você faz e o que você aprendeu com elas. Se alguma leitura lhe ensinou um novo ponto a respeito de alguma única carta ou combinação, ou do baralho inteiro, anote isso também.

Não esteja certo de que domina o que já aprendeu. Nós todos temos algumas predisposições e, à medida que o tempo passa, tendemos a nos lembrar de alguns

significados e esquecer outros. Muitas vezes uma carta não fará sentido algum porque insistimos em interpretá-la de uma certa maneira exclusivamente por hábito, quando um outro significado esquecido esclareceria tudo imediatamente. Por isso, de tempos a tempos, mesmo depois que você acha que conhece todas as cartas de cor, releia suas notas e seus livros. Você ficará surpreso ao ver o quanto reaprenderá.

Manter um caderno de notas serve para outro propósito. Como foi descrito acima, as leituras de Tarô ajudam a ensinar-nos um equilíbrio entre intuição e ação, a Grande Sacerdotisa e o Mago. Um caderno de notas é uma maneira prática de desenvolver esse equilíbrio, porque combina suas próprias impressões com as idéias que você aprendeu nos textos publicados. Elaborar seu próprio livro é especialmente importante se você é o tipo de pessoa que acredita no que aprende com um livro ou um professor. Você é o leitor, e em qualquer situação as cartas se estendem à sua frente e não diante de outra pessoa. Sem habilidade para reagir instintivamente às ilustrações você jamais será capaz de escolher entre as interpretações possíveis, sem falar em encontrar um novo significado adequado a determinada leitura.

Todos nós possuímos a habilidade de reagir intuitivamente, mas como qualquer outra faculdade, este tipo de percepção exige treinamento e desenvolvimento. Um caderno de notas ajudará aqui também. Além de proporcionar-lhe algo permanente para consultar mais tarde, o próprio ato de registrá-las por escrito dará às suas idéias mais substância. Você descobrirá também que as idéias originais serão grandemente ampliadas à medida que novos pontos lhe ocorrem enquanto você as anota.

Você pode também treinar a intuição dedicando tempo às ilustrações, examinando-as, misturando-as, formando histórias com elas, e, acima de tudo, esquecendo o que se supõe que elas significam. Esqueça o simbolismo enquanto presta atenção às cores, às formas, ao próprio contato e peso das cartas.

À medida que o leitor se torna mais competente, as leituras se tornarão mais proveitosas. A coisa básica que obtemos de qualquer leitura é informação, mas a informação pode ser de vários tipos. Para as pessoas que têm consciência das correntes espirituais ocultas que modelam todas as nossas vidas, o Tarô pode mostrar que formas

particulares estas correntes estão tomando em dado momento. Para outras, as leituras podem mostrar os desenvolvimentos prováveis a partir de alguma decisão ou situação em particular. Procurar um novo emprego, iniciar um caso de amor, continuar a escrever um romance - são temas mundanos, aparentemente distantes das preocupações místicas dos Arcanos Maiores. No entanto, essas são coisas que a maioria das pessoas procura nas leituras de Tarô; e de fato elas são também as formas pelas quais verdadeiramente nos desenvolvemos, porque implicam em como nos envolvemos com a vida. Elas formam a realidade que surge das correntes espirituais ocultas. Uma leitura de Tarô pode nos ajudar a examinar as conseqüências de tais ações e decisões.

As leituras de Tarô, portanto, podem nos fornecer informações. Mas agir segundo essas informações, especialmente se contrariam nossos desejos, continua a ser difícil.

Somos capazes de imaginar evasivas contínuas para negar a validade das leituras de Tarô. Em um nível dizemos a nós mesmos: "É apenas um baralho". Mas mesmo as que não rejeitam as predições do Tarô com a mesma facilidade podem pensar: "Agora que eu sei o que ele diz, posso garantir que não funcionará assim." Na época em que comecei a usar as cartas de Tarô, consultei-as sobre uma coisa que eu desejava fazer mas reconhecia ser perigosa. As cartas indicavam desastre e explicavam de maneira muito clara a forma que o desastre iria tomar. Eu então disse a mim mesma: "Bem, agora que vi os perigos, posso garantir que vou evitá-los." Eu segui adiante com o que eu desejava fazer, e a situação se desenvolveu, em detalhes, como as cartas tinham predito. Não tendo aprendido minha lição, li as cartas novamente, esperando não pela verdade, mas por alguma mensagem tranqüilizadora. Naquela época eu usava um livro de significados, e quando procurei a carta Base, o livro deu como interpretação: "Não seguimento de bom conselho."

O problema em tomar uma decisão baseada numa leitura de Tarô é que nós nunca sabemos como as coisas se resolveriam de outra maneira. Suponha que um estudante está pensando em deixar a faculdade e as cartas aconselham claramente contra isso. Se ele seguir a leitura, jamais ficará sabendo o que poderia ter acontecido se em vez disso tivesse seguido seus desejos. Naturalmente o ponto importante da leitura é que ela na

verdade diz o que poderia ter acontecido. Mas a pessoa sempre imaginará: suponha que isso não fosse verdade? Uma predição, especialmente vinda de um baralho de cartas, nunca pode produzir o mesmo impacto que a experiência real. A curiosidade sozinha pode levar-nos a fazer coisas desastrosas.

É necessário coragem para superar curiosidade e desejo. Alguns anos atrás, li que o poeta Allen Ginsberg e uma amante sua estavam pensando em ter um bebê. Fizeram uma leitura, com o Tarô ou o *I Ching,* não me lembro qual, e tiveram uma predição negativa. Desistiram da idéia. Não sei o quanto eles realmente desejavam uma criança, mas lembro-me de admirar sua coragem em resistir ao desejo. Uma vez eu não fui a uma conferência potencialmente proveitosa porque as cartas me mostraram conseqüências desagradáveis. Eu tinha condições de reconhecer a verdade do que as cartas indicavam, pelo menos no que dizia respeito ao que eu contribuiria para a situação. Mas mesmo assim, achei difícil não ignorar a informação e ir em frente.

Podemos imaginar desculpas realmente maravilhosas para evitar a verdade óbvia de uma leitura. Se respeitamos demais as cartas para simplesmente declarar que são uma bobagem, muitas vezes procuraremos certas imagens "falsas" para desacreditar toda a leitura. A carta do Resultado parece não combinar com a situação? Em vez de interpretá-la à luz das outras, anulamos toda a leitura.

Alguns livros aconselham os leitores a nunca lerem as cartas para si mesmos devido à falta de objetividade. Durante muito tempo procurei uma amiga para as leituras, e ela me procurava, porque nenhuma de nós confiava em si mesma quanto a interpretar suas próprias cartas honestamente. Quando comecei a fazer minhas próprias leituras, ainda achava difícil superar vários artifícios mentais para evitar imagens desagradáveis. Meu ardil favorito funcionava da seguinte maneira: eu não poderia ignorar as cartas de que não gostava ou simplesmente declará-las inverídicas ou exageradas. Pareceria óbvio demais. Por isso eu procurava na leitura alguma imagem muito positiva, como o Ás de Copas, e dizia a mim mesma: "Bem, isso não pode ser verdade; nada de tão bom poderia surgir dessa confusão." E então eu rejeitava toda a leitura com base no fato de que se aquela carta em particular não fazia sentido, nenhuma das outras faria. Um outro artifício

que percebi que estava usando era deitar as cartas muito despreocupadamente, de modo que se alguma coisa de ruim aparecia eu pudesse pensar: "Bem, eu realmente não quis dizer isso, eu não o fiz seriamente." Só pude fazer leituras para mim mesma quando comecei a tratá-las da mesma forma como o faria para qualquer outra pessoa, baralhando as cartas cuidadosamente, observando as ilustrações, tentando encontrar alguma orientação para a ação (ou para a inação).

Uma leitura nem sempre dará uma clara resposta positiva ou negativa a uma pergunta. Ela pode mostrar simplesmente um complexo de tendências e influências. Às vezes a leitura não envolve uma opção, devido a uma situação em curso que não pode ser facilmente evitada. Então figuras e significados específicos tornam-se muito importantes. O Tarô pode nos ajudar a localizar com precisão os elementos importantes na situação, aqueles que mais precisam funcionar para mudar, ou para que se realize, o resultado predito.

As pessoas podem usar a idéia: "Agora que eu sei o que significa, posso fazer alguma coisa a respeito disso", como uma desculpa para seguir seus desejos. No entanto, a declaração permanece verdadeira. Talvez tenhamos uma atitude muito pessimista ou um medo exagerado, ou uma esperança infundada. Reconhecer tais coisas nos ajuda a alcançar uma perspectiva mais clara. Talvez nossa experiência passada governe nosso comportamento ou torne confuso o que esperamos do futuro. Saber disso conscientemente pode nos colocar no caminho para superá-lo. Ou talvez as cartas nos mostrem a inveja ou o espírito vingativo de uma outra pessoa; podemos então tomar medidas para nos libertarmos da influência daquela pessoa. Ou, se as cartas mostram amor e apoio de alguém, sabemos que podemos confiar naquela pessoa.

Todas essas coisas exigem algum tipo de reação para tornar-se reais. Não podemos esperar beneficiar-nos da amizade de uma pessoa se não tomarmos uma atitude aberta para com ela. Sempre que possível, o leitor deve tentar mostrar ao consulente medidas definidas que podem ser tomadas para fazer o melhor uso da informação. Se o leitor não puder recomendar uma forma concreta de ação, então ele deveria apontar que área o consulente precisa trabalhar.

Acima de tudo, o leitor precisa aprender a formar um padrão coerente da leitura. Muitas vezes, leitores iniciantes aprenderão as cartas e se adiantarão a ponto de poderem interpretar com habilidade cada imagem em sua posição específica. No final, o consulente se encontra com uma mistura de pontos diferentes e nenhuma idéia clara de como eles se encaixam. Um bom leitor pode resumir o que a leitura diz em algumas frases. Geralmente eu procuro fazer isso tanto no começo quanto no fim da leitura, fixando na mente do consulente os pontos mais importantes. O Ambiente dá apoio, ou atrapalha? As Expectativas da pessoa ajudam ou prejudicam? A Conclusão trará um Resultado de valor? O consulente precisa que essas perguntas sejam respondidas, não apenas em toda a sua complexidade, mas também da maneira mais simples possível. E como uma coisa pode originar-se de outra? Como pode o passado ajudar a formar o futuro? Como a pessoa contribui para a situação em geral?

Ao lado da coerência vem a necessidade de um enfoque positivo. Não basta descrever as coisas como elas são. A pessoa quer saber o que fazer, e o que não fazer. Se as cartas mostram alguma coisa boa, o consulente ainda precisa saber como ajudar a situação a progredir. E se elas mostram desastre, o leitor deve dizer isso, mas também pode dizer o que, se é que algo existe, a pessoa pode fazer. O que nos leva a esta Conclusão desagradável? Essas influências podem ser alteradas ou evitadas? Que elementos mostram outras possibilidades? Podemos esperar que algo de bom aconteça? Se a Conclusão se origina de um curso de ação específico, a pessoa deveria abandoná-lo? Quando fazemos uma leitura de Tarô para alguém, assumimos a responsabilidade de tentar pôr aquela pessoa numa direção positiva.

Além de sugestões específicas, como "faça isto e não aquilo", há uma área mais ampla de ação possível, derivada das maneiras como as seqüências equilibram umas às outras. Na introdução de cada seqüência nós consideramos seus problemas e a maneira como poderíamos "acrescentar" outras seqüências/elementos. Na prática, este acréscimo é freqüentemente difícil de realizar, porque significa romper o padrão mostrado na leitura. Por essa mesma razão, no entanto, vale a pena tentar em situações em que a leitura mostra um impasse se a pessoa fica com os elementos dados.

A maneira mais direta de introduzir influências externas envolve simples sugestões. Se a leitura indica uma necessidade da influência mais terrena de Pentáculos, o sujeito pode tentar executar coisas mais físicas, como esportes ou jardinagem, ou dar mais atenção a atividades mais mundanas, como trabalho ou estudo, ou manter-se ocupado com coisas da casa. Se a leitura mostra uma necessidade das qualidades diluídas de Copas, então o leitor pode dar ênfase aos sonhos e fantasias da pessoa e pode sugerir atividades como meditação, ou desenho. Uma pessoa pode preencher uma exigência de Paus tornando-se mais ativa fisicamente, competindo com outras pessoas, ou iniciando novos projetos. E uma exigência de Espadas pediria um enfoque mais sóbrio, cuidadosamente planejado, da situação da pessoa. O mais importante a respeito dessas recomendações é que elas vão além da leitura. Elas tratam tanto das cartas que não aparecem como das que aparecem. Por isso, leitores principiantes deveriam usar este método com cuidado, para não simularem demasiado conhecimento e controle.

MEDITAÇÃO

Até agora, consideramos reações práticas às informações obtidas de uma leitura. Mas uma leitura de Tarô não é constituída pelas palavras que a descrevem; é, antes, uma série de quadros. E a reação mais direta a uma leitura depende do trabalho com as ilustrações em si. Para pessoas que conhecem bem as cartas, ou pessoas com alguma experiência em meditação, torna-se possível trabalhar diretamente com as figuras para ajudar a pôr em execução os efeitos associados a determinada carta. Não há nada de vago ou misterioso a respeito deste processo. Ele exige concentração, bem como sensação instintiva, e não substitui as medidas práticas. Pelo contrário, ajuda-as a tornarem-se mais acessíveis. Porque se a carta da Força aparece numa leitura como alguma coisa de que precisamos em nossa vida, por que não deixar a própria carta ajudar-nos a obtê-la?

Além da verdadeira meditação, freqüentemente recomendo às pessoas que levem uma certa carta consigo, e procurem ficar conscientes da sua presença, pegando-a de

quando em quando, olhando-a e pensando no seu significado. A conscientização constante também ajuda a manter a totalidade da leitura em foco.

A meditação também pode ajudar a introduzir novas influências externas à leitura. Suponha que a Estrela não aparece na leitura, mas, como leitor, achamos que *devia* aparecer. Em outras palavras, o arquétipo da Estrela nos parece simbolizar exatamente as qualidades de que a pessoa necessita. Agora podemos mostrar e discutir as idéias a ela associadas com o consulente. É mais proveitoso, no entanto, dar à pessoa uma experiência real da carta.

Em resumo, o método funciona da seguinte maneira: começamos por levar a pessoa a um estado meditativo; ajudá-la a relaxar, a respirar profundamente, a liberar todos os pensamentos e tensões acumuladas no consciente. Quando o sujeito atingiu este nível (e com um pouco de experiência podemos sentir isso), começamos então a dar sugestões que levem à carta. As sugestões podem ser uma descrição da carta para estabelecer o cenário (com a Imperatriz, por exemplo: "Você está num jardim cheio de flores com um regato correndo ao longo dele. Há uma mulher reclinada num divã...") ou, mais simplesmente, imagens básicas como o sol, a água, o vento, que fazem parte das características arquetípicas da carta.

Geralmente é preferível dar essas sugestões iniciais da maneira mais simples possível. Quando descrevemos a carta, não deveríamos tentar incluir todos os detalhes. Deveríamos deixar o consulente criar a verdadeira ilustração. Nós funcionamos apenas como um guia para incentivar a pessoa.

Podemos manter a experiência nesse nível básico ou desenvolvê-la. Podemos dar sugestões mais complexas, e começar a fazer perguntas - "O que você vê?" "O que a pessoa está fazendo?" "Você pode ouvir alguma coisa?" - de modo que o sujeito começa a expandir a fantasia além de nossas diretrizes. Às vezes a meditação permitirá que a pessoa sinta os elementos arquetípicos de uma nova maneira. Outras vezes ela pode ir até mais longe; as imagens se transformarão por si sós, liberando alguma conscientização intensa de dentro da pessoa. Diversas vezes conduzi um grupo de meditação com uma classe, e logo após alguém vinha me dizer que a meditação lhe tinha permitido resolver um

problema antigo ou um bloqueio emocional. A abertura, naturalmente, vinha das próprias pessoas. Estavam prontas para passar do estado atual para um novo nível, estavam prontas há algum tempo, mas não conseguiam atravessar a fronteira. A meditação lhes possibilitou isso, e só o perceberam quando aconteceu.

A meditação pode também ajudar uma pessoa a desenvolver um sentimento mais profundo e mais pessoal de alguma carta específica. Uma vez eu fiz uma meditação com uma mulher que achava o Imperador uma imagem dura e remota, quase assustadora, e certamente não atraente. Comecei por descrever-lhe o cenário - um deserto pedregoso ao lado de uma imagem acanhada. Isto abria-se então para uma vasta planície cheia de vassalos do Imperador. Quando eu pressionei a pessoa para que descrevesse as criaturas, ela as viu todas embuçadas - isto é, sem rostos e curvadas, trabalhando como robôs. A expressão feroz do Imperador não permitia que ousassem olhar para ele. O povo simbolizava a mulher, e sua relutância em penetrar mais profundamente na carta.

Então eu lhe disse que fizesse exatamente isso - não apenas olhar para o Imperador, mas enfrentá-lo. Quando seu eu imaginário fez isso, aconteceu uma coisa estranha. De déspota, o Imperador passou a ser uma espécie de boneco inofensivo, enquanto que atrás dele levantou-se o vulto de um enorme fantasma ou espírito, belo e benevolente. O medo da mulher e sua reação contra a estrutura social do Imperador tinham cedido lugar a um senso da estrutura espiritual que fundamenta o universo.

Essa experiência não deu só à *mulher* um senso muito maior do profundo significado do Imperador; teve o mesmo efeito sobre mim. Com ela, passei da imagem do Imperador como sociedade para o significado mais oculto da carta, simbolizando o próprio cosmos. Sempre que ajudamos alguém a meditar, nós participamos da meditação.

Ao mesmo tempo, nós só podemos orientar um exercício desses com outra pessoa depois de nós mesmos termos adquirido certa experiência. Se você é um principiante em meditação, deveria antes de mais nada se dar conta de que a meditação tende a funcionar melhor quanto mais você a pratica. Se você jamais tentou antes, ela pode ter um efeito muito forte na primeira vez que você tentar. Mais provavelmente, no entanto, você achará difícil concentrar-se, ou se sentirá fisicamente desconfortável tentando sentar-se

imóvel. Continue tentando, e se possível dirija-se a um professor para receber lições de fundamentos como respiração e postura.

Eu não vou recomendar-lhe nenhuma técnica específica para induzi-lo a um estado meditativo. Existem inúmeros livros e cursos sobre o assunto, e muitas pessoas descobrirão que precisam tentar alguns antes de encontrar o método que melhor funciona com elas. Embora a maioria das técnicas se adaptem ao trabalho com o Tarô, as que envolvem visualização (comparadas com as que enfatizam o canto ou um vazio total da mente), transportarão com mais facilidade.

Pessoas diferentes usam métodos diferentes para atrair a carta às suas meditações. Algumas começam com os olhos fechados e não olham para a carta enquanto não atingem um certo estado; outras fazem o contrário. Começam olhando para a carta até atingirem certa unidade com ela, então fecham os olhos e deixam as imagens continuar a partir daí. Outras seguram a carta com os braços estendidos, então aproximam-na lentamente do plexo solar, "trazendo-a para dentro da aura".

Seja como for que você comece, recomendo trabalhar com as imagens e os sentimentos despertados pela carta e não com o simbolismo que lhe ensinaram a associar a ela. Deixe a pintura influenciá-lo, permita que suas reações venham à tona e depois se afastem gradualmente de você antes que bloqueiem qualquer experiência posterior. Algumas vezes pareceu-me útil olhar fixamente para a carta sem enfocá-la, de modo que os símbolos e as formas se diluam em cores e formas.

Outras vezes, particularmente quando induzindo alguma outra pessoa à meditação, ignoro o desenho real e sugiro alguma cena associada a ele. Por exemplo, para o Louco, em vez da figura específica com sua roupa multicolorida, uso a imagem mais simples do topo de uma montanha e da clara luz do sol. É mais importante situar a pessoa, ou você mesmo, na cena do que seguir exatamente a carta.

O movimento ou a postura podem também ajudar a lembrar algumas cartas. Para o Mago, você poderia ficar de pé ou sentado com um braço levantado "em direção ao céu" e o outro apontando para a terra.

Algumas vezes a meditação não irá além de uma conscientização da carta, ou de uma descoberta de idéias novas a respeito dela, e a respeito de você mesmo. Outras vezes você se descobrirá "entrando" na carta, isto é, dentro da ilustração, participando de uma situação com os personagens do quadro. Isto pode acontecer de maneira irresistível, de modo que você sente todo o seu ser lá, e não aqui. Muito provavelmente você sentirá isso como uma fantasia que se desenrola na sua frente, ao mesmo tempo com uma conscientização de você mesmo sentado no chão ou deitado na cama. De qualquer forma, é difícil descrever em palavras essas experiências intensas. Elas encerram um significado tanto pessoal quanto arquetípico, porque enquanto as cartas mostram ilustrações do mais profundo significado, o que você faz entre os personagens deriva de suas próprias necessidades e experiências.

Várias pessoas, como P.D. Ouspensky e Joseph D'Agostino, tentaram anotar suas próprias meditações com o Tarô como um exemplo ou um guia. Para mim essas descrições não transmitem realmente a experiência da carta tornando-se viva, tornando-se parte da ilustração. Cada pessoa sentirá coisas diferentes nesses momentos. Por exemplo, com a Força você poderia ver-se correndo com o leão, ou então com a coroa de flores da mulher à sua volta, ou poderia transformar-se na própria mulher ou no leão; ou até, como aconteceu comigo uma vez, a mulher poderia soltar o leão para saltar sobre você e arranhá-lo e mordê-lo.

Aqui estão mais algumas sugestões. Se você não tem uma ilustração específica com a qual queira trabalhar, você pode fazer uma leitura ou simplesmente passar os olhos pelas cartas até que uma carta chame sua atenção e o atraia. Coloque-a então na sua frente e comece com sua meditação normal. Conscientize-se sobre a ilustração, pondo de lado quaisquer idéias que você poderia ter a respeito dela. Mantenha os olhos abertos ou fechados, conforme funcione melhor para você; a maioria das pessoas acha que pelo menos ao iniciar-se a imagem mental prefere ficar de olhos fechados. Tente ver-se e sentir-se naquele lugar, com aquelas pessoas e animais.

Como disse anteriormente, se você está conduzindo uma meditação com alguma outra pessoa você deveria dar-lhe sugestões para envolvê-la com a imagem. Você pode

descobrir, depois de algumas experiências, que você pode desejar usar tais sugestões para si mesmo. Para o Homem Dependurado, freqüentemente uso a idéia de subir numa grande árvore, parando em níveis diferentes para olhar a terra e o mar abaixo de mim, o céu e as estrelas acima. Ou você poderia desejar simplesmente uma descrição da carta, que poderia ouvir com os olhos fechados. Se você quer usar tais orientações, poderia achar conveniente gravar uma fita com antecedência, de modo que sua mente consciente não tenha que se ocupar lembrando o que vem depois. Procure ritmar a gravação de modo a deixar suficientes espaços silenciosos para que você reaja. Você poderia incluir o início da meditação na fita, dando instruções a si mesmo para relaxar, respirar profundamente etc., ou poderia simplesmente deixar um longo silêncio. De qualquer forma, a maioria das pessoas prefere rodar a fita no princípio e deixar que as instruções venham sem que elas tenham que tomar uma decisão consciente. Você pode, naturalmente, usar a mesma fita repetidas vezes, preparando sugestões para diferentes cartas. Ou você pode gravar uma fita usual, com instruções sobre relaxamento, fusão com a carta, e assim por diante.

Acima de tudo, não tente dirigir ou controlar o que irá surgir. Isso é válido tanto para as meditações que você conduz para outras pessoas como para si mesmo. Aqui existe uma linha tênue. Muito pouca direção e a atenção da pessoa se desviará para longe; direção em excesso e você não possibilitará que a imaginação da pessoa crie seu próprio mundo. Como em outras situações, a experiência é o melhor guia. Tanto para você como para outros, procure não antecipar, e não temer, o que você experimenta. A maior parte das pessoas não respeita sua imaginação. Elas pensam que compreendem o que quer que suas imaginações lhes mostrem. Se vêem imagens inesperadas de monstros, ou demônios, ou da morte, pensam que isto significa algo horrível que vem de dentro de si mesmas, algo que não desejam enfrentar. Mas a imaginação é muito mais sutil do que isso. Ela funciona à sua maneira; segundo suas próprias regras. Muitas vezes o que à primeira vista parece perturbador, se transformará em algo inspirador. Jung chamou à imaginação "o órgão do inconsciente". Se você a deixar livre, ela o levará onde sua mente consciente não cogitaria - ou ousaria - ir.

Tudo isto é verdadeiro especialmente para as cartas Portais, como também para as dos Arcanos Maiores. Sua inexprimível característica de estranheza nos leva muito além dos significados literais associados a elas. Ao mesmo tempo, como representam algumas qualidades, elas também podem ajudar-nos a obter essas qualidades. Se é proveitoso levar uma carta consigo, muito mais proveitoso é levar uma carta dos Arcanos Maiores ou uma carta Portal. Elas são imagens fortes, com um efeito todo seu. O ato de olhar para o Nove de Pentáculos, deixando que ele mergulhe em você, ajuda a criar disciplina, da mesma forma que carregar e olhar para o Seis de Pentáculos ou a Grande Sacerdotisa o ajudará a focalizar sua conscientização em uma forma receptiva.

CRIANDO UM "MANDALA"

Até aqui, consideramos meios para atrair a influência de cartas isoladas para nossas vidas. Mas uma leitura contém muitas cartas que atuam juntas. Para fazer uma leitura tornar-se vívida, achei importante criar o que eu chamo de "mandala" - um padrão formado por diversas cartas. Essas cartas podem incluir não apenas as da leitura, mas outras cujas qualidades apoiarão a direção que a leitura aconselha. Este ato de adicionar deliberadamente cartas que não estão na leitura amplia novamente o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente. A leitura atingiu as áreas inconscientes do conhecimento para apresentar um quadro da situação tal como existe agora. Através da mandala, e, através da introdução de cartas novas tiradas deliberadamente do baralho, podemos expandir ou transformar a situação.

Aqui está um exemplo de um mandala no qual não foram necessárias novas cartas. A própria leitura forneceu todas as imagens de que necessitávamos. O seguinte Ciclo de Trabalho (Fig. 64) dizia respeito a uma mulher que se sentia isolada das pessoas à sua volta a despeito de diversas amizades aparentemente boas.

A Cruz ilustrou perfeitamente a situação: Dois de Pentáculos cruzado pelo Seis de Espadas. Ela mostrava sua situação central de fingir desfrutar a vida e os relacionamentos com os outros (Dois de Pentáculos), causando um sentimento de realização ("as espadas

não pesam a ponto de afundar o bote"), embora continuasse incapaz de estabelecer contato com as pessoas que a rodeavam. Permanecia como a mulher dentro do bote, envolta em sua mortalha, silenciosa.

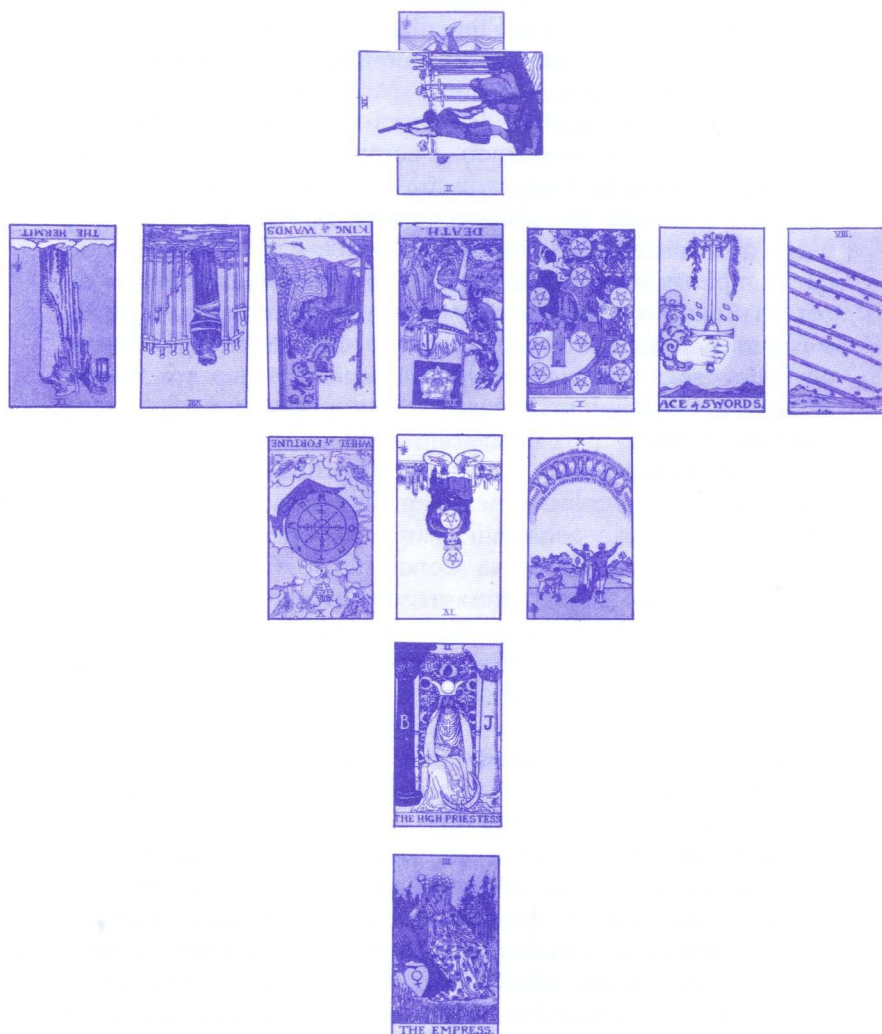



Figura 64
Exemplo de uma leitura de ciclo de trabalho

Resumindo, interpretei as outras cartas como segue: o Eremita invertido na posição de Experiências Passadas mostrava a realidade das amizades. Ao mesmo tempo, comparando-o com a Grande Sacerdotisa no final, ele sugeria que ela não tinha aprendido a usar seu senso de solidão de forma criativa, para desenvolver sua individualidade. O Oito de Espadas invertido como as Expectativas mostrava um desejo de compreender a si

mesma e a situação, com isso livrando-se dela. Também refletia o lado político do problema, porque uma grande parte do isolamento da mulher vinha do fato de ela ser membro de um grupo minoritário, com experiências não partilhadas por nenhum de seus amigos. Num certo nível, ela estava sozinha. Mas em vez de valorizar sua singularidade entre as pessoas à sua volta, procurava esconder suas experiências numa tentativa de se harmonizar com elas.

As três cartas do Trabalho eram o Rei de Paus invertido, a Morte invertida, e o Dez de Pentáculos invertido. O fato de todas as cartas até agora terem aparecido invertidas, e no entanto várias - como o Oito de Espadas invertido - sugerirem uma leitura positiva, mostrava a necessidade de mudança. O Rei descrevia uma atitude a ser tomada com relação a si mesma e aos outros; decidida, no entanto tolerante com a confusão e a fraqueza. A Morte invertida, como inércia, indicava o perigo de não fazer nada. A necessidade de virá-la com o lado certo para cima ficou enfatizada quando a comparamos com o Seis de Espadas acima dela. Essa carta mostra uma jornada segundo o modelo da jornada das almas dos mortos. Para libertar-se do barco do isolamento, da sensação de uma meia-vida, ela teria que completar sua jornada "morrendo", ou seja, livrando-se da personalidade que tinha se acostumado a amizades superficiais e isolamento íntimo. O Dez de Pentáculos invertido indicava que para fazer isso ela teria que arriscar a segurança de sua situação presente e impulsionar suas confortáveis mas limitadas amizades a níveis mais intensos.

O Ás de Espadas, como a carta da Conclusão, mostrava tanto a atitude enérgica como a mente aguda e perceptiva de que ela iria necessitar, iria conseguir, para romper o cerco da atual situação. O Resultado dessa Conclusão, o Oito de Espadas, indicava o sucesso dessa empresa arriscada. A carta inclui sugestões de amor e amizade. Ela simboliza uma jornada - a viagem de bote espiritual - chegando a um fim. Mais diretamente, significa a repressão do Oito de Espadas transformada em energia positiva.

Então viramos cinco cartas a mais num padrão de três abaixo das cartas do Trabalho, depois uma e mais uma abaixo do Centro. (Não havia nenhuma razão especial para fazer isso em vez de deitar outra linha. Foi simplesmente uma opção intuitiva - opção

que se mostrou valiosa.) As três cartas mostraram mais atitudes e enfoques da situação. Primeiro, a Roda da Fortuna invertida indicava as mudanças que ela desejava fazer. A posição invertida sugeria dificuldades e reforçava o elemento de risco do Dez de Pentáculos (lembre-se de que a Roda também é 10). O Quatro de Pentáculos vinha abaixo da Morte invertida. Isto sugeria tanto a idéia de energia liberada quanto de conservação de uma estrutura em sua vida, enquanto ela contestava o padrão de suas amizades. A terceira carta continuava este significado. Vindo abaixo do Dez de Pentáculos invertido, o Dez de Copas insistia que enquanto a mulher assumia esses riscos ela devia manter uma conscientização do amor autêntico que seus amigos sentiam por ela. Também se referia à idéia de que ela não devia duvidar da pessoa com quem vivia, porque ali ela recebia total apoio e deveria retribuir esse presente com confiança.

A Grande Sacerdotisa indicava que em certo sentido ela permaneceria sozinha, porque as pessoas à sua volta continuariam a não partilhar sua formação e suas experiências. O silêncio da Grande Sacerdotisa, no entanto, não é o silêncio do Seis de Espadas. Conquanto silenciosa para os outros, a Grande Sacerdotisa sugere uma forte comunicação íntima, uma aceitação e conhecimento da personalidade que uma pessoa não pode exprimir em termos concretos e racionais para as outras pessoas. A carta falou especialmente à mulher, que era poetisa e recentemente tinha escrito um poema usando uma metáfora de uma linguagem particular para expressar justamente esta idéia de um conhecimento profundo que só estava ao alcance da própria pessoa.

Abaixo da Grande Sacerdotisa vinha a Imperatriz, o outro lado do arquétipo feminino. Como nos Arcanos Maiores, as duas cartas se complementavam, porque a Imperatriz significava um envolvimento apaixonado com a vida e a amizade, não como uma oposição à conscientização íntima da Grande Sacerdotisa, mas como um resultado dela. Partindo de uma posição de auto-aceitação, a mulher pôde se entregar sem reservas às pessoas à sua volta.

Com uma leitura tão forte, a mulher queria explorar mais as imagens. Por isso elaboramos uma mandala para ser usada em meditação e em estudo (v. Fig. 65). Nós começamos com a Morte como o centro, porque a transformação continuava a ser a

chave. Abaixo da Morte vinha a Grande Sacerdotisa à esquerda, significando o fato de que a comunicação íntima precisa acompanhar o processo para que a Morte produza resultados reais. O Ás de Espadas à direita representava a agudeza da mente. A Imperatriz vinha acima, para tornar realidade a desejada maneira nova de se relacionar com o mundo externo.

Em seguida colocamos cartas nos quatro cantos à volta da estrutura, começando com o Seis de Espadas e o Oito de Paus na parte inferior à esquerda e à direita. As cartas mostravam a jornada e seu final desejado. Para os cantos superiores, usamos o Oito de Espadas invertido e o Rei de Paus invertido - a ação desejada e a atitude necessária para produzi-la. Finalmente, como "pernas" para a mandala, colocamos o Dez de Copas abaixo do Oito de Paus, e o Dez de Pentáculos invertido abaixo do Seis de Espadas. As imagens ficaram então como na Fig. 65.

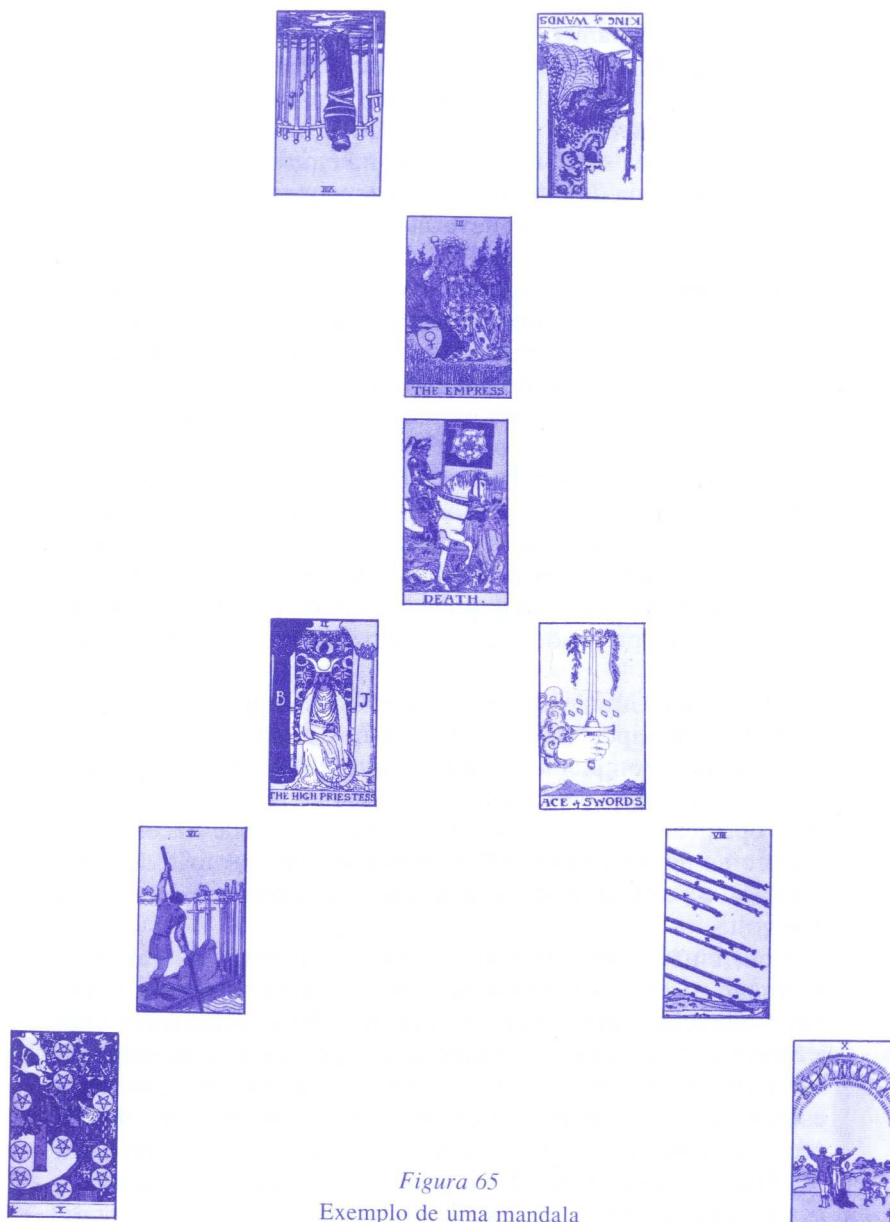



Figura 65
Exemplo de uma mandala

Se você tiver um jogo de cartas de Tarô Rider, arrume-as como no diagrama e olhe para elas por algum tempo. Note que para meditação você pode se concentrar em uma carta, tal como a Morte no centro, ou deixar o padrão inteiro mergulhar dentro da mente, passando por todas as imagens. Como o mandala contém todos os elementos, com os trunfos no meio, a mulher podia manter o equilíbrio ao receber a imagem dentro de si.

Se você estudar uma organização assim, novos relacionamentos surgem entre as cartas. O Oito de Espadas e o Oito de Paus são parceiros óbvios; da mesma forma o são o

Dez de Copas e o Dez de Pentáculos invertido. Mas o Oito de Paus e o Rei de Paus invertido também proporcionarão novos significados se os considerarmos juntos, como acontece com o Oito de Espadas invertido e o Seis de Espadas. Como reformulamos a leitura segundo um padrão geométrico, podemos desenhar linhas, triângulos etc., constantemente descobrindo novas idéias e novos padrões. Em certo sentido, o mandala cria novas leituras a partir das mesmas imagens.

Para formar um padrão assim, escolha as cartas mais importantes da leitura e trabalhe do centro para fora, tentando construir a imagem organicamente. Coloque as cartas necessárias ao apoio na parte inferior e as cartas simbolizando os objetivos em cima. Não hesite em introduzir cartas não encontradas na leitura original se você sentir forte necessidade das qualidades que essas cartas representam. Se você sentir que precisa de Temperança, por exemplo, coloque-a abaixo do centro; ou se a leitura mostrar a necessidade de uma força de vontade mais desenvolvida e disciplina, você pode colocar o Carro e o Nove de Pentáculos lado a lado acima da mandala, representando o objetivo. Desta maneira, você dirige a leitura, abrindo-a para incluir o que sua intuição lhe diz que a pessoa precisa.

CAPÍTULO 8

O que aprendemos com as leituras de Taro

A maioria das pessoas consultam uma leitura de Tarô em busca de uma informação específica. As que compreendem um pouco mais as cartas podem considerar a leitura como um meio de encontrar uma diretriz. E as que seguem uma série de leituras verão nelas um método de manter-se em harmonia com padrões de vida mutáveis. Mas dedicar um longo tempo a ler cartas para si mesmo e para outros é descobrir muitas coisas além da informação pessoal.

Já vimos algumas dessas coisas. Uma é a reação pessimista das pessoas às leituras. Outra, mais importante, é a maneira como as leituras de Tarô exigem - e

conseqüentemente criam - um equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, o intuitivo e o racional, a impressão imediata e o conhecimento estabelecido, o lado direito e o lado esquerdo do cérebro. Não podemos criar tal equilíbrio simplesmente por desejá-lo. Precisamos permitir que se desenvolva. As leituras de Tarô podem ajudar isso a acontecer.

Mas o Tarô nos ensina outras coisas também. Ensina-nos a prestar atenção. Quando começamos a conhecer o modo de agir das pessoas, e o modo como o mundo age sobre elas, adquirimos cada vez mais o hábito de observar o que os outros fazem e o que nós mesmos fazemos. Suponha que uma pessoa fique doente sempre que se aproxima um feriado. Isso poderia acontecer durante anos sem que a pessoa estabelecesse a conexão e visse todas essas doenças como um ardil do subconsciente para evitar algum problema ou temor associado com os feriados. Uma leitura de Tarô pode tornar a pessoa consciente do problema e torna o leitor consciente de mais um exemplo das manobras do subconsciente. A simples prática da leitura de Tarô poderá ajudar-nos a observar essas armadilhas do comportamento, tanto em nós mesmos como nos outros.

Uma vez que comecemos a prestar atenção no que fazemos e no que acontece como conseqüência, observamos todo tipo de coisas, não apenas através das leituras, mas na vida diária; exemplos de raiva e de confiança, de esperança e de medo, de como nossa reação às situações pode vir mais de dentro de nós do que da situação em si. Tornamo-nos mais conscientes da maneira como lidamos com o trabalho e com os amigos, com a tendência de transferir responsabilidades ou *para longe* de nós ("Não é justo " ou "A culpa é sua") ou então *para cima* de nós ("A culpa foi minha"). Nós notaremos, por exemplo, que dizer "A culpa foi minha" é muitas vezes um artifício para não ver o que na realidade fizemos. Agindo assim, decididamente é mais fácil impedir uma verdadeira avaliação da situação.

Prestar atenção torna apenas um pouquinho mais difícil sentir-se deprimido ou manipular outras pessoas. À medida que começamos a observar as razões sutis pelas quais as pessoas choram ou ficam zangadas ou acusam as outras, no mínimo aprenderemos um pouco a respeito de nós mesmos quando *nós* fazemos essas coisas.

As leituras de Tarô nos tornam conscientes da maravilhosa multiplicidade da natureza humana. À proporção que as mesmas cartas aparecem em infinitas combinações diferentes, torna-se claro que as pessoas podem sempre produzir algo novo. Ao mesmo tempo, a novidade aparecerá sempre no topo dos padrões fundamentais. Através das leituras aprendemos generalizadamente como o passado afeta as pessoas, a forma como suas esperanças e seus receios ajudam a criar o futuro. Mas situações passadas específicas e expectativas futuras -estas sempre nos surpreenderão.

Aqui novamente nos educamos no hábito de prestar atenção. Porque se começarmos a interpretar as cartas automaticamente baseados em livros autorizados ou em leituras passadas, nos desviamos da verdade, e as leituras se tornam superficiais e confusas. Conserve um caderno de leituras passadas, sim, mas não para usá-lo simplesmente como exemplo para futuros trabalhos. Em vez disso, ele pode ajudar-nos a lembrar a variedade e a constante mutação do comportamento humano.

Note que, como ao criar o equilíbrio, o Tarô simplesmente não nos ajuda a prestar atenção. Ele nos obriga a fazer isso se quisermos que nossas leituras produzam bons resultados. As leituras do Tarô agem como uma espécie de programa de exercício psíquico que fortalece os músculos perceptivos.

O uso que as pessoas fazem da informação que recebem de uma leitura de Tarô nos ensina algumas importantes lições sobre livre-arbítrio. Muitos encaram a questão do livre-arbítrio como absoluta. Ou optamos constantemente, ou agimos conforme o destino. Colocando num contexto mais moderno, será que agimos assim por uma escolha deliberada, ou como resultado de uma vida inteira (ou de muitas vidas) de condicionamento?

Em termos de Tarô isso se transforma numa questão prática. Se eu ajo livremente a qualquer momento, então como podem as cartas predizer o que irei fazer? Que significado podem ter as leituras se minha escolha permanece completamente em aberto até o momento em que eu fizer alguma coisa? Ou alguma força me obriga a agir da maneira como as cartas predizem?

Esses problemas se tornam mais fáceis se desistimos do enfoque absoluto tudo-ou-nada para a questão. Então podemos dizer que sim, conservamos sempre o livre-arbítrio, mas raramente o usamos. Nosso condicionamento, nossa experiência passada, acima de tudo nossa ignorância de todas essas coisas, tendem a manipular-nos em certas direções. As leituras refletem essas influências e mostram seu provável resultado. As cartas não obrigam a situação a ocorrer de determinada maneira. Elas simplesmente refletem o modo como as influências se combinam na vida real. Podemos tomar uma decisão diferente quando chega a hora de agir. E no entanto não o fazemos. Repetidamente na vida, com pouco conhecimento consciente, renunciamos à nossa liberdade de escolha. Permitimos que nossa história e nosso condicionamento nos impulsionem. Fazemos isso em parte por ignorância, e em parte por preguiça. É muito mais fácil seguir o condicionamento do que agir segundo decisões verdadeiramente conscientes.

Quando eu "deixei de seguir um bom conselho", quando eu disse a mim mesma: "Agora que fiz a leitura posso garantir que essas coisas ruins não irão acontecer", quando levei adiante meu plano original de modo que os problemas previstos surgiram, eu mostrei não ter usado meu livre-arbítrio. Evitei-o ao mesmo tempo que fingia estar agindo segundo ele. Esta espécie de coisa acontece repetidamente, e o ato de fazer leituras de Tarô nos mostra muito intensamente a maneira como as pessoas rejeitam sua liberdade. É essa relação entre liberdade e condicionamento que constitui uma das mais valiosas amostras do conhecimento que o Tarô pode nos dar.

O Tarô nos ensina também a lição valiosa do contexto. Não importa quão absoluta uma qualidade possa nos parecer no abstrato, na realidade ela nos afeta apenas no contexto de outras influências. As leituras demonstram esse fato de uma maneira prática, como no caso da mulher procurando lidar com o ciúme de seu amante. Uma carta que é geralmente considerada positiva, o Sol, na realidade tendia para um mau resultado, porque por esperar o Sol ela não enfrentava as exigências da situação, e de fato permitia que as idéias de outras pessoas ditassem o que ela queria.

Junto com o contexto aprendemos as maneiras pelas quais os elementos da vida se equilibram mutuamente. Vemos antes de mais nada como as seqüências e as cartas específicas se combinam para formar uma situação unificada, sem que alguma seqüência seja melhor ou pior do que qualquer outra. Os astrólogos freqüentemente percebem que os clientes esperam que certos signos e elementos dominem seus mapas, e demonstrarão desapontamento ou até vergonha se outros aparecerem.

De forma semelhante, se uma leitura mostra uma porção de Paus, algumas pessoas que conhecem um pouco a respeito do Tarô se sentirão confortadas; se mostrar Espadas, ficarão amedrontadas; e se mostrar Pentáculos, pensarão nisso como trivial, insultuoso até. Outras pessoas somente aceitarão uma leitura que mostre muitas cartas dos Arcanos Maiores, porque só os trunfos, com suas sugestões de poder e de conscientização espiritual, parecem importantes para elas.

Mas mesmo os Arcanos Maiores constituem apenas um elemento inexpressivo sem os outros. Nós os estudamos em separado por sua sabedoria e vigorosa descrição da existência. Mas na prática precisamos mesclar o espiritual com o mundano, o feliz com o triste, o amor com a raiva para compreender o mundo.

As cartas ensinam mais um equilíbrio, equilíbrio este que é sugerido pela balança da Justiça. Como pode o passado relacionar-se com futuras possibilidades? Como podemos combinar os efeitos de nossa própria decisão com as influências do mundo exterior? O que queremos dizer quando declaramos que somos responsáveis por nossa vida? Significa que nós criamos ou controlamos tudo o que nos acontece? Como no caso do livre-arbítrio, muitas pessoas gostam de pensar em responsabilidade de uma forma absoluta. Ou o mundo nos modela inteiramente, ou mantemos um controle total sobre nossas vidas. As leituras de Tarô insistem no ponto de que a situação de uma pessoa em qualquer momento deriva da combinação de todas estas coisas. Tal como alguém muito baixo não pode esperar tornar-se jogador profissional de basquete, esta mesma pessoa não deve considerar toda sua vida regida pela altura.

As pessoas que aceitam esta idéia em teoria podem ainda perguntar: O que vale mais - a situação ou a responsabilidade pessoal? Qual delas realmente controla uma

pessoa? Mas as leituras de Tarô demonstram a insignificância destas e de outras perguntas semelhantes. Em algumas leituras a posição da Personalidade ou Esperanças e Temores dominarão claramente. Em outras, a Base ou o Ambiente se imporão como fatores determinantes. Isto depende da pessoa e da situação em particular.

As leituras de Tarô nos ajudam a aumentar a confiança em nossas próprias percepções. Isto vem em parte do conhecimento adquirido, e em parte da necessidade de fazer escolhas e manter-se fiel a elas. Quais os significados de uma carta que se aplicam a um caso em particular? Uma carta da corte se aplica ao consulente, a alguma outra pessoa, ou a um princípio abstrato, como o Rei de Espadas significando a lei e a autoridade, ou a Rainha de Copas a criatividade? À proporção que lemos mais, nós nos descobrimos começando a sentir as respostas para estas e outras perguntas parecidas. Como resultado, adquirimos mais confiança em nossa compreensão e intuição.

Que período uma leitura cobre? Com a Cruz Celta ou Ciclos de Trabalho, a resposta pode variar entre alguns dias a anos, não só para a frente, mas também para trás. Algumas vezes, para um adulto, a leitura pode se estender de volta à infância. A Árvore da Vida, também, embora geralmente mostre uma visão geral da vida inteira, pode às vezes mostrar um período mais curto se a pessoa está atravessando uma época de mudanças intensas.

Os diferentes períodos de tempo cobertos especialmente pelas leituras mais curtas dependem de duas coisas. Primeiro, da situação da pessoa e da pergunta feita. Algumas coisas, assuntos práticos ou legais e certas situações emocionais podem fazer surgir uma resposta que se torna evidente dentro de alguns dias. Com outras - a solução de conflitos emocionais, relacionamentos profundos, desenvolvimento espiritual ou artístico - pode levar um longo tempo antes que as leituras se cumpram. Isto não significa que as leituras não "se realizarão" por anos. Não estamos falando de predições, mas de padrões continuados que se desdobram lentamente com o passar do tempo.

Segundo, dos diferentes níveis que uma pessoa pode atingir quando está baralhando as cartas. Às vezes ela pode evocar situações superficiais que duram apenas um curto tempo. Outras vezes a pessoa pode misturar as cartas e de alguma forma chegar

ao próprio âmago da experiência. E, mesmo aqui, a leitura pode mostrar o passado profundo, ou pode refletir o potencial da pessoa para um desenvolvimento futuro.

O nível atingido pode não depender decididamente da atitude da pessoa que está misturando as cartas. Geralmente essa abordagem faz uma diferença. Alguém que encara uma leitura como uma brincadeira ou um jogo muito provavelmente produzirá uma leitura sem profundidade; a pessoa que pensa profundamente num assunto, mistura as cartas cuidadosamente, e procura sentir o momento exato de parar e cortar o baralho, em geral produzirá uma leitura com algum significado. No entanto, às vezes mesmo um enfoque tão cuidadoso não irá além dos eventos superficiais do futuro imediato, enquanto outras vezes o baralhador mais descuidado pode de repente se descobrir diante da forte imagem de uma vida inteira. Para o leitor, tais momentos envolvem uma intensa excitação.

A pergunta em si pode até não importar. A pessoa pode perguntar como seu trabalho vai indo e receber uma resposta a respeito de seu novo caso de amor, especialmente se esse assunto ocupa sua mente mais do que o outro sobre o qual perguntou. Ou, como no caso da mulher que descobriu sua sexualidade bloqueada por conflitos com seu pai, a leitura pode responder à pergunta trazendo à tona material inesperado vindo de alguma outra área.

Como podemos saber, então, o que as leituras nos dizem? Algumas coisas se tornam óbvias a partir das figuras das cartas. Se nós perguntamos a respeito de trabalho e os Namorados e o Dois de Copas aparecem, a leitura provavelmente não se referirá a trabalho, mas a amor. Como leitor principiante, no entanto, você não pode esperar descobrir todas as sutilezas. Só a experiência pode ajudá-lo a encontrar seu caminho para o centro do labirinto. A medida que continua com as leituras, você perceberá que é capaz de sentir essas coisas. E a percepção aguçada também se transportará para outras áreas de sua vida.

Às vezes, não importa qual seja nossa experiência ou a agudeza de nossa intuição, cometeremos enganos. Nós poderíamos olhar para os Namorados simbolicamente, quando predizem um caso de amor com uma pessoa que o consulente ainda não

encontrou. Desta falta de habilidade para saber exatamente o que as cartas significam, podemos na realidade aprender uma lição muito valiosa. Tornamo-nos conscientes da Ignorância. Eu escrevi esta palavra com inicial maiúscula devido à sua característica essencial. Enquanto a maior parte do conhecimento que acumulamos na vida é na verdade completamente superficial e externa, a Ignorância reside na própria base de nossa existência. Antes de mais nada, somos ignorantes da verdadeira natureza das coisas. O que sabemos do mundo é limitado pelos nossos órgãos dos sentidos. Para que enxerguemos as palavras nesta página, é preciso que a luz bata nelas para que nossos olhos as captem. Então o nervo óptico transporta os impulsos para o cérebro, que converte os impulsos em outros, arranjando-os em padrões significativos que nossa consciência compreende como linguagem. Mas não podemos saber diretamente, no sentido de nos unirmos intimamente com alguma coisa lá fora. Podemos apenas converter o universo em impulsos, padrões, símbolos.

De forma semelhante, como existimos na forma física, nós temos que desenvolver nossas vidas dentro das fronteiras do tempo. Isto significa, entre outras coisas, que não podemos realizar todo o nosso potencial, porque sempre temos que optar entre fazer uma coisa e não outra, nos poucos anos de que dispomos. Uma pessoa com a habilidade para ser tanto um bailarino como um homem de negócios terá que escolher uma coisa ou outra. E seja qual for sua escolha, terá que trabalhar durante anos antes de conseguir realmente atingir seu objetivo. O tempo significa também que muitas vezes não podemos saber as conseqüências das ações que praticamos, simplesmente porque as conseqüências podem aparecer só muitos anos depois no futuro. Às vezes as conseqüências de nossas ações surgem não para nós, mas para outras pessoas. Algo que fazemos em determinado lugar pode afetar pessoas lá muito tempo após termos nos mudado, ou até morrido. Muito simplesmente, tempo significa que as coisas devem acontecer antes que estejamos informados a respeito delas.

Meditação com o Oito de Espadas como um Portal pode aumentar nossa conscientização da Ignorância. As leituras de Tarô - e os erros que cometemos ao tentar interpretá-las - podem demonstrar Ignorância mais diretamente. Uma leitura de Tarô

realmente vai além do tempo, trazendo à luz o verdadeiro padrão que inclui o passado e o futuro. O padrão das cartas ao acaso leva-nos a ultrapassar as limitações da consciência. E no entanto esta consciência limitada precisa interpretar a leitura. Em conseqüência, num único e mesmo instante, nós experimentamos o verdadeiro estado do universo, no qual todas as coisas existem juntas, e nosso próprio conhecimento dele, extremamente limitado e preso ao tempo. Nós vivenciamos tanto a verdade quanto a ignorância.

A outra face da Ignorância é a Certeza, o estado de conhecimento da realidade, e não das impressões e símbolos que nossa limitada conscientização a respeito forma dela. Muitas pessoas consideram o êxtase, ou a unidade com a luz de Deus, como o supremo alvo do místico ou ocultista. Mas como os Arcanos Maiores do Tarô demonstram, o raio do êxtase constitui apenas um passo ao longo do caminho. O verdadeiro alvo é a Certeza, o estado de saber onde antes conseguíamos apenas supor.

Qual é a causa real de uma única ação? Quais serão suas conseqüências, não apenas para a pessoa que agiu, mas para outras, tanto conhecidas como desconhecidas? As poucas pessoas que alcançaram a Certeza podem ver as causas e conseqüências contidas na própria ação. O restante de nós pode apenas cogitar a respeito destas e de mil outras coisas. Continuamos Ignorantes.

Mas mesmo que não consigamos acreditar na verdadeira interpretação de uma leitura de Tarô, a própria leitura ultrapassa o estado de Ignorância limitado pelo tempo. A leitura traz consigo Certeza, se não a traz o leitor. E se nós trabalharmos bastante com as cartas, comparando nossas interpretações com eventos posteriores, envolvendo-nos cada vez mais com as ilustrações, desenvolvendo nossa intuição, então algumas vezes podemos ter experiências de Certeza, de saber o verdadeiro significado de alguma coisa. Conquanto tais experiências tenham seu próprio valor, elas nos servem principalmente por dar-nos um senso de direção. Elas nos ajudam a perceber o que desejamos atingir.

Finalmente, a prática da leitura de Tarô nos ensina uma outra coisa. Como as cartas não são neutras em suas atitudes para com a vida, como encarnam certos enfoques e crenças, e renunciam a outros, elas nos mudam. Nós começamos com o passar do tempo - sempre com o passar do tempo - a ver o equilíbrio das coisas, a harmonia

constante dentro do contínuo fluxo e refluxo da vida. Tornamo-nos cientes da Estranheza, sempre esperando além de nossa experiência comum, aprendemos a reconhecer os dons que recebemos da existência, e nossa própria responsabilidade para compreendê-los e usá-los. Acima de tudo, começamos a entender a verdade que o Tarô sempre impele sobre nós - que o universo, todo o universo, vive. E o que nós podemos saber sobre nós mesmos, podemos saber sobre todas as coisas.

Bibliografia

Butler, Bill, *The Definitive Tarot* (Rider and Company, Londres, 1975)

Case, Paul Foster, *The Tarot, A Key to the Wisdom of the Ages* (Macoy Publishing Company, Richmond, Virginia, 1947)

Crowley, Aleister, *The Book of Thoth* (Samuel Weiser, Nova York, 1944)

D'Agostino Joseph, *Tarot: The Royal Path to Wisdom* (Samuel Weiser, Nova York, 1976)

Douglas, Alfred, *The Tarot* (Penguin, Londres, 1972)

Eliade, Mircea, *Shamanism* (Princeton University Press, Princeton, 1964)

Gray, Eden, *The Tarot Revealed* (Bantam, Nova York, 1969)

Haich, Elizabeth, *Wisdom of the Tarot* (Nova York, 1975)

Kaplan, Stuart, *The Encyclopedia of Tarot (U.S.* Games, Limited, 1978)

Malory, Thomas, *Work,* ed. Eugene Vinaver (Oxford, Londres, 1959)

Scholem, Gershon, *Major Trends in Fewish Mysticism* (Shocken, Nova York, 1941)

Scholem, Gershon, *On the Kabbalah and its Symbolism* (Shocken, Nova York, 1965)

Waite, Arthur Edward, *The Pictorial Key to the Tarot* (University Books, Nova York, 1910, 1959). Todas as citações de Waite têm como fonte este livro.

Wang, *Robert, An Introduction to the Golden Dawn Tarot (Aquarian* Press, Wellingborough, 1978)

Williams, Charles, *The Greater Trumps* (Victor Gollancz, Londres, 1932)